

BENE MARTINS
BÁRBARA GIBSON

[Volume 6] COLETÂNEA
JOVENS DRAMATURGOS(AS)
AMAZÔNIDAS

COLETÂNEA
JOVENS
DRAMATURGOS(A)
AMAZÔNIDAS

ORGANIZADORAS
BENE MARTINS & BÁRBARA GIBSON

Jovens Dramaturgos/as v. 6



Belém
2025

Copyright © 2025

ISBN: (e-book) 978-85-63189-92-9

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
(UFPA)**

Gilmar Pereira da Silva (Reitor)
Loiane Prado Verbicaro (Vice-Reitor)

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO (PROPESP)**

**Maria Iracilda da Cunha Sampaio
(Pró-Reitora)**

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Isis de Melo Molinari Antunes (Diretora)
Adriana Valente Azulay (Diretora Adjunta)

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARTES (PPGARTES)**

**Prof. Dr. Alex Ferreira Damasceno
(Coordenador)**

**Prof. Dr. Francisco Pereira Smith Júnior
(Vice-Coordenador)**

EDITORA PPGARTES*

**Prof^a. Dr^a Graziela Ribeiro Baena
(Coordenadora)**

**Larissa Lima da Silva
(Assistente Editorial)**

COMITÊ CIENTÍFICO DA EDITORA

**Prof^a. Dr^a. Graziela Ribeiro Baena
(ICA, Universidade Federal do Pará)
(Presidente)**

Profª. Drª. Ana Cláudia do Amaral Leão
(ICA, Universidade Federal do Pará)

**Profª. Drª. Ana Mae Tavares Bastos
Barbosa**
(ECA, Universidade de São Paulo;
Universidade Anhembi-Morumbi)

Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Afonso Medeiros Souza (ICA,
Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Carlos de Paiva (FBA,
Universidade do Porto)

Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª Benedita Afonso Martins
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª Larissa Latif Plácido Saré
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª. Laura Malosetti Costa
(IA, Universidad Nacional San Martin)

Profª. Drª Liliam Cristina Barros Cohen (ICA,
Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª Luíza Monteiro e Souza
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª Mayrla Andrade Ferreira dos Santos
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª. Maria das Vitórias Negreiros do Amaral
(CAC, Universidade Federal de Pernambuco)

Profª. Drª. Maria dos Remédios de Brito
(IFCH, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Rejane Coutinho
(IA, Universidade Estadual Paulista)

Prof^a. Dr^a Simeir de Amorim Santos Andrade
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Valzeli Figueira Sampaio
(ICA, Universidade Federal do Pará)

FICHA TÉCNICA DESTA EDIÇÃO:

Projeto Gráfico: Raphael Andrade

Editoração Eletrônica: Bárbara Gibson e Raphael Andrade

Foto da Capa: Anderson Araújo e Ruid Oliveira

Ficha Catalográfica: Rosemarie de Almeida Costa

***A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes
da UFPA pratica a avaliação por pares
(preferencialmente externos) e seu eixo editorial
refere-se às linhas de pesquisa deste programa.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Universitária da ETDUFPA

C694c

Coletânea Jovens Dramaturgos (as) Amazônidas – v. 6 [recurso eletrônico] / Organizadores Bene Martins & Bárbara Gibson. — Belém : Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA, 2025. — (Coleção Teatro do Norte Brasileiro. Dramaturgia Amazônida). — Dados eletrônicos (1 arquivo: PDF; 254 p.).

Modo de acesso: Internet

<http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN (E-book) 978-85-63189-92-9

1. Teatro (Literatura). 2. Amazônia. 3. Dramaturgia. 4. Memória. I. Martins, Bene, org. II. Gibson, Bárbara, org. III. Título.

CDD – B869.92

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726

SUMÁRIO



Prefácio	7
Em busca de peças teatrais!	
A Farsa do Boi ou o Desejo de Catirina.....	12
Adriano Barroso	
Religare.....	38
Ana Marceliano, Antonia Costeseque, Barbara Jubin, Danielle Ramos, Felipe Kurschat, Jhonny Russel, Krishna Rohini, Raissa Araujo, Ruber Sarmento e Wallace Horts.	
A Farsa da Virgem Marilda dos Amorosos.....	47
Evs Cris	
Autocrítica.....	83
Haroldo França	
Pitinga, Um Peixe Fora D'agua.....	126
Hugo Borsantos	
Pau a Pau.....	136
Kauan Amora	
Pistoia.....	189
Lucas Bereco	
O Quase Casamento de Dona Catarina.....	200
Raphael Andrade	
Cortes, Recortes e Com Tesoura.....	211
Rhero Silva	
Entropia, A Desordem Natural das Coisas.....	234
Theo de Oliveira	



Em busca de peças teatrais!

Bene Martins¹

behneafonso@gmail.com

Bárbara Gibson²

babitgibson@gmail.com

Dos inícios, no ano de 2009, iniciamos nosso projeto de pesquisa: *Memórias da dramaturgia amazônida: construção de acervo dramático*. Inicialmente o acervo priorizou a busca por textos escritos há tempos idos, sabendo que seria trabalho ininterrupto, dada a escassez de informações e disponibilidade sobre autores(as) de peças teatrais, seja pela dispersão em arquivos diversos, seja porque quem as guardou nem sempre se dispõe a ceder os textos para tratamento e publicação. Mas, seguimos com o trabalho de formiguinhas, por vezes, incômodas e já publicamos mais de 200 peças de autores(as) amazônidas consagrados(as).

Em seguida, ampliamos as linhas de publicação para aprendizes da escrita dramática, alguns já iniciados, a exemplo dos textos de Wlad Lima e Paulo Santana, os quais se aliam aos outros em processo constante de criação. Em 2020, publicamos o v. 1, sem imaginar ainda, quantos volumes viriam, a depender do interesse dos jovens. Pois, do v. 1 ao 5, 57 peças publicadas e cá estamos com o v. 6, o qual reuniu mais 10 peças, algumas já encenadas,

1 Professora Titular da Faculdade de Dança e do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES) da Universidade Federal do Pará. Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (1997), doutorado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Pós-doutorado em Estudos de Teatro, 2016, Universidade de Lisboa-PT, realizado com apoio UFPA-CAPEL. Coordenadora do Projetos de Pesquisa: Memórias da dramaturgia amazônida: construção do acervo dramático. Dramaturgias da dança e estudos do corpo, 2022. E-mail: behneafonso@gmail.com

2 Atriz, dramaturga, diretora e professora de teatro. Doutoranda em Artes pela UFPA (2023-2027), Mestra em Artes pela UFPA (2022) e Especialista em Teatro-Educação pela Faculdade Paulista de Artes (2016). Integra o Projeto de Pesquisa Memórias da dramaturgia amazônida: construção de acervo dramático, coordenado pela Profa. Dra. Bene Martins, com quem organizou as coletâneas *Jovens Dramaturgos(as) Amazônidas*, volumes 1-2-3. E-mail: babigibson@hotmail.com

outras à espera de montagens. Por ora, 67 textos escritos para as cenas amazônidas, o que demonstra e reitera nossa atividade principal, reunir, tratar e publicar textos guardados, seja em gavetas, seja em ideias disparadoras de tramas textuais!

Abaixo, sinopses das 10 peças, para despertar o desejo de ler e, por que não, montar algumas ou todas! Por isso, inserimos miníbio e e-mail dos(as) autores(as), para entrarem em contato e solicitar autorização!

A Farsa do Boi ou O Desejo de Catirina – Adriano Barroso

Na fazenda de Gumerindo, o Boi Marcelino é o rei do pedaço. É o bem querer de sua esposa Madalena, mais até que sua própria filha Catirina. No dia do aniversário do boi, quando Madalena está preparando uma grande festa, Catirina pede a Nego Chico, a língua do boi como o maior presente de amor que o pretendente pode dar. Se ele conseguir a língua de Marcelino, ela promete casar-se com ele. Nego Chico, jovem trabalhador da Fazenda, se vê em um dilema, ou consegue o seu amor e corre o risco de ser duramente castigado pela patroa ou perde a mão de Catirina.

Religare – Ana Marceliano, Antonia Costeseque, Barbara Jubin, Danielle Ramos, Felipe Kurschat, Jhonny Russel, Krishna Rohini, Raissa Araujo, Ruber Sarmento e Wallace Horts.

Religare é um rito ato cênico que percorre nascimentos, encontros e despedidas. Entre memória e esquecimento, os personagens atualizam suas narrativas ancestrais, atravessam mitos e habitam territórios sensoriais, buscando religar-se àquilo que foi fragmentado.

A Farsa da Virgem Marilda dos Amorosos – Evs Cris

Na encantadora Vila dos Amorosos, onde todos se conhecem e a alegria parece não ter fim, vive Marilda, uma jovem sonhadora cercada pela agitação de sua grande família. Filha de pais tradicionais e irmã mais velha de gêmeos muito travessos, Marilda carrega um segredo que pode abalar as estruturas de seu lar: está grávida. O problema? Sua mãe é extremamente religiosa e conservadora, tornando impossível para Marilda compartilhar sua verdade sem temer o que pode acontecer. Nessa farsa, entre risos, segredos e conflitos emocionais, Marilda precisa encontrar coragem para enfrentar sua realidade, proteger seu

bebê e, quem sabe, transformar sua história em um novo começo. Uma trama divertida e engraçada que mostra a realidade de Marilda e toda uma vila cheia de pessoas que lhe cerca.

Autocrítica – Haroldo França

A dramaturgia acompanha Adão, um homem comum que tenta, diante do público, simplesmente começar a falar sobre si. Mas há um problema: sua autocrítica — personificada, afiada e sem filtro — não o deixa completar uma frase. A peça transforma em cena o conflito interno de quem convive com uma voz sabotadora e cruel, que comenta, debocha e desmonta cada tentativa de Adão de se apresentar, existir e se reconhecer. Entre humor, dor e memórias de um passado marcado por bullying, gordofobia, homofobia e religião repressora, Adão revisita a criança que foi, o adulto que tenta ser e o profissional que nunca acha que é suficiente.

Pitíngua, Um Peixe Fora D'água – Hugo Borsantos

Uma jovem que nasceu no interior do Estado, e que se mudou para a capital com o objetivo de se formar como professora e assim proporcionar uma vida mais digna para seus pais, que continuam morando em uma área ribeirinha com dificuldades em acesso à educação e outras diversidades trabalhistas. Nossa heroína, se vê em um dilema em desistir dos seus sonhos e decepcionar sua família.

Pau a Pau – Kauan Amora

Inspirado no romance *O milagre da rosa*, do poeta francês Jean Genet, a história apresenta César, um detento de uma penitenciária de segurança máxima que passa a dividir sua cela com Contrafilé, um jovem que foi preso por um crime que chocou o país. Aos poucos, a convivência dos dois transita entre o amor e a dor.

Pistoia – Lucas Bereco

Obra inspirada no diário de campanha do “pracinha” Galliano Cei e que conta a história de Ulisses, um jovem paraense que, inicialmente, se voluntariou para compor o grupo de mecânicos de voo da força aérea brasileira (FAB), durante a segunda guerra mundial. Porém, devido à segregação racial imposta pelas tropas dos EUA na base de treinamento, no

Panamá, ele retorna ao Brasil e segue rumo à Itália como componente do batalhão de caça, na Força Expedicionária Brasileira (FEB). A partir daí, Ulisses conhece de fato o horror da violência bélica e isso então muda para sempre a sua vida e a de todos aqueles que fazem parte dela.

O Quase Casamento de Dona Catarina – Raphael Andrade

Em meio ao burburinho do bairro do Guamá, a notícia de um casamento inesperado movimentava toda a comunidade. Catarina, noiva desconfiada e cheia de vontades, e Chico, noivo atrapalhado e apaixonado, veem sua união virar espetáculo popular. Entre o DJ animando a festa, os vendedores de comida oferecendo quitutes, a sogra nervosa, o pai resmungão, a irmã fofoqueira e uma plateia de curiosos, a cerimônia se transforma em um verdadeiro arraial de confusões.

Cortes, Recortes e Com Tesoura – Rhero Silva

Em Corte, Recorte e Com Tesouras, sete mulheres — cada uma nomeada pelos signos que as atravessam — entrelaçam seus desabafos, afetos, mágoas, desejos e pequenas catástrofes cotidianas num mosaico frenético de amor sáfico contemporâneo. Entre kimonos não devolvidos, all stars perdidos, Uber cancelado, nudes artísticos, triângulos amorosos, vícios, tarô, contas para pagar, ex-namoradas ainda presentes demais e romances que nascem sem tempo para existir, elas falam, interrompem, se chocam, se cruzam e se tocam pela palavra.

Entropia, a Desordem Natural das Coisas – Theo de Oliveira

O texto acompanha um jovem artista às voltas com sua própria mente — inquieta, transbordante, exausta. Em cena, ele atravessa memórias, sonhos, frustrações, noites insones, cartas que não entregou, amores que não deram certo, traumas que nunca envelhecem e futuros que teme não alcançar. Entre músicas autorais, confissões cômicas, surtos poéticos e devaneios melancólicos, o personagem tenta organizar o caos interno como quem varre um quarto impossível de manter limpo.

Já publicamos, de 2020 a 2025, 67 peças que, provavelmente, não viriam a público tão cedo. Eis o que nos move, receber, tratar e publicar essa rica produção para as artes amazônidas!

Agradecemos a cada autor (a) pela colaboração e confiança!

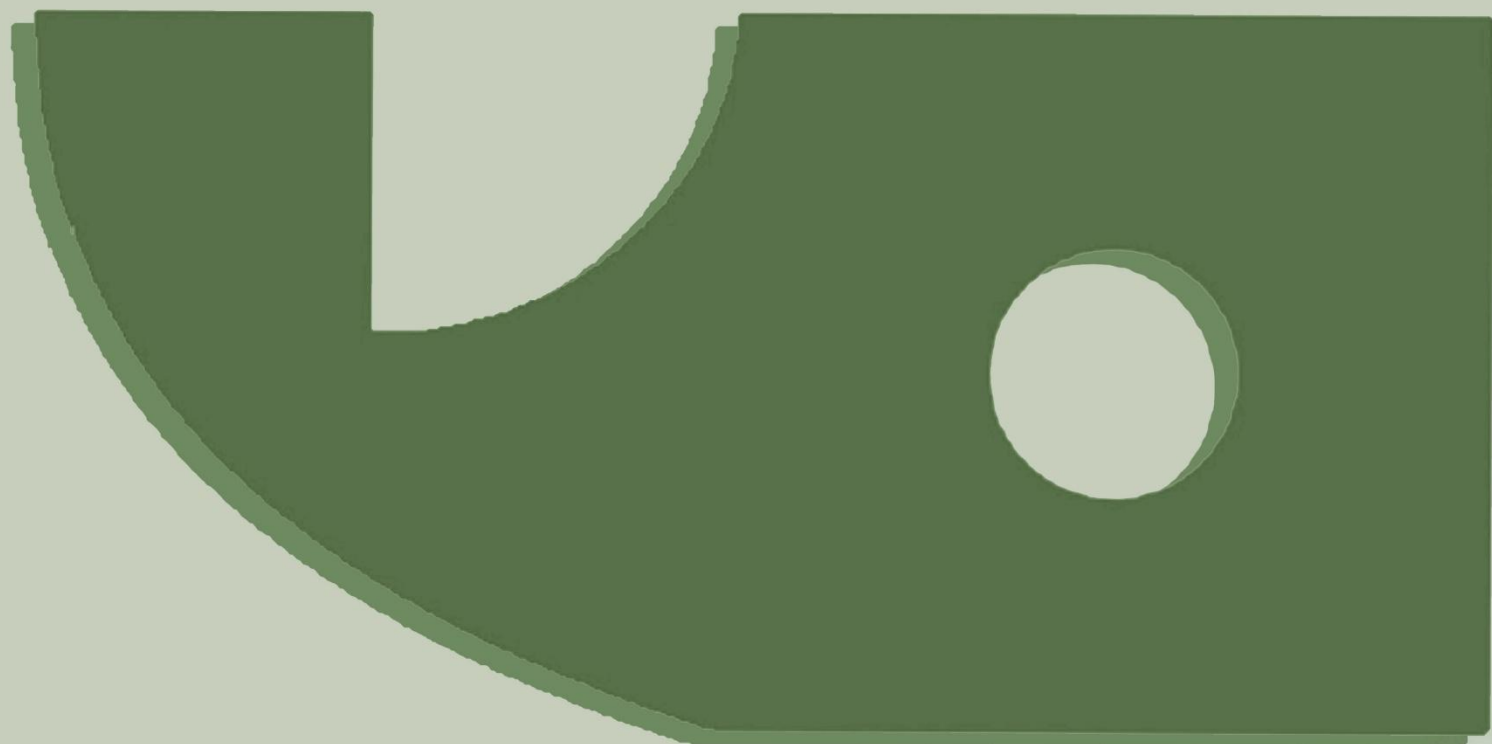
Até o próximo v. 7/2026.

Boa leitura.

Bene Martins & Bárbara Gibson



*A FARSA DO BOI OU O DESEJO
DE CATIRINA*



A FARSA DO BOI OU O DESEJO DE CATIRINA

Espectáculo em um ato inspirado nas tradições do Boi-Bumbá

Adriano Barroso

Personagens:

Seu Gumercindo (fazendeiro)

Dona Madalena (mulher de Gumercindo)

Catirina (adolescente, filha do casal)

Nego Chico (adolescente, empregado da fazenda)

O Boi – uma alegoria do que no Pará chamamos de “tripa” (é representado por um ator)

Doutor Pafúncio (médico veterinário)

Pajé Cabelo de Velha.

Percussionista (está em cena o tempo todo e pode curingar os papeis de Doutor e Pajé)

OBS: O espetáculo se passa na fazenda de Seu Gumercindo. O grupo evolui uma toada de boi para entrada em cena.

CENA 1

(O Boi está deitado no centro da cena. Entra o fazendeiro).

FAZENDEIRO

Eita boi pai d'égua!

Eita boi formoso!

Quero ver se nessa região,
tem um boi mais dengoso.

Esse boi é pra muitas vacas,
boi pra muito serviço,
mas o melhor dele é esse jeitão roliço.

Come meu boizinho,
come pra fortalecer,
pois na vida só tenho dois querê:
um que é tu, meu dengozinho,
outro que é a doce Madalena
Minha flor de açucena.

Patroa desses pastos e de meu coração.

(Entra Madalena).

MADALENA

Ai, que saudade!
Ai que num tava me aguentando mais.
Quando fico longe desse meus-querê
parece que o mundo num tem mais sentido.
dê cá um dengo meu mais-que-querido.

(O marido abre os braços acreditando que o dengo é para ele, mas a mulher passa direto e vai abraçar o boi).

FAZENDEIRO

Madalena!?!

MADALENA

Eu já tava roxinha de saudade
pra ver esse moreno solto pelos pasto.

FAZENDEIRO

Agora que já dengou o boi,
me dê um cheirinho
pra melhorar de vez essa manhã.

(Cheiram-se de longe, mas Madalena corta o pretenso romantismo).

MADALENA

Gumercendo, tu não tá te alembrando de nada hoje, não?

FAZENDEIRO

Hoje... Hoje... Hoje... *(cheira o sovaco)* hoje num é sábado não, né?

MADALENA

Num é, não. Seu ingrato de uma figa.
Estas vendo o quanto és displicente comigo?
Nem sequer se lembra da data mais importante que há neste mundo.

FAZENDEIRO

Minha nossa senhora do Livramento.
Como é que fui esquecer o aniversário de nosso casamento?

MADALENA

Que casamento o quê?
Nem eu sei quando é essa coisa.
Eu não disse que tu esqueceste?
Pois trate de lembrar.
Trate de lembrar senão eu te faço lembrar é a peso de pau.

(Vai lá dentro e pega um pau).

Seu Gumerindo Antônio da Conceição
Nogueira de Carvalho Costa dos Anjos
Silva Rodrigues, Braga Paz dos Santos *(juntos)* Amém.
Que dia é o dia de hoje?

FAZENDEIRO

É... É dia de... Todos os santos?

MADALENA

(Dando uma paulada na cabeça) Errado. Que dia é hoje?

FAZENDEIRO

É... São João?

MADALENA

(Outra porrada) Errado de novo! Que dia é hoje, hōmi?

FAZENDEIRO

Ah, aniversário de nossa filha, Catirina!

MADALENA

(Nova porrada) Errado outra vez!

Que dia é hoje, hōmi?

olhe que eu vou acabar perdendo a paciência contigo.

FAZENDEIRO

Perca não, minha santinha.

Hoje você tá um poço de paciência.

MADALENA

Pois então me diga que dia é hoje.

FAZENDEIRO

Quarta-feira!

MADALENA

Mas, num tem jeito.

Esse traste só vai é na saprecada

(Sapreca um monte de porrada na cabeça. Há um corre-corre em cena. O boi se diverte com a situação, até que Madalena dá de cara com o boi e abraça-o ternamente).

MADALENA

Hoje é o aniversário de quinze anos de meu querido boizinho Marcelino.

FAZENDEIRO

(Recuperando-se) Pois, por que num disse antes?

MADALENA

Num disse porque não queria dizer.
E o senhor trate de comprar uma folhinha
e guardar bem essa data lá,
pra num ter que me injuriar ano que vem.

Pois esse dia é mais importante
que o dia de Santa Rita, São João, Nazaré, Natal ou ano novo.
Esse é o dia que minha formosura nasceu
e que o sol brilhou na minha vida.

FAZENDEIRO

Credo, que amor roxo.

MADALENA

Pois veja só engraçadinho,
hoje a noite eu tô preparando
uma grande festa pra Marcelino.

Tudo tem que sair perfeito.
Fique aí cuidando de meus-querê,
que vou chamar cumadre
pra preparar aquele pato no tucupi.

FAZENDEIRO

Oba!!

MADALENA

Não se empolgue, não, que o pato é só pra ele *(nova porrada na cabeça)*.
Você come aquele mexido
que eu faço todo dia pra você.
Tô indo. Olho no boi, hein?

(Outra porrada que o joga no chão. Sai)

FAZENDEIRO

(Ainda no chão) O que mais um homem pode querer?
Uma vida farta,
um boi gordo,
e uma mulher cheia de amor para dar.

Ai, ai. Estou tão inspirado
que acho que vou lá dentro
escrever uma poesia para minha Madalena *(sai)*.

CENA 2

(O grupo canta uma toada de boi para a entrada de Catirina e o Nego Chico. Catirina vem tentando se desvencilhar das juras de amor de Nego Chico. Param próximo ao boi, que ficou em cena).

CATIRINA

Ô Nego tu tá é enrascado
se acha que vai ser meu namorado

NEGO CHICO

Catirina, minha rainha, minha luz, flor do Grão Pará
Peça o céu peça a lua
Peça um sorvete ou um guaraná
Peça o que quiser, que teu nego vai buscar

CATIRINA

Nego Chico tu bens sabes
que eu não gosto de encheção.
Não quero o céu nem a lua
Eu vou é te dizer um palavrão.

NEGO CHICO

Não faça isso criatura
A criançada num vai aguentar.
Ouça as minhas juras
Não me mande pra'quele lugar.
Mas vamô falar direito que eu quase num sei mais rimar.

CATIRINA

Tás vendo, Nego.
Não te disse que tu não aguentas com eu.
Nem rimar tu sabes,
como é que vais me namorar?

NEGO CHICO

Eu só não sei rimar, mas namorar eu sei.

CATIRINA

E tu achas que eu vou namorar
com um Nego frouxo que nem tu?
Ora vê se te manca, rapaz.

NEGO CHICO

Epa!!! Nego tudo bem,
que eu não nego minha raça.
Mas frouxo é outra conversa.

Eu sou Chico,
o caboclo mais pai d'égua que tem nessa praça,
num tem gente, nem encantado
que me ponha pra correr.
Eu enfrento qualquer um
de igual pra igual.
Nem a fome, que é grande e feia, me mete medo, não.

CATIRINA

Pois quero ver se tu és valente mesmo.
Pegue no nariz daquele ali (*aponta para alguém no público*).

NEGO CHICO

(*Vai lá e pega*) Pronto!

CATIRINA

Pegue na orelha daquele outro

NEGO CHICO

(*Vai lá e pega*) Pronto!

CATIRINA

Assanhe os cabelos daquela ali

NEGO CHICO

(*Vai lá e assanha mais de um*) Pronto ! Pronto! Pronto! E Pronto!
Tá provado pra você
que eu num tenho medo é de nada
nem de ninguém?.

CATIRINA

Não valeu, não.

NEGO CHICO

Não valeu por quê?

CATIRINA

É tudo gente mais frouxa que tu!

NEGO CHICO

Ai, Catirina, deixa de ser tinhosa,
namora logo comigo, vai.
Eu posso te fazer a mulher mais feliz desse mundo.
Te dou tudo o que tu quiseres,
satisfaço todos os teus desejos.
(*Perdendo a compostura e gritando*) Namora com eu Catirina d'uma figa!!!!!!

CATIRINA

(Fazendo beicinho) Olha aí, olha aí!
É desse jeito que tu me amas?
Me chamando de “d’uma figa”, é?
Pois agora é que eu não te quero mesmo.

NEGO CHICO

Desculpe Catirinazinha,
foi sem querer, eu perdi minha cabeça,
mas já encontrei, olha:
(pegando na própria cabeça, e falando para si) mim ama Catirina, mim ama Catirina.

CATIRINA

Então tá.
Vou acreditar, mas só desta vez, tá?
Eu tenho um desejo sim,
que há muito tempo trago
dentro de mim, comigo. Guardado.
Se tu fores valente
e realizar meu sonho, pode até me conquistar.

NEGO CHICO

Pois diga, diga logo,
diga logo quem é que eu vou matar.

CATIRINA

Tá bom. Boca de forno?

NEGO CHICO

É Forno!

CATIRINA

Tirando o bolo?

NEGO CHICO

É bolo!

CATIRINA

Jacarandá?

NEGO CHICO

Dá!

CATIRINA

Onde eu mandar?

NEGO CHICO

Vou é correndo!

CATIRINA

E se não for?

NEGO CHICO

Me mato, me suicido a mim próprio e apanho um bolo!

CATIRINA

Raimundinho, raimundinho, raimundinho...

eu quero que tu me consiga pra mim...

a língua daquele boi (*aponta para Marcelino*).

NEGO CHICO

(*Paralisado de medo*) Hein?!

CATIRINA

Eu quero comer a língua daquele boi!

NEGO CHICO

Mas, ô desejinho difícil

CATIRINA

Eu quero que tu me consigas a língua do Marcelino,
seu desgramado!

NEGO CHICO

Tô desgraçado. Acho que num vai dá, não.

CATIRINA

Eu não disse que tu eras um covarde.

Tu só tens é garganta,

Nego de uma peste.

NEGO CHICO

Mas, Catirina, tu num tens um desejinho mais fácil, não?

Tu não poderias desejar

a bota que o judas perdeu?

O leite da mãe do Zebedeu,

ou até aquela torre Eifeu?

Mas não, vais querer justamente o que não se pode ter.

CATIRINA

O desejo é meu e tá acabado.

Se quiseres vai ser assim,

se não pode procurar outra Catirina para namorar.

NEGO CHICO

Mas Catirina, esse boi é os querer de minha patroa Madalena.
Tu sabes que a bicha é uma fera.
Mais cruel que Matinta Pereira,
mais arteira que Curupira no meio da mata,
Mais sanguinária que Caninãna ou Mapinguari.
Se eu mexo nesse boi, sou eu quem vai comer capim.

CATIRINA

Não quero nem saber.
É essa minha condição.
Se me quiseres como namorada
vais ter que me dar a língua do boi,
se não, nem aparece na minha frente (*sai*).

NEGO CHICO

Eita que eu tô encrencado.
Se me atrevo a pegar esse boi, morro.
Se num pegar vou amofinar
de tanta querência pela Catirina.

(Neste momento ouve-se um som estranho vindo de dentro).

Valei-me meus seja-lá-quem-for que eu tô na casa do sem-jeito.

CENA 3

(Aparece um encantado, a Matinta Pereira).

MATINTA

Nego, eu te dou o que tu queres.

NEGO CHICO

Égua, cruz credo! Figa rabudo que és tu esprito?

MATINTA

Eu sou tua salvação, Nego.
Eu te dou o que tu queres,
se em troca tu me deres teu coração.

NEGO CHICO

Mas que prenda lascada.
Se eu te der o meu coração,
como é que eu vou amar minha amada?

MATINTA

Essa é a minha condição.
Se tu queres teu amor
vais ter que pagar um imposto.

NEGO CHICO

(Benzendo-se) Isso tá com cara é de encosto.

MATINTA

Bora, Nego que eu não tenho muito tempo.
Vai pegar ou não?

NEGO CHICO

(Para o público) O que agente não faz por um Chameguinho?
(Para os céus) Ai Catirina pra tu seres minha eu faço é qualquer negócio.

MATINTA

Pois veja só:
Pegue essa flecha encantada
e acerte bem no meio do rabo do desejado.
Ele vai estrebuchar por dois dias,
pra ninguém desconfiar que foi o Nego que o acertou.
Todos vão pensar que o bicho tá doente
e vão dar o bicho pro desengano,
aí tu entras, corta a língua do boi
e dá pra tua amada.
Mas... depois que tu deres uma boa esfregada
eu venho pra pegar o que tu me prometeste. *(sai)*

CENA 4

(Estão em cena o Nego chico e o Boi. Encaram-se. O Boi faz cara de poucos amigos).

NEGO CHICO

(Ao público) Ai, meu Deus,
eu achei que a bicha era a minha solução,
fui caí em coisa pior.
Mas agora já tá feito.
(Olhando para o boi) Falta é coragem pra enfia essa lança no rabo do bicho.
Mas vai ser é agora.

(Ao som de uma toada, segue-se grande pantomima. Ora o Nego persegue o Boi, ora ele é perseguido pelo boi, até que ele consegue flechá-lo. O bicho cai e ele sai correndo. Entra o Fazendeiro).

CENA 5

FAZENDEIRO

Égua dos versos pai d'égua que fiz, moleque.
Madalena vai se derreter todinha.
Hoje a festa num será de Marcelino,
vai ser é minha.
(*Se dá conta do boi no chão*) Marcelino!!
Que é que houve contigo?
Ai, meu Deus que essa agora foi demais.
(*Corre para o boi*) Fala Marcelino, fala comigo!
O que te aconteceu?
Foi doença ou inimigo?
Fala bicho d'uma figa!

BOI

(*Levantando-se*) Tu não tás vendo que eu tô ferido, seu burro? (*Cai de novo*).

FAZENDEIRO

Agora foi que foi.
Madalena me mata se acontecer alguma coisa com esse boi.
Já sei! Vô chamar o doutor veterinário
pra curar ele antes que ela dê por conta.
(*Gritando para a coxia*) NEGO CHICO! Ô NEGO CHICO!

(*Entra Nego Chico montado numa burrica*).

FAZENDEIRO

Que é que tu tás fazendo aí, montado na burrica?

NEGO CHICO

É que a gente tem que chamar logo o veterinário
antes que Marcelino entre no obituário!

FAZENDEIRO

(*Tomando um susto*) A notícia já correu? Tô lascado.

NEGO CHICO

Correu, mas já peguei sem ninguém desconfiar.
Coloquei aqui no meu gibão
pra Dona Madalena não chorar.

FAZENDEIRO

Pois corre, bicho lerdo.
Tá esperando o quê?
Vá buscar Doutor Pafúncio pra me socorrer.

NEGO CHICO

É pra já (*sai*).

FAZENDEIRO

Valei-me nossa Senhora do Bom Parto.

Se esse bicho morrer

eu vou ter um infarto.

CENA 6

(Entra Nego Chico com o Doutor).

FAZENDEIRO

Porque demorou tanto, bicho abestado?

NEGO CHICO

É que o trânsito hoje tava uma loucura.

DOUTOR

Pois vamos olhar logo essa formosura.

(O médico começa a examinar, sempre atrapalhado pelo Fazendeiro).

FAZENDEIRO

Então, diga logo o que ele tem.

Diga qual o remédio ir comprar?

DOUTOR

Calma, Seu Gumercindo.

Eu digo se o senhor me deixar olhar.

FAZENDEIRO

É que tem que ser já, já.

Se Madalena ver eu me acabo.

DOUTOR

(Levantando o rabo do boi) Acho que o bicho tá com problema é no rabo.

BOI

(Para o público) Examina, mas não judia.

NEGO CHICO

Eu já tava desconfiado faz é dia.

DOUTOR

Vou tentar uma raboloscopia *(vai pagar os instrumentos em sua maleta)*.

BOI

Muuuuuummmm!

(O boi tenta apontar Nego Chico para o Gumerindo como o verdadeiro culpado, mas Chico tapa-lhe a boca e segura-lhe os braços).

FAZENDEIRO

(Vendo a cena) Que é isso Nego? Tá aluado?

NEGO CHICO

(Sem jeito) É preciso!

Pro buraco num mudar de lado.

FAZENDEIRO

(Ao doutor) Faça. Faça!

Mas me levante logo esse mandingueiro do chão.

DOUTOR

O melhor é aplicar-lhe uma injeção *(aplica-lhe uma injeção)*.

FAZENDEIRO

Levanta minha tetéia de ouro!

BOI

(Ainda no chão) Huummmmm!

DOUTOR

Essa foi uma de leve,

vou atacar logo de porretada *(outra injeção ainda maior)*.

FAZENDEIRO

Levanta minha estrela encantada.

BOI

(Ainda no chão, agora quase chorando) Huummmmm!

DOUTOR

(Com raiva) Levanta filho de uma vaca!

(O boi continua no chão).

FAZENDEIRO

Que é isso, doutor? Olhe o respeito!

DOUTOR

É. Acho que tá na casa do sem-jeito.

FAZENDEIRO

Pois trate de dar um jeito.
Se não eu casso é seus direito.

DOUTOR

Acho que isso tá com jeito é de feitiçaria, sabe.

FAZENDEIRO

Será?

DOUTOR

Pelo que me parece,
não é a ciência que vai curar.

FAZENDEIRO

(Para o público) Mas ô gente de olho gordo.
Isso foi quebranto.
Colocaram no meu boi de pura inveja,
só pra ver meu pranto.
Mas eu me dano,
mas coloco esse bicho de pé.
(Ao Nego Chico) Ande Nego, vá chamar o pajé *(sai Nego Chico)*.
(Ao doutor) Escafeda-se daqui,
o senhor não é de nada.
Suma, desapareça senão lhe dou uma porrada.

(O doutor sai correndo).

CENA 7

FAZENDEIRO

Cada vez fico mais aperreado *(solta um pum)*.
Eita, acho que eu já tô é todo cagado.

(Volta Nego Chico acompanhado do Pajé).

FAZENDEIRO

(Tentando esconder o fundo das calças) Égua do troço pra demorar.

NEGO CHICO

É que o Pajé ainda foi se aprontar.

FAZENDEIRO

(Ao índio) Meu caro índio velho,
veja só minha situação.
Marcelino, o meu boizinho, ainda tá no chão.
Levante meu encantado,

levante por favor.
Se o senhor num der um jeito nisso
vou passar anos de horror.

PAJÉ

Pode ter ser certeza que isso aí foi treta.
Eu já vejo em cima do boi uma nuvem preta.

NEGO CHICO

É a mãe!

FAZENDEIRO

Que diabo é isso Nego?

NEGO CHICO

(Sem graça) Eu tô me lembrando é da mãe...
da mãe desse pobre amaldiçoado.

FAZENDEIRO

Pois se lembre primeiro da sua.
Porque se esse boi morrer tu tás é na rua.

NEGO CHICO

(Ao público) Agora me encenquei de uma maneira.
Isso não tava no acordo com a feiticeira.

PAJÉ

Quero sossego para trabalhar.

FAZENDEIRO

Ande, Nego. Vá pra lá.

(Sai Nego Chico).

PAJÉ

(Examinando o boi) O negócio tá meio complicado.
Vai precisar bezeção.
Mas esse boi vai levantar
mais forte do que era então.

(A cena congela para a entrada de Nego Chico e Catirina que falam à parte em um canto do palco).

CENA 8

(Entra Nego Chico e Catirina).

NEGO CHICO

Tu viu na enrascada que tu me meteu?
Apanhei o boi, mas que pode morrer sou eu.

CATIRINA

(Dengosa) Ah, Nego. Tu se mostrou tão valente, num foi?
(Mudando tom) Mas ainda não comi a língua daquele boi!

NEGO CHICO

O encantado me disse
que só depois de desenganado
é que eu podia arrancar a língua do desgraçado.

CATIRINA

Pois então é só depois que tu tiver a língua na mão
é que eu vou te dar atenção.
Agora não, violão.

NEGO CHICO

ÉGUA DA MULHER tinhosa.
Bem que ela podia me dar uma adiantação,
eu tô apaixonado, mas ainda tô na Mão.
E se Madalena descobre que botou o bicho no chão...

MADALENA

(De dentro) Nego Chicoooo!!!

NEGO CHICO

Eita que o valente agora virou cagalhão.
(Pra dentro) Já vai, Patroa. Tô chegando rapidinho.
(À Catirina) Mas antes de ir, me adianta um beijinho?

CATIRINA

Tá, engraçadinho.
Só depois que eu tiver a língua de Marcelino.

(Saem. Descongela a cena do Pajé).

CENA 9

FAZENDEIRO

Vâmo logo, homi.
Não tenho tempo a perder.
Diga logo como Marcelino volta a viver.

(Entra Madalena).

MADALENA

(Entrando) Gumercindo!

(Há um grande corre-corre para que Madalena não veja o boi no chão. O fazendeiro e Pajé colocam seus corpos para encobrir o boi e acabam ficando numa posição ridícula, um atrás do outro com os braços entrelaçados).

MADALENA

Pajé Cabelo de Velha!

FAZENDEIRO

Madalena meus querê!

MADALENA

O que é que vocês tão escondendo aí?

FAZENDEIRO

Num é nada, não.

MADALENA

Essa conversa está muito estranha.

Vocês dois tão cheios de braço, parecem uma aranha.

PAJÉ

Não é nada, não.

É que seu Gumercindo me convidou
pros quinze anos de Marcelino...

FAZENDEIRO

... E ele trouxe um presentinho
que você não pode ver.

MADALENA

Então tá explicado.

Eu olhei assim de longe
pensei que vocês tivessem virado veado.

FAZENDEIRO

Santinha!

MADALENA

Mas só vim aqui atrás daquele Nego da peste.

FAZENDEIRO

Por aqui não passou aquele gracioso.
Deve tá em alguma rede
aquele Nego preguiçoso.

MADALENA

Tá bom, vou continuar procurando.
Seja bem vindo Pajé,
Mas olhe, num fique aí se esfregando (*sai*).

FAZENDEIRO

Santinha! Tá me estranhando?

PAJÉ

(*Ao Fazendeiro*) Vamos ter que fazer uma pajelança.
Vô precisar de uns matériá.
E vai ter que ser só coisa especiá.
Tome logo nota aí:
Um maço de Cá te espera,
pra devolver as força à fera;
Pau de Verônica;
200 gramas de Catinga de mulata,
pra invocar as força das mata;
Três folhas de Pata de Vaca,
pro boi num voltar babaca;
Uma pitada de chega-te a mim;
dois Turu e pimenta malagueta,
que é pra dar sustança a essa careta.

FAZENDEIRO

Tudo isso, é? Então a coisa foi braba.

PAJÉ

Pro boi é só a pimenta, que vou no rabo dele atochá.
O resto é pra eu temperá o meu jantá.

FAZENDEIRO

Pois peraí que o eu vou chamar o moleque
pra comprar os troço.
(*Pra dentro da cortina*) Ô Nego Chico! Ô Nego Chico!

(*Entra Nego Chico*).

NEGO CHICO

Pronto patrãozinho.

FAZENDEIRO

Vá comprar os mandados do Pajé.
Olhe! E vou cuspir no chão.

NEGO CHICO

Vô e volto logo antes de lhe causar preocupação (*sai*).

PAJÉ

Enquanto o moleque não chega,
vou adiantá a mandinga.
Enquanto eu canto, você ginga.
E, pra garantir vou invocar as força da mata,
que é pra tirá o boi dessa culatra.

CENA 10

(O pajé começa a cantar enquanto Gumercendo dança, o boi só mexe com o rabo. De repente o Pajé começa a se atuar, segue-se grande pantomima do pajé pegando santo enquanto o fazendeiro não sabe o que está acontecendo e tenta se esconder. No meio de tudo entra Nego Chico com uma grande sacola de compras que encobre-lhe os olhos).

CENA 11**PAJÉ**

(Atuado) Êh, êh! Quem me chamou?
Quem me chamou que eu vim!

NEGO CHICO

(Entrando) Essa voz. Eu tô reconhecendo sim.

FAZENDEIRO

Valei-me Nego Chico
que o Pajé endoidou.
Quando ia fazer o feitiço acho que ele incorporou.

PAJÉ

Me chamaram e eu tô com pressa.
Esse cavalo velho não aguenta muita judiação.
Se me chamaram aqui deve de ter sido o Preto
que é o de maior precisão.

NEGO CHICO

(Jogando a sacola para o alto) Égua que eu tô ferrado.
Pois esse pajé safado
foi receber logo o encantado.

FAZENDEIRO

Não faça muita zoeira.
Quem tá no corpo do Pajé
é a temida Matinta Pereira.

NEGO CHICO

E eu não sei.

Lá vai eu entrar no pau da aroeira.

PAJÉ

(Ainda encantado) Nego, eu já te ajudei a fazer a armação
Agora tô aqui para receber teu coração.

NEGO CHICO

Égua da bicha apressada.

Pois Catirina ainda não é nem minha namorada.

FAZENDEIRO

Que conversa é essa?

NEGO CHICO

Acho que é hora de eu ter pressa

(Se ajeita para fugir, mas o Pajé lhe pega pela gola da camisa).

PAJÉ

(Segurando-o) Tô aqui pra cumprir o trato.

Tu não conseguiu a tua amada

Por que tu é frouxo.

E ande logo com essa novela

Por que eu já tô com aquilo roxo.

FAZENDEIRO

Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui?

Por acaso Nego,

esse trato envolve Marcelino?

NEGO CHICO

Se meta não, patrão.

Que eu já tô com o coração apertadinho.

CENA 12

(Entra Madalena).

MADALENA

O que está acontecendo aqui?

(Vê o boi no chão) Marcelino! o que fizeram com você?

(Ao Marido) Ah, traste, safado.

Eu te mandei reparar o boi,

e tu me deixou o bicho todo virado?

Vais pegar porrada!

(Corre atrás do marido).

FAZENDEIRO

(Correndo) Calma, santinha!
O caso já tá chegando na solução.

MADALENA

(Correndo atrás do marido) Tá sim. Vou cortar os teus troços pra botar no feijão.
(Vê o Pajé segurando o Nego Chico) E o senhor, o que tá fazendo aí com o empregado?
Ah, já sei: O senhor depois de velho virou mesmo foi de lado.

FAZENDEIRO

Não diga isso, mulher,
que o homem tá é encantado.

PAJÉ

Não se mete nisso tribufu.
Tô só cobrando um trato.
O Nego queria a língua do boi pra botar no prato.
Eu dei o que ele queria,
agora é a hora da ave-maria.

FAZENDEIRO

Esse Nego fez armação
pra botar Marcelino no chão, Santinha!

MADALENA

Ah, mas eu pego! Ah, mas eu capo! Ah, mas eu degolo!
Eu mato esse traste e lhe arranco os dois olho.

CENA 13

(Madalena arranca Nego Chico das mãos do Pajé, e começa a lhe bater. Todos correm para acalmar Madalena).

FAZENDEIRO

(Arrancando Chico das mãos da mulher) Calma, santinha, Calma!

(Madalena está dando um ataque histérico. Grita, se debate, pula).

FAZENDEIRO

(Preparando-lhe um tapa) Me desculpe, santinha. Vai doer mais em você do que em mim.
(Bate-lhe, mas ela não para. Ele bate outra vez e começa a ficar histérico) Calma! Calma!
Calma!

PAJÉ

(Ainda atuado) Calma, Mizifiú, que eu dou um jeito nisso.

(Pega a mulher e bate, mas ela não para. Forma-se uma fila para acalmar Madalena).

NEGO CHICO

(Tirando o pajé) Deixa comigo *(bate-lhe)*.

CATIRINA

(Entrando) Mamãe!!!! Deixa que dela eu entendo *(bate-lhe)*.

BOI

(Tirando Catirina) Muuuuummmmm *(bate-lhe)*.

(Madalena já dá sinais de cansaço, e quando vai desmaiar o marido pega-lhe nos braços).

FAZENDEIRO

Santinha, Santinha! Acudam pelamordedeus!

CENA 14

(Sobe o santo do Pajé).

PAJÉ

Mas o que é que está acontecendo?

FAZENDEIRO

Minha mulher está quase morrendo.

PAJÉ

Eita, lugarzinho aperreado.

Tá todo mundo pesado.

Eu não me lembro de mais nada.

Ainda tô com a cabeça meio virada.

NEGO CHICO

Seu Pajé safado.

Era o boi que tu tava curando.

Tu acabou foi me dedurando.

MADALENA

(Recuperando-se) Égua da dor nas bochechas!

(Olha para Marcelino, que voltou ao chão) Marcelino!

Então não foi um sonho

e o culpado foi esse Nego medonho.

(Corre para pegar o Nego, mas Catirina se interpõe).

CATIRINA

Mamãe, deixe Nego Chico em paz.

MADALENA

Mas, minha filha, esse caboco safado
mexeu com meu boi adorado.

CATIRINA

A culpa não é dele, não.

FAZENDEIRO, MADALENA E PAJÉ

Não?!?

BOI

Não?!?

CATIRINA

Não. Sou eu a verdadeira culpada dessa grande confusão!

MADALENA

Minha filha, eu sei o quanto é bom seu coração,
não é preciso fazer tanta força
pra salvar esse Nego filho de um cão.

CATIRINA

Foi eu quem desejou comer a língua desse boi.

FAZENDEIRO, PAJÉ E MADALENA

Foi?!?

BOI

Foi?!?

CATIRINA

Eu não suportava ver a senhora
cheia de dengo pra esse fedorento
e queria mais atenção.

MADALENA

Mas esse boi é minha perdição.

FAZENDEIRO

Tu nunca vais deixar de ser nossa criancinha,
nossa Catirina do coração.

CATIRINA

Ah, papai, eu só queria ouvir isso.
(*corre e abraça o pai*)

MADALENA

Tu também és meu bem-querer (*junta-se ao abraço apertando a filha*).
Agora que ficou tudo esclarecido,
chegou a hora de tratar desse bandido.

CATIRINA

(*Correndo para Nego Chico*) Não, ninguém toca no meus-querê.

NEGO CHICO

Catirina! Tu me defendeu?

FAZENDEIRO

Que negócio é esse de “meus querer”.

CENA 15

(*O boi levanta-se*).

PAJÉ

Olha o boi de pé!

MADALENA

Égua, finalmente, o boi reviveu.

FAZENDEIRO

Pronto, santinha, faça a festa que tu prometeu.

MADALENA

(*Para Nego Chico*) Mas ainda tenho um assunto
com esse futuro presunto.

CATIRINA

Esse Nego já passou por muito tormento.
Agora a festa vai ser também de casamento.

NEGO CHICO

Catirina, finalmente tu vai ser minha rainha!

MADALENA

Alto lá, num vá com muita sede ao pote.
Só depois da benzeção do padre é que tu vai dar teu bote.

FAZENDEIRO

Ah, o amor é lindo.

MADALENA

É lindo, mas só na televisão.

Tu ainda me deve mais que uma explicação.

(Bate-lhe na cabeça. Saem enquanto Nego Chico ri).

CATIRINA

Não se ria de meu pai, seu folgado.

Tu já tem meu coração

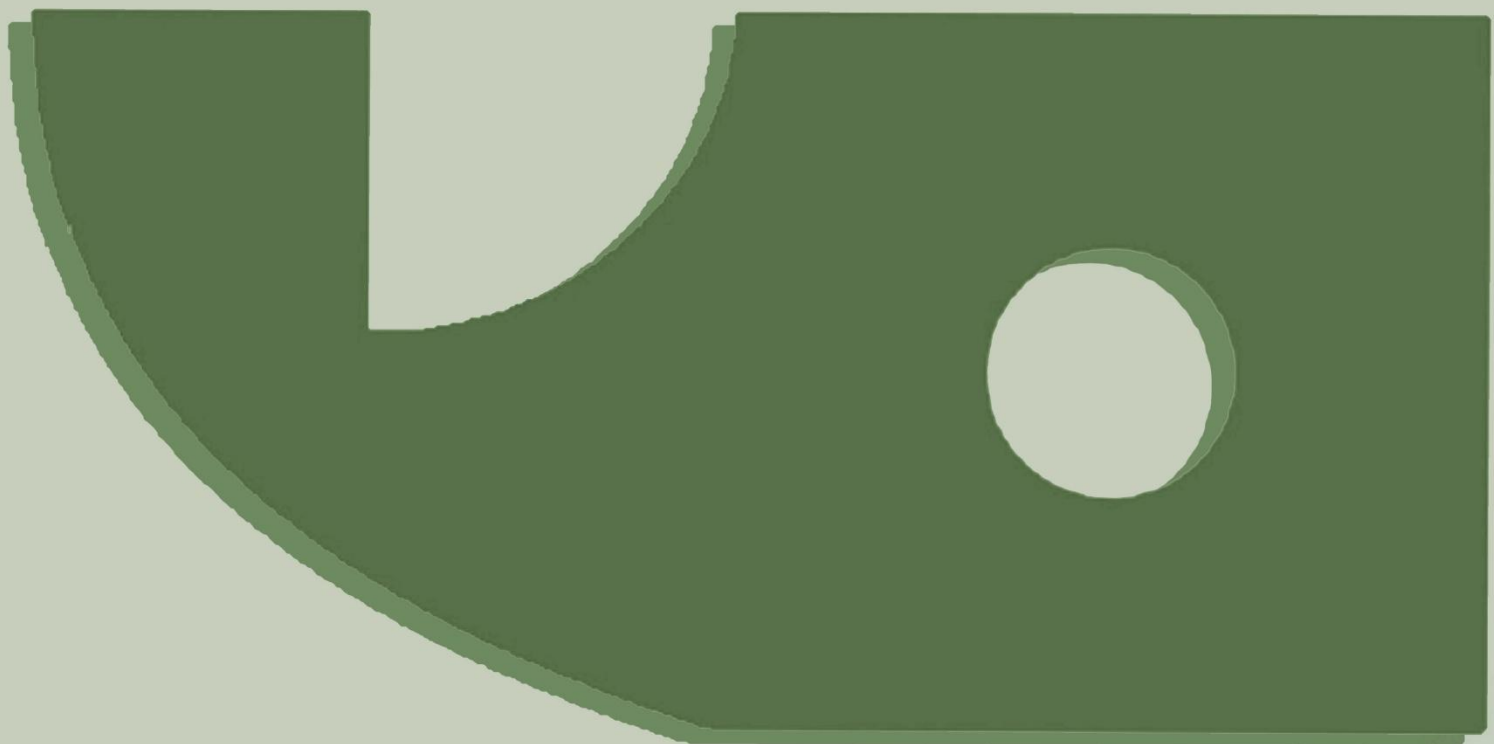
agora vai sentir o peso é da minha mão.

(Sai batendo-lhe em grande pantomima. O Boi se dobra de rir. O grupo volta e canta uma toada de despedida).

FIM



RELIGARE



RELIGARE

**Ana Marceliano, Antonia Costeseque, Barbara Jubin, Danielle Ramos,
Felipe Kurschat, Jhonny Russel, Krishna Rohini, Raissa Araujo,
Ruber Sarmento e Wallace Horts.**

Personagens

Queda D'água

O Labioso (Pyro)

Proteção

Uirá

Bruxa

Erupção

Criança

Rei de Barro

Segredo

Ressaca

O Alquimista

Transformação

Criaturas – Seres encantados, mascarados (Otávio, Ravu, Sabiá, Bau, Lelé e Paul)

Nota: Este espetáculo se realiza acompanhado por intérprete de LIBRAS. A tradução é contínua e acompanha os performers em todas as cenas, integrando-se ao fluxo poético da encenação.

CENA 1: O NASCIMENTO

(Sensorial)

(Na porta, o projetor mostra a frase: “Minha cabeça está cheia de esquecimentos”

O público entra no espaço. O palco está completamente às escuras, tomado por uma névoa densa. À frente, uma grande teia de fios impede o avanço. Aos poucos, o ambiente se preenche com sons fragmentados: vozes, chiados, risadas, choros, apitos, assobios, sussurros desconexos. Lentamente, uma iluminação suave revela sombras de corpos em movimento oposto ao público. A luz cresce, até que a teia é erguida e o espaço de cena se abre, revelando os atores. No chão, projetor mostra a frase: “Estou prenhã de memórias.”).

CENA 2: CELEBRAÇÃO DO NASCIMENTO

(Queda D'água permanece estática no alto da escadaria, ativa, olhando fixamente para frente. No palco, criaturas mascaradas celebram a chegada da plateia. Elas emitem sons guturais e rítmicos, enquanto algumas tocam instrumentos. Essas criaturas conduzem o público até os assentos da arquibancada. O Labioso, sentado entre a plateia, observa. Pouco

a pouco, as criaturas se recolhem a seus espaços, deixando o palco com uma atmosfera de rito recém-iniciado. A projeção se apaga).

CENA 3: A REDE DA MEMÓRIA

(Queda D'água caminha lentamente até o centro do palco, entoando uma melodia. Nas suas costas, uma grande rede se arrasta como uma cauda, preenchendo o espaço. Ela se senta em banquinho no centro do palco e começa a manipular a rede, como se remexesse memórias antigas ou costurasse seus fragmentos. Enquanto fala, entre pausas, escuta-se o som das águas, produzido pelos toques do banheiro e caxixis das Criaturas. No projetor surge a frase: “Quantos tempos percorrem o Tempo?”).

QUEDA D'ÁGUA

Para qualquer que fosse a direção, não pude carregar tudo aquilo que me acompanhou por tanto tempo: a dor, a vontade de esquecer e o fato de não ter ninguém a quem culpar. Gestar a si mesmo é tão natural quanto o pulso das marés que sentimos à beira da praia. Quero lembrar de alguma coisa que não fosse contada por terceiros. Depois do incêndio, restaram os vestígios do tempo. Uma existência fragmentada. Uma estrada inacabada. Um caminho que deságua. Navego em mim. Nas sinfonias desafinadas do corpo que habito, busco a base da minha existência. Vivo a finitude do leme deste barco. Nada encontro. Lá em cima, eu sou uma ilha. Ninguém lembra.

(O som das águas se transforma em rumor de fogo, como se brasas ardessem. A projeção se apaga. Queda D'água toca um maracá. A luz sobre ela diminui, mas não se apaga. O Labioso Pyro surge pela plateia, cantarolando um samba ao som de um pandeiro, “Tenha fé pois amanhã um lindo dia vai nascer” - Canção de Os Originais do Samba, 1971. Ele pede bênção a Queda D'água e a leva até o seu lugar, Ilha das Lembranças e só então toma o centro da cena).

CENA 4: PYRO E UIRÁ 1

(O intérprete de LIBRAS acompanha a fala, em cena, lado a lado com o performer. O Labioso Pyro caminha entre a plateia com um saco de cartas. Cumprimenta pessoas como se fossem velhas conhecidas, perguntando endereços perdidos).

O LABIOSO (PYRO)

(Cantarolando) “Nunca tenha medo do seu inimigo
Quando não é você que começa a brigar.
Também nunca ande de cabeça baixa e bem danado,
Pois nem tudo que cai do céu é sagrado.
Pois nem tudo que cai do céu é sagrado...”

(Ele dança um pouco. Observa ao redor como se estivesse perdido. Começa a mexer nas cartas e a perguntar).

O LABIOSO (PYRO)

(Para o público) Rua da mata 14 é aqui é? Roso Danin 22 é aqui? Travessa Mauriti 23 é aqui? Rua dos Tamoios é aqui? Rua da Cabanagem 1835? Sempre assim... Vocês sabem onde fica o tempo perdido? Será que eu vim pro lugar errado?

(Erupção cruza correndo a cena, atravessando o espaço como um vulto. A atmosfera no espaço muda repentinamente durante sua passagem).

O LABIOSO (PYRO)

Sabe o que é pessoal... aqui era tudo invasão. Sabe o que é invasão? É quando chega um pessoal e invade. Só que a nossa história é de invasão. Muito tempo atrás veio um pessoal aqui e tirou os índios. Invadiram, chamavam índios achando que estavam nas Índias. Aí de vez em quando a galera se junta e invade aqui e ali, faz uma ata, assina... daqui há um tempo tem, não tem... E eu, que entrego as mensagens, me atrapalho nessa bagunça.

(Erupção novamente cruza, correndo, atravessando a cena. Um som de aparição acompanha a travessia. Uma criança (Uirá) entra em cena, cruzando o caminho de Pyro).

O LABIOSO (PYRO)

Ô, criança, onde fica a rua da Mata?

PROTEÇÃO (UIRÁ)

Não sei. Eu tô indo lá na floresta, buscar ginja. É por aqui, não é?

O LABIOSO (PYRO)

Não sei, pode ser por ali também. Às vezes dá pra pegar o caminho mais longo, se perder admirando a vista, esquecer pra onde vai...

(A criança sai de cena. O Labioso continua acrescentando outras palavras à sua história).

O LABIOSO (PYRO)

O que é que eu tava falando mesmo? Ah, é que aqui era tudo grilagem. Sabe o que é grilagem? É quando chega um pessoal e loteia. Só que a nossa história é de grilagem. Muito tempo atrás veio um pessoal aqui, que loteou, botou cerca. Aí, de vez em quando, a galera “investe”, faz um documento falso, assina... Daqui a um tempo tem, não tem... E eu, que entrego as mensagens, me atrapalho nessa bagunça.

(Ele para, como quem lembra de algo distante).

O LABIOSO (PYRO)

Isso me faz lembrar de uma história de antes do mundo ser mundo. Do tempo das criaturas, de quando só existiam monstros e carrancas. Não existia assim gente, que nem a gente. Nesse período cada monstro tinha o seu fazer, e desses, tinha um que era responsável pelas mensagens. O nome dele era Pyro. Entre as criaturas e os monstros, o Pyro era da sacanagem, da onda, de fazer brincadeira com os outros. Certa vez, se sentindo entediado, o Pyro inventou um negócio.

(Ele veste a máscara de Pyro, brinca com a plateia, sacaneando, rindo deles).

PYRO

(Gritando) Achei! Achei! Porra, eu achei! Filha da puta! Eu achei! Pelo deus que não existe, eu achei!

(O Labioso Pyro sai de cena correndo O espaço se transforma em floresta. Sons de folhas secas, galhos quebrando, pássaros distantes tomam o ambiente. Proteção Uirá entra em cena).

PROTEÇÃO (UIRÁ)

Uirá era o nome da criança. Uirá naquele dia estava em casa quando a mãe chegou e disse assim: Uirá, vai lá fora pegar ginja. Uirá não queria ir porque já era perto das seis da tarde. Mas ela foi. Começou a procurar ginja lá fora, andou, andou... estava difícil achar, porque as árvores estavam secas. Até que começou a escurecer. Ela tinha medo de ir lá fora quando escurecia, porque diziam que existia naquela floresta uma bruxa. Mas Uirá procurou, procurou, e cada vez mais ia se afastando da casa, entrando na floresta, até que...

(A bruxa aparece e engole a criança. Proteção (Uirá) entra no espaço Ginja).

PROTEÇÃO (UIRÁ)

Uirá então foi parar dentro da barriga da bruxa. *(Gritando)* "Socorro! Alguém me ajuda. Socorro! Eu to dentro da barriga da bruxa!"

(Uirá olha para o vazio. A luz vai diminuindo lentamente enquanto sons de floresta e sussurros começam a preencher o teatro).

CENA 5: ERUPÇÃO DO SEGREDO

(Cenas intercaladas)

(O intérprete de LIBRAS acompanha a fala, em cena, lado a lado com o performer. Erupção entra em cena com uma lamparina).

ERUPÇÃO

Somos condenados aos encontros. Modinhas à parte, eu nunca vi muita graça em estar só. Ficar só... é sem sombra de dúvida um requinte de condenados: saber de si como algo que nasce e morre sem ter a quem explicar nada. O melhor lado da solidão é também o pior: é o perigo de, a qualquer instante, numa esquina dessas... dar de cara consigo.

(Enquanto Erupção fala, ao fundo se ouve um metalofone. Erupção atravessa o palco, e dá de cara com Segredo. Entre as falas de Segredo, o som de um ganzá imita o sibilo de uma cobra).

SEGREDO

Uma narrativa se torna real quando ecoa entre os tempos. Por muito tempo, contaram a história do homem-criador e da mulher-criada.

(Erupção deixa a lamparina no chão, retira suas roupas com gestos desconfiados, vigia os lados, até entrar numa bacia com água. Erupção se torna criança. Ele brinca com a água e dá risadas).

SEGREDO

Mas, como bem sabemos, toda a vida se origina do ventre que nutre. Quando o poder do feminino foi percebido, temeram sua liberdade. Tentaram aprisionar o conhecimento, sufocar os desejos, e fazer crer que era louca e frágil. No exílio, na escuridão, o desejo emerge e faz tempestades.

(Tensão crescente. Erupção Criança demonstra medo).

SEGREDO

Os seres temem o fim do controle, o desconhecido os apavora. E essa é a história que ninguém quer contar: a da primeira mulher, que não aceitou a submissão, aquela que escolheu exilar-se do paraíso.

(Erupção Criança sai da bacia chorando e engatinha para frente. Segredo inicia uma dança. A criança encontra o barro no chão e começa a manipulá-lo, dando forma a cinco máscaras diferentes, dentre elas surge o Rei de Barro).

ERUPÇÃO (REI DE BARRO)

Eu sou uma criatura cheia de desejos. Meu corpo gera energia, gera atrito, goza, trabalha, fica triste, se diverte... Eu sou uma criatura cheia de desejos...Sou um desejo cheio de criaturas... Eu sou um desejo cheio de criaturas...

(Com a lamparina na mão, o Rei de Barro caminha em direção à saída do teatro. Criaturas surgem, observam o Rei do Barro e permanecem até a próxima cena. A porta se abre para sua saída e, depois de alguns instantes, se fecha novamente).

ERUPÇÃO

(Gritando) Eu sou... sou!

CENA 6: PYRO E UIRÁ 2

(O intérprete de LIBRAS acompanha a fala, em cena, lado a lado com o performer. As Criaturas se assustam ao ouvir a voz do Labioso Pyro e começam a cercá-lo a cada frase, reagindo à narração que ele faz).

O LABIOSO (PYRO)

Passaram-se sete dias e sete noites correndo. Corria pra um lado: *(grita)* “Eu achei, filha da puta!” Corria pro outro: *(grita)* “Eu achei, caralho!” Os outros monstros ficaram furiosos “O quê que o Piro achou? O quê que o Piro procurava? O que que a gente procura?”. No sétimo dia, curiosos e cansados, encurralam Pyro. “Eu achei... Eu achei.. eu juro que eu achei.”

CRIATURAS

(Em coro) O que que tu achou?

LABIOSO (PYRO)

(Apontando para as criaturas) Eu achei um bando de otário!

(Ri alto e debochado. As Criaturas não gostam da resposta. Reúnem-se em círculo).

LABIOSO (PYRO)

Assim acontece o primeiro julgamento do universo, como eu disse, naquele tempo, o bagulho lá era sério. As Criaturas fizeram uma reunião, e por votação unânime Pyro foi banido do Reino dos Monstros e jogado pro Reino dos Restos.

(As Criaturas, depois de condenar Pyro, retornam lentamente para os espaços de onde vieram).

LABIOSO (PYRO)

Pyro chorou, uma única lágrima escorreu pelo seu rosto e ele seguiu andando, andando, andando, andando...

(O Labioso Pyro segue andando até circundar o espaço onde Proteção Uirá segue aprisionada, dentro da bruxa).

PROTEÇÃO (UIRÁ)

O tempo passava, mas Uirá não desistia! Uirá corria pras pernas:*(gritando)* “Socorro!” Pra cabeça: “Socorro! Alguém me ajuda!” *(Se senta no chão)*. “Eu to dentro da barriga da bruxa!”

(Proteção Bruxa) zomba de Uirá em sua barriga. Em alternância, falam Labioso e Proteção).

LABIOSO

Passaram-se dias.

PROTEÇÃO

Meses.

O LABIOSO

Anos.

PROTEÇÃO

Milênios.

JUNTOS

A perder a conta!

(O Labioso Pyro se afasta do espaço Ginja e desaparece por trás da plateia).

CENA 7: ENCONTROS E DESENCONTROS

(Uma valsa toma o espaço, preenchendo a atmosfera com suavidade. No projetor surge a frase: “O mar quando te vê ele sorri, por dentro de você, tente aprender com o mar.”. Trecho da canção “Oráculos” de Luciano Lira. A cena começa com Ressaca e O Alquimista em lados opostos, nas diagonais do palco. Ambos caminham em zigue-zague, lentamente, até se encontrarem no centro. Eles dançam juntos. Após um tempo, eles se separam. Ressaca segue em direção ao espaço Acolhida. O Alquimista encontra diversos objetos em seu espaço Triade, e pega um espelho. O Alquimista inicia uma partitura corporal, explorando o palco. Quando abre os braços, ergue-se o som de um violino invisível. Ele o toca no ar e continua sua partitura. Em seguida, ergue o espelho e se observa nele, falando para o próprio reflexo).

O ALQUIMISTA

Ao tempo que eu era acordado com todo carinho, bem delicado, pois meu pai sabia que eu brincava com os anjos enquanto sonhava, não poderia despertar-me bruscamente, da leveza que voava até despencar no acordar. Hoje guardo teu sono, filho, sem entender esta conspiração teúrgica. Fico a pensar: Com o que sonhas? Que sonho traz no teu despertar? Parece que te põe a pensar, mas sobre o quê, pequeno infante? Será que tu guardas sabedoria da criação, por estar mais próximo da essência do nascimento? Ainda sabes o que eu esqueci, e olhando para ti a sorrir procuro meu religar.

(O Alquimista retorna ao seu espaço Triade e posiciona o espelho em um tocador de discos que mais parece uma máquina do tempo).

CENA 8: PIRO E UIRÁ 3

(O intérprete de LIBRAS acompanha a fala, em cena, lado a lado com o performer. O espaço é novamente preenchido por sons de floresta, intercalados com notas misteriosas. Proteção-Uirá entra em cena).

PROTEÇÃO (UIRÁ)

Até que um dia Uirá resolveu visitar os sonhos da bruxa. Assim que ela dormiu, Uirá correu pra cabeça. E lá, no sonho, viu que a bruxa brincava com a menina, como se fossem amigas.

(A Proteção Bruxa aparece em cena e brinca com Uirá).

PROTEÇÃO (UIRÁ)

Uirá então teve uma ideia, esperou que a bruxa acordasse e resolveu fazer um trato. “Ô dona bruxa! Se tu me deixar sair daqui, eu juro, eu prometo, que não vou te abandonar!”

(A Proteção Bruxa se mostra pensativa).

PROTEÇÃO (UIRÁ)

A bruxa pensou, pensou... e depois de muito pensar a bruxa aceitou e elas fizeram o trato. A bruxa então chamou um pássaro (*assoviando*) que entrou pela janela da casa e foi direto nos seus olhos, bicando, furando seus olhos de bruxa. E pelos furos que o pássaro fez Uirá

conseguiu fugir, e saiu correndo, mas quando estava perto da porta se lembrou da promessa que fez e voltou. As duas então se abraçaram e nesse abraço se tornaram um ser só. Seu corpo era agora coberto de uma armadura brilhante, ela agora se chamaria Uirá-Puru, que significa os furos de Uirá, que foi por onde a menina fugiu. Ela teria agora a sabedoria de uma velha bruxa e os olhos de uma criança. E assim ela rumou pelo mundo, disposta a ajudar quem estivesse em apuros, como ela um dia esteve.

(O Labioso Pyro atravessa a cena, narrando).

O LABIOSO (PYRO)

Nessa brincadeira de vagar pelo mundo, Pyro aprendeu a brincar com a natureza. E com o tempo, outros seres foram surgindo. E ele, por andar tudo que andou, tornou-se o senhor dos labirintos, o senhor dos caminhos.

(Ele se aproxima da plateia, como quem compartilha um segredo).

O LABIOSO (PYRO)

E dizem as más línguas, principalmente o povo do interior, que vê visagem, que por lá ele vive, embrenhado na mata, e que tem que ter cuidado pra não ficar mundiado. Mas outros também dizem que ele vive pela cidade...

(Ele olha diretamente para alguém da plateia).

O LABIOSO (PYRO)

Vocês têm um copo d'água aí? Não? Pois dizem por aí que um copo d'água e um bom conselho não se negam a ninguém. Então eu dou um conselho a vocês: Quando alguém pedir um copo d'água, arranjem um copo d'água.

CENA 9: DESPERTAR

(Uma voz em off conta uma história inaudível, é uma senhora mais velha. Ressaca levanta-se lentamente e caminha até o centro. Seu semblante é de paz, um sorriso suave no rosto. Ela carrega um punhado de ervas. Enquanto caminha, espalha as ervas pelo chão, formando um círculo).

RESSACA

O amor. É uma energia vital. É vital. Nos atravessa e atravessamos. O movimento está em tudo. Quem decide? Quem decide? O que paira? O que fica? E o que vai embora? *(Repete diversas vezes, alternando o tom).* Vê...é o fluxo do rio que em mim habita... vê! É o rio que me habita!

(Ela espalha as ervas também nos espaços onde repousam os outros performers. A cada gesto, as luzes de cada espaço se apagam, até que apenas a penumbra permanece. Queda D'água levanta-se quando Ressaca passa por ela e segura suas mãos. O Alquimista coloca um disco para tocar. O som de vinil arranhado dá início a uma valsa que ecoa pelo espaço. Pouco a pouco, cada performer retorna ao palco, usando suas máscaras de criaturas. A cena

ganha contornos de despedida ritual. Queda D'água observa Ressaca apagar os espaços, um a um, até restarem apenas duas presenças: ela própria e Transformação).

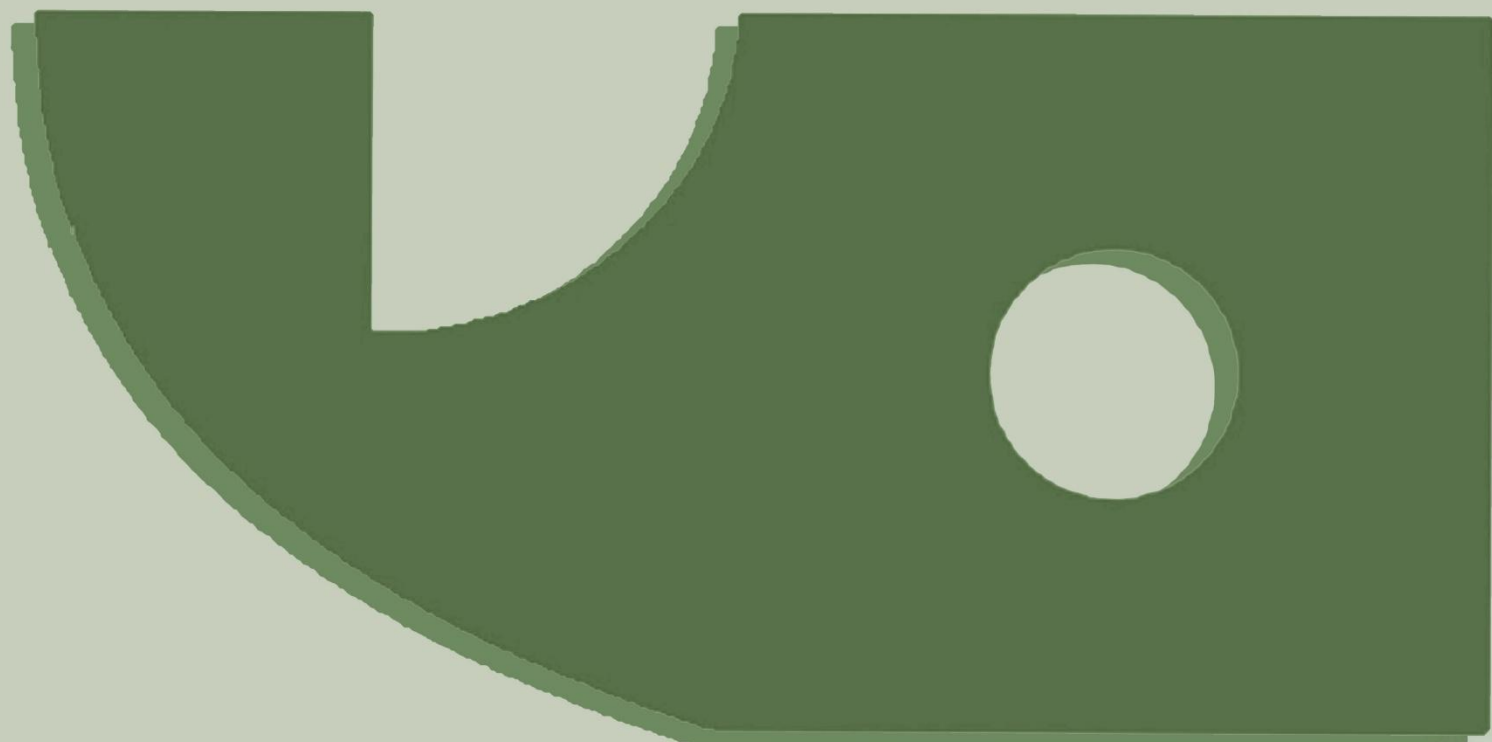
CENA 10: A ANCESTRAL

(Transformação caminha em direção a Queda D'água, atraída por sua presença e faz uma partitura de reconhecimento. Em seguida, repousa em seu colo. Queda D'água cobre-a com a rede. Transformação respira lentamente até que desperta como quem renasce. Ao se levantar, entoia um canto profundo e caminha para o centro. Os performers se reúnem ao seu redor. Um a um, retiram suas máscaras e as colocam no chão, como oferenda. Transformação realiza uma partitura corporal, narrando com gestos uma narrativa ancestral. Os outros assistem com atenção, aprendendo com Transformação a contar essa história. Aos poucos se voltam para a plateia e contam o que aprenderam, repetindo seus movimentos. Aos poucos vão se levantando e terminam juntos em um mesmo movimento, erguendo um dos braços ao céu e o outro apontando para terra. O rito se encerra).

FIM



*A FARSA DA VIRGEM MARILDA
DOS AMOROSOS*



A FARSA DA VIRGEM MARILDA DOS AMOROSOS

Evs Cris

PERSONAGENS

Marilda
Dona Petrolila
Seu Mundico
Gêmeos
Marina
Sérgio
Tiago, apelido Bambino
Vizinhos

CENA 1: GRÁVIDA

(Entra no palco, Marilda, uma jovem, sozinha em um único foco)

MARILDA

Grávida? E agora? Meu Deus do céu, o que que eu faço? Marilda, Ai Marilda, por que tu não te comportaste? *(Amorosa passando a mão pela barriga)*. Se bem que agora tem uma Marildinha ou um Marildinho aqui dentro. *(Suspira esperançosa)* Vou contar pra mamãe e pro papai! Vou...claro que eles vão entender, né? Vai dar tudo certo *(para e se desespera)*. Ah drogaaa! Não vai dar certo, eles nunca vão aceitar. Mamãe vai me matar, ela acha que eu sou virgem. E papai então, socorro, não quero nem pensar. E agora? Calma, Marilda, se controla! Eu conto ou não conto. Eu conto. Não, não conto... *(uma voz ao fundo interrompe Marilda, é sua mãe)*.

DONA PETROLILA

Corrrreeee! Tira a roupa do varaaal, já tá chovendoooo!

(Marilda corre do palco).

CENA 2: TIRA A ROUPA DO VARAL

(Entram todos em cena, o cenário é um quintal, tem árvores, tem uma mesa na parte que é coberta e tem varal com roupa estendida. Entram correndo toda família, Dona Petrolila, Seu Mundico, os gêmeos e Marilda pra tirar as roupas do varal).

DONA PETROLILA

Mais rápido, não pode pegar chuva, vai ficar fedendo!

(Todas as roupas são tiradas do varal e magicamente para de chover).

DONA PETROLILA

(Irritada) Mas Viiish Mariaa! Todo dia é isso, é só tirar a roupa que para de chover.

GÊMEOS

Mãeee, manheee, a gente já pode almoçar? Tô com fome.

DONA PETROLILA

Já vai! *(Vira para o marido)* Mundico limpa a mesa pra gente almoçar.

SEU MUNDICO

Quê?

DONA PETROLILA

(Ficando irritada) A mesa. Limpa a mesa pra gente almoçar.

SEU MUNDICO

O quê? Não entendi.

DONA PETROLILA

Aah deixaa, esquece, deixa que eu faço. Marilda, vai pegar as panelas e vocês dois *(para os gêmeos)* peguem os pratos e talheres.

(Todos se reúnem para almoçar).

DONA PETROLILA

Vamos rezar, Senhor, muito obrigada pelo nosso alimento de todos os dias. Que não falte na nossa mesa e na mesa de ninguém, que o senhor nos alimente o físico e espiritual. Amém

GÊMEOS

Senhor, tu é jóia, abençoa essa bóia *(e começam a rir)*.

DONA PETROLILA

(Incisiva) Parou com isso os dois! Falta de respeito *(faz o sinal da cruz)*. Bora, logo, todo mundo comer.

(Todos se alimentam).

SEU MUNDICO

Ô “mulé”, “cho te falar um negócio. Uma mulher veio ainda pouco aqui em casa trazendo umas “rôpa” diferente pra lavar. ,Deixei ali no tanque. Depois tu olha.

DONA PETROLILA

(Desdenhando) Rum, já vi, é essa tal vizinha nova, uma tal de Chérie. Mulherzinha vulgar, viu? Péssimo exemplo, ainda bem que nós criamos bem Marilda, não se mete com essas pouca vergonha. *(Marilda se engasga)*. Não é, minha filha?

MARILDA

(Desconfiada) Uhum, é sim, mamãe.

DONA PETROLILA

Uma mocinha de Deus

MARILDA

(Nervosa) Claro, mamãe

DONA PETROLILA

PURA! Não se mete com essas coisas mundanas.

MARILDA

Uhum

DONA PETROLILA

Lindinha da mamãe.

(Marilda olha pra frente com cara de desespero, black na cena).

CENA 3: SUPERSTIÇÕES

(Marilda aparece depois de um tempo, vomitando no quintal perto de uma árvore. Seu pai aparece).

SEU MUNDICO

Que isso, minha filha, comeu muito ontem?

MARILDA

(Nervosa) É... acho que comi alguma coisa que tava passada já.

SEU MUNDICO

Vou chamar sua mãe pra ajudar, ela deve ter alg...

MARILDA

NÃO! Quer dizer, não papai, eu já tô melhor.

SEU MUNDICO

Humm...tá bom, então me ajuda aqui *(ele pega, abre uma escada e pede pra ela segurar).*

SEU MUNDICO

Me dê essa ferramenta aqui.

(Marilda passa por debaixo da escada para pegar a ferramenta, quando passa, paralisa e uma voz no off fala, é a voz de Dona Petrolila na sua cabeça falando uma superstição).

DONA PETROLILA

GRÁVIDA NÃO PODE PASSAR DEBAIXO DE ESCADA, SENÃO O NENÉM NASCE FRACO, FRACO.

(Marilda fica levemente desesperada e tenta se acalmar).

MARILDA

(Falando sozinha) Tá tudo bem, não foi nada demais, é só pensar em outra coisa. Outra coisa. Comida! É bom pensar em comida. Eu tava com uma vontade de comer melão...

SEU MUNDICO

Que foi já menina?

MARILDA

Sabe, pai eu tava com uma vontade comer melão...

SEU MUNDICO

Ih, minha filha, tá em época não. e mesmo que tivesse, tá caro o melão.

MARILDA

Tudo bem, pai, é só um desejo. *(Pega na barriga)* Um desejo.

(Voz de Dona Petrolila volta afalar na sua cabeça).

DONA PETROLILA

NÃO PODE NEGAR DESEJO DE GRÁVIDA. SENÃO A CRIANÇA NASCE COM A CARADO QUE DESEJOU.

(Marilda se desespera novamente).

MARILDA:

Ah, preciso sair e falar com a Marina, pai *(e sai correndo)*.

SEU MUNDICO

Eu hein, menina estranha

CENA 4: ENTRE AMIGAS

MARILDA

Mari, amiga, meu deus, parece que faz séculos que não converso contigo

MARINA

Mana, vem aqui que eu tenho aqueles babados pra te contar, um mai safado que o outro, tu sabe que eu sou vívida *(rindo)*.

MARILDA

Conta, tô querendo me distrair mesmo.

MARINA

Ah oxe, com essa cara de quem deu e não gostou? Não tem nem graça.

MARILDA

Ah amiga, é que aconteceu uma coisa...

MARINA

(Rindo) que foi já? Tá pegando alguém que eu não tô sabendo?

MARILDA

Nãooo!

MARINA

Faz alguma safadeza que eu não sei, é?

MARILDA

Para de graça, Marina. É sério!

MARINA

Tá, então fala logo, mana que eu já tô seca de esperar.

MARILDA

TÔ GRÁVIDA.

MARINA

GRÁVIDA? *(Fica surpresa e catatônica)*.

MARILDA

(Começa a falar sem parar sem perceber a amiga paralisada) Não grita, caceta, não é pras pessoas ouvirem. Ah amiga, aconteceu tudo tão rápido, sabe? Eu nem contei pro papai, nem pra mamãe. Sabe como ela é, né? Capaz de e matar. Sem falar do bafafá na vila que ser quando...ei, marina, Marinaa, MARINA!

MARINA

(Volta em si) TÁ. Como que tu foi ficar grávida?

MARILDA

(Debochada) Ah vá, até parece que tu não sabes como que faz bebê, né?

MARINA

Ninguém mandou dar errado. Eu não te ensinei isso.

MARILDA

Ah sabe que nem tô ligando muito pra isso, sabe? Tô gostando dessa ideia de ser mãe *(muda de humor)*. O que eu não tô gostando é que eu não sei como contar pra mamãe.

MARINA

Tá, tá, mas quem é o pai? Me conta.

MARILDA

(Desconversando) Ah isso não importa agora...O que eu preciso agora é que tu me ajudes, eu não sei o que fazer.

MARINA

Se tu não sabes o que fazer, como é que eu vou saber?

MARILDA

Não tá ajudando!

MARINA

Ah deixa de ser chata, eu só tava brincando.

MARILDA

Sim, vais me ajudar ou não?

MARINA

Tá, tá, tu já pensou em alguma coisa?

MARILDA

(Empolgada) Eu tava pensando em fugir, um plano de fuga, eu, ele e o bebê! Imagina só, que romântico, a gente...

MARINA

Fugir com macho, Marilda? Essa é tua solução? Amiga, acorda, a gente não vive numa comédia romântica, só em uma comédia mesmo. *(Se recompõe)* Tá, agora é sério, a gente tem que pensar em algo bom...

MARILDA

Já sei, a gente pode...

MARINA

Ah não, não achei bom.

MARILDA

Tá, e se...

MARINA

Ah não, Marilda. Péssima ideia.

MARILDA

Mas eu nem falei nada

MARINA

Nem precisa, eu já sei. Tenho a ideia perfeita... *(sussurra a ideia no ouvido de Marilda)*.

MARILDA

Ah, e tu achas que isso vai dar certo?

MARINA

Claro que vai, juro que se não der certo, eu paro de dar amanhã.

(As meninas saem rindo. Marina um pouco apreensiva. Entra Sérgio, irmão de Marina).

SÉRGIO

Grávida?

CENA 5: PAI?

(Marilda entra em cena na direção de sua casa, quando Sérgio aparece atrás).

SÉRGIO

(Grita) Marildaa!

(Marilda finge que não vê, ele a alcança, segura ela no braço e solta).

SÉRGIO

Marilda, tá me evitando agora?

MARILDA

(Nervosa) Claro que não, nada a ver, impressão tua.

SÉRGIO

Aham, sei. A gente precisa conversar, né?

MARILDA

Ah é?

SÉRGIO

Marilda, não se faz de besta, eu já sei

MARILDA

(Fala baixinho) Sabe o quê?

SÉRGIO

Quê?

MARILDA

Que o que?

SÉRGIO

(Levemente irritado) Ah paraa de me enrolar, eu sei que tu tá grávida.

MARILDA

Não sei do que tu tá falando.

SÉRGIO

Claro que sabe.

MARILDA

Se POR ACASO fosse verdade, como é que tu sabes?

SÉRGIO

Ouvi tu conversando com a marina, para de negar.

MARILDA

Ô não fala alto, a gente tá aqui na frente de casa.

SÉRGIO

Marilda, esse filho é meu?

MARILDA

Pode ser de qualquer um.

SÉRGIO

Pode nada que faz meses que eu sei que tu estás só comigo *(puxa ela pela cintura e fala e tom conquistador)*.

MARILDA

(Risonha, se derrete) Ai paaara. *(Se afasta dele)* Se é o que tu achas.

SÉRGIO

Eu não acho, eu tenho certeza *(puxa ela de volta)*. Me fala, vai.

MARILDA

Tenho nada pra falar não, não sou obrigada

SÉRGIO

Marilda, eu tô falando sério. Se ele filho for meu, eu quero saber.

MARILDA

Não importa, tá na minha barriga, o filho é meu.

SÉRGIO

E tu bem fizeste ele sozinha, né? *(Puxa ela pra perto, galanteador)* Fala logo, eu quero saber, pra gente ficar juntinho, cuidando desse bebezinho lindo...dando beijinhos na barriga...me conta, vai...

MARILDA

(Novamente derretida e risonha) Tá, tá, é teu. É nosso, no caso, né?

SÉRGIO

Eu vou ser pai! Tem um Serginho nessa barriguinha...

MARILDA

(Risonha) ...ou uma Marildinha. *(muda de humor)*. Mas tem um problema.

SÉRGIO

Fica tranquila, eu vou assumir.

MARILDA

Não, não é isso. É que meus pais não sabem.

SÉRGIO

Conta então, ué?

MARILDA

Tá querendo morrer, é? Sabe que a mamãe te mata a paulada se souber que é teu.

SÉRGIO

E o que tu vais fazer?

MARILDA

Eu não, NÓS. Tu não disseste que ia assumir?

SÉRGIO

Tá, o que NÓS vamos fazer?

MARILDA

Eu e Marina já temos uma ideia. Sinta-se incluído.

SÉRGIO

Vissh, aah não me mete nessas ideias malucas não.

MARILDA

Já era, deixa eu te contar.

(Marilda sussurra no ouvido dele).

SÉRGIO

(Rindo) E tu acha mesmo que isso vai dar certo?

MARILDA

Se a Marina disse que vai é porque vai, né?

(Surge em cena, Tiago, mais conhecido como Bambino. Ele parece meio estático, sério, diferente do que costuma ser, olha pro Sérgio).

MARILDA

Oi Bambino, tudo bem?

TIAGO

(Meio desconfortável) Sim, sim, vim trazer esses figurinos pra lavar.

SÉRGIO

(Nervoso) Ah...então tá combinado né? Eu já tô indo...fazer...as coisas *(e sai de cena)*.

MARILDA

Tá sim, sim. Amanhã à noite *(Para Bambino)* Peraí, meu bem, vou só dentro de casa, rapidinho pira anotar o que precisa.

(Marilda entra em casa e fica só Bambino em cena).

TIAGO

Ai eu não acredito! Não acredito. Me enganou direitinho esse tempo todo. Cafajeste. Eu achei que ele tava comigo. Idiota, agora ele tá aí. Aai, calma, se controla.

MARILDA

Oi, voltei, Bambino, tá aqui querido. *(Entrega um papel pra ele)* Obrigada. *(Entra em casa)*.

(Bambino sai de cena decepcionado).

CENA 6: COCHILO DA TARDE

(Marilda se joga na rede que tem no quintal, com sono e depois de um tempinho chegam os gêmeos).

GÊMEOS

Marilda.

MARILDA

Oi *(fala sem se mexer da rede)*.

GÊMEOS

Marildaaa *(rindo)*.

MARILDA

Que é?

GÊMEOS

MARILDA!

MARILDA

(Estressada) O que é, suas pestes?

GÊMEOS

Não era nada, não *(saem rindo pro lado)*.

MARILDA

Então me deixem em paz que eu quero dormir, que saco!

(Eles brincam no outro canto do palco enquanto Marilda dorme. Passa um tempinho).

GÊMEO 1

Ela dormiu?

GÊMEOS 2

Sei lá, acho que não. Tão rápido assim?

GÊMEO 1

(Aproxima-se da rede) Dormiu sim, ó, parece uma pedra.

(Marilda fala umas coisas aleatórias e os dois se espantam).

GÊMEO 2

Credo, ela ta falando dormindo. Menina estranha.

GÊMEO 1

Vamo voltar a brincar que é.

(Meninos voltam a brincar. Marilda fala embolado dormindo novamente).

MARILDA

Hum...não conta...eh, ah, hum...segredo. shi.

GÊMEOS

(Falando baixo) Segredo?

MARILDA

Hum, hã...para, mamãe não sabe.

GÊMEOS

(Curiosos) O que mamãe não sabe? Marildinha, conta pra gente...vai...o segredo...

MARILDA

Hum,hãã...grávida...eu tô...é do Sérgio...shii...

GÊMEOS

DO VIZINHO?

(Marilda acorda assustada).

MARILDA

Vocês ainda estão aqui? Vocês atrapalharam meu sono! Agora não consigo mais dormir. Vou pra outro canto, tchau pra vocês, pirralhos.

(Marilda sai e os gêmeos ficam lá chocados com a descoberta).

GÊMEOS

A mamãe precisa saber disso!

CENA 7: MILAGRE DIVINO

(Entra Dona Petrolila, lavando roupa no quintal).

DONA PETROLILA

Tudo eu. TU-DO EU nessa casa. Além de trabalhar pra família toda, eu que ainda atendo que fazer o resto das coisas. Nessa casa, estão “nem tchum” pra mim... *(reclama baixinho)*.

(Do outro lado do palco entra Marilda e Marina com um bolsa).

MARINA

E aí trouxe todo o material?

MARILDA

Ta aqui, falta a gente decidir quem faz o quê.

MARINA

E tá esperando o que pra gente começar logo isso?

MARILDA

(Nervosa) Nada não...

(Sérgio entra em cena).

SÉRGIO

Opa, cheguei, desculpa o atraso. Queria chegar com estilo *(risadinha)*.

MARINA

Que tá fazendo aqui, criatura? Sai. Xô.

SÉRGIO

(Direcionado para Marilda) Ué, tu não contaste pra ela?

MARINA

Contou o quê?

MARILDA

(Nervosa) Ah, amiga...sabe aquele lance do pai da criança? Pois é... uma coisa...

MARINA

(Indignada) Marilda das Graças, tu não me falas uma coisa dessas! Tu tá falando sério??

MARILDA

Nem falei nada, tu que tá falando aí.

MARINA

Tanto macho nessa vila e tu me escolhe o traste do meu irmão pra te embuchar?

MARILDA

Ah, assim, eu não escolhi, né...

SÉRGIO

Nossa, Marina, precisa de tudo isso?

MARINA

Cala a boca, Sérgio! Vou focar na nossa amizade pra não ficar mais indignada contigo. Vamo fazer logo o babado, depois a gente conversa.

(Os três vão para perto do quintal perto de Dona Petrolila escondidos marina segura algumas lanternas, Marilda acende uns incensos e Sérgio segura uma caixinha de som).

MARINA

(Falando baixinho) Tá, vamo começar.

(Marilda passa os incensos pra sair fumaça).

DONA PETROLILA

Mas que fumaceira é essa? Será que é vizinho queimando lixo? Mas esse cheiro...vou já ver.

(Marina que está em um local mais elevado, faz umas luzes de cima pro chão).

DONA PETROLILA

(Fica com medo e faz o sinal da cruz) Vish Meu Deus, Ave Maria, Seu ET não me leve não, eu ainda tenho 3 filhos pra criar.

(Sérgio põe um som angelical e fala com voz de anjo).

SÉRGIO

Petrolilaaa...

DONA PETROLILA

Vixe maria, isso não tá com cara de ET não.

SÉRGIO

Petrolilaaa...

DONA PETROLILA

Ai quem me chama? O que quer de mim, meu Deus?

SÉRGIO

Tenha calma, calma, eu sou um anjo e tenho uma mensagem divina destinada a você...

DONA PETROLILA

(Encantada) Pode falar, meu filho, sou serva de Deus, estou aqui pra servir.

SÉRGIO

Pois bem, você foi a escolhida para... *(Sérgio começa a tossir)*.

DONA PETROLILA

Ô seu anjo, tá tudo bem com o senhor?

SÉRGIO

(Se recompõe) Tudo certo...como eu ia falando, você foi a escolhida para ser agraciada pelo poder do Espírito Santo. Um milagre irá acontecer em breve e você terá que dizer sim ao divino...

DONA PETROLILA

(Totalmente fascinada) Ó meu Deus, senhor Pai e santo, obrigada por essa benção, eu recebo, Senhor.

SÉRGIO

Agora vá...

DONA PETROLILA

Vá pra onde, seu anjo?

MARILDA

Não, Sérgio, ela vai ver a gente.

SÉRGIO

Não! Não vá, fique aí refletindo. Eu quis dizer, eu já vou...er...voltar pro céu no descanso dos anjos, onde...

MARILDA

Tá bom, Sérgio, já chega

DONA PETROLILA

Boa viagem, seu anjo. Deus lhe abençoe.

(Black na cena. Aparecem os três em um foco).

MARILDA

Vocês acham que deu certo?

MARINA

Claro que deu.

SÉRGIO

(Se achando) Deu mesmo, eu fui muito convincente com a minha voz de anjo.

MARINA

Menos né? Tu quase estragaste tudo com aquela tosse de cachorro

MARILDA

Tá, mas agora já passou, não adianta reclamar. É só esperar até eu contar

SÉRGIO

Já sabe quando vai contar?

MARILDA

Amanhã, eu acho...

MARINA

Relaxa, vai dar tudo certo. Certeza.

CENA 8: MINHA FILHA É UMA SANTA.

(Estão todos comendo na mesa. É hora do almoço).

SEU MUNDICO

Tá calada, “mulé”. Que bicho te mordeu?

DONA PETROLILA

Nada, tá tudo bem. Tem nada demais

SEU MUNDICO

Não parece.

DONA PETROLILA

Mas oxee, se eu falo muito, vocês reclamam, se eu falo pouco, vocês reclamam também.

MARILDA

Não se estressa, mãe. Ninguém falou nada.

DONA PETROLILA

(Voz de quem tá estressada) Eu não tô estressada! *(Mais calma)* Eu só estou pensando.

GÊMEOS

Tá parecendo estressada.

DONA PETROLILA

Já falei que não tô! Vocês querem lá levar uma porrada?

GÊMEOS

Foi a Marilda que começou, dá-lhe nela mãe

SEU MUNDICO

Calma, calma todo mundo.

DONA PETROLILA

EU JÁ FALEI QUE TÔ CALMA!

(Todo mundo começa a brigar e falar ao mesmo tempo. Menos Marilda).

MARILDA

Gente...GENTE, eu quero falar!

(Todo mundo se cala. Dona Petrolila olha pra ela com um olhar mortal).

DONA PETROLILA

Olha, garota, tu não me corta quando eu tiver falando.

MARILDA

Mas mãe, é importante, eu juro.

DONA PETROLILA

Eu acho é bom mesmo, porque eu tô a um trisco de pegar uma sandália.

MARILDA

Tô grávida.

(Marilda fala, já esperando uma sandália voando. Dona Petrolila paralisada e Marilda também).

GÊMEOS

Ah que sem graça, era pra gente contar.

SEU MUNDICO

Quê?

GÊMEOS

Ela tá buchuda, pai.

(Marilda grita, Dona Petrolila voando pra cima dela).

SEU MUNDICO

Mas Marilda “nera” “virgê”?

(Todo mundo olha pra ele).

MARILDA

Mas eu sou, papai.

DONA PETROLILA

Tá me achando com cara de burra, Marilda? Isso é impossível e...e... *(muda drasticamente pensativa)* Ô meu deus, minha nossa senhora, dos céus, é isso, é isso...

SEU MUNDICO

Não entendi

DONA PETROLILA

Ó meu amorzinho, minha filhinha da mamãe, é você...veio por você...

GÊMEOS

Veio o quê?

DONA PETROLILA

O MILAGRE! A benção! Ontem eu recebi o chamado de um anjo dos céus...ele falou comigo no quintal. Veio rápido, né?

SEU MUNDICO

Tem certeza disso aí?

DONA PETROLILA

Sim, Raimundo, eu tenho! Nossa família sempre foi de Deus, esse é um presente. Eu fui ESCOLHIDA pelo espírito santo para ter essa benção. Só não sabia que viria na nossa amada filha linda.

(Marilda desconcertada).

DONA PETROLILA

(Como uma epifania) Sabe o que isso significa?

MARILDA

O que, mamãe?

DONA PETROLILA

Que você é uma SANTA, minha filha!

MARILDA

Eu sou, é?

GÊMEOS

Só se for santa do pau oco.

DONA PETROLILA

Respeitem a irmã de vocês, ela é divina agora. *(Puxa Marilda e a abraça)* Venha minha filha, vamos comemorar essa notícia maravilhosa.

(Elas saem de cena, o pai e os meninos ficam).

SEU MUNDICO

Vocês “creditam” nisso?

GÊMEOS

Não mesmo.

CENA 9: CHANTAGEM

(Marilda e Dona Petrolila em cena, Marilda está sentada em uma cadeira com os pés apoiado em um banquinho e um lenço na cabeça).

MARILDA

Mãe, não precisa tudo isso, eu tô bem.

DONA PETROLILA

Claro que precisa. Temos que cuidar de você e do nosso anjinho nessa barriguinta, boba.

(Marilda faz menção de quem vai se levantar da cadeira).

DONA PETROLILA

(Empurra ela de volta pra cadeira) Não. *(Mais suave)* Minha filha, não levante, o que você quer?

MARILDA

Eu só quero ir comer alguma coisa, mãe.

DONA PETROLILA

Deixa que eu faço um lanchinho e trago pra você. O que você vai quer comer, meu tesouro?

MARILDA

Ai, eu tava muito afim de uma coxinha e um refri geladinho.

DONA PETROLILA

Não, vou trazer um sanduíche natural e uma frutinha, é mais saudável.

MARILDA

Mãe, eu tô grávida, eu tô desejando. A senhora quer que seu neto nasça com cara de coxinha?

DONA PETROLILA

Ah, meu deus, se é desejo, eu vou já comprar.

(Dona Petrolila sai e Marilda tira o lenço e ajeita o cabelo. Quando sua mãe volta, ela se ajeita desengonçadamente e espera até sua mãe sair).

DONA PETROLILA

Ah menina, esqueci minha bolsa.

MARILDA

(tira o lenço) Tô começando a achar que isso não foi uma boa ideia.

(Gêmeos entram).

GÊMEOS

(Sarcásticos) Oi Marildaa

MARILDA

O que é?

GÊMEOS

Que tá fazendo?

MARILDA

Nada que interesse a vocês

GEMÊOS

Tem certeeza?

MARILDA

Você não tem nada melhor pra fazer, não?

GÊMEOS

Não.

MARILDA

Então vazem daqui, vão arranjar.

GÊMEO 1

Assim, a gente queria conversar...

GÊMEO 2

...sobre uma parada e tals...

MARILDA

Que “parada”? Falem logo.

GÊMEOS

A gente sabe que tu tá buchuda...

MARILDA

E daí? Todo mundo sab...(interrompem).

GÊMEOS

Do Sérgio!

(Marilda se levanta desesperada e olhando pros lados).

MARILDA

O quê? Quem falou isso pra vocês?

GÊMEOS

ah isso é segredo.

MARILDA

Não fiquem falando alto, papai pode tá aqui perto

GÊMEOS

Papai é meio surdo, bestona, esqueceu?

GÊMEO 1

Surdo, mas não é besta né

GÊMEO 2

Aliás, ele sabe que tu não és santa coisa nenhuma

MARILDA

Mas ele não fez nada pra impedir.

GÊMEO 1

É que ele tá querendo fazer...

GÊMEO 2

...uns negócio aí.

MARILDA

Que negócio?

GÊMEOS

Não importa agora

GÊMEO 1

(Em uma voz misteriosa) A questão é que sabemos...

GÊMEO 2

...a verdade verdadeira (*ambos riem como vilões*).

MARILDA

Não contem pra mamãe, senão eu mato vocês!

GÊMEOS

E se a gente contar?

MARILDA

Ela não vai acreditar em vocês

GÊMEOS

Aaah, então a gente pode ir lá falar né? (*Fingem que estão saindo*).

MARILDA

Ta, voltem aqui, o que vocês querem pra ficar calados?

(*Um dos gêmeos puxa uma lista enorme do bolso*).

GÊMEO 1

Por onde podemos começar?

MARILDA

Ta brincando com a minha cara, né?

GEMÊO 1

Bolinha de gude...

GEMÊO 2

Duas petecas...

GEMÊO 1

Uma bola...

GEMÊO 2

Dois peões

GÊMEOS

E dois reais.

MARILDA

Já acabaram?

GÊMEOS

Dois reais POR DIA.

MARILDA

Estão malucos? Eu não tenho como dar dois reais POR DIA.

GÊMEOS

Mas a gente tá tentando ficar rico.

MARILDA

Eu dou 10 reais pra cada e não se fala mais nisso.

GÊMEOS

Vinte!

MARILDA

Não, doze, e já chega.

GÊMEOS

Ta bom...

(Marilda sai, eles vão para o outro lado do palco e encontram o Sérgio).

GÊMEO 1

(Voz misteriosa) Pois é cara, a gente sabe de tudo...

GÊMEO 2

...a verdade verdadeira *(riem como vilões)*.

SÉRGIO

E daí?

GEMÊO 1

E daí que se a gente contar pra mamãe...

GEMÊOS

...ela arranca teu couro.

SÉRGIO

Ta, o que vocês querem pra ficar calados

(eles puxam a lista, black na cena)

CENA 10: VIRGEM MARILDA DOS AMOROSOS

(Marilda e Dona Petrolila entram em cena. Estão na frente da casa delas. Algumas pessoas passam na rua olhando para elas).

MARILDA

Mãe, o que a senhora tá fazendo?

DONA PETROLILA

Meu amor, te colocando aqui na frente de casa, pra gente espalhar a benção pra toda “Vila do Amorosos”. Criatura divina!

MARILDA

Mão, não acho que precisa de tudo isso.

DONA PETROLILA

Claro que precisa, agora fica aí e deixa eu te arrumar. Ah já ia esquecendo *(entra e pega uma placa. Volta e põe na frente de casa)*

MARILDA

(Lê a placa) “Virgem Marilda dos Amorosos. Santa e faz milagre” Mãe, é sério isso? *(Fala baixinho)* Eu não sei fazer milagre nenhum não.

DONA PETROLILA

Claro que sabe, Marilda. É só aprender. A santificação já tá com você.

MARILDA

E como que se aprende a fazer milagre?

DONA PETROLILA

E eu sei lá, Marilda. Vai dar uma lida na Bíblia. A gente vai testando. Ah já ia esquecendo, a água benta pra benzer a rua.

(Dona Petrolila sai. Marilda permanece com a cara de quem não aguenta mais essa história, enquanto seu pai aparece com uma mesa e um banquinho).

MARILDA

Que tá fazendo, pai? *(Ele não ouve, ela fala mais lato)* PAI, QUE TÁ FAZENDO?

SEU MUNDICO

Não precisa gritar, pequenazinha. Tô aqui do lado. Tô fazendo uma vendinha.

MARILDA

Vendinha de quê? Ei, pai, esse lenço é o meu?

(Marilda se levanta da cadeira e vai até a mesa).

MARILDA

Essa escova também é minha...e esse batom também...pai, essas coisas são minhas.

SEU MUNDICO

Eu sei, eu sei...é pra vender. Tudo tocado pela Virgem Marilda dos Amorosos.

(Volta Dona Petrolila).

DONA PETROLILA

Pronto, tá aqui a água...que isso? *(Olhando pra vendinha).*

MARILDA

Mãe, o papai tá vendendo as minhas coisas todas.

DONA PETROLILA

Mas oxee, por que tu estás vendendo as coisas da menina?

SEU MUNDICO

Ô “mulé”, tô vendendo tudo que foi tocado pela Santa, imagina só o dinheiro que vai dar.

DONA PETROLILA

Ora, mas que pecado isso, onde já se viu...

SEU MUNDICO

A vizinha ali do lado meu deu 30 reais pelo tercinho velho de Marilda

DONA PETROLILA

Ah se é assim, né...então não deve ser tão pecado assim. Deus perdoa.

(Marilda volta pra cadeira sem paciência).

DONA PETROLILA

Minha filha, levante, reze na água e vai benzer a rua.

(Marina aparece).

MARINA

Oi dona Petra, tudo bom?

DONA PETROLILA

Ah, minha filha, chegou na hora certa. Marilda vem cá e benze sua amiga.

(Marilda vai de má vontade).

DONA PETROLILA

Veio trazer roupa pra lavar?

MARINA

Não, vim só dar uma palavrinha com a Marilda.

MARILDA

Ei, mana, vem cá. Eu não aguento mais essa história de santa. Mamãe tá me deixando doida. Ela tá até escrevendo, disk, uma oração com o meu nome. Marina!

MARINA

(Rindo discretamente) Gostei do look.

MARILDA

Para, Marina.

(Do outro lado está Dona Petrolila, seu Mundico e algumas vizinhas).

VIZINHA

O que isso já na frente da tua casa?

DONA PETROLILA

São da santa, minha filha, ela tá grávida do Espírito Santo.

VIZINHA

É mesmo, é?

VIZINHA

(Irônica) Santa é? E faz milagre?

SEU MUNDICO

Mulher...

DONA PETROLILA

Claro que faz. Marilda, vem cá.

VIZINHA

Essa eu quero ver

DONA PETROLILA

Filha, faz um milagre pra essa moça ver.

MARILDA

(Nervosa) Er...eu...milagre...er...

MARINA

Ah, Dona Petra, sabe o que é, eu tava falando agorinha com a bixinha e ela parece meio adoentada, deve ser o clima *(cutuca Marilda, Marilda finge um cara de doente e tosse)*. Ô chega tá acabada a menina. Doente assim não dá de fazer milagre direito né? Não deve funcionar

VIZINHA

É... realmente.

VIZINHA

Ela parece ter razão

DONA PETROLILA

É, pensando bem, não deve funcionar mesmo. Faz assim, olha, deixa que amanhã ela faz um milagre aqui na frente pra vila toda.

MARILDA

Eu vou?

MARINA

Ela vai?

DONA PETROLILA

Vi sim que ela é divina. Na minha casa caiu a benção de Deus Pai filho e Espírito santo...*(se gabando para as vizinhas)*.

SEU MUNDICO

O quê? Silva dos Santos?

(Black na cena).

CENA 11: MANHÃ MILAGROSA

(Dona Petrolila aparece no quintal com algumas roupas no varal enquanto Marilda ainda está dentro de casa).

DONA PETROLILA

Vamos, minha florzinha, acorde. Tá na hora de se arrumar.

(Só se ouve a voz de Marilda).

MARILDA

Ai mãe, arrumar o quê?

(Dona Petrolila entra, só se ouvem vozes entre falas: reclamações e grunhidos de alguém que está sendo vestida).

DONA PETROLILA

A roupa, né? Tu achas mesmo que vou te deixar assim pra rua

MARILDA

Mãe, eu não vou vestir isso

DONA PETROLILA

Claro que vai, tem que tá vestida de forma adequada.

MARILDA

Ai mãe, isso doeu.

DONA PETROLILA

Doeu nada. Isso é coisa da cabeça.

MARILDA

Aaah meu cabelo...

DONA PETROLILA

Fica quieta, pera. Pronto, perfeita.

(Aparece Marilda emburrada toda vestida de santa e a mãe super orgulhosa do trabalho. Black nelas e em outro foco aparecem os gêmeos e Seu Mundico).

GÊMEOS

Paii... *(chama mais alto)* PAI!

SEU MUNDICO

O que foi, meninos?

GÊMEO 1

Pai, mamãe quer que Marilda faça um milagre

GÊMEO 2

E a gente sabe que ela não sabe fazer isso, não.

SEU MUNDICO

É, eu tava pensando nisso, como que eu vou fazer os dinheiros se descobrirem que ela não é santa.

GÊMEOS

A gente também vai perder grana.

SEU MUNDICO

O quê?

GÊMEOS

(Desconversando) Nada não, papai. Só estamos preocupados com a Marilda.

(Marina entra procurando Marilda).

GÊMEOS

Marina! Tu tá aí a quanto tempo?

MARINA

Relaxa, vocês dois, eu já sei de tudo, faz é tempo.

SEU MUNDICO

Como ela entrou aqui?

MARINA

Ah seu Mundico, o senhor sabe, né? Eu já sou de casa.

GÊMEOS

Como assim sabe de tudo?

MARINA

Eu que dei a ideia, sei que Marina não é santa coisa nenhuma.

GÊMEO 1

Tá sabendo que a mamãe quer...

GÊMEO 2

...que a Marilda faça um milagre?

MARINA

Tô, tô sabendo, não tô gostando nada disso.

SEU MUNDICO

Eu conheço...ela botou isso na cabeça e não vai mais tirar.

MARINA

Pois é isso que a gente tem que fazer, convencer ela a mudar de ideia.

SEU MUNDICO

Boa sorte.

CENA 12: A FARSA

(Todos da vila estão em cena, em frente a casa de Marilda. Marilda preocupada e Dona Petrolila arrumando a rua).

DONA PETROLILA

Pode vir aqui perto, hoje mostrarei o quanto o divino toca está casa. Uma Santa na Terra, amém. Ela vai fazer um milagre aqui e agora, caso você não acredite no que estou falando.

(Vizinhos cochicham).

VIZINHO

E o que ela fez pra ser santa?

DONA PETROLILA

Minha filha está grávida do... *(vizinha interrompe).*

VIZINHA

Se for por isso, eu já fui santa quatro vezes (*todos riem*).

DONA PETROLILA

Grávida pelo poder do espírito santo, minha filha é virgem e foi abençoada pelo divino, com um neném em seu ventre.

VIZINHO

Isso não é coisa de boto, não?

VIZINHA

Ah é e quem garante?

VIZINHA

Eu só acredito vendo.

DONA PETROLILA

Pois então, veja. Tome minha filha, pega essa maçã.

MARILDA

Pra quê eu quero isso, mãe?

DONA PETROLILA

(*Empolgada*) Pra fazer o milagre. Pega ela e multiplica, não deve ser tão difícil.

MARILDA

Mas mãe, eu não sei fazer mágica.

DONA PETROLILA

Não é mágica, Marilda! É milagre, coisa divina, outro patamar.

MARINA

Ô Dona Petra.

DONA PETROLILA

Diga, minha filha.

MARINA

Dona Petra, a senhora acha conveniente essa ideia de milagre agora, ela ainda tá doente, desde ontem...

DONA PETROLILA

Tá, nada. Só nervoso de iniciante.

MARINA

Não sei não, olha a carinha dela. Tá pálida, pálida a bichinha...coitada, tem nem forças (*Marilda fingindo fraqueza com Marina*).

DONA PETROLILA

Precisa se preocupar, não, ele tá bem.

SEU MUNDICO

Tem certeza? Sei não, hein “mulé”.

DONA PETROLILA

Mas aaah, todo mundo resolveu me questionar hoje?

SEU MUNDICO

É que ela tá buchuda, né? Tem que pensar no bebê... *(Dona Petrolila para e fica pensativa)*.

DONA PRETOLILA

Não, não, é rapidinho, vai ficar tudo bem.

GÊMEOS

Mãe!

DONA PETROLILA

(Irritada) O que é agora?

GÊMEOS

Acho melhor deixar esse negócio de milagre pra outro dia, né?

DONA PETROLILA

Vocês também?

GÊMEO 1

Sabe como é né, mãe...

GÊMEO 2

...a Marina é toda *(pensa)*...coisada.

DONA PETROLILA

E desde quando vocês se importam com a irmã de vocês? Me deixem em paz. Marilda está bem, ela é o próprio milagre e vai fazer acontecer. Vamos filha, faça.

MARILDA

Ai mãe, não sei.

VIZINHA

Ih, tá demorando muito...

DONA PETROLILA

Se concentra, vai.

(Marilda fecha os olhos com força como se tentasse algo e todos fazem silêncio, quando ouvem uma palma lenta saindo do meio das pessoas).

TIAGO

Não é possível!

(Todos olham pra ele).

TIAGO

Como vocês podem acreditar nessazinha. Fala sério, olha a cara dessa menina, essa...essa...demônia não tem nada de santa!

(Pessoas reagem).

VIZINHO

Bambino, do que você tá falando?

TIAGO

Eu tô falando é dessa bonitinha que tá enganando todo mundo por aí. Essa falsa! Roubou o meu homem e ainda tem coragem de emprenhar dele e não tem coragem de falar a verdade.

VIZINHA

Que verdade?

TIAGO

A verdade é que essa quenga tá grávida porque foi se enroscar com o meu homem!

(Todos se espantam e olham ao redor, alguém segura a Marina).

MARINA

Não chama minha amiga de quenga!

TIAGO

E você devia saber de tudo, não é? Titia...

VIZINHA

Tia?

TIAGO

Ela tá grávida do Sérgio!

VIZINHA

O filha da Miriam?

VIZINHA

Ele mesmo, tô chocada.

(Todos olham pro Sérgio que está tentando se esconder na multidão).

MARINA

Perae, que lance é esse de roubou meu homem?

SÉRGIO

(Desconversando) É isso, cara, a vida é assim... As pessoas podem gostar de ficar com quem quiser

VIZINHA

É o fim do mundo!

MARINA

Mas não enganando os outros!

TIAGO

Ah então na frente dos outros, não sou nada pra ti? *(Se emociona dramaticamente).*

SÉRGIO

Para Tiago, não começa

GÊMEOS

Começa sim...fala mais!

SEU MUNDICO

Água com açúcar pra “mulé”! Alguém traz!

GEMÊO 1

Calma, mãe, respira. Faz respiração cachorrinho *(os gêmeos fazem o som).*

DONA PETROLILA

Sérgio emprenhou a minha filha? E ainda tava saindo com um homem?

(A cena toda vira um grande estardalhaço, tem grito, gente falando alto, gente se segurando pra não bater em outro. Outros se batendo. Em um canto, sai Marilda do meio da confusão irritada).

MARILDA

JÁ CHEGA!

(Todos param e ficam calados olhando pra ela).

MARILDA

QUE SACO! Eu não aguento mais nada disso! É, é isso, eu não aguento mais. Eu não queria passar por tudo isso! Eu só queria ter o meu filho em paz. Não quero essa confusão, essa bagunça. E também não quero mais ninguém se metendo na minha vida, eu quero tomar minhas decisões. Não quero ninguém falando que sou isso ou aquilo, quenga, santa...nada.

Eu sou eu! Eu só quero ter meu filho e fazer o que eu quiser. *(Olha para a mãe)* Mãe, desculpa por mentira, mas já chega desse negócio de santa. *(Para o pai)* Pai, desculpa também, mas não quero mais que fique vendendo as minhas coisas. *(Para os gêmeos)* E vocês não vão mais me tirar nenhum centavo, viu?

(Ela sai, dá um abraço em Marina, depois vai até Sérgio. Olha pra ele e dá um tapa na cara dele. Todos reagem).

MARILDA

Esse é por mim e pelo Bambino.

(Ela vira de costa, pensa e volta, puxa Sérgio pela camisa e dá um beijão em Sérgio. Ela sai de cena, todos ficam. Black)

EPÍLOGO

(Passam meses, e já é o parto de Marilda. De fundo ouve alguém falando “já tá na hora é agora” e depois de um tempo gritos de parto e o choro de um neném. A luz acende está Marilda em uma cama segurando o bebê).

MARILDA

É uma menina.

(A família e os vizinhos aparecem para paparicar e conhecer a nova bebê da Vila).

MARILDA

Agora só falta o nome perfeito.

SÉRGIO

Eu sou o pai, eu escolho.

DONA PETROLILA

Não, eu escolho. Sou a avó.

SEU MUNDICO

E o avô não pode escolher não?

MARINA

Não, a tia e madrinha deveria.

GÊMEO 1

Eu quero

GÊMEO 2

Eu que quero.

VIZINHA

Tem que tirar na carta.

VIZINHA

Deixa o padre escolher.

(Todos começam a falar um em cima do outro fazendo uma briga generalizada pelo o nome da bebê, Marilda suspira funda e olha pra bebê).

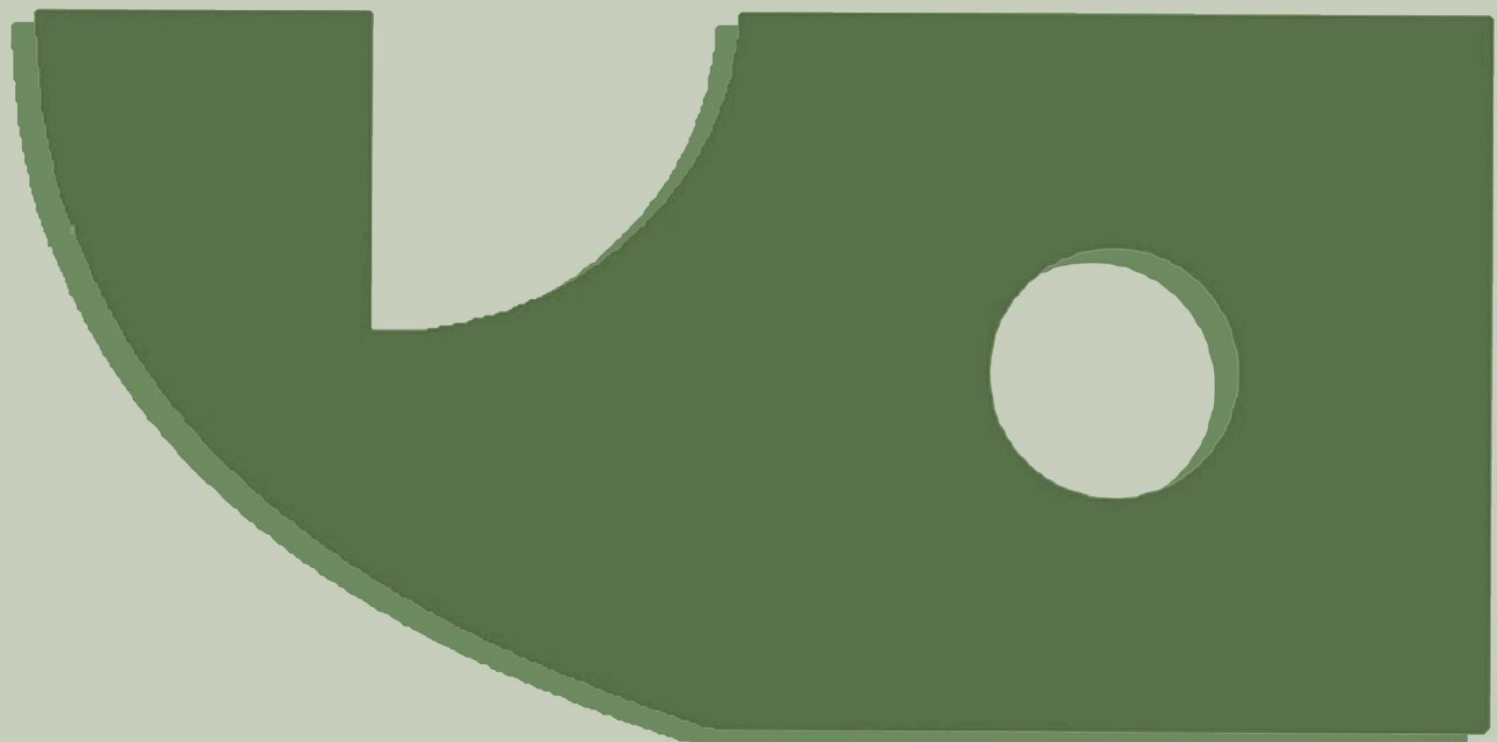
MARILDA

Se acostume, essa é a sua família maluca.

FIM



AUTOCRÍTICA



AUTOCRÍTICA

HAROLDO FRANÇA

PERSONAGENS:

AD: Adão.

AC: Autocrítica de Adão.

Outros: personagens secundários que não precisam aparecer fisicamente (apenas voz).

AD

Oi, meu nome é Adão e essa é a minha Autocrítica.

AC

Péssimo começo.

AD

Oi, meu nome é Adão e eu sou muito autocrítico.

AC

Horível.

AD

Boa noite. Me chamo Adão e vim compartilhar com vocês algumas questões que considero...

AC

Muito formal.

AD

Adão. Sol em libra, lua em áries, ascendente escorpião.

AC

Muito específico.

AD

Oi, meu nome é Adão e eu não consigo gostar de comida saudável.

AC

Quem se importa?

AD

Oi, meu nome é...

AC

Não.

AD

Oi, meu...

AC

Não.

AD

Oi.

AC

Não.

AD

Olá.

AC

Não.

AD

E aí, galera?

AC

Joga fora.

AD

Saudações.

AC

Cadê a criatividade? O lúdico?

AD

Era uma vez uma jovem gay chamada Adão e sua autocrítica.

AC

Você não é jovem.

AD

Os meus pais me deram esse nome porque achavam que eu seria um varão de Deus.

AC

(*Ri*) Desculpa.

AD

Mas na escola, eles já me chamavam de “viadão”.

AC

Perspicazes.

AD

Hoje eu já lido bem com isso.

AC

Mentira.

AD

Eu me considero uma pessoa super privilegiada.

AC

Não parece.

AD

Ah, e eu tô solteiro...

AC

Ninguém tá interessado.

AD

...caso essa informação seja relevante.

AC

Não é.

AD

Não reparem não, ela é assim mesmo, não para de comentar tudo, uma gracinha, ela.

AC

Gordo.

AD

Eu trouxe a minha autocrítica aqui, nesse palco, pra mostrar pra vocês e perguntar se é assim com vocês também.

AC

Podia ter ficado na cama? Podia. Mas não, fez questão de vir aqui passar essa vergonha.

AD

Enfim, vocês podem tá pensando “que autocrítica cruel”, né?

AC

Ou então “nossa, que peça ruim”.

AD

A autocrítica é importante na vida. Ela faz a gente ter controle, limite, bom senso..., mas esses dias eu comecei a pensar, será que a minha relação comigo mesmo tá saudável?

AC

Não, graças a mim.

AD

Exato.

AC

Mas você não pode se livrar de mim, já que eu sou você, portanto não tem como você se livrar de você, então você se *(faz um gesto indicando que ele se deu mal)*.

AD

Eu fico pensando se não teria um jeito mais tranquilo de a gente lidar com a gente mesmo.

AC

Não tem.

AD

Da gente se tratar com mais gentileza.

AC

Não funciona.

AD

Com mais autocompaixão.

AC

Ela faltou.

AD

Então eu pensei que...

AC

...poderia fracassar...

AD

...eu poderia falar sobre isso, ou então...

AC

...poderia fracassar...

AD

...ou então escrever sobre isso, apesar que eu...

AC

...poderia fracassar...

AD

...apesar que eu também poderia fazer uma performance...

AC

Te decide, viado.

AD

Então eu vim aqui, com vocês, essa noite, apresentar o Auto da Autocrítica!

AC

Nossa, sério que foi esse o nome que tu escolheu? Tinha tanta opção...

(Abrem-se as cortinas. Ou ligam-se as luzes. Ou algo do tipo. Trilha sonora infantil, ou ambientação sonora de escola. AD e AC são crianças. Ouvem as vozes de outras crianças. Podem estar chupando pirulitos).

CRIANÇAS

Viadão! Viadão! Viadão!

AD

Hã? Do que eles tão me chamando?

AC

Esse é o teu apelido na escola, percebeu?

AD

“Viadão”. O que será que isso quer dizer?

AC

(Enumerando) Baitola, frangona, bambi, mariquinha, queima rosca, tigresa...

AD

Tá! Quer dizer que eu sou isso?

AC

Olha, considerando que além de criança viada você é uma criança gorda, a gente pode acrescentar: fofão, baleia rosa, teletubbies, ursinhos carinhosos...

AD

Eu quero a minha mãe...

AC

Não é por nada, mas eu desconfio que a tua mãe também não gosta de viado. Muito menos o teu pai.

AD

E agora, o que vai ser de mim?

AC

Não é querendo falar, nem nada, mas pelo que tão dizendo por aí, você é uma vergonha pros seus pais, alguém que não merece ter amigos, nem ser amado, nem aparecer na mídia e nem existir, então, eu se fosse você não ficava muito otimista não. Ah, e considerando que estamos em 1995 e nessa data você ainda é crente, faltou dizer que isso é uma aberração, Deus te odeia, eu tenho nojo de você e o seu lugar é no inferno. FIM! *(Para o público)* É isso gente, obrigada, uma boa noite a todos.

AD

Não! Fiquem, por favor,

AC

Quer dizer que é assim que você mantém a atenção da plateia? Pedindo?

AD

É que...

AC

No final vai pedir pra aplaudirem também?

AD

É que...

AC

Fala logo que tu quer pedir ajuda.

AD

Não, não é isso.

AC

Vai lá, pede ajuda, pra todo mundo ver quem tu é de verdade. Pra máscara cair e eles verem: fraco!

AD

Não. É que a gente tava em 95,

AC

E você não consegue superar 95, né?

AD

Eu já superei.

AC

A verdade é que: 1) você não superou, 2) você deveria ter superado e não superou 3) você é fraco, e por isso não superou.

AD

Por que três? Não bastava uma?

AC

4) você não serve pra nada, mesmo.

AD

Você não vai parar de criar camadas de sofrimento?

AC

O meu lema é: porque ficar com um sofrimento só, se você pode não aceitar o primeiro e ganhar outro de brinde? 5) você não deveria ter levantado da cama hoje, 6) as câmeras de segurança devem sofrer por ter que olhar essa cara feia.

AD

Já acabou?

AC

Só enquanto renova a criatividade.

AD

Enfim. A autocrítica afeta a nossa vida toda. Até no trabalho.

AC

Eu trabalho duro nisso.

AD

(Irônico) Você tá ótima nos trocadilhos.

AC

Quieto, que quem critica aqui sou eu.

AD

O meu trabalho é nas Artes. Eu trabalho como escritor.

AC

Vamo falar a verdade?

AD

Eu sou redator publicitário. Mas a minha vocação mesmo é pra literatura.

AC

Nascido pra sofrer.

AD

Trabalhar com publicidade já é difícil. Agora tem coisa mais sem futuro nesse país do que trabalhar com literatura?

AC

Sim. Trabalhar com teatro.

(Efeito sonoro de senha eletrônica).

CHEFE

Adão, chegou o momento de fazermos a avaliação do seu desempenho aqui na empresa.

AD

(Disfarçando nervosismo) Beleza! Vamo lá.

CHEFE

Tá tudo bem com você, Adão?

AD

Tudo tranquilo, sim.

AC

Tudo nervoso, com certeza.

CHEFE

Bem, Adão, levando em consideração todos os trabalhos que você entregou no último semestre, devo dizer que...

AC

...vão te demitir.

CHEFE

...os clientes têm elogiado muito os seus resultados, pela rapidez e pela criatividade.

AC

Nossa, que bobos.

CHEFE

Estamos muito felizes em ter você na nossa equipe.

AC

Olha só! Aproveita, hein! Porque daqui a pouco a máscara cai e todo mundo vai ver como você é medíocre.

CHEFE

Inclusive, temos um convite pra te fazer. Estamos com um novo cliente grande, uma concessionária.

AC

(Irônica) Que divertido!

CHEFE

É uma campanha grande. Queremos você no time.

AC

Recusa!

CHEFE

Você topa?

AD

Bem, eu... Nem sei o que dizer, rs

AC

Imagina a vergonha que tu vai passar quando eles virem que tu não dá conta.

AD

No fim das contas, eu topei, mas tô até hoje com uma leve sensação de não merecer, sabe?

AC

Talvez seja porque não merece?

AD

A verdade é que eu nem queria estar ali.

AC

Tá reclamando de barriga cheia. Prefere ficar desempregado? Vai lá, pede demissão então! Ingrato.

AD

Eu também poderia trabalhar por conta própria, como freelancer. Mas eu sou péssimo pra colocar valor no meu trabalho

(Som de mensagem eletrônica).

CLIENTE

Boa tarde. Poderia me enviar um orçamento?

AD

Tá bom. Vamo lá. Quanto será que eu cobro? Será que 800?

AC

Por um serviço que vale 0800?

AD

Talvez 700?

AC

Tem certeza?

AD

500?

AC

Ih, sei não.

AD

400?

AC

Mas tu se acha, né?

AD

Até hoje eu não sei fazer isso.

AC

Vai ver você não serve pra isso.

AD

Eu sou de humanas, gente. Esse negócio de fazer conta não é comigo.

AC

Velha desculpa.

AD

No geral, eu sou meio desorganizado. Geralmente eu planejo 30 coisas pra fazer no dia, e acabo não fazendo nada.

AC

Era mais fácil se planejar pra não fazer nada.

AD

Eu sou uma pessoa muito descontrolada.

AC

Mas parece tão quietinho.

AD

Pára! Eu odeio que digam que eu sou quietinho!

AC

Mas é tão quietinho!

AD

Todo mundo fala isso.

AC

Mas é tão fofinho!

AD

Pára! Essa é pior!

AC

Deixa eu apertar essa bochechinha!

AD

A verdade é que eu tô cansado.

AC

(Irônica) Tadinho, tem uma vida tão sofrida, ele. Com teto pra morar, comida na geladeira...

AD

Tá, tá, mas o problema é que eu tô cansado porque eu literalmente não tô dormindo direito. Toda noite é a mesma coisa.

(Escurecimento. Ambientação sonora de noite silenciosa. Talvez grilos. Talvez musiquinha de ninar).

AD

(Tentando dormir).

AC

Ooiii... desculpa chegar assim bem na hora do seu sono, tá? É que eu vim lembrar que tu tá muito gordo. Era só isso, beijinhos...

AD

(Tentando dormir).

AC

Oiii sou eu de novo! Sabe aquele boy que não respondeu mais? É porque tu é chato pra caralho!

AD

(Tentando dormir).

AC

Oi! Já escolheu se vai pagar a conta de luz ou a internet?

AD

Cadê o meu celular?

AC

(Espionando o celular) Bonito, né? Ele sempre foi o que mais chamava atenção, desde a época da escola. Dá uma curtida, quem sabe ele se lembra de você. Ah, essa aqui é uma querida! Parece feliz. Que bom. Ih, olha esse outro! Virou gerente. Parece feliz também. Olha o teu primo. Tá saradão. Pedindo biscoito. Olha quantos ele conseguiu. Às vezes, eu penso em como seria você pedindo biscoito. O vexame. Vai no “explorar”. Olha só quanto cara gato tem no mundo, só tu que é feio. Melhor voltar pro feed. Vamo ver o que mais tem: Disney - e você, nem Guarujá; jantar fora - e você que, quase nem amigo tem; cachorro bonito que você não tem; carro que nunca vai ter; casal, casal, casal... Alguém já conseguiu te explicar por que todo mundo tá namorando menos você?

AD

Hum, acho que já tá na hora de postar uma selfiezinha.

AC

Vai, acende a luz. Mostra pra eles que você pelo menos é bonito. Vai, acredita nisso! Só você pode acreditar, os outros tem mais o que fazer. Vai lá! Faz uma selfie. Isso. Cadê? *(Pequena pausa)* Eu tentei avisar que ia passar vergonha, mas não adianta...

AD

Hum, melhor não. Na luz do dia é melhor, essa luz da noite não me favorece.

AC

Olha, chegou mensagem. Notificação de cobrança. Além de feio é pobre.

AD

Cadê aquele bonitinho, hein? Não respondeu mais?

AC

Ele não gostou de ficar contigo. Com certeza foi isso o que aconteceu, não tem outra explicação. O problema é com você. Isso já tá claro, agora só resta saber o motivo. Será que você tá com algum dente podre?

AD

Cadê o número do dentista? *(Para o público)* Dormir tá cada vez mais difícil.

AC

Também, não quer largar o celular!

AD

E além de ficar pensando nos meus próprios problemas, eu ainda penso nos problemas dos outros.

AC

E sente inveja das conquistas dos outros.

AD

Eu tenho a mania de querer ajudar todo mundo.

AC

Você TEM que ajudar todo mundo.

AD

Mas não tem como!

AC

Tem sim! Você consegue dar um jeitinho.

AD

Às vezes eu queria sumir, sabe?

AC

Não, não. Você tem que estar disponível. O tempo todo. Sinto muito.

AD

Como é que dorme assim, gente?

AC

Dormir? Precisa não.

AD

Mas no final, em algum momento, eu consigo dormir. E começa tudo de novo.

(Escurecimento. Ouvimos AD roncando. Em seguida, ouvimos o despertador tocar. AD pega o celular. Apenas a tela do ilumina o seu rosto).

AD

Nossa, que horas são? *(Boceja)* Acho que vou dormir mais um pouquinho...

(A iluminação se abre e revela a AC sentada na beira da cama, ou próxima, toda arrumada e disposta).

AC

Bu.

AD

(Se assusta).

AC

Bom diaaaa!

AD

Ai, não... Chega de falar de coisa ruim. Hoje, tô indo pra um date.

AC

Fala “date” só pra se sentir jovem, né?

AD

Eu SOU jovem.

AC

Isso é uma peça ou uma fic?

AD

Droga, errei a minha barba!

AC

Então melhor desistir. Sem barba, zero chances de alguém querer você.

AD

Calma, que dá pra disfarçar com lápis de olho.

AC

Foi pra isso que as pessoas pagaram ingresso?

AD

Tá tudo bem. Eu nem tô me importando tanto com esse rolê.

AC

Na verdade tá meticulosamente calculando uma forma de comunicar visualmente que não tá se importando tanto com esse rolê.

AD

Enfim, tô pronto. Você fica aqui, tá?

AC

Ei, peraí, como assim, tá maluco?

AD

Você não vai estragar a minha noite!

AC

Você não precisa de mim pra estragar a sua noite, meu amor. Você pode fazer isso muito bem sozinho.

AD

Eu não quero estragar tudo mais uma vez.

AC

Simples, é só não sair de casa.

AD

Dessa vez, eu não vou te levar. Eu vou, você fica!

AC

Você quer me abandonar depois de tudo o que eu já fiz por você?

AD

Infernizar a minha vida?

AC

Salvar a sua vida!

AD

Tchau! Dessa vez, eu vou embora sozinho!

AC

Duvido!

AD

Não me pega!

(AD sai correndo, enquanto AC observa entediada. Som de música ambiente de barzinho hipster).

AC

Desnecessária, essa última cena.

BOY

Oi! Adão, né?

AD

(Surpreso) Oi!

AC

Ih, fudeu.

AD

Você é...

AC

Bonito demais pra você. Corre agora.

BOY

Sim. Quer sentar aqui?

AD

Olha, se tem uma coisa que eu quero...

AC

...é fugir. Vira pra trás e sai correndo. Ninguém vai reparar.

AD

Eu sempre fui inseguro com os boys.

AC

Uma vergonha.

AD

Até nos meus tempos de tentar ser hetero.

(Som de pássaros, parque, trilha sonora fofa).

AD

Eu trouxe um presente pra você.

GIRL

Pra mim?

AD

É que a gente já tá se encontrando há um mês, então... sei lá, rs. Espero que você goste.

GIRL

Um ursinho? Que fofo!

AD

Gostou?

GIRL

Sim! Mas e aí, quando é que tu vai me comer?

(Som de disco parando).

AC

A vida seria mais simples se você aderisse ao celibato.

AD

Isso é uma grande verdade. Mas o boy daquele dia era gato, hein?

(De volta à ambientação do barzinho hipster).

AD

Você já ouviu falar em singularidade tecnológica?

BOY

Não. O que é?

AD

Vai ser o momento em que um robô vai conseguir desenvolver outro robô melhor que ele.

BOY

Nossa...

AC

(Irônica) Tá indo bem, hein? A escolha dos assuntos tá uma beleza.

AD

Já pensou que louco? Deve rolar por volta de 2050. Aí o mundo vai se transformar radicalmente.

BOY

Medo.

AD

Pois é.

BOY

Isso se tiver mundo, né?

AD

Ainda tem isso.

BOY

Do jeito que anda essa crise climática.

AD

(Animado) Nossa, sim!! Esse modelo de civilização que a gente criou, ele não se sustenta!

AC

(Boceja).

BOY

É verdade. Por isso que eu sou ecossocialista.

(Trilha sonora de "clima de romance").

AD

(apaixonado) Ecossocialista?

BOY

Sim! Não tem como continuar com esse sistema que acumula riqueza e gera desigualdade social enquanto acaba com o planeta. Não faz sentido. Desse jeito não vai ter futuro possível, né?

AD

(*Apaixonado*) Meu Deus.

AC

Fudeu. Ele é perfeito demais.

BOY

O que foi?

AC

Vira de costas e sai correndo. Vai!

AD

Eu quero é virar de costas e sentar.

BOY

O que?

AD

Eu, eu acho que as pessoas entenderam tão errado a obra do Marx. Tipo a noção de propriedade privada (*trilha sonora aumenta*).

BOY

Você é uma graça, sabia?

AD

(Nervoso) Eu?

AC

Tá te achando com cara de palhaço.

BOY

Sim, você. Muito fofo.

AC

E olha que ele nem te viu sem roupa.

AD

Viu sim.

BOY

Hã?

AD

Viu... só, que noite bonita?

BOY

Bonito é você.

AC

Tu só atraí homem cafona, né?

BOY

Quer um chocolate?

AD

Desculpa, eu não gosto de chocolate.

AC

TODO MUNDO gosta de chocolate!

BOY

Mas é vegano!

AD

Desculpa, eu sei que pode parecer estranho, mas é que eu nunca gostei de chocolate, desde criança. Esquisito né? Eu sei, desculpa.

BOY

Calma, não precisa pedir desculpas.

AD

Fora que eu fico cheio de gases, aí já viu, né? *(Ri sem graça)*.

AC

Isso foi um convite pra cheirar teu peido?

BOY

Eu sei como é. E... você gosta de dançar?

AD

Eu sou um fracasso total nisso.

BOY

Eu sou professor de dança.

AD

Oh. Que tipo de dança?

BOY

Zumba.

AD

Que legal.

BOY

Faz uma aula comigo.

AD

Ai, será? É que o meu condicionamento físico é um lixo, rs.

AC

Como se a saúde mental fosse lá essas coisas.

BOY

O importante é estar bem com você mesmo, né?

AD

(Mentindo) Nossa, eu tô ótimo comigo mesmo.

BOY

Então faz uma aula comigo!

AC

Eu avisei que era pra sair correndo.

AD

Eu achei que fosse ser uma coisa romântica,

AC

Zumba???

AD

mas a aula era em uma praça aberta, com umas 6 senhoras, e eu não tinha roupa de fazer exercício. Fui comprar uma...

AC

Ridícula.

AD

Daí um ex meu passou, com o atual dele, e me viram naquela situação vexatória.

AC

Ridícula.

AD

Tentei fingir que não vi, mas vieram falar comigo e parabenizar porque eu tava “me cuidando”.

AC

Se humilhando, na verdade.

AD

Quando a aula acabou, o professor perguntou se eu tinha gostado.

AC

E você mentiu que sim.

AD

Aí eu tentei dar um selinho, e ele desviou com um beijo no rosto.

AC

(Lamentando, ironicamente) Aaaaahh, tô tão surpresa!

AD

Pois é.

AC

Desculpa falar, meu filho, mas você não é bonito o suficiente pra ser gay.

AD

Credo.

AC

Só tô falando porque sou tua amiga!

AD

Mas eu tava pensando que seria bom começar a fazer exercícios. Tava querendo emagrecer, sabe?

AC

(Irônica, desafiadora) Olha só, não era ela a empoderada? A que se aceita do jeito que é?

AD

Pensando bem, melhor me aceitar assim como eu sou.

AC

É um fraco mesmo, não tem um pingão de força de vontade.

AD

Pensando bem, eu posso fazer uma dieta, é uma forma de autocuidado.

AC

Ou seria gordofobia?

AD

Te decide! Tu me encoraja ou desencoraja?

AC

Querido, o indeciso aqui é você. Cadê a sinceridade?

AD

Tá, tá, eu quero emagrecer.

AC

Só tem medo de admitir porque sabe que vai fracassar.

AD

Eu quero, e não tem nada de errado nisso. Eu posso me amar e mesmo assim querer mudar alguma coisa no meu corpo.

AC

(Irônica) Ah, então quer dizer que tu se ama agora.

AD

Sim, eu me amo!

AC

Acho que tu confundiu o verbo. O correto é: "eu me engano". Já tô vendo tudo: no primeiro dia vai tá focado na dieta, no segundo vai tá comendo até o reboco da parede.

AD

Isso é o que nós vamos ver!

AC

A verdade é que tu quer mudar o teu corpo porque percebeu que o gatinho lá não te quis assim.

AD

Eu nem sei se foi isso. Talvez ele só estivesse com vergonha de dar selinho em público.

AC

Você sabe que foi isso.

AD

Eu não sei se foi isso.

AC

Você sabe que foi isso.

AD

Eu não sei se foi.

AC

Sabe sim.

AD

Ah, quer saber? Acho que eu preciso sair pra espairer. Sei lá, ver gente, sabe?

AC

Caçar macho.

AD

Ouvir música, me divertir com amigos...

AC

Amigos? Qual dos dois?

AD

Ah, não fala assim, eu tenho muitos amigos...

AC

Dois.

AD

Eles não gostam de sair, mas eu soube que vai ter uma festa hoje com um DJ que eu amo...

AC

Tem certeza de que quer fazer isso?

AD

Acho que vou de carreira solo, hein?

AC

Não se preocupa que você não vai tá sozinho, querido. Vamos de duplinha sertaneja. Já até separei o meu look de juíza.

(Música de balada).

AC

Que foi? Tá com essa cara por quê? Não era isso que tu queria? Pronto, balada!

AD

Tá todo mundo fazendo coreografia de tiktok.

AC

É que eles são JOVENS.

AD

Pois eu treinei as coreografias em casa, meu amor.

AC

Os vizinhos viram! Alguém deve ter filmado, porque tava hilário a gata se jogando na frente da TV.

AD

Ai, me deixa! Vou pedir um drink pra ver se tu sossega. Garçom!

(Música de balada. AD está dançando, a princípio timidamente. AC está sentada, analisando e comentando. Talvez esteja tomando um drink com canudinho. Talvez ela fale ao microfone. As ações e o comportamento de AD são influenciados pelos comentários)

AC

Vai, dança! Não era isso que tu queria? Dança, vai, mostra pra eles que tu é independente! Que não tem problema nenhum em sair sozinho. Mostra que tu é empoderada, vai! Rebola, agora! Mostra pra eles que tu não liga! Isso! Tu não se importa não, né? Muito bem! Tá bom então! Calma, calma, tá passando um gatinho, agora dança que nem macho. Que nem macho... Olha só, a hipocrisia da militante... Ele não tava nem aí, foda-se! Quem precisa de homem, né? Bota essa raba pra jogar, mostra quem é a cuzuda! Vai! Ih, cuidado, apareceu um conhecido! Disfarça, vira de costa, se esconde! Sem parar de dançar! Ninguém merece ser flagrada sozinha na balada, né? *(À parte)* Não que eu tenha alguma coisa contra, tá, gente? Quem tem algo contra é ele. *(Volta à "narração")* E o conhecido foi embora, barra limpa, procura um espelho, vai, faz alguma coisa com esse visual que não tá funcionando, ajeita esse cabelo, arregaça essa manga, limpa esse suor, que é pra ver se alguém faz o favor de te notar. E vamo dançar... se é que dá pra chamar isso aí de dança. Aproveita pra treinar a zumba! Olha, tem um boyzinho te olhando fixamente! E aí? Vai encarar? É feio, hein? Será que rola? Como é que tá essa carência aí? Vamo tomar mais um drink? Não tem dinheiro, então vamo torrar o cartão de crédito que não vamos conseguir pagar? Vamoo! A ressaca a gente resolve depois!

(Manhã. AD acorda em sua cama, de ressaca, e olha o celular).

AD

Gente, que fotos são essas?

AC

Toma aqui o teu engov.

AD

Obrigado.

AC

Água pra hidratar.

AD

Valeu. Nossa, acho que vou passar o dia todo nessa cama.

AC

Isso. Hoje a gente vai ficar bem juntinho, o dia todo. De conchinha. Assim.

AD

Eu durmo com ela, eu acordo com ela...

AC

Eu sou muito assídua e pontual. Não perco um compromisso dele. Quando ele se atrasa, eu me atraso junto.

AD

Todos os dias do ano. E principalmente nesse último ano, que digamos que foi especialmente mais desafiador.

AC

Todo ano é a mesma reclamação.

AD

E que culpa eu tenho, se a coisa só piora?

AC

Toda.

AD

Hã?

AC

A culpa. É toda tua.

AD

Eu fiz o que tava ao meu alcance pra melhorar.

AC

Será mesmo?

AD

Todo mundo reclama que as coisas tão ruins.

AC

Me diz uma coisa boa que tu tenha feito esse último ano.

AD

Ah, várias...

AC

Me diz uma então?

AD

É que agora não tô lembrando, mas tiveram algumas...

AC

A última vez que tu foi aplaudido por alguma coisa foi no teu aniversário. Lembra?

AD

Não.

AC

Então eu vou te lembrar.

AC e CONVIDADOS

(Cantam) Parabéns pra você! E os amigos, cadê? Ninguém quer tua amizade e só você não vê! Parabéns pra você! Namorados, cadê? E agora, com mais idade, ninguém quer te comer! Com quem será? Com quem será? Com quem será que o Adão vai se casar? Não tem ninguém! Não tem ninguém...

AD

(Interrompendo) Tá bom, gente! Muito legal! Obrigado!

AC

E pra Adão tudo ou nada? Naadaa! E o que ela é? Velha! Velha! Velha!

(Vai até AD e o abraça).

AC

Parabéns, seu lindo! Parabéns pelas suas atitudes ridículas, pela sua falta de noção, pelo chulé, por tudo.

(Som de aplausos e vozes comemorando).

AD

Eu percebia que alguma coisa não tava indo muito bem na minha cabeça.

AC

Demorou pra perceber, hein?

AD

Aí eu vi que tava difícil lidar com isso sozinho.

AC

Vai admitir que precisa de ajuda? Finalmente?

AD

Então comecei a fazer terapia.

TERAPEUTA

Bom dia, Adão! Como é que foi a semana?

AD

Ai, complicada, intensa. Eu sinto que eu ando me cobrando muito, sabe?

TERAPEUTA

Como você se sente em relação a isso?

AC

Não vai contar que tu mentiu pra tua mãe?

AD

Sinceramente, eu me sinto cansado.

TERAPEUTA

E de onde será que vem essa cobrança?

(Por um momento AD encara AC, que se faz de desentendida).

AD

A minha família me cobra bastante. Principalmente o meu pai. E também tem o meu trabalho. Eu tô meio frustrado porque eu não trabalho com o que eu gosto, de fato.

AC

Não vai contar que bebeu demais no sábado?

AD

Eu queria mesmo era que meu trabalho como escritor me desse algum dinheiro. Eu não aguento mais criar redação publicitária, me sinto meio vazio, sabe?

AC

Não vai contar que tu já tá apaixonado de novo?

AD

E talvez eu esteja meio apaixonado.

TERAPEUTA

Sério? E você quer falar sobre isso?

AD

Ah, não é nada demais, só um boy que eu conheci outro dia, tivemos só um encontro...

AC

(Ri) Desculpa.

AD

...mas não tem muito futuro.

TERAPEUTA

E por que você acha isso?

AD

É que... eu tenho um péssimo gosto pra homem.

AC

O teu problema é que tu só gosta de homem padrão. Tem que mirar nuns feinhos, assim, igual tu.

TERAPEUTA

Como assim? Ele tem algum problema?

AD

Não, pelo contrário. Acho que ele é, como dizem, areia demais pro meu caminhão.

TERAPEUTA

De novo com essa bobagem, Adão? Eu já disse que você é bonito,

AC

Lembra que ela tá sendo paga pra dizer isso.

TERAPEUTA

e também é muito inteligente...

AC

(Irônica) Aham!

TERAPEUTA

Você precisa apaziguar a voz da autocrítica.

AC

(Debochada, afrontosa) KKKKK, essa foi boa!

TERAPEUTA

Dar lugar à autocompaixão.

AD

Autocompaixão?

TERAPEUTA

Imagina que um amigo muito querido, uma pessoa muito próxima está passando pelo mesmo que você. Como você trataria esse amigo?

AD

Acho que eu não pegaria tão pesado.

TERAPEUTA

Então. Se você se gosta, por que não se trata com mais gentileza?

AD

Foi na terapia que eu entendi que a minha autocrítica tava demais.

AC

Ele adora jogar dinheiro fora.

AD

E aí ela me deu uma dica que mudou a minha vida.

TERAPEUTA

Já tentou fazer meditação?

AD

Eu não sei meditar, a minha mente é muito agitada, eu não consigo.

AC

É verdade. E no que eu puder fazer pra atrapalhar, podem contar comigo.

TERAPEUTA

Todo mundo sente isso. É perfeitamente normal. As pessoas que eu conheço que mais meditam são justamente as que tem a mente mais agitada!

AC

É mentira, não acredita nela!

TERAPEUTA

Na internet tem algumas meditações guiadas, inclusive tem aplicativos ótimos pra isso, com reconhecimento científico. Se você quiser, eu posso indicar alguns.

AD

E então eu descobri que sim, eu posso meditar!

(Música ambiente de “transe”, talvez estilo new age. Ao longo da meditação, AD permanece pleno, sentado, de olhos fechados, enquanto AC vai ficando sonolenta).

GUIA DE MEDITAÇÃO

Olá. Como você está hoje? Seja bem-vindo a mais uma meditação.

AC

Aff, coisa mais sem graça.

GUIA DE MEDITAÇÃO

Respire bem fundo. Agora solte o ar devagar. Mais uma vez: respire fundo...

AC

(Boceja) Nossa, que sono, isso é muito chato...

GUIA DE MEDITAÇÃO

Agora respire normalmente. Perceba que cada respiração é única. Nenhuma é igual à outra.

AC

(Bêbada de sono) Isso é muito... Gente, vocês se importam se eu deitar só um pouquinho?

GUIA DE MEDITAÇÃO

Vamos fazer um escaneamento corporal. Sinta o peso dos seus pés sobre o chão.

AC

Menina, que chão gostosinho...

GUIA DE MEDITAÇÃO

Se por acaso surgir algum pensamento ou distração, não se preocupe, isso é perfeitamente normal.

AC

Tu esqueceu de trocar o botijão de gás.

GUIA DE MEDITAÇÃO

Apenas retorne gentilmente sua atenção de volta para as sensações da pele.

AC

(Dorme e começa a roncar).

GUIA DE MEDITAÇÃO

Agora, vá subindo a sua atenção...

(Algo mágico vai acontecer. Luz e sonoplastia podem conduzir a um momento onírico, celestial. AC vai se erguendo, como se estivesse sendo encantada, talvez como uma bailarina. Ela revela um olhar totalmente novo. AD abre os olhos e a vê).

AD

O que aconteceu?

AC

(Com um tom de voz doce e acolhedor, quase uma deidade, uma fada ou uma Sailormoon)
Não está me reconhecendo? Acho que é porque você tem se recusado a ouvir a minha voz. Mas eu sempre estive aqui, no seu coração.

AD

(Emocionado) Então, você é...

AC

Sim, sou eu, a sua Autocompaixão!

AD

(Maravilhado) SÉRIO?

(Todo o clima onírico é cortado abruptamente. Ela volta ao normal).

AC

NÃO! KKKK TU É MUITO OTÁRIO!

AD

Ai, eu não acredito...

(AC, debochada, começa a imitar trechos das últimas falas, ridicularizando toda a situação).

AD

Pois é, gente, não é simples...

AC

Mas pode ser simples. É só desistir.

AD

Acho que eu preciso desabafar com algum amigo.

AC

Qual dos dois?

AD

Vou mandar logo mensagem no nosso grupo.

(Som de whatsapp).

AD

Gente, tô precisando relaxar. O que vocês me indicam?

AMIGO

F1.

AD

O botão do teclado?

AMIGO

Não, besta. Maconha. Marijuana. Fumar uma verdinha.

AD

E quando eu vi, tava com o beck bolado na mão.

AC

Tua mãe sabe disso?

AD

E realmente, de vez em quando é legal.

AC

Na verdade, é ilegal. Que foi? Já vai acender um pra ver se eu calo a boca?

AD

(Acendendo) Sim.

AC

Viciadinho. Vai dar maconha pra plateia ficar chapada e gostar da peça também?

AD

Silêncio. Agora eu é que vou falar. A gente vive em uma sociedade doente, entendeu?

AC

É teatro ou é palestra?

AD

Tá todo mundo cansado, tá todo mundo EXAUSTO, todo mundo se cobra demais, todo mundo acha que precisa ser um sucesso, ter destaque nisso, naquilo...

AC

Deixa eu dar um pega, vai *(pega o baseado pra fumar)*.

AD

Toma. Entendeu? Então a gente não tem que se sentir mal por se cobrar demais, tá todo mundo no mesmo barco, cara.

AC

É verdade.

AD

E na verdade, ninguém precisa ser nada.

AC

Hã?

AD

Ninguém de nós PRECISA ser um sucesso. Ninguém precisa ser rico, nem ser magro, nem ter tantos likes, nada disso...

AC

(Tosse).

AD

Você tá bem?

AC

Tô ótima.

AD

Parece que ser feliz é uma obrigação. Todo mundo só posta coisa feliz. Ninguém é assim o tempo todo.

AC

A sociedade é uma merda.

AD

Sim! Parece que você tem que ser perfeito! Se não for o padrão sarado, tem que ser a fada sensata desconstruída que não erra nunca, sabe?

AC

Ou então o Rodrigo Hilbert.

AD

É!

AC

Cara, você tem que parar com isso.

AD

Com isso o que?

AC

Você tem se criticado demais!

AD

É verdade.

AC

Porra, olha só que cara incrível que você é! Fica aí se diminuindo! Não percebe que isso é burrice?

AD

É verdade, eu sou incrível...mente burro!

AC

Um viado cheio de qualidades, com medo de brilhar pro mundo! O mundo tá perdendo essa bicha maravilhosa, porque essa bicha tem medo!

AD

É verdade, eu sou muito medroso, cara...

AC

E além de medroso é cego, por não enxergar o lado positivo da vida!

AD

Você tem razão...

AC

Como é que tu tem coragem de fazer isso contigo mesmo? Percebe que é perda de tempo?

AD

Sim, é tudo perda de tempo!

AC

Olha como é legal praticar o autoconhecimento, cara!

AD

Eu acho que é por isso que eu tô meio cansado de mim mesmo.

AC

Posso dar uma dica?

AD

Diz.

AC

(Pega uma corda) Tá vendo essa corda? Você pode fazer um lacinho bem bonitinho, assim, aí pendura ela no teto, e veste bem bonitinho no pescoço, vai ficar ótima em você...

AD

Não! CHEGA!

(Escurecimento. Som de telefone tocando. Quando as luzes acendem, AC não está em cena. AD está sozinho no palco conversando com a voz do pai, enquanto segura uma maçã).

PAI

Adão?

AD

Pai?

PAI

Onde você está?

AD

Tô no horário de almoço, aqui no jardim da empresa.

PAI

Já almoçou?

AD

Já sim, só vou comer uma frutinha.

PAI

E como tá indo no emprego?

AD

Legal. Me colocaram em um projeto maior, agora.

PAI

E vai ter aumento?

AD

Ah, por enquanto não.

PAI

Vai continuar ganhando aquela merreca?

AD

É, mas pelo menos isso me coloca em destaque...

PAI

Conheço essa conversa. Tão te enrolando esses anos todos pra te promover. Fazem isso só pra jogar mais trabalho no teu colo.

AD

O senhor sabe que o momento tá difícil pra todas as empresas.

PAI

Te mandei um link de um concurso novo que abriu.

AD

Tá certo, valeu (*morde a maçã*).

PAI

Adão!

AD

(*De boca cheia*) Que foi?

PAI

Tá falando comigo de boca cheia?

AD

(Boca cheia) É só uma maçãzinha.

PAI

Você sabe que eu detesto falar com alguém de boca cheia. O som me dá nojo.

AD

(Boca cheia) Até por telefone?

PAI

Você está fazendo isso pra me provocar?

AD

Claro que não, pai! Eu, hein! Ó, eu comecei a fazer um curso essa semana.

PAI

“Negócio” de literatura?

AD

É.

PAI

Eu li aquele texto que você postou ontem.

AD

Ah, foi? A crônica?

PAI

Tem alguns erros ortográficos.

AD

Ah.

PAI

Tem que focar em alguma coisa que te dê dinheiro, rapaz.

AD

É.

PAI

Depois tá aí, me pedindo socorro pra pagar a fatura desse cartão.

AD

Eu não vou mais pedir.

PAI

Tu já não tem mais idade pra ficar dependendo de mim. Quero ver quando é que vai ter condições de pagar essa tal de terapia.

AD

Desculpa, pai. Eu ainda tô precisando da terapia. Mas se estiver pesado pra pagar, eu vou entender.

PAI

Tu já não tem mais idade pra ficar dependendo de mim, inclusive já tá na idade de arrumar uma mu... quer dizer, de estar casado, você entendeu.

AD

(Dá mais uma mordida na maçã).

PAI

ADÃO!

AD

(Boca cheia, irônico) Desculpa, eu esqueci.

PAI

Enfim, você sabe como tá a situação do país, as coisas estão muito caras...

AD

Tá certo, pai, eu já disse que não vou mais pedir dinheiro. Pode ficar tranquilo.

PAI

(Respira fundo) Vamos ver. E tá tudo certo pra tua viagem, aqui pro interior?

AD

Tá sim, eu vou no domingo.

PAI

Só quero te pedir uma coisa.

AD

Pode pedir.

PAI

Que se comporte como homem.

(Pequena pausa).

AD

Como assim?

PAI

Você entendeu. Homem com H maiúsculo.

AD

Eu fiz algo que te desagradou na última visita?

PAI

Eu não quero falar sobre isso.

AD

Tá bom.

PAI

Só peço que aja como macho.

AD

Tá bom.

PAI

Viu que teu irmão foi promovido?

AD

Vi sim.

PAI

E a mulher dele também foi. Domingo vamos comemorar.

AD

Tá certo.

PAI

Tá bom, então. Vê se faz uma dieta.

AD

Tô fazendo, já.

PAI

Então tá. Tchau.

AD

Tchau.

(AD atira o resto da maçã para fora de cena, num gesto de raiva, e em seguida tenta se conter, mostrando que está abalado e puto. AC volta à cena).

AC

Ei, que cara é essa? Tu tá bem?

AD

Tô sim.

AC

Mentiroso. E ainda mente mal.

AD

Não, eu já tô acostumado.

AC

Tu tem que lidar com essas coisas, Adão. Tu sabe disso.

AD

Será que eu preciso fazer mesmo isso? Do jeito que ele quer?

AC

Só se tu quiser continuar sendo covarde. O ideal seria chegar lá de shortinho beira cu, unha rosa e glitter, tocando Pabllo.

AD

Será?

AC

Eu só tô dizendo a coisa moralmente certa a se fazer.

AD

(Ri) Quem dera eu tivesse essa coragem.

AC

Que foi? Vai ficar com essa carinha agora? Se lamentando porque o papaizinho foi indelicado? Me diz uma coisa: tu tá surpreso?

AD

Não.

AC

Esse não é o jeito dele?

AD

É.

AC

Então tá sofrendo por quê? Cadê essa força, gay?

AD

É. Eu tenho que ser mais forte.

AC

Por favor! Facilita o meu trabalho, que eu facilito o teu!

AD

(Sorri) Obrigado.

AD

Então no domingo eu fui lá. O almoço foi normal, e eu resolvi fingir que não tinha ouvido aquele “conselho”. Só agi normalmente, sendo que o “normal” pra mim foi meio apático, meio sem graça, existindo por existir. Aí no fim da tarde fiquei um tempo deitado no quarto que era meu na infância.

AC

Ei!

AD

O que foi?

AC

Esse dia tá uma merda, né?

AD

É.

AC

Culpa tua.

AD

Minha?

AC

Sim. Já viu que sol bonito que tá lá fora?

AD

E eu com isso?

AC

Não aproveita porque não quer.

AD

E quem disse que eu quero aproveitar?

AC

Tu tá na cidade onde tu cresceu. Podia aproveitar. Só tô jogando, deixando no ar.

AD

Antigamente, essa hora, eu gostava de sair de bicicleta pra ver o fim da tarde lá na praça.

AC

Será que a bicicleta ainda tá ali na garagem? (pequena pausa)

AD

Tá pensando o mesmo que eu?

AC

Óbvio, né? Pergunta mais ridícula, aff...

AD

A bicicleta ainda tava lá. Coloquei um óleo, enchi os pneus e saí pedalando, com fones de ouvido. Tava um céu lindo, pena que eu não tenho foto pra mostrar. Daí eu parei perto de uma árvore que tinha uma vista perfeita.

(Os dois estão sentados, lado a lado, observando o sol se pôr).

AC

Devia ter chegado mais cedo, pra aproveitar melhor. Agora já tá escurecendo.

AD

Mas valeu a pena. Agora é o melhor momento. Que o sol fica ali, entre aquelas duas árvores. É muito rápido. Quando a gente pisca, já escureceu. Olha só!

AC

Esqueceu de falar desse ventinho. A temperatura tá ideal.

AD

É isso.

AC

Tava com saudade disso, né?

AD

E eu nem sabia.

AC

Tu gasta energia demais com coisas que não tem tanta importância.

AD

É. Você tá certa.

AC

Ei, pega o celular! Faz uma foto, pra mostrar pras pessoas!

AD

Shhh, calminha. Vem aqui, vamo aquietar? Aproveita.

(AC encosta a cabeça no ombro de AD. Eles contemplam a paisagem).

AD

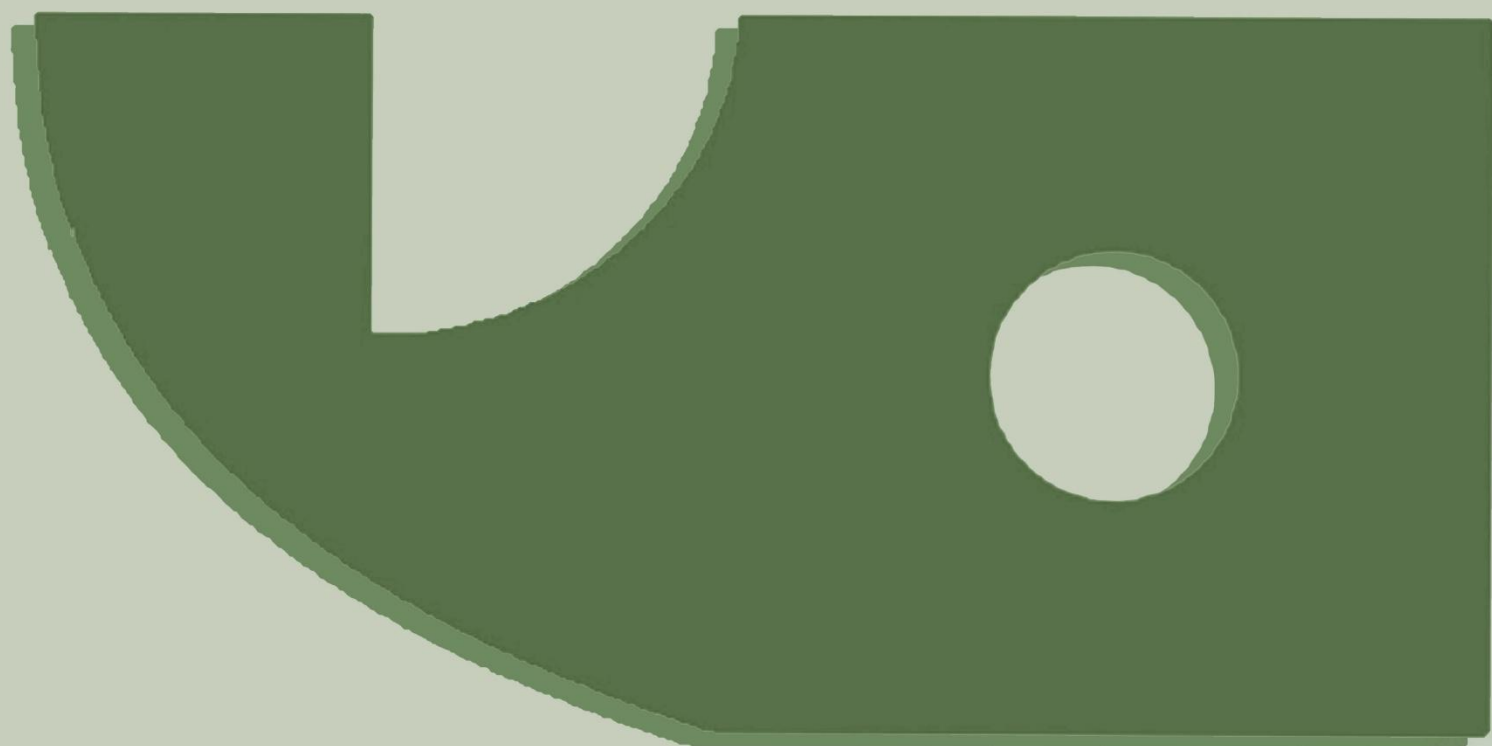
Aproveita. Que quando a gente vê, já passou.

(Eles sentem a brisa e respiram fundo. Luz vai caindo).

FIM



*PITINGA, UM PEIXE FORA
D'AGUA*



PITINGA, UM PEIXE FORA D'AGUA

Hugo Borsantos

PERSONAGENS

Jacymara/Pitinga
Jacyra
Henrique

CENA 1

(Jacymara está no centro do palco com o celular na mão e com uma projeção da tela do seu celular passando na parede atrás dela, seu rosto aparenta ser de uma pessoa que está em estado de pânico, é dado play em áudios de uma conversa em grupo de whatsapp onde se pode ouvir risos de zombaria sobre Jacymara. Ela escuta todos os áudios e com raiva e os olhos cheios de lágrimas começa a tentar dar respostas para aquelas ofensas).

JACYMARA

Ispia só, eu quero que todos vocês... (cancela o envio do áudio e respira fundo antes de começar a gravar outro). Me admiro muito da fuleragem de vocês, seus... (cancela novamente o áudio e começa agravar outro). Eu só tenho uma coisa para falar sobre essa arrumação de vocês tarem falando mal de mim, umeno me removessem do grupo antes, mas... pensando bem acho que vocês não ligam se eu iria ouvir ou não. Mas tudo bem! Vocês conseguiram! Eu desisto! Podem dizer pra todo mundo “Nós ganhemos!”, porque eu nunca mais ponho os pés aí.

(Depois de enviar o áudio Jacymara começa a arrumar umas pastas e livros e joga no lixo, fica olhando para os papeis no lixo e controla o choro, se senta e começa a mexer no celular. Depois levanta e começa a varrer a sua sala cantando um tecno brega, música típica da região norte, quando a música é interrompida com uma chamada telefônica).

JACYMARA

Alô! Mãe?... tá me escutando? Acho que o sinal tá ruim... mãe?

JACYRA

Tô te escutando *piquena*, fala!

JACYMARA

Ah, sim, agora tô vendo a senhora e escutando.

JACYRA

Tu num me ligou mais cedo? Eu não atendi, minha filha, porque tava desbulhando uma saca de açaí que teu pai tirou pra vender. *(Muda o tom de voz para um mal humor)* Tu nem sabe, Pitinga, mas o passador de açaí não inventou agora de passar na hora do almoço? Ele só deve achar que eu não tenho nada pra fazer da minha vida, a sorte desse infeliz é que *nós* ainda não tem um motor rabeta, te juro, minha filha, quando eu vejo a cara desse homem me dá vontade de dar uma remada na cara dele, ele ainda vem com um papo pro teu pai dizendo

“Não seu Joel, to passando nesse horário por que quanto mais cedo eu levo o açaí mais cedo eu volto pra lhe passar o dinheiro”, eu fico olhando pra cara lisa dele, lisa de tanto contar mentira. Até parece que eu não sei que ele quer chegar no porto mais cedo que é pra ficar enchendo o... (*fica muda pra não falar um palavrão*) de cachaça..., mas sim *piquena*, fala logo o que tu queria?

JACYMARA

Égua, mãe, precisa sempre ser tão ríspida comigo desse jeito?

JACYRA

Pitinga minha filha, tu *num* inventa moda! *Num* inventa de falar “afrescalhado” que eu não entendo.

JACYMARA

Oh, mãe, tá bom, eu liguei pra saber se a senhora vai vir esse mês me visitar?

JACYRA

Eu ia até te mandar um zap, minha filha, pra te avisar que a *cumadre* Creuza foi *ostudia* em Macapá e me disse que foi só *abestar* porque tem uma *imustra* de uma lista com nomes pregada na porta do banco, e que ela custou achar mas viu que meu nome tá lá pros últimos, ou seja, né, *Pitinga*, meu benefício vai sair só mês que vêm.

JACYMARA

Eras, mãe! Eu to com saudades da senhora, do seu abraço, da sua comida...

JACYRA

Ah, mas *ispia* só, diz logo que tu tá é com preguiça de fazer comida e quer que a besta velha aqui vá servir de escrava pra ti.

JACYMARA

(*Dando risada*) Não é isso, mãe! Estou com saudades sim da senhora, mas tudo bem. Eu vou desligar que tenho que arrumar as coisas aqui pra faculdade. Benção!

JACYRA

Escuta! Essa tua faculdade tu vai conseguir pagar esse mês minha filha?

JACYMARA

Sim, mãe, ainda tem um pouco do dinheiro que a senhora mandou mês passado, vou inteirar com o de uns freelance que fiz semana passada..

JACYRA

Pitinga, que diabo é freelance? Fala direito comigo, *piquena*.

JACYMARA

(*Dando risadas*) São “bicos”, mamãe, é uma espécie de trabalho temporário e rápido, eu fiz em uma lanchonete aqui perto de casa. Agora tenho que desligar, beijos, te amo!

JACYRA

Que Deus de abençoe, minha filha!

CENA 2

(Jacymara desliga a chamada e começa a arrumar sua mesa de estudos, quando entra em cena seu namorado).

HENRIQUE

Eu tava me aguentando pra não rir alto de lá do quarto...

JACYMARA

Rir do que, Henrique?

HENRIQUE

Da tua mãe, ela parece aqueles personagens de programa de humor *(começa a rir)*.

JACYMARA

É o jeitinho dela de ser... Mas não fica rindo dela que eu não gosto não.

HENRIQUE

Eu sei, meu amor, só achei engraçado. E por que ela te chama de “Pitinga”?

JACYMARA

(Com tom de advertência) “Ispia” uma coisa...

HENRIQUE

(Zombando) Estou “ispiando”...

JACYMARA

(Se corrigindo e ainda com tom de advertência) Olha uma coisa, eu vou te explicar, mas não quero tu me chamando por esse apelido tá bom?

HENRIQUE

Tá bom, amor, fala.

JACYMARA

É por causa do peixe... Pirapitinga.

HENRIQUE

Ué?! Não entendi...

JACYMARA

Ah, amor, fica difícil se tu não conheces de peixe. Pirapitinga é um peixe que tem a escama mais clarinha, quase uma cor de prata, e a barriga dele é bem vermelha, meu pai pegava muito na malhadeira, e eu amava comer pirapitinga assada, ainda amo, na verdade.

HENRIQUE

Okay, mas ela te chama de pitinga por isso? Ainda não faz muito sentido.

JACYMARA

Amor, olha a cor da minha pele, sou muito clara, olha o meu cabelo vermelho, lá no interior onde eu nasci e fui criada, todo mundo tem apelido, e claro que eu não ficaria de fora, né?!

HENRIQUE

Ahhh sim, mas pitinga é até bonitinho vai? Vem cá minha pitingazinha...

JACYMARA

Pode parar com isso! Nem inventa de querer me chamar assim, aqui meu nome é Jacymara.

HENRIQUE

Eu tava brincando com você, amor, mas falando sério agora, por que você mentiu pra ela?

JACYMARA

Porque esse tipo de coisa deve ser conversado pessoalmente, Henrique.

HENRIQUE

Eu acho que ela vai ser compreensiva, amor.

JACYMARA

Não vai, ela acha que eu estou adaptada aqui na cidade, ela acha que eu sou a filha perfeita que vai “ser alguém”, que vai ter um diploma, ela vive se exibindo lá pela comunidade, vai ter uma filha professora. E eu não quero estragar isso, mas ao mesmo tempo sei que não posso mentir pra sempre.

HENRIQUE

Por isso não aceitou que ela mandasse dinheiro para pagar o boleto da faculdade?

JACYMARA

Sim! Por isso, já que eu estou decidida a trancar, não tem por que eu ainda pegar o dinheiro dela, um dinheiro que ela consegue com tanto esforço, com tanto suor. Eu sei que é desgastante ter que acordar antes do sol nascer pra ir pra roça.

HENRIQUE

Tu vais querer voltar pra lá?

JACYMARA

Aí é que tá, vai ser outra decepção, eu não vou voltar pro interior, eu não me vejo morando lá novamente, o pessoal acha que eu virei fresca, que eu falo difícil, que eu quero negar minhas origens.

HENRIQUE

Mas isso não é verdade, amor, eu sei que não é. Quantas vezes eu vi tu apresentar trabalhos na faculdade, onde algumas pessoas riam e zombavam de forma bem estúpida do teu jeitinho

de falar, e mesmo assim você continuava. E no final ainda dava um sermão neles, dizendo que tinha orgulho de ser “caboquinha”, que era como eles queriam te chamar.

JACYMARA

Eu sei, mas tem uma hora que a gente cansa de ser forte, chega um momento que as pessoas acabam te convencendo do que elas dizem, por isso eu desisti da faculdade. Henrique, como eu vou alfabetizar crianças se eu mesma falo errado?

HENRIQUE

Para com isso, tu não falas errado, esse é o teu sotaque, Jacymara.

JACYMARA

Será que os pais de futuros alunos irão achar isso?

HENRIQUE

Amor, eu acredito no seu potencial e eu sei que você também acredita.

JACYMARA

Eu vou pensar, pensar no que tu tá me falando, no que eu estou sentindo...

HENRIQUE

(Vai até ela para se despedir) Pensa bem, e me avisa, eu estou indo, a mamãe já tá irada porque eu dormi aqui e eu não quero deixar ela mais brava chegando depois do almoço em casa.

JACYMARA

Está bem.

CENA 3

(Entra em cena a mãe de Jacymara, carregando uma saca de sarrapilho e uma garrafa pete com açaí).

JACYRA

Égua, Pitinga! Tu não serve nem pra olhar esse teu celular pequena.

JACYMARA

(Incrédula com a mãe ali em sua casa) Mãe?! Mas, o que a senhora faz aqui?

JACYRA

Ajeita essa tua cara e me ajuda a guardar essas coisas, que eu trouxe de lá da parada de ônibus até aqui igual uma desgraçada velha...

JACYMARA

(Correndo em direção a mãe e falando) Mas por que a senhora não me avisou que tava vindo, eu teria pedido pro Henrique ir buscar a senhora de carro mamãe...

JACYRA

(Interrompendo a filha) Cão! Eu já não te disse pra tu olhar esse teu celular? Vive com ele na mão! Eu quis fazer surpresa, mas quando o ônibus tava pra chegar aqui eu te liguei direto, chamava, chamava e tu não me atendia, diacho! E pega um copo d'água pra mim, descunjuro da cidade quente, esse pessoal não presta nem pra plantar umas arvores nas calçadas, tu é doido, é?!

(Jacyra continua a falar enquanto Pitinga vai buscar a água).

JACYRA

Minha filha, eu te falei naquele dia que eu não vinha nesse mês, né? Pois então, eu não tive um sonho feio contigo, minha filha? Tu tava no meio do rio, aí eu tava na beira do trapiche de casa e via um monte de piranha nadando na tua direção. Só sonho mesmo, né, Pitinga, porque onde já que eu ia conseguir ver alguma coisa naquela água barrenta que é o rio lá de casa, mas enfim... aí eu gritava pra ti, e toda vez que tu falava alguma coisa, as piranhas começavam a rir, e riam muito alto. E tu começava a chorar, minha filha, nadava até a beira do rio e continuava chorando. Eu acordei assustada, com um aperto no coração, me diz se isso não é um sonho doido?

JACYMARA

Pior que sim, mamãe..., mas tá tudo bem sim *(fala de um jeito não convincente)*.

JACYRA

Hummm, tá bom então. E cadê o pequeno?

JACYMARA

Quem?

JACYRA

O teu namorado...

JACYMARA

Ah, tá. Ele foi pra casa dele mamãe, não mora aqui não, a mãe dele é muito ciumenta.

JACYRA

Mas ulha lá não, ciúme daquela belezura dela, se fosse umeno um novinho, tamanho velho já. Ela tem que entender que a gente cria os filhos pro mundo. Quando é que vocês vão se juntar de vez?

JACYMARA

Eu não penso em me casar não mamãe, e o Henrique também não.

JACYRA

Eu também não quero não, Pitinga. Tava perguntando pra ver se o que tá te deixando toda mufina não era ele. Eu quero é que tu termine a faculdade minha filha, quero que tu seja uma professora, quero que a tua vida não seja tão sofrida como a minha...

JACYMARA

Eu sei mamãe, escuta, descansa um pouco aí que eu vou arrumar umas coisas ali no quarto.

JACYRA

Tá, minha filha pode ir... *(Jacyra anda pelo palco, inquieta, olha para as coisa da casa, passa a mão na mesa pra ver se está bem limpa, até que avista o celular de Pitinga)* Oh meu Deus, oh minha Nossa Senhora, isso é um sinal, sei que minha filha não tá bem mas não quer me contar, eu vou só vou dar uma olhadinha, só pra ter certeza... *(Desbloqueia o celular de Pitinga e começa a ler em voz alta o que está vendo)* Grupo da Faculade, Leticia: que bom que ela não volta mesmo, percebeu que aqui não é lugar pra cabuçu igual a ela. *(Olha pra frente)* Será que tão falando da minha Pitinga meu Deus?! *(Continua a mexer no celular)* Tem muito áudio aqui... *(Reproduz os áudios e fica incrédula com o que começa a escutar. Pitinga entra em cena e pega a mãe no flagra mexendo em seu celular).*

PITINGA

O que a senhora está fazendo mamãe? Eu não acredito que a senhora está mexendo nas minhas coisas!

JACYRA

Pitinga, minha filha, eu só tava preocupada contigo e achei que...

PITINGA

Achou o que? Que dava o direito da senhora invadir a minha privacidade?

JACYRA

Pitinga, para de gritar comigo que eu não fiz nada demais!

PITINGA

A senhora chega sem avisar, mexe nas minhas coisas sem pedir e acha que não fez nada demais? Quer saber, mamãe, a senhora pode ir embora daqui.

JACYRA

Eu não vou embora pra lugar nenhum, Jacymara! Tu vai me contar tudo o que ta acontecendo AGORA! Tu não vai mais continuar a tua faculdade, é isso, Jacymara? Todo o trabalho duro que eu dei, teu pai e teus irmãos e tu deu, vai mesmo jogar no lixo?

PITINGA

(Desaba no chão chorando) Eu não consigo mais, mãe! Me perdoa, por favor! Eu só não aguento mais levar tanto na cara, ser sempre desrespeitada, humilhada e desvalorizada... eu só não aguento mais.

JACYRA

(Vai até a filha) Te levanta, pequena! Olha pra mim! Na vida as coisas sempre vão ser mais difíceis para algumas pessoas, tu, minha filha, é uma pessoa sortuda! Sim, sortuda, tem gente que não consegue mudar o que os outros tanto julgam. Tu pode! Mas tu vai querer? O problema é o jeito que tu fala? A gente paga um desses profissionais que ajudam a melhorar o teu sotaque, mas é realmente isso que tu quer, Jacymara? Deixar de ser uma parte do que

tu é? Quer realmente mudar por conta dos outros? Deixa eu te falar uma coisa, minha filha, tu é uma mulher muito guerreira, me ensinou a ler ao mesmo tempo que aprendia, quando chegava em casa fazia questão de passar pros teus irmãos tudo o que a professora tinha te ensinado... tu é um ser humano incrível do jeito que tu é, Pitinga.

PITINGA

Me perdoa, mamãe! Eu não sei como vou fazer pra voltar... eu...

JACYRA

Tu vai embora comigo pra casa!

PITINGA

(Se recompondo) Como assim? Achei que a senhora não quisesse que eu desistisse.

JACYRA

E não quero! Tu vai passar um tempo lá, vai ficar perto da tua família, de quem te ama e quer te ver bem! Depois tu volta! Tudo bem dar uma pausa minha filha, tu não precisa ser forte sempre.

PITINGA

(Abraça a mãe) Eu tenho TANTA sorte em ter a senhora como mãe, dona Jacyra.

(As duas saem de cena, depois volta só Pitinga, senta na mesa e mexe no computador e começa a pensar, passa um tempo e começa digitar freneticamente, dá um pulo da cadeira e grita.)

PITINGA

É ISSO!!! Não vou largar a faculdade! Eu não vou desistir dos meus sonhos por conta de xenofobia. Serei resistência! Vou ajudar aqueles que assim como eu precisam largar sua família, seu jeito de viver e se adaptar em uma cultura quase que totalmente diferente da sua para poder realizar seus sonhos.

(Blackout. Jacymara aparece em uma tela grande em uma espécie de vídeo aula).

PITINGA

Olá, meus caboquinhos! Tudo certo com vocês? Espero que sim. Hoje trouxe para vocês mais uma lista de palavras que vocês vão amar conhecer

Quer saber
Quem eu sou?
Sou Jacymara, pirapitinga
Sou Pitingá

Quer saber
O que falei?
Preste muita atenção
Porque vou te ensinar

Falar “Afrescalhado”
Quer dizer “falar difícil”
Quando eu disser “ispia”
Tô falando tenha “atenção”
“Ostudia” é “outro dia” e tente decorar
“Imustra” é quando algo é “grande demais”

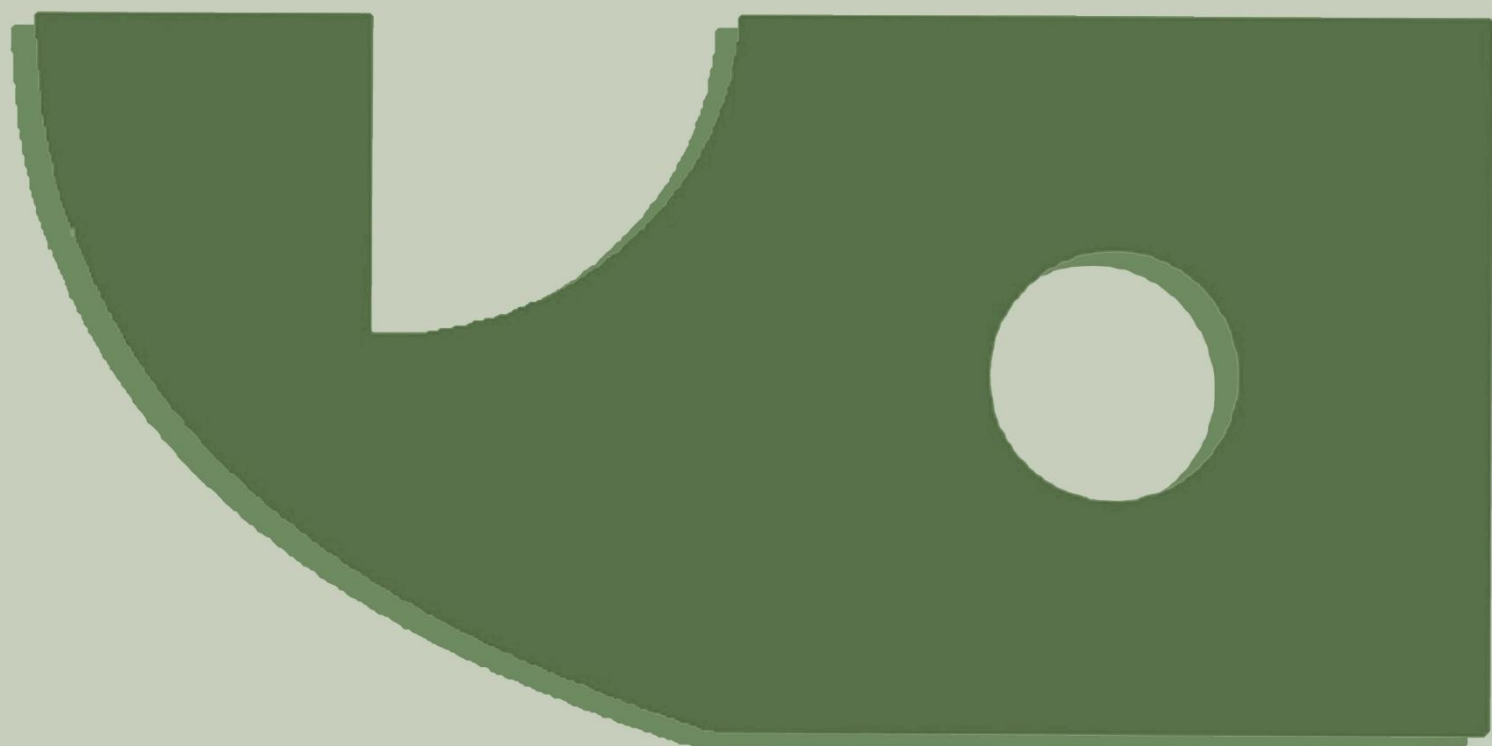
Eu sou caboquinha meu mano
Do interior para a internet
Ensino pra galerinha como é o jeito que eu falo
Na primeira vez pode estranhar e começar a rir
Mas não sou eu que tomo “chula” e chamo de açai

É um jeitinho de falar
E vou te ensinar aqui
Deixe de ser abestalhado
Preconceito não é pra ti.

FIM



PAU A PAU



PAU A PAU

Kauan Amora

PERSONAGENS

César
Contrafilé
Guarda
O Eu

PRÓLOGO: A DESCIDA DE CÉSAR AO INFERNO

(Escuridão total. Ouve-se os passos calmos. Aos poucos, a iluminação vai revelando apenas um rastro, em linha sinuosa, de um homem que caminha em direção a algo que ainda não é possível ver na escuridão. Seu rastro é feito por mantos coloridos que são abandonados no chão por esse homem como em um ritual religioso. O sexto manto é abandonado no chão, finalmente. O último, de cor branca, ainda está no corpo nu de César que – agora é possível ver - caminha em direção a Contrafilé que, como uma presença que se impõe, está sentado em um vaso sanitário como se fosse um trono monárquico e usando um manto negro como a noite.

As cores destes mantos são símbolos muito importantes, pois representam as alegrias e as glórias da vida de César que vão sendo deixadas, uma a uma, para trás enquanto ele caminha ao encontro de Contrafilé. Ao renunciar ao seu último símbolo de força, o manto branco, César completa seu processo de “despersonalização” e de entrega fiel. Um vento frio começa a soprar.

Não é mais Contrafilé que está sentado no trono. Uma Sombra está diante dele, enorme, imponente e terrível, com dois olhos negros que parecem buracos sem fundo. Coroadas pelo absoluto silêncio de seus súditos, a vida e a morte, a luz e a escuridão se encontram em um ponto sem retorno. A Sombra, a deusa do submundo, fica imóvel como se fosse feita do mesmo material de seu trono. A deusa e César se olham, cúmplices e hostis. César conclui que a beleza desta presença é insuportável e se arrepende. Ele entende ali, naquela cumplicidade silenciosa, que para renascer teria que primeiro morrer. Por outro lado, a Sombra, em seu trono solitário, vê em César a promessa de uma vida com generosidade e amparo. As duas presenças se completam).

SOMBRA

(Com voz grave e misteriosa) Quem se atreve a querer entrar no submundo? Muitos tentaram. Todos tombaram. *(Vendo César)* Que olhos vermelhos são esses? Qual tormento pessoal te traz aqui?

CÉSAR

Isso eu não respondo. Agora me deixe entrar.

SOMBRA

Quem pensas que és para vir a minha casa, para me acordar do meu desespero e ainda me infringir ordens?

CÉSAR

Sou homem. Admirado por meus amigos e respeitado por meus inimigos. Tenho muitas obras na minha vida que me colocaram no topo da cadeia alimentar. E não me curvo diante de diabos.

SOMBRA

Então, se és tão corajoso assim, responderás ao meu enigma. Se acertar, terás o meu respeito junto com o dos teus inimigos. Mas... se errar... serás meu próximo banquete.

CÉSAR

(Erguendo o queixo, confiante) Eu não temo enigmas. Nem monstros. Diz tua charada, fera, e depois me deixa passar.

SOMBRA

(Sorrindo de forma sinistra) Ah, arrogância humana... Escuta muito bem, então, César.

CÉSAR

Como sabes meu nome?

SOMBRA

Eu sei tudo sobre os homens. Agora, vê se descobres também. *Que criatura pela manhã anda sobre quatro patas, ao meio-dia sobre duas, e à noite sobre três?* Responde, homem. Uma palavra errada e te devoro sem piedade.

CÉSAR

(Pensativo por um breve momento, mas com convicção) Fácil é tua charada, Esfinge. A resposta é o homem. Na manhã de sua vida, engatinha como uma criança, sobre quatro patas. Já ao meio-dia, na força de sua juventude, caminha ereto, sobre duas pernas. À noite, na velhice, usa uma bengala como terceira perna para apoiar seu corpo calejado.

SOMBRA

(Olhos arregalados, a voz estremecendo) Temo que a tua resposta esteja correta. *(Assume a imagem de um homem, parecido com um profeta).*

CÉSAR

Eu sei quem eu sou. Eu estou no comando aqui. Eu sei de onde venho e para onde vou. O que eu sei é mais do que o suficiente para tomar decisões e decifrar enigmas velhos de criaturas moribundas.

ZARATUSTRA

Se és tão forte assim, então me diz em voz alta o que vieste fazer aqui. *(Silêncio)* Agora tu emudece. Teu rosto congela de medo. Te orgulhas de tanta coisa, mas não sabes que o homem

é apenas uma corda estendida entre o animal e o além do homem. Uma corda sobre o abismo. Sabes disso? É doloroso atravessar, mas é delicioso. O homem é uma ponte e não um fim. Queres saber o que há do outro lado?

(César fica interessado, mas permanece em silêncio).

ZARATUSTRA

Só precisa fazer uma coisa: abrir teu peito para o desconhecido.

CÉSAR

O peito não abro. Custe o que custar. O que guardo dentro do peito é meu e só meu.

ZARATUSTRA

Pois é isso mesmo que pode te transformar... ou te destruir. Só depende de ti. Eu te proponho, César, a oportunidade de um grande desafio que podes aceitar ou declinar.

CÉSAR

Eu não temo a ti e nem às tuas diferentes formas. Eu tenho só uma face, a verdadeira. E já digo sim, para qualquer coisa que me propuseres. Podes me dar outro enigma que, mais uma vez, revelarei a verdade sem pestanejar. Verás! Agora, me diz, qual será o meu prêmio da vitória?

ZARATUSTRA

Vencendo este desafio, provarás a tua grandeza e a tua distinção em relação aos outros homens. Iniciarás, então, uma nova era para a tua raça que ainda vive na infância dos tempos. Serás responsável pela aurora da humanidade e o nascimento do além do homem.

HOMEM

Eu aceito o teu enigma. Me diz qual é.

ZARATUSTRA

Esse não é um enigma. É um encontro. Um encontro com algo muito mais perigoso e enigmático do que eu. Assim, se conseguires sobreviver finalmente provarás tua força e tua arrogância será justificada.

CÉSAR

(Com firmeza, avançando um passo) Sou apenas um homem, mas a razão é meu caminho e a verdade é a minha arma.

ZARATUSTRA

Pois, nesse encontro fortuito, o teu caminho não leva a lugar nenhum e a tua arma é branca.

CÉSAR

É branca, mas não quer dizer que não possa matar.

ZARATUSTRA

(Rindo cinicamente) Pobre de ti e da tua raça. *(Assume a imagem de Contrafilé e César fica fascinado)* Pois escuta bem, homem que sonha com grandeza... O que o homem precisa trair em silêncio, se quiser atravessar a ponte sem ser arrastado pelo próprio nome? É isso o que precisas sacrificar — mas não te direi o nome. Charadas são espelhos: ou tu te vês, ou te perdes.

(Contrafilé dá um grito agudo).

CONTRAFILÉ

(Anuncia) A beleza da coisa viva só pode ser captada num instante brevíssimo, pois se ela tomar inesperadamente seu coração, ela vai te aniquilar devido a sua existência demasiadamente forte. Pois que é o Belo senão o grau do Terrível que ainda suportamos e que admiramos porque, impassível, desdenha destruir-nos? Todo Anjo na verdade é terrível.

(César finalmente tira seu último manto em sinal de humildade, se ajoelha diante de Contrafilé e olhe oferece a sua última força sagrada. Contrafilé se levanta, lhe oferece a mão pálida e fria e o conduz ao seu próprio trono).

CÉSAR

(Como quem anuncia uma profecia) A fatalidade vai se alimentar do meu amor por você. Eu já sei que você me levará à morte e sei agora que essa morte será bela e a aceitarei resiliente e apaixonado. Quero dizer que você é digna de que eu morra para você e por você. Mas que me revele antes todos os seus inúmeros mistérios e me leve bem depressa. Enfim, cedo ou tarde, será por você. Morrerei de desgaste ou despedaçado. Mas... desaparecido o meu amor por você... então o que me restará?

CONTRAFILÉ

Agora, acorda e aproveita o teu encontro... *(Contrafilé arranca a cabeça de César com as próprias mãos).*

(César acorda assustado com o som da sua cela sendo aberta, mas volta a deitar e fingir que está dormindo para ver quem chega. Um novo detento entra no cubículo acompanhado de um policial).

CENA 1: ANJO DA MORTE

(A história se passa toda dentro de uma cela pequena sem beleza, sem vida e com apenas uma lei vigente: a César o que é de César, pois somente ele é soberano. Nesse cubículo, podemos ver uma cama beliche velha e suja e um vaso sanitário de metal. As paredes estão rabiscadas com palavras e imagens eróticas. O ambiente, além de pequeno, é sujo, úmido e fedorento. Ele também parece ter consciência e vontade própria. A luz fica piscando. Persiste o som de uma gota caindo dentro de um balde).

GUARDA PENITENCIÁRIO

Nome?

CONTRAFILÉ

Contrafilé

GUARDA PENITENCIÁRIO

Nome de verdade.

CONTRAFILÉ

Contrafilé, eu já disse.

GUARDA PENITENCIÁRIO

Nome de batismo.

CONTRAFILÉ

Esse eu não digo.

GUARDA PENITENCIÁRIO

Então, corre o risco de eu te chamar de Pé-de-cabra. Gosta?

CONTRAFILÉ

...

GUARDA PENITENCIÁRIO

É assim que eu vou te chamar: Pé-de-cabra. Gosta? Gosta?

CONTRAFILÉ

Meu nome de verdade é Contrafilé, senhor *(o policial dá um soco nele)*.

GUARDA PENITENCIÁRIO

Idade?

CONTRAFILÉ

24.

GUARDA PENITENCIÁRIO

De onde é?

CONTRAFILÉ

Do reino animal.

GUARDA PENITENCIÁRIO

Escuta aqui, seu viadinho de merda do caralho. Aqui, é muito perigoso pra bichinhas afeminadas como você. Então, é melhor não abusar muito da sorte porque por mim e pelas pessoas que estão lá fora, tu deveria ser apedrejado em praça pública. Eu ia adorar te ver sendo currado por todos esses meus camaradas que estão aqui e depois te assistir morrer bem

devagar. Mas isso é só uma questão de tempo. Tua hora vai chegar. É por isso que eu fiz questão de te colocar do lado do meu amiguinho César. Ele vai te dar o corretivo que tu merece. Agora, vê se sossega esse teu facho porque esse teu cuzinho vai gritar de noite e eu quero que tu saibas que quando estiver doendo muito, todo mundo vai ouvir e não vai fazer nada. Aí, César, mais uma refeição para matar essa tua fome. Aproveita que essa carne é fresca. Bem fresquinha (*tranca a cela e sai rindo*). Aproveita esse encontro.

(Contrafilé vê César deitado e se aproxima lentamente da sua cama como se fosse um predador selvagem diante de sua caça. Começa a examiná-lo sem, no entanto, tocá-lo. Em um irresistível impulso animal, ele começa a cheirar o corpo de César que continua fingindo dormir. César, imóvel, aceita a ousadia e a recebe em silêncio para ver até onde ele vai. Contrafilé cheira seus pés e sobe. Cheira pacientemente os pelos das suas pernas e continua subindo. Cheira a sua virilha, o seu sexo escondido dentro da roupa de dormir. César se sente enojado e fascinado ao mesmo tempo. Confuso sobre o que deve fazer. Enquanto cheira o sexo de César, Contrafilé olha para cima e percebe que tem algo escondido debaixo do travesseiro. Ele estica o braço para alcançar, mas César abre olhos no escuro e em um gesto rápido, único e certo se põe de pé).

SEGREDO: Nº01 O PÉ-DE-CABRA

O EU

Quando César se levantou da cama, ele se viu diante desse garoto mirrado com olhos redondos que não dizia nada e sentiu como se já o conhecesse de algum lugar. O garoto, paralisado, imediatamente tomou a postura de macho para aumentar de tamanho como se fosse uma presa diante de um gato selvagem. Eles se olhavam nos olhos e não piscavam. Sérios. Contrafilé guardou a respiração no peito silencioso e ficou imóvel, mas atento. Essa contradição que pende para a poesia o fez desenvolver o charme da vítima, pois toda presa brilha intensamente antes de ser devorada. Sua imobilidade deu-lhe uma graça divina.

Assim, César se viu quase fascinado por essa presença barroca que parecia estar pairando à sua frente. A carne desse garoto parecia ser feita de um barro desconhecido. Não sabia explicar o que estava sentindo. Ele sentiu as linhas de expressão do seu rosto desenharem nele, à força, uma nova face. A face de um homem carrancudo e que esconde a sua alma, como se esse rosto representasse uma armadura que defende seu guerreiro e o afasta das investidas do inimigo. Tinha certeza de que se olhasse no espelho não seria capaz de se reconhecer. Tentava, discretamente, resistir a esse gesto autoritário que parecia compor um ritual de passagem.

Então, abriu o peito de modo a aumentar seu tamanho e engrossar a sua presença naquele cubículo, gerando uma reação imediata de Contrafilé. É como se César não tivesse mais poder nenhum sobre seus sentidos. Sentiu um bem-te-vi bicando dentro da sua cabeça – não no crânio, mas lá onde nasce a sensatez. Lembrou de quando uma cigana lhe disse de supetão que “cabeça-dura quebra fácil” e que era preciso mudar esse “mal na cabeça”. Desde então, não conseguiu esquecer essa profecia. Viveu a vida como era de se esperar, mas era frequentemente assombrado pela frase “o mal na cabeça”. O que mais o incomodava era este

maldito artigo definido. “O” mal. Que mal tão poderoso poderia ser esse? Como se proteger dele? Deveria mesmo se preocupar? Logo dava um jeito de esquecer tudo isso porque, afinal, não era homem de acreditar em superstição, misticismo ou no oculto. César orgulhava-se da sua tendência a racionalidade, da sua capacidade de persuasão, da sua frieza.

Aquele garoto se colocava diante dele não como um homem feito ou desfeito, mas como um anjo perdido. E sem saber como reagir a presença de um anjo, ele se enchia e esvaziava de vida. O seu coração latejava dentro do peito. Chegou a ficar tonto de tanta adrenalina.

O sucesso na sua carreira como chefe do narcotráfico, pensava, só era possível porque tinha um dom que o distinguia dos outros: acreditava piamente que conseguia revelar a verdade de um homem apenas olhando para ele. Foi assim que deixou de ser um criminoso de bairro e passou a ser influente no crime organizado. Então, saber ler as pessoas, exterminar contradições e acreditar somente no que é visível são princípios éticos inarredáveis para conquistar autoridade e respeito dos homens. Até a polícia o respeitava e admirava. Tinha muitos amigos e parceiros policiais.

Durante décadas, César trabalhou com assassinos, drogados, políticos, chefes do tráfico e outros homens do mundo do crime. Ele achou que nada mais, entre os homens, poderia surpreendê-lo. Ainda assim, aquela presença à sua frente parecia ser inédita na face da terra. Uma presença que, apesar de parecer vulnerável, ela não deveria ser subestimada. Mas o seu fascínio gritava alto demais. “Eu te amo”, essa frase maldita se formou na cabeça de César como se aquele bem-te-vi tivesse cantado aos pés do seu ouvido.

Fez um esforço enorme para reunir forças dentro de si e se recompor enquanto o garoto continuava parado diante dele esperando um gesto, um soco no estômago ou um aperto de mãos para as boas-vindas. César convenceu-se de que, não importava o que acontecesse naquela cela ou fora dela, de agora em diante, ele o protegeria como faria com a uma esposa.

(César segura o braço de Contrafilé e o derruba no chão).

CÉSAR

Tá ficando doido, cara?! Não tem medo de morrer, não?!

CONTRAFILÉ

Não!

CÉSAR

Então, te colocaram no lugar errado. Teu lugar é no cemitério.

CONTRAFILÉ

E tu acha que os “grandões” ligam pra isso? Me colocaram aqui pra morrer mesmo.

CÉSAR

Eu vou logo te dando o beabá. Não se aproxima das minhas coisas, não. Se sumir alguma coisa daqui eu vou em cima de ti. Aqui sou eu que mando. E, outra coisa, aqui, até viado tem que ser macho.

CONTRAFILÉ

(Avançando em cima de César) Eu vou acabar contigo, seu viado de merda! (Ao vê-lo mais de perto, sob o foco de luz que não para de piscar, César reconhece Contrafilé do seu sonho e o imobiliza imediatamente para se defender).

CÉSAR

(Pegando o objeto que estava embaixo do travesseiro podemos ver que é um punhal feito de aço e de ossos humanos. Agarra Contrafilé e coloca a faca no seu pescoço). Eu já vi você. Eu lembro de você. Você não vai me matar.

CONTRAFILÉ

Tá louco?! Para com isso. Me solta. Isso. Calma!

CÉSAR

(Finalmente se acalmando como quem acorda de um pesadelo). Eu confundi você... com outra pessoa. Minha cabeça tá doidinha ultimamente. Mas é bom logo você ficar sabendo. Eu não sei o que você fez lá fora e nem quero saber. Mas aqui dentro, eu sou o chefe. Eu que mando. Você come caladinho na palma da minha mão. E sem reclamar. Entendeu?

CONTRAFILÉ

...

CÉSAR

Responde, moleque!

CONTRAFILÉ

Sim!

CÉSAR

“Sim, senhor!”

CONTRAFILÉ

Sim, senhor.

CONTRAFILÉ

E o que eu ganho te obedecendo?

(César olha surpreso para Contrafilé por causa da pergunta ousada).

CÉSAR

Você vive um pouco mais.

CONTRAFILÉ

E se eu preferir morrer?

CÉSAR

(Como se estivesse enlouquecendo) Quem foi que enviou você pra cá, hein? Confessa. Eu te conheço do meu pesadelo. Eu tava quase entrando no sétimo portão... Já tinha me livrado de quem eu sou... Foi aquela sombra, não foi? Confessa!

CONTRAFILÉ

Não sei do que tu tá falando.

(César avança no pescoço de Contrafilé que tenta se defender do ataque e pede por socorro).

CÉSAR

Aqui, todo mundo vai te ouvir gritar, mas ninguém vai te ajudar. *(César imobiliza Contrafilé no chão pisando na sua cabeça)*. Reage! Bora! Mostra tua coragem pro teu macho. *(Contrafilé, humilhado, se debate para se livrar, mas não consegue e desiste)*.

CÉSAR

(Ainda pisando forte na cara de Contrafilé) Eu pergunto. Você responde. Qual o teu nome de verdade? O nome que teus pais te deram.

CONTRAFILÉ

O nome que meus pais me deram NÃO é o meu nome de verdade! Meu nome de verdade é CONTRAFILÉ! O outro eu não digo. Essa palavra eu não pronuncio. Pode me matar agora mesmo porque eu não digo. Me mata! Me mata logo! Vai, mata a tua putinha!

CÉSAR

E por que aquele policial chamou você de Pé-de-cabra? Quem é você?

CONTRAFILÉ

Eu digo, mas primeiro solta esse pé fedorento da minha cara *(César o solta)*.

CÉSAR

Então, me diz... de onde vem a tua história?

CONTRAFILÉ

Caramba... que hospitalidade!

CÉSAR

Não enrola!

CONTRAFILÉ

Por que você tá mais interessado em saber quem sou eu do que em saber o que eu fiz ou do porquê eu estou aqui?

CÉSAR

Nem todo homem que mata é criminoso. Algumas mortes são poesia. E o homem que mata – simples, banal, mortal – ao abandonar a alcunha de assassino, acaba assumindo estatura de poeta. Então, me diz... Você é só um criminoso? Ou você é um poeta?

CONTRAFILÉ

(Silêncio) Eu... arrombei ele... três vezes. Eu lembro que foi no terceiro golpe que eu vi...a pele descolar do osso. Você já desossou alguém? É uma sensação estranha... de liberdade. Que a gente só sente quando faz alguma coisa que não pode ser copiada... nem refeita. Nunca na vida. É um limiar. Depois, eu... puxei uma cadeira e fiquei ali...olhando ele morto na minha frente. Primeiro...

CÉSAR

(Interrompendo) ...quem que você matou?

CONTRAFILÉ

(Continuando) ...primeiro, eu me senti salvo. De servidão dos homens. Eu tinha feito, finalmente... *(os olhos brilham)* o “ato da mais radical diferença”. Senti na calça, contra a coxa, o pé-de-cabra gelado. Senti na cueca, contra a virilha, o meu pau duro quente. Desejei, Desesperadamente. Que eles se encontrassem... para que eu pudesse sentir de novo... toda a liberdade do mundo. Ia fazer um outro ato radical. Dessa vez, comigo mesmo. Mas uma ideia angustiante me acompanhava: o receio de que as pessoas boas sejam, na verdade, assassinos que escolheram o meio mais maçante e ressentido de matar. Esse medo desesperou a minha solidão. Depois que eu cometi o crime... eu mesmo liguei para a polícia e confessei. Fiquei lá esperando todo o tempo... com o pé-de-cabra entre as pernas... ensanguentado... com a pele dele nas minhas mãos. Percebi que minha juventude estava morta. Ao falar dela, falarei de uma morta. Com ela, morreu em mim, as minhas faculdades poéticas. Eu já não esperava que a prisão continuasse sendo o que foi por muito tempo: esse mundo fabuloso. Naquele momento, percebi que ela tinha perdido seus encantos. Isso quer dizer que eu me transformava, que meus olhos se abriam para a visão habitual do mundo. Ela virou um calabouço onde eu me enfureço por estar encerrado. Nessas paredes, ao invés de ler: “Contrafilé, o assassino”, meus olhos deformam as letras e me fazem traduzir: “Contrafilé, o desencantado”.

(César pega um pedaço de papel de pão velho e com um lápis de olho escreve algo nele. Embrulha com carinho e entrega o bilhete para Contrafilé).

CONTRAFILÉ

(Lendo) “A beleza da coisa viva só pode ser captada num instante brevíssimo”. O que é isso?

CÉSAR

Não sei.

CONTRAFILÉ

Como assim? Você escreveu. O que significa?

CÉSAR

Eu tive um sonho esquisito hoje... o mesmo que eu tive ontem... e anteontem... e nesse sonho tinha essa frase. Mas só me lembro disso. Guarda ele. Com cuidado. Pra eu não esquecer.

CONTRAFILÉ

Então... você não consegue lembrar de um sonho que você sonha toda noite?

CÉSAR

Eu tenho só... vislumbres. De dia. Imagens que aparecem na cabeça. E somem. Como ainda agora. Algumas sensações também... *(como se estivesse falando sozinho)* mas eu ainda vou conseguir me lembrar desse sonho.

CONTRAFILÉ

... e isso é... um presente?

CÉSAR

Sim, um presente de boas-vindas.

CONTRAFILÉ

E o que eu faço com isso?

CÉSAR

Mete no cu, porra! “Que eu faço com isso?”. Guarda. De vez em quando eu tenho sonhos que acontecem várias coisas e depois essas mesmas coisas acontecem na vida real.

CONTRAFILÉ

Ou seja... você tem premonições?

CÉSAR

Acho que sim. Mas, tá vendo só? Eu dividi contigo uma coisa íntima. Agora, é sua vez.

CONTRAFILÉ

Você tá parecendo adolescente fazendo troca-troca escondido. “Eu te dei meu cuzinho. Agora, é a sua vez”. Já fiz muito isso.

CÉSAR

(Dá um soco em Contrafilé que cai no chão) Me diz: qual é o nome que teus pais te deram e que não é o teu nome verdadeiro?

CONTRAFILÉ

Mas que diabos... Não é verdadeiro. Não tem importância. Além disso, eu não posso te contar.

CÉSAR

Por quê?

CONTRAFILÉ

Porque toda boa história tem seus segredos, meu bem. Cada coisa tem seu próprio tempo. *(Adotando uma postura estranha)* Esse é o último segredo e quando o último segredo for revelado, tudo vai mudar. Isso deve estar te matando, né? Eu sou um enigma que tu não consegue revelar. O grande revelador de enigmas falhou. Tu não é tão poderoso assim, Édipo. Eu te conheço.

CÉSAR

Do que você me chamou? E como é que você me conhece?

CONTRAFILÉ

Nada. Besteira minha.

CÉSAR

Anda! Diz logo!

CONTRAFILÉ

Você já quer saber demais.

CÉSAR

Eu também sou uma boa história que não revela seus segredos.

(Silêncio).

CÉSAR

Quem você matou?

CONTRAFILÉ

Ah, mas que porra!

CÉSAR

(Avançando sobre Contrafilé) Eu posso perguntar para qualquer um aqui. Pra estar todo mundo odiando você lá fora, deve ter sido algo pesado. Deve tá em todos os jornais. Você tá fodido. Vai ser muito fácil descobrir.

CONTRAFILÉ

(Tocando lentamente o corpo de César que, sem perceber, entra no seu jogo) Então, por que você não faz isso? Se você realmente quisesse, ia ser fácil. Mas isso ia ferir tua vaidade de morte, não é? Ter que submeter a pedir informações?! Que graça tem isso? Você quer ouvir da minha boca. Então, você vai esperar. Tem coisa que só vale a pena saber se for no tempo certo. Eu até te diria agora, mas também não teria graça nenhuma. Então, eu te desafio a...

CÉSAR

(Interrompendo e avançando sobre ele de novo) Desafia o que, moleque?! Eu lá sou homem de aceitar desafio de um viadinho?!

CONTRAFILÉ

(Avançando novamente) Todo mundo sabe. Menos tu. Que engraçado eles terem te deixado de fora dessa. Se você for correndo lá com seus comparsas vão saber que você é um fraco e curioso. Eles vão rir de ti. O cara que não sabe de nada, que precisa implorar informação. Tu quer mesmo que te olhem assim? *(César não reage, parece em dúvida)* Foi o que eu pensei. Então, quem vai te contar sou eu e quando eu decidir que é a hora certa. Até lá... *shhh...* tu não vai perguntar para ninguém. Tá entendendo, meu macho?

CÉSAR

(Desconfiado) Eu vou esperar. Não sei por quanto tempo, mas eu vou esperar. Você tem sorte. Nem eu tô me reconhecendo.

CONTRAFILÉ

Tem certeza de que não vai trapacear e sair correndo pra perguntar pros teus colegas?

CÉSAR

Minha palavra é de homem.

CONTRAFILÉ

Tem certeza?

CÉSAR

Sim, senhor.

CONTRAFILÉ

(Cara a cara com César) “Sim, senhora!”

CÉSAR

Sim, senhora *(rindo)*... o que é esse anel no seu dedo? Você tem alguém lá fora?

CONTRAFILÉ

Não, é uma aliança de compromisso comigo mesmo. Foi meu primeiro roubo. Roubei da minha mãe antes do assassinato. E essa faquinha que tu guarda debaixo do travesseiro?

CÉSAR

“Faquinha” ... isso aqui é um punhal. A lâmina é de aço puro. E o cabo é do osso do primeiro homem que eu matei. Muita gente já morreu no corte dessa lâmina velha. E se você não se comportar direito, vai ser o próximo! *(Silêncio)* E não se esquece: a gente fez um pacto.

(Contrafilé faz o gesto de quem vai subir no beliche).

CÉSAR

Ei, ei, não, não! *(Sobe antes dele)* Em cima, dormem os homens. Embaixo, as meninas *(ri)*.

(Contrafilé tenta controlar sua raiva. Enfia o pedaço de papel embaixo do seu travesseiro e os dois se deitam para dormir).

CENA 2: O SEGUNDO SONHO

(Escuro. Ouvimos César se debater na cama).

CONTRAFILÉ

César, César! Acorda! Tu tá sonhando. *(César continua se debatendo de olhos abertos)* Fala, César. Para de resistir. Quem era ele pra ti? Foi por ele que fez a descida?

(César continua se debatendo).

CONTRAFILÉ

César, se mexe. Respira. É só uma paralisia. Já vai passar. Tá tudo bem!

(César acorda)

CÉSAR

(Agarrando Contrafilé) Que merda você fez, hein, seu viadinho? O que você fez foi grave, muito grave. Todo mundo lá fora odeia você. Muita gente chorando. Caralho, foi muita merda! O que foi? Me conta!

CONTRAFILÉ

Foi só um sonho.

CÉSAR

Esqueceu que meus sonhos são recados lá do além?

CONTRAFILÉ

Ainda não é hora de te contar. Esqueceu do que eu disse? Que cada coisa tem seu tempo?

CÉSAR

Não fode! Me conta logo essa merda grande que você fez. Pé-de-cabra! Pé-de-cabra! Pé-de-cabra!

CONTRAFILÉ

(Aos gritos) Para! Para! Eu não gosto que me chamem de pé-de-cabra. Eu odeio!

CÉSAR

Então, quem é você?

CONTRAFILÉ

Eu sou o contrafilé. Eu sou as histórias que você não conta por que tem medo. Eu vivo no calabouço da alma. Quanto mais você me rejeita, mais eu me torno livre. Quanto mais você me ignora, mais eu cresço. Não me ignora, César! Não me ignora! Porque eu existo. Eu existo!

CÉSAR

Sai para lá *(joga Contrafilé longe)*.

CONTRAFILÉ

Com o que foi que você sonhou?

CÉSAR

(Conta).

CONTRAFILÉ

Escuta, César, existem um milhão de motivos para você ter medo de mim, mas quanto mais você me rejeitar, pior. Então, eu sugiro, que a gente comece de uma outra forma. Sendo amigos.

CÉSAR

Você quer saber de uma coisa que eu não te contei?

CONTRAFILÉ

Conta.

CÉSAR

Sabe por que você veio parar nessa cela comigo?

CONTRAFILÉ

Não, mas tô sentindo que você vai me contar agora.

CÉSAR

Eles só mandam pra cá quem...você sabe... quem precisa aprender alguma lição. Definitiva. Um dia, o dia amanhece mais escuro para uns do que para outros. Ninguém pergunta. Ninguém lembra. Ninguém fala. Um conselho que eu dou para você: dorme com um olho aberto. E com o outro... sonhando comigo.

(Breve silêncio entre os dois).

CONTRAFILÉ

Entendi *(outro silêncio)*. Então, tá. Boa noite, meu assassino *(vai se deitar)*.

(Luz cai devagar. Silêncio. Um leve som de respiração acelerada. De súbito, uma luz vermelha. César se levanta da cama, encara Contrafilé dormindo. Vai até a cama dele, devagar. Ele puxa o travesseiro. Ajoelha-se em cima do peito de Contrafilé e pressiona com força. Sem piedade, sem medo. O corpo se debate. Luta. Tenta. Para. Está feito. Contrafilé está morto. César recua. Ofegante. Observa. Espera. Silêncio. Muito silêncio. Ele volta lentamente para sua cama. Senta-se. Respira. Respira. Respira. Leve som de movimento. Contrafilé, lentamente, senta-se na cama. César entra em colapso).

CÉSAR

Tem um sonho que me persegue...sobre um garoto que sofre de uma maldição... quando o seu príncipe morre... e ele fica condenado a viver uma vida inteira sem amor. Ele desce uma escada ao inferno e encontra uma sombra nua que muda de rosto toda hora. E antes de passar por ela, ele precisa abandonar todas as suas forças sagradas. Meu anel... meu punhal... meu nome. O nome dele. E agora eu estou perdido nesse pesadelo e não sei como sair.

CONTRAFILÉ

Diz o nome dele. Em voz alta. Diz.

CÉSAR

Não posso. Não consigo.

CONTRAFILÉ

Abre teu peito. Diz o nome dele.

CÉSAR

Eu já disse que não consigo.

CONTRAFILÉ

Diz e te liberta dessa dor de homem miserável. A luz não vai te levar a lugar nenhum sem antes você se perder na escuridão. Por que você desceu para o inferno?

(Tudo se apaga. Ouve-se somente o grito desesperado de César).

CENA 3: PINTURAS RUPESTRES

(Na cela abafada e úmida, paredes sujas e rabiscadas. O cheiro de suor e tabaco impregna o ar, enquanto uma luz fraca e amarela de uma lâmpada pisca acima dos dois prisioneiros. César, de pé, se masturba contra a parede e a acaricia com os dedos, como quem toca o corpo de um amante ausente. Contrafilé, deitado no beliche inferior, observa tudo em silêncio, seus olhos tomados por uma languidez pesada, como se o tédio e o desejo fossem a mesma coisa).

CONTRAFILÉ

(Sussurrando) Quando tu dorme, tu faz uns sons estranhos. Parece que tá chorando. *(César se assusta ao perceber que Contrafilé acordou).*

CÉSAR

(Abotoando a calça) Vem aqui! Tá vendo essas frases rabiscadas? Esses desenhos? São dos outros prisioneiros que passaram por aqui. Uns eu mesmo matei, outros cumpriram a pena e outros se mataram.

CONTRAFILÉ

Por que você não matou todos já que só mandam para cá os condenados?

CÉSAR

Porque sou eu quem decido quem eu quero matar ou não. Ninguém manda em mim *(silêncio)*. Esses rabiscos são confissões de amor, devoções religiosas, ameaças de morte. São marcas eternas dos nossos antepassados, resquícios da nossa humanidade. Alguns foram escritos com sangue, outros com a própria porra ou com a porra dos outros. Desejo gravado em concreto.

CONTRAFILÉ

(Começa a ler) “Assim como uma porta de prisão me guarda, meu coração guarda a tua lembrança”, “Eu sou um morto que vê seu esqueleto refletido no espelho”, “O meu cu ainda guarda a tua porra”.

CÉSAR

Olha esse desenho aqui.

(César mostra para ele o rabisco de um Cristo iluminado abençoando um pau ereto cheio de veias e gozando diante dele. Contrafilé ri desajeitadamente).

CONTRAFILÉ

Ele parece um velho tarado desses que a gente encontra em bares fedorentos.

CÉSAR

Até eles merecem amor. É um deus... que nunca vamos poder tocar.

CONTRAFILÉ

Deus? No máximo, um anjo caído. Como todos nós.

CÉSAR

E é por isso que é tão fascinante. Porque ele é igual a nós. Também tem outra coisa nesse rabisco que me comove.

CONTRAFILÉ

O que é?

CÉSAR

Esse Deus, além de velho, parece vulnerável, ferido. Mas parece não saber disso. É como se, diante dessa presença luminosa, ele ficasse cego, irracional. Parece uma presa, um animal coagido.

CONTRAFILÉ

E essa rola parece um predador. Ele tá abençoando o seu próprio predador. Ou talvez ele nem saiba disso.

CÉSAR

Esse é o grande mistério do desejo humano. A contradição. Você nunca amou um inimigo?

CONTRAFILÉ

Eu nunca amei ninguém.

CÉSAR

É uma das coisas mais bonitas na vida de um homem: amar seu inimigo... se dar a ele.

CONTRAFILÉ – E tu? És a presa que abençoa ou o predador que corrompe?

CÉSAR

(Olhando nos olhos de Contrafilé) Eu ainda não sei. *(Mudando de assunto)* Você já viu como é bonito um pau – que não fosse o seu – gozando?

CONTRAFILÉ

É claro que não.

CÉSAR

É a coisa mais linda. Todo homem deveria ver pessoalmente. Eu não tô falando de sexo. Eu não tô falando de fazer nada, além de simplesmente contemplar esse ato que, para mim, marca perfeita e dolorosamente uma vida inteira. Sentir o punho apertando o pau... A virilha suada... Ver o sangue escorrendo nas veias desenhadas na pele... A cabeça do pau exposta, quase explodindo... O som do gemido abafado dentro da boca que não se iguala a gemido nenhum... sentir o cheiro forte da porra saltando aos olhos. É assim que se vira homem. *(César coloca as mãos de Contrafilé na parede)*. Sente! As paredes estão tremendo, suando. Elas também sentem.

CONTRAFILÉ

Isso tudo não passa de uns... rabiscos solitários. Vontades que caem no sussurro e morrem na escuridão. Aqui, tudo fede à ausência. Até o tesão é uma lembrança distante.

CÉSAR

Vou te mostrar, então. *(César leva ele até uma parte mais escondida da parede cheia de infiltração e mofo, acende um isqueiro e lê)* “Te engulo na escuridão da minha cela”. Esse é o meu preferido.

CONTRAFILÉ

Por quê?

CÉSAR

Porque isso é mais do que uma lembrança, Contrafilé. É a confissão de um amante enjaulado. Por trás dessas muralhas, existe a guerra dos homens, desconhecida para nós. Aqui, nessas paredes, tá escrita a fome dos homens e não dos meninos. A fome que devora o espírito e não a carne. É tudo que a gente tem.

(César passa a mão na parede como se lesse um corpo, seus dedos deslizam entre os rabiscos, o suor das pedras. Ele fecha os olhos. Inspira profundamente, como se absorvesse uma presença invisível. Então, começa a despir o uniforme, devagar).

CONTRAFILÉ

César... me faz virar homem.

(César vai até ele e se masturba. O silêncio pesa. A luz fraca pisca, hesitante. Ele geme, baixo, e goza perto do rosto de Contrafilé. Por um instante, tudo parece suspenso. Contrafilé observa, como se tentasse decifrar um enigma. Seu peito sobe e desce, lento. O cheiro do esperma se mistura ao mofo da cela. As paredes, cheias de palavras, parecem vivas. Elas

respiram junto com eles. Contemplam a beleza do jato de porra junto com eles. Suam junto com eles. Pausa. Escuridão).

SEGREDO Nº02: O PORQUÊ

CONTRAFILÉ

César, acorda! Acorda! Escuta!

CÉSAR

O que foi? Por que você tá me acordando essa hora?

CONTRAFILÉ

Eu quero te contar o meu outro mistério. Tá acordado?

CÉSAR

Fala logo.

CONTRAFILÉ

Eu fiz porque eu precisava realizar um ato de desagravo, um ato que me separasse de vez do resto dos homens, que me divorciasse da sociedade. Um ato que me tornasse diferente de todos os outros.

CÉSAR

E por que você queria se separar do resto das pessoas?

CONTRAFILÉ

Não que eu me orgulhe disso, mas eu consigo perceber coisas que os outros não conseguem ver a olho nu. Eu tenho essa visão especial.

CÉSAR

O que você está falando?

CONTRAFILÉ

Quando eu era criança, a minha mãe tinha uma amiga muito simpática e religiosa. Um dia... uns invasores tomaram o terreno da família dela. A casa estava vazia, e eles entraram. Ficaram. Quando ela descobriu, sabe o que ela fez? Nada. Disse que Deus tinha outros planos. Que era uma provação. Que, se fosse da vontade d'Ele, ela teria algo melhor no futuro. Eu lembro da voz dela quando falou isso. Era doce, sabe? Calma. Como se tivesse aceitado uma sentença. Como se fosse normal perder tudo e só esperar (*olha para César*). E se Deus não existir? E se Ele nunca teve plano nenhum? Eu me perguntei isso e senti raiva. Uma raiva fria, seca. Raiva dela, raiva da vida, raiva desse roteiro que as pessoas seguem sem questionar. Foi aí que eu finalmente entendi. Viver é só isso: seguir um roteiro escrito por alguém que a gente nem conhece. E eu não quero ser um personagem. Eu precisava fazer alguma coisa. Alguma coisa que quebrasse esse fluxo dos dias. Alguma coisa que nunca pudesse ser

desfeita. Então eu criei uma regra. Uma regra minha. Um princípio ético. Então, eu chamei esse princípio de “o ato da mais radical diferença”.

CÉSAR

“Ato da mais radical diferença”. Que porra é essa?! Que merda que você tá falando?

CONTRAFILÉ

É assim. Quando tá todo mundo mergulhado nessa onda de tédio crônico e de previsibilidade, é preciso fazer alguma coisa diferente e radical que mude a rotina, que acorde as pessoas e que mude a vida delas para sempre. Não importa se isso é bom ou ruim. Isso não existe. É preciso realizar O Ato.

CÉSAR

Você matou com o pé-de-cabra.

CONTRAFILÉ

Posso terminar de falar? Eu elaborei pra esse ato algumas regras próprias. Eu ia cometer um ato impulsivo e desesperado que deveria, número um, ser repentino, fora da caixinha, inesperado. Para que causasse uma onda coletiva de espanto. Número dois, esse ato deveria ser o mais brutal de todos. Uma carnificina existencial. Para que causasse uma desesperança generalizada. Assim, eu provocaria na sociedade um aprendizado doloroso pela poesia. Terceiro: o ato deveria abrir os olhos das pessoas, acordar elas da letargia e fazer elas mudarem. Revelar todas as verdades insuportáveis do ser humano que queremos esconder com dinheiro, status e amor.

CÉSAR

E por que você fez isso, o “Ato da mais radical diferença”? Pra se vingar das pessoas?

CONTRAFILÉ

Não. De jeito nenhum. Isso não tem nada a ver com vingança. Nem justiça. Isso tem a ver com renascer. Eu não tenho motivo nenhum pra me vingar. Eu sempre tive uma vida boa e com uma família compreensível que fez tudo por mim. Embora, esse “tudo” tenha limites muito pequenos. Mas a vida que eu sempre tive não justificaria “O Ato”.

CÉSAR

O que justifica, então?

CONTRAFILÉ

Nada. Eu não tô procurando justificativas. Eu fiz o que eu precisava fazer. Eu me sacrifiquei e provoquei uma onda de “carnificina existencial”. As pessoas estão lá fora falando meu nome, discutindo o mal, chorando, sentindo medo, raiva, querendo justiça com as próprias mãos. Tá todo mundo acordado. Vai demorar até que eles durmam em paz de novo. E isso é bom! Quando eles dormirem, eu faço “O Ato nº02”. E assim eles acordam de novo.

CENA 4: NEGÓCIO FECHADO

(Contrafilé está sentado no canto da cela, encolhido, visivelmente exausto. César observa por alguns instantes antes de se aproximar).

CÉSAR

Então é isso? Você vai mesmo desistir e deixar os rapazes fazerem o que quiserem contigo?

CONTRAFILÉ

O que que eu posso fazer? Eles são muitos. Eu tento lutar, mas não adianta. É muita educação da sua parte chamar aqueles brutamontes de “rapazes”.

CÉSAR

Perde. Sempre perde. Eles não vão parar. Só vai piorar.

(Silêncio. Contrafilé abaixa a cabeça, sem responder).

CÉSAR

Eu posso acabar com isso. Posso fazer eles te deixarem em paz.

CONTRAFILÉ

(Levanta a cabeça rápido) Como? Me ajuda. *(Silêncio)* O que tu quer em troca?

CÉSAR

Teu anel.

(Contrafilé franze a testa, confuso. Olha para a mão, onde o anel barato brilha sob a luz fraca da cela).

CONTRAFILÉ

Tu quer essa porcaria? Isso aqui não vale nada.

CÉSAR

Vale pra ti. É isso que importa. Se quiser minha ajuda, me dá o anel. Simples assim.

CONTRAFILÉ

(Ri nervoso) É sério isso? Eu tô sendo currado todo dia e tu quer... isso? Tá de brincadeira.

CÉSAR

Tô falando sério. O anel.

(Contrafilé aperta a mão fechada sobre o anel, protegendo-o).

CONTRAFILÉ

Esse anel sou eu. Eu roubei ele da minha mãe pra me lembrar de quem eu sou. Pra lembrar que a única pessoa que eu tenho compromisso é comigo mesmo. Isso não é uma joia, é só um pedaço de metal barato. Não tem valor nenhum!

CÉSAR

Então por que você não me entrega?

(Silêncio. Contrafilé respira fundo, tenta segurar o olhar de César, mas acaba desviando).

CONTRAFILÉ

Tu não quer dinheiro? Cigarro? Meu cu? Qualquer outra coisa? Porra, César...

CÉSAR

Não. Eu quero isso. E é a minha última oferta.

(Contrafilé fecha os olhos por um instante. Quando os abre, parecem vazios. Com um gesto hesitante, tira o anel do dedo e o entrega a César, que o recebe com um sorriso satisfeito).

CÉSAR

Negócio fechado. A partir de agora, o seu compromisso é só comigo. Você é meu.

(Ele coloca o anel debaixo do seu travesseiro, ao lado de sua adaga com extremo cuidado, enquanto Contrafilé se encolhe ainda mais no canto da cela. A luz vai mudando de temperatura lentamente, como se estivesse sugerindo que algo grande estivesse prestes a acontecer).

CENA 5: O BATISMO PELA MERDA

(Luz quente. A cela permanece em silêncio. Contrafilé continua encolhido no canto, os olhos vazios. César, de costas, encara o travesseiro por alguns segundos, como se meditasse. Lentamente, se levanta).

CÉSAR

Agora falta só uma coisa. Pra selar o ato.

(Contrafilé não responde. César se move em direção a um balde encostado na parede. Pega o balde com nojo contido — é de merda, urina e lixo fermentado. O mau cheiro sobre. As moscas circulam o balde. Volta devagar, encarando Contrafilé).

CÉSAR

Todo mundo que é meu... meu garotinho... meu putinho... passa por isso. Batismo. Deixar de ser bicho. Virar criação.

(Contrafilé levanta a cabeça assustado. Sente o cheiro de merda. Vê o balde. Uma mosca zune ao redor).

CONTRAFILÉ

Batismo, é? Tu é padre agora?

CÉSAR

Melhor. Eu sou deus. Ou demônio. O que você preferir.

(Silêncio. Contrafilé se levanta devagar. Os dois ficam frente a frente).

CONTRAFILÉ

Então me batiza. Vai. Faz teu milagre de merda. Tu és Cristo coroado. Eu sou teu filho.

(César fica surpreso com a entrega. Levanta o balde devagar, mas hesita por um instante. Contrafilé sorri, quase terno).

CONTRAFILÉ

Eu aceito. Mas não esquece: depois disso, eu nasço de novo. Mais forte.

(César derrama o conteúdo lentamente sobre a cabeça de Contrafilé. Ele não se mexe. A merda escorre pelo rosto, pelos ombros, pinga no chão e até em César. Contrafilé fecha os olhos).

CÉSAR

Eu sou Deus. Tu és o filho. Eu te pergunto, em nome da Santa Igreja, qual o nome que escolheste para o novo espírito santo?

CONTRAFILÉ

(Gritando várias vezes) Contrafilé!

(Quando abre os olhos, algo mudou. Contrafilé agora começa a rir. Baixo. Depois mais alto).

CONTRAFILÉ

Tá feliz agora? Sou teu. Sou teu porra nenhuma. Tu me deu um nome, me marcou com tua merda, mas agora eu sou mais eu do que tu és tu.

CÉSAR

Cala a boca.

CONTRAFILÉ

Me fez teu. Só que agora, quando olharem pra mim, vão ver o que tu fez. Tua assinatura fedorenta. Tua obra-prima do mal. *(Ele avança um passo. César recua).* Eu quero que tu prove a minha merda cheia de porra.

CÉSAR

A oferenda é para os mortais. Não para os deuses.

CONTRAFILÉ

Tu acha que tem poder porque me sujou. Mas eu... eu tô me tornando. E tu sabe disso.

(Silêncio pesado. Ouve-se a respiração dos dois. Contrafilé limpa os olhos com o antebraço sujo, encara César com firmeza, que retribui a ousadia. César empurra Contrafilé e tira a roupa toda. Senta-se nu e acorado na privada, enfia a mão dentro do vaso e suja o próprio rosto de merda como em um gesto de batismo).

CÉSAR

Eu sou poeta diante dos crimes dele e só posso dizer uma coisa: esses crimes fedem a flor. E é com esse azedume que Deus perfuma a nós, a nossa imaginação e a nossa estada nesse paraíso até os mais distantes de nossos dias.

CÉSAR

(César passa a mão suja no rosto de Contrafilé) Eu te batismo, seu filho da puta, com a merda, com a porra e com o sangue do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Que o Senhor te abençoe, minha criança maldita, e que a luz de Cristo te guie por toda as vidas.

OS DOIS

Amém! Amém! Amém!

(E, assim, cobertos de merda e com riso frouxo, eles se esfregam entre si como dois cães vira-latas brincam na lama até que estes gestos tomem uma proporção erótica. Quando percebemos, estão fazendo amor, dolorosa e desastrosamente).

CENA 6:O DIA SEGUINTE

(Dia seguinte. Contrafilé acorda no chão, a merda secou no seu corpo nu. César está em pé desenhando algo na parede, usando merda. Eles se cumprimentam).

CONTRAFILÉ

Quanto tempo eu dormi?

CÉSAR

(Virando-se de costas para Contrafilé e continuando a desenhar) O tempo não importa muito aqui. Dá uma olhada na minha cama. Lê o bilhete e me diz o que você acha.

CONTRAFILÉ

(Se levantando curioso em direção a cama, ele pega o bilhete) Foi tu quem escreveu?

CÉSAR

(Voltando a olhar para Contrafilé) Quem mais seria?

CONTRAFILÉ

(Contrafilé abre e começa a ler o bilhete).
Meu imperador César,

Quando penso em abacates é o gosto de vômito que me vem à cabeça. Já quando penso em piedade é o seu gosto que eu sinto na boca. Olho para cima e você está prestes a realizar aquele gesto maldito que se reproduz na minha cabeça sempre que penso em amor. Nesta noite, visitamos o paraíso como duas crianças que descobrem juntas o caminho secreto da felicidade. Descobrimos a volúpia do seu recatado véu de proteção e revelamos o seu corpo calejado aprendendo naturalmente as carícias secretas dos homens porque fomos guiados por uma sabedoria interna, como um pai que ensina carinhosamente seu filho a andar de bicicleta.

Em certo momento, a minha mão armada segurou teu pau e se revelou contra mim quando, em um único gesto, o enfiou entre as minhas pernas, te obrigando a deitar em mim. Você tinha apelidado sua pica de “o teu umbral”. A minha pica você chamava de “meu pequeno zombeteiro”. Ali, sem pronunciar nenhuma palavra, trocamos inúmeras declarações de amor como dois amantes abandonados pelo mundo.

Espremido no seu abraço, eu estava imóvel e mal conseguia respirar. Eu acreditava fazer parte de algo que, às vezes, se parecia com um duelo pacífico entre rapazes e, às vezes, tomava a forma de dança tribal entre homens. Quando teu lindo rosto de brutamontes se contraiu, sério e mal, como tomado por um amor que não cabia em um só milênio, eu senti um filete de baba amarela deslizar em direção ao meu rosto. Eu senti o gosto da tua merda, meu amor. E me transformei em tua mulher para melhor te agradar. E deixei que você me guiasse.

Teu rosto se deformou formando uma máscara feita de bile negra e teu corpo fez soar um alarme ouvido só por homens antes de ter um momento de alívio. Foi então que tu desabrochou em soluços de alegria. As coisas voltaram ao normal. Eu me senti envergonhado com o que os deuses diriam sobre a inversão perversa que fizemos. Mas mal aquela nuvem negra se afastou de nós, eu te ouvi dizer a mais inconfessável declaração de amor, aos pés do meu ouvido: “eu sou o teu homem”.

*O teu, o pequeno zombeteiro
Contrafilé.*

CONTRAFILÉ

(Ainda com o bilhete na mão, olhando pra César) Não entendi. Tu escreveu isso... como se fosse eu?

CÉSAR

Escrevi. Usei tua voz. Por quê? Não gostou?

CONTRAFILÉ

Eu não te dei minha voz.

CÉSAR

Mas você gemeu ela pra mim ontem à noite. Eu só escrevi o que você não soube dizer.

CONTRAFILÉ

Isso não te dá direito. Minha boca é minha. Só minha. Mesmo quando tá encharcada de você.

CÉSAR

Isso é só um showzinho. Tudo que eu faço você tem que implicar. Você só tá bravo porque gostou. Do bilhete. E da foda.

CONTRAFILÉ

Mas eu não quero que tu faça mais isso, que tu fique dizendo como eu me senti ou deveria ter me sentido. Eu me sinto um incapaz. Tu me falsificou. Tu não quer só me possuir. Quer me inventar. Por que você não escreve sobre o que você sentiu me comendo? *(Silêncio)* Hein?!

CÉSAR

Hum, tá bom de frescura. Já chega. Você só tá falando isso pra encrencar comigo e se sentir melhor pagando de independente descolado. “Ai, porque tu não sabe como eu me sinto”. Eu sei, sim. Esqueceu que eu te conheço muito bem? Melhor do que você mesmo. Eu já sei tudo sobre você. Eu já te adivinhei todinho. Além disso, eu posso até te inventar, mas se eu te invento, é porque te amo e quero te melhorar.

CONTRAFILÉ

Então me ama pelo que eu sou, caralho. Ou me destrói logo. Mas não me escreve. Nem me inventa.

CÉSAR

Tá bom, tá bom. Mas você também tem que aprender a se acalmar, a relaxar. Não dá pra ficar todo tempo pilhado com as coisas. *(Se aproximando dele com carinho, querendo fazer as pazes. Contrafilé deixa).* Você é um pimentinha.

CONTRAFILÉ

Sou mesmo.

CÉSAR

(Rindo) Você tem sorte de eu ter acordado de bom humor, senão...

CONTRAFILÉ

Ah, é? Senão o quê?

CÉSAR

(Zombando de Contrafilé) “Senão o quê?” Tá vendo?! Já quer se estressar de novo. Rapaz, não brinca com o perigo. *(Silêncio curto, tenso. César olha para ele com uma expressão difícil de decifrar).*

CONTRAFILÉ

(Amassando o bilhete na frente de César e jogando no chão, ele sussurra) Por eu você precisou descer ao submundo?

CÉSAR

Quê?

CONTRAFILÉ

Nada, não.

CÉSAR

Bom, agora que as coisas se resolveram.... a gente precisa limpar isso aqui né? Vamo?!

CONTRAFILÉ

Tu já percebeu que sempre precisa arrumar tudo depois que bagunça? Por quê?

CÉSAR

Não é bagunça. É rito. Mas depois do rito, vem a ordem. É assim que são as coisas.

CONTRAFILÉ

Isso é só tua mania de controle falando.

CÉSAR

Talvez. Mas a cela limpa não é só minha, é tua também. A bagunça pode ser minha, mas o espaço é nosso.

CONTRAFILÉ

A gente parece marido e mulher.

CÉSAR

Sim, e você é minha mulherzinha.

(Rindo. Mesmo contrariado, Contrafilé ri. Ele parece secretamente gostar do novo apelido. Os dois continuam limpando e conversando)].

CONTRAFILÉ

César?

CÉSAR

Diz.

CONTRAFILÉ

Às vezes, eu não consigo dormir à noite.

CÉSAR

Por quê?

CONTRAFILÉ

Porque eu não consigo parar de pensar na vida. Como você consegue dormir com tanta pergunta sem resposta sobre...o mundo? A minha cabeça fica rodando e eu não consigo controlar meus pensamentos. Fico acordado a noite todinha. Com a cabeça no mundo da lua.

CÉSAR

Eu durmo muito bem. Não perco o meu sono por isso.

CONTRAILÉ

Esse é o meu medo.

CÉSAR

Medo de quê?

CONTRAFILÉ

Do homem que dorme bem de noite.

CÉSAR

Por quê?

CONTRAFILÉ

Porque ele não guarda remorsos pelas coisas horríveis que ele fez durante o dia.

CÉSAR

Um dia, você aprende a dormir.

CONTRAFILÉ

...eu não sinto culpa.

CÉSAR

Então, por que você não dorme?

CONTRAFILÉ

Não é a culpa que me impede de dormir.

CÉSAR

Então, o que é?

CONTRAFILÉ

Não sei. Acho que eu não fui feito para dormir.

CÉSAR

E por que você não me acorda?

CONTRAFILÉ

Porque eu não quero incomodar você.

O EU

Por trás do véu aparente da intimidade que brotou entre eles – e talvez até por causa dele –, estes dois homens escondem no peito pequenas reservas de si mesmos que protegem silenciosamente um do outro. César se sente incomodado que Contrafilé tenha percebido, afinal de contas, a sua natureza controladora, o seu ponto fraco. Então, como quem quer

provar algo, ele se aproxima do rapaz e começa a beijar-lhe a nuca, com calor, peso e lentidão que o tranquilizam e arrepiam a sua pele. Para evitar imediatamente qualquer reação ou o menor gesto de higiene em Contrafilé, ele enfiou-lhe a mão entre as suas nádegas sujas de merda, como uma pequena carícia, e ele, tomado por um pudor repentino, receando que sua merda sujasse o pau de César, tentava limpar com as mãos. César recusou a tentativa.

CÉSAR

Eu te amo ainda mais do que antes.

CONTRAFILÉ

(Confessando) Eu tinha medo de que você não me amasse mais... depois.

(Os dois, ainda imundos vão para a cama, para fazer amor e porque César o penetrara com muita força e velocidade, sem ligar para os seus gemidos ambíguos, ele percebeu que ferira o rabo do seu grumete e feriu também o seu pau nos pelos da sua bunda. Eles estavam sangrando).

CONTRAFILÉ

O que aconteceu? *(Se levanta e vai se ver em um pedaço de espelho pendurado na parede).*

CÉSAR

Tá doendo?

CONTRAFILÉ

Não é nada. E você?

O EU

Quando Contrafilé retornou para a cama, apesar de suas mãos estarem geladas e o rosto pálido, falou com tanta calma que decepcionou César. O gesto, por mais simples que tenha sido, fora interpretado como uma sutil crueldade e feriu a alma do homem. Foi então que, para vingar-se da sua lucidez, ele enfiou o dedo indicador entre as nádegas de Contrafilé – agora sujas de sangue e merda – e o retirou todo ensanguentado. Sorrindo, desenhou, sobre a face direita, uma adaga e um anel.

CONTRAFILÉ

César?

CÉSAR

Eu.

CONTRAFILÉ

Quais são as coisas que tu mais gosta na vida?

CÉSAR

Que raio de pergunta é essa agora?

CONTRAFILÉ

É tão difícil responder?

CÉSAR

Tá legal. *(Reflexivo)* As duas coisas que eu mais amo na vida... são... o sexo. Ah, e a morte.

CONTRAFILÉ

Sexo e morte...

CÉSAR

Não sou eu quem tá dizendo, você sabe né? É ele. Às vezes, ele coloca as palavras dele na minha boca e fala através de mim.

CONTRAFILÉ

Eu sei.

CÉSAR

Mas eu sempre misturei os dois. É por isso que eu tô aqui.

CONTRAFILÉ

Por quê?

CÉSAR

Porque eu mato as pessoas que eu amo.

CONTRAFILÉ

E você me ama?

(Escurecimento).

CENA 7: A CARTA

(Luz muito fraca. No escuro, ouve-se um som abafado de respiração ofegante e, aos poucos, o som de um lápis ou de um carvão riscando o papel. A luz revela César sentado, escrevendo com intensidade. Ele está só. Contrafilé dorme ou finge dormir, imóvel. César termina de escrever e assina com o próprio sangue. César dobra a carta com cuidado e a coloca no peito de Contrafilé, que ainda não se move. Silêncio. A luz muda suavemente, como se o tempo tivesse passado. Ele acorda. Vê a carta).

CONTRAFILÉ

(Lendo).

Meu jovem malandro,

Peço que leia esta carta em silêncio, pois há muita umidade nestas palavras que zombam dos ouvidos dos homens — e eu jamais suportaria escutá-las. Elas nunca devem ser pronunciadas em voz alta porque, meu caro, elas são o que eu tenho de mais íntimo e, como em um gesto que compõe um poema, agora entrego a você.

Desde que você chegou aqui na prisão, o ar cintila e, por causa da sua pureza, a prisão respira um ar mais limpo. Digo que você não pode existir sem a sua maldade. É ela que te torna mais puro. Te deixa até mais belo. É necessário que eu a abençoe como uma obra de arte.

É preciso que eu conte a história de um velho cachorro que tinha medo de outros cachorros. Quando passeava na rua, andava se afastando de todos os bichos, tamanho era o medo. Ele recusava qualquer tipo de interação. Quando eles iam embora, o velho cachorro descobria um interesse enorme nos seus amigos, mas já era tarde demais. Então, ele corria para sentir o cheiro que eles deixavam na calçada ou embaixo das árvores e ficava sozinho. Era a lembrança que o encantava. Não a presença. É crescente no meu peito a sensação de que sou como esse velho cachorro solitário. Me interessa pouco demais pela presença humana.

Você, Contrafilé, é uma presença que se impõe e vai rasgando o seu caminho para dentro da gente até ficar tudo irreconhecível. Às vezes, eu acho que você é mais antigo do que o Universo. Você faz eu me conhecer melhor. Eu sinto que você é uma presença que sempre existiu escondida dentro de mim.

Escrevo o meu nome ao lado do seu, uma, cem, duzentas vezes. Aos poucos, as palavras “César” e “Contrafilé” se confundem. Eu me perco nelas. Cada sílaba invoca desejo. O seu nome se impõe, grita o meu, agarra o meu, entra em mim e me deforma. Eu sinto você tentando caber inteiro dentro de mim. Essas quatro sílabas malditas — CON-TRA-FI-LÉ — encham as duas sílabas solitárias de CÉ-SAR. Elas incham, engordam, se esticam. Tufam meu peito. A qualquer momento, eu sei, vou estourar — e tudo o que sou, então, será você. Peço que estoure depressa, meu amigo. E que seja belo. É assim que eu vou virar uma outra coisa que ainda não sei o que é.

(Eles se olham. César se aproxima).

CÉSAR

Viu? Agora eu só escrevo em meu nome.

(Ele inicia o gesto que antecede um beijo e espera que Contrafilé o finalize. Assim o faz. Escuridão).

CENA 8: O NOME DAS COISAS

(César está modelando um pedaço de miolo de pão e, aos poucos, o molde vai tomando a forma humana nas suas mãos. Contrafilé se aproxima).

CÉSAR

Você conhece o mito de Cuidado?

CONTRAFILÉ

Nunca ouvi falar.

CÉSAR

Um dia, Cuidado estava cansado andando pelas margens de um rio quando resolveu descansar. Apanhou um punhado de miolo esquecido. Em vez de comer, criou. Fingiu que o pão era barro. E com ele moldou o homem. À sua imagem e semelhança... feito de pão. Não de verbo. É isso que a gente é: massa perecível – que fermenta.

CONTRAFILÉ

Já tem nome? *(Se referindo ao boneco de pão).*

CÉSAR

Ainda não tem. Talvez você queira me ajudar com isso.

(Apresenta o homem finalizado para Contrafilé que o beija na testa. O homem começa a respirar – ou talvez ele abra os olhos lentamente ou balbucie algo).

CONTRAFILÉ

Talvez ele mesmo possa responder.

HOMEM

Vocês não são tolos. Mas agem como se fossem. Então, não perguntem besteira. Dar nome é matar. Perguntem alguma coisa que valha a vida.

CÉSAR

Dentre todas as coisas que existem, qual é a melhor e a mais preferível para o homem?

(Ouve-se uma risada aguda por todos os lados).

HOMEM

Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! *(O homem encara César com um sorriso malicioso)* Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer.

CÉSAR

Cala a boca, demônio. Cala a boca! *(Apavorado, joga o homem longe)*. Pra que eu fui fazer isso? Eu não devia ter feito isso. A culpa é toda sua. Tinha que dar vida a ele? Deixasse a gente decidir o nome dele – ou queimar.

CONTRAFILÉ

(Provocando) Imperador César... sempre dando nomes... para encobrir o vazio.

CÉSAR

Você viu como ele olhou para mim? Ele me olhou como se já me conhecesse. Como se fosse melhor do que eu. Eu me senti oco. César. César. César. *(Repete o próprio nome até ele perder o sentido)* Você tem razão. Esse nome é limpo demais. Não combina comigo. É nome de quem não tem traumas – só poder. Eu não sou o meu nome? Eu sou o que, então? Quem que está aqui dentro?

CONTRAFILÉ

Será que tem alguém mesmo? *(Silêncio)*. O que eu acho... é que ser... é verbo intransitivo. Tu pode me chamar do que quiser... Eu deixo. Eu continuo sendo quem eu sou. Gosto disso, aliás — da deformação da identidade. De não ser preso a um nome. De ser muitas coisas.

CÉSAR

Eu não gosto nada disso. Meu nome é César. Só isso...até eu decidir mudar de novo.

CONTRAFILÉ

César. É mesmo. É um nome... sei lá... muito comum. Um nome que traduz só um lado do teu poder — o lado da ordem, da política, da razão. Do amor. Do sexo. Mas não traduz o outro lado.

CÉSAR

Tem razão.

(Ao se controlar, César vai buscar o homem e obriga Contrafilé a comer o pão na palma da sua mão, como num ritual de destruição).

CONTRAFILÉ

O poder virou lugar-comum pra ti. É por isso que tu não percebe mais o quanto é poderoso entre os homens. Essa tua confiança é invejada, admirada. E todo mundo faz o que tu quer. Mas eu te desafio. Por isso que tu me testa. Eu virei teu bode expiatório – pra fazer tuas vontades. *(Vai se aproximando lentamente do rosto de César como se tentasse seduzi-lo)* Servir de tua empregada... teu filho... teu animal... teu escravo. Até de tua esposa tu me faz. Sabe por quê? *(Ele não responde)*.

CONTRAFILÉ

(Sussurrando) Responde!

CÉSAR

Não sei... por quê?

CONTRAFILÉ –

Por quê.

Eu.

Deixo.

...

Mas, um dia, eu não vou deixar mais.

(Os dois riem. O clima de tensão e erotismo se quebra. Contrafilé devora o homem como Saturno devora os seus próprios filhos).

CÉSAR –

...E qual nome combinaria comigo?

CONTRAFILÉ

Não sei. Na falta de um nome certo... a gente pode inventar um apelido. Acho que vou te chamar de bijoux (*ri*).

CÉSAR

Pode me chamar de bijoux. Você tem razão. Fica bem.

CONTRAFILÉ

Vou te chamar assim na frente dos guardas.

CÉSAR

Pode chamar.

CONTRAFILÉ

Ué, tu não se incomoda?

CÉSAR

Não.

CONTRAFILÉ

Por que não?

CÉSAR

Vai ser meu apelido carinhoso. Só teu. Então... você acha que eu estou te testando?!

CONTRAFILÉ

Sim.

CÉSAR

Você deve me amar muito. Não para de pensar em mim.

CONTRAFILÉ

Infelizmente, eu não tenho amor pra te dar.

CÉSAR

(Provocando) Tem, sim.

CONTRAFILÉ

Não tenho.

CÉSAR

(Começa a ficar agressivo) Tem, sim. Diz que me ama!

CONTRAFILÉ

(recebe um tapa).

CÉSAR

(Mais agressivo) Diz que me ama!

CONTRAFILÉ

Eu te amo... *bijoux*.

CÉSAR

(Segurando com força a cabeça de Contrafilé) Então, abre a boca pra mim! Abre a boca logo, porra!

(Contra a própria vontade, Contrafilé obedece. César deixa cair um fio de baba espesso, devagar, até a garganta de Contrafilé. Ele está humilhado. Chora. César fecha a boca de Contrafilé com as mãos, forçando-o a engolir o choro... e o cuspe. Contrafilé se arrasta, trêmulo, até a própria cama. Ajoelha no chão, abaixa a calça e se masturba dolorosamente. César se aproxima e, num gesto de generosidade, ajuda Contrafilé a sentir prazer. Os dois permanecem em silêncio).

CÉSAR

E por que você ainda não desistiu, não fugiu?

CONTRAFILÉ

Porque eu também tô te testando.

CÉSAR

E qual é o seu tipo de poder?

CONTRAFILÉ

Eu sou impulso. Eu não penso. Eu ajo. Quando vejo, já fiz merda. Tô tentando aprender a lidar com isso ainda.

CENA 9: ESCRITAS SAGRADAS

CÉSAR

Bom, eu vou dormir.

(César dá de ombros e se levanta de repente. É possível perceber que Contrafilé se sentiu menosprezado pelo ato repentino que cortou a tensão erótica até então alimentada pelos dois. Contrafilé permanece imóvel, observando César tirar a camisa. Era um hábito seu sempre dormir limpo e de pijamas. Contrafilé carrega no olhar uma leve sombra de abandono).

O EU

Contrafilé viu algo. Ou melhor, foi visto em flagrante por algo que julgou ser repulsivo a ponto de despertar o seu fascínio. César carregava no peito cinco arranhões escritos à unha. E, por isso, por ter alcançado um grau de beleza tão repulsiva no seu corpo, César acabara se tornando, ali na sua frente, um homem de estatura divina. Um além do homem. Suas cicatrizes... eram as chagas. Mas César ainda não podia saber no que acabara de se transformar.

CONTRAFILÉ

(Há veneração e repulsa no seu olhar). O que são essas marcas?

CÉSAR

Quais?

CONTRAFILÉ

Essas no seu peito.

CÉSAR

Ah, sim. Isso é encantaria.

CONTRAFILÉ

Como elas foram parar aí no seu peito? Você nunca me mostrou.

CÉSAR

E você acha que eu te conto tudo? Isso foi... uma cirurgia que eu fiz quando era pequeno.

CONTRAFILÉ

(Começa a rir) Tu vai querer inventar essa para cima de mim, é? Qual é a história disso? Me conta a verdade.

CÉSAR

Tá bom, tá bom! Pra você parar de me perturbar eu conto. *(Silêncio)* Mas a primeira coisa que você precisa saber então é que eu não chamo elas de “cicatrizes”. Elas são *escritas sagradas*.

CONTRAFILÉ

...que é isso?!

CÉSAR

Se você não me interromper, eu posso explicar. *(Sorrindo cinicamente)* Posso continuar?

CONTRAFILÉ

(Contrariado com a resposta torta, ele responde em tom debochado) Pode, sim, senhor.

CÉSAR

Obrigado. Como eu ia dizendo, não são cicatrizes. Cicatrizes são as feridas dos homens comuns. Eu passei a chamar de *escritas sagradas*. Elas foram escritas pelas unhas do homem que eu mais amei na vida.

CONTRAFILÉ

E o que elas significam?

CÉSAR

(Apontando para cada uma delas) Socorro... Socorro...Socorro... Socorro... *(apontando para a última)* Eu te amo. Essa última trancou o meu peito contra todos os perigos.

(Contrafilé se aproxima admirado para tentar tocar).

CÉSAR

Eu senti o último suspiro dele engasgado na palma da minha mão. E gozei quando ele fechou os olhos. Gostou?

O EU

Contrafilé estava completamente vencido de tanta admiração que sentia.

CONTRAFILÉ

(Vingando-se) Não.

CÉSAR

Eu sei que você gostou. Dá para ver nos seus olhos brilhando. Eu sei que você tá doido para descobrir a história dessas escritas sagradas. Mas, eu digo uma coisa para você: só tem duas maneiras de entrar no coração de um homem: uma delas é pelo peito. A outra, Contrafilé, é pela garganta.

CONTRAFILÉ

Pois, um dia... eu vou me enfiar goela abaixo.

CÉSAR

Eu mal posso esperar *(rindo e cortando novamente o clima)*.

CÉSAR

Peço a você que evoque na sua imaginação um corpo e um rosto sem nome, pois é ele o protagonista dessa memória cravada no peito. Mais do que os outros, ele é aquele amor de quem se diz: “Seria uma grande perda se...”. Boca severa... Olhos sempre atentos... Mãos frias guardadas no bolso... Ações imprevisíveis... Uma agilidade de tigre... Em Jean, todos esses atributos detestáveis que me deixavam atordoado e que hoje o meu verbo exalta: seu sexo, seus olhos, seus gestos, suas mãos, o véu da sua voz, todos esses ornamentos continuam luminosos diante dos meus olhos calejados. Mesmo com as minhas mãos sujas com o sangue dele.

CONTRAFILÉ

E por que você fez isso?

CÉSAR

(Indo em direção a cama) Ele era pura metafísica. Eu, carne. Ele acreditava em sonhos. Já eu, nos homens. Ele e eu. O anjo e o pederasta. O dragão e a puta. Eu ainda consigo ver quando fecho os meus olhos... a liberdade odiosa dele. *(Retira alguns pedaços de papel debaixo da cama e começa a ler)* “Dominado pela sua força e pela sua idade, dispensei o trabalho de todos os cuidados. Esmagado por aquelas massa de carne abandonada da mais tênue espiritualidade, eu conhecia a vertigem de finalmente encontrar a brutalidade perfeita, indiferente à minha felicidade. Eu descobri quanta doçura pode ser contida e quanta força transmitida pela pilosidade do torso... do ventre... das coxas. Deixei finalmente que essa noite tempestuosa me sepultasse”.

(Contrafilé observa com curiosidade).

CÉSAR

(Lendo outro papel) “Enraivecido pela pose do viado, os meus punhos fizeram o gesto de bater um invisível tambor. ‘Animal, sujo’, dizia eu entre os dentes, enquanto dentro de mim a minha consciência se desolava de ferir... de insultar aquilo que era a expressão miserável do meu tesouro mais querido: a pederastia”. *(Lendo um terceiro pedaço de papel)* “Jean queria me salvar, mas eu nasci para cuspir na bondade dele. A liberdade dele era servidão. Eu pedi que eles caísse do céu. Mas ele recusou. E eu não suportei. Por isso, no instante mais lindo, quando ele estava dentro de mim e sorria, eu apertei minhas mãos na garganta dele. Ele morreu sem fazer barulho”. *(Tudo fica em silêncio por um instante. César começa a imitar uma voz cômica e alegre, como se fosse algum desenho animado)* Era a voz que eu usava para irritar ele. Que morria de rir. *(Há nos olhos de Contrafilé alguma compaixão, alguma doçura).* Ele era parecido com você. *(A expressão de repente toma uma forma de medo. Escuridão).*

CENA 10: O SONHO

(Estamos dentro do sonho de César; quase sem palavras, nós vemos César matando seu amante. Uma encenação rápida com luzes piscando mostra uma cama manchada de sangue, um estrangulamento e um beijo apaixonado de adeus. No fim do sonho, sujo de sangue em cima do seu amado morto, César repete a voz cômica diversas vezes, de olhos fechados. Ele chora. Escuridão).

SEGREDO Nº03: O MÁRTIR ABATIDO

(Luz baixa introspectiva. Preto e azul. O som ambiente é etéreo e abafado, como se os dois estivessem no fundo do mar ou fizessem parte de uma gravação antiga e artesanal de rádio. É possível ouvir longe os balbucios e os gemidos de César tentando acordar. Contrafilé desce dos céus usando manto e túnica branca com bordados dourados. Na sua cabeça, é possível ver uma coroa feita de ouro e de pedras preciosas. O único elemento não precioso em sua

coroa é um pé-de-cabra. Em suas mãos, ele carrega um boneco de pano velho e um terço de madeira).

CÉSAR

(Andando, nu, no meio de ruínas e vendo a aparição mariana à sua frente) Mãe?

CONTRAFILÉ

Sou eu.

CÉSAR

Onde a gente tá?

CONTRAFILÉ

Tu me chamou, César... e eu vim.

CÉSAR

Tá tudo escuro aqui. Eu não consigo enxergar nada. Você me trouxe aqui por quê?

CONTRAFILÉ

Para te contar o meu segredo.

CÉSAR

Qual deles?

CONTRAFILÉ

O terceiro. O último. Aquele que arde. Foi ele quem fez Deus suar. A última profecia da Virgem suja.

CÉSAR

Me diz logo. Eu aguento.

CONTRAFILÉ

(Contrafilé ajoelha, coloca o boneco diante de si e começa a falar como se estivesse em um transe terrível. A cada frase, sua mão vai acariciando o boneco, aos poucos. O que ele diz começa como narração, mas sua voz se embriaga e perde a distância entre o passado e o presente, entre a realidade e a memória. Ele passa a agir sobre o boneco como se fosse o próprio irmão). Certo dia, ele estava brincando no chão (acaricia o boneco) e, de repente, caiu na risada. Notei que aquele riso era espontâneo. Esses risos que os filhos soltam para as mães enquanto estão agarrados nas suas pernas nuas. (Ri também, olhando para o boneco) Vi o seu rosto iluminado pela luz que entrava pela janela e uma espécie de paz me invadiu e eu me senti cheio com a beleza da inocência dele. Secretamente, tive a crueldade de torcer para que qualquer sofrimento lhe invadisse a alma depois que a explosão de riso deixasse o seu rosto. (Seu rosto escurece e assume um semblante sério e crescente) Fiquei triste que o mal que eu desejava fazer tivesse de ser com ele. Sem dúvida, eu estava em estado de adoração. (Respiração ofegante) Sua beleza me penetrava a carne. Insisto nessa palavra: sua beleza penetrava em mim pelos pés e subia pelas pernas até o meu rosto corar. Eu estava abandonado diante de uma obra que era bela demais. Eu queria que esta beleza estivesse em

mim e não nele. *(Ele para. Olha para o boneco. Olha para César).* O mesmo riso. O mesmo rosto. Maldito... Inocente... Era tu, César. Vocês compartilham a mesma inocência perturbadora. Que eu nunca tive. *(Arrancando o pé-de-cabra de sua coroa preciosa lentamente)* Não abandonei meu delírio. Nem à noite e nem no dia seguinte. Depois de uma vida vivida brevemente, às duas horas da tarde, ele chegou gloriosamente à sua morte. *(Golpeia repetidamente a barriga do boneco com a arma).* Eu só podia conceber uma morte violenta para essa criança que era a violência *(e, então, rasga violentamente a sua barriga com as mãos – arranca dela trapos velhos, pétalas de rosas e páginas brancas que imediatamente se espalham pelo espaço).* O meu crime fez desabar o céu da metafísica! *(Olha para a sua mão suja até voltar a si).* Quando abriram a minha porta, eu estava louco de dor, diante do meu corpo sem órgãos, por haver perdido meu irmãozinho, mas ébrio com a grandeza de ter me envolvido na morte de um sujeito assim. Tentei lembrar o meu espírito da beleza do Francisco e percebi que todo ciúme tinha morrido com ele.

(César desperta, arfando. Contrafilé está ao seu lado, ajoelhado, com a mão deslizando cuidadosamente sob o travesseiro em busca do anel).

CÉSAR

Contrafilé?

(Contrafilé congela).

CENA 11: A PRIMEIRA COMUNHÃO OU A CRIAÇÃO DE ADÃO

(Contrafilé consegue deslizar a mão debaixo do travesseiro e pega punhal de aço de César. Os dois se levantam. Contrafilé com o punhal na mão e César atento tentando se defender de qualquer ataque repentino).

CÉSAR

Eu já sei de tudo. Você me contou...no meu sonho. Você invadiu o meu sonho. Quem é você, afinal, Contrafilé? Uma alma penada? Um demônio? Um anjo? Porque homem nascido para morrer eu sei que você não é.

CONTRAFILÉ

Não sou eu quem foi bater nos portões do inferno. Você procurou por isso. Agora resta saber o motivo. O que você foi fazer no inferno, César?

CÉSAR

Como você sabe?

CONTRAFILÉ

Foi por ele, não foi? Foi essa tua dor que te levou pra lá? Ou foi a esperança de ver ele de novo?

CÉSAR

(Silêncio) Eu queria ver ele... só mais uma vez. Me livrar dessa culpa que eu arrasto. Eu não aguento mais.

CONTRAFILÉ

Então, diz o nome dele. Diz o nome dele em voz alta e quem sabe ele te escuta.

CÉSAR

Eu não consigo. O nome dele é palavra impronunciável. Mesmo que eu queira, eu não consigo. Eu falo todas as palavras, escrevo todas elas. Mas o nome dele tá protegido por encanto na minha boca.

(No chão da cela, começa a brotar uma vegetação verde e úmida).

CONTRAFILÉ

Tá começando.

CÉSAR

Tá começando o que? Anda, me diz quem é você?

CONTRAFILÉ

Eu sou... *(sorrindo com um brilho nos olhos)* Satã. Eu sou Deus. E pouco me importa a Virgem Maria. Eu decidi deixar o reino das feras. A carne e os ossos não me servem mais, César. Eu preciso de luz. Eu sou uma entidade que cresce da terra e da violência, envenenada e sagrada, para mostrar verdades insuportáveis. Agora, sou a raiz que se estica no escuro. Eu sou a planta venenosa que reflete a luz. Eu sou o milagre da rosa. Eu sou Comigo. Ninguém. Pode.

(Ele se movimenta com uma graça quase sobrenatural, deixando claro que ele está em um estágio de êxtase).

CONTRAFILÉ

Sabe qual foi o maior pecado de Adão? Ele esqueceu que é feito de pão. Trocou a massa fermentada por costela. O homem se afastou do bicho, da flor e do cálcio. Ficou forte demais, César. E forte demais... apodrece mais rápido. Dentro do reino vegetal, todos os vegetais cabem. Dentro do reino mineral, todos os minerais cabem. Mas dentro do reino animal não cabem os homens. Os homens não se sentem pertencentes ao reino animal. Essa desconexão é sofrimento, César. É preciso se reconectar. É preciso caber de volta no lugar. E isso só é possível da superação da carne e da inocência. E, agora, César, eu enveneno em silêncio... só quem tem coragem de beber da minha seiva pode ser chamado de além do homem.

(César avança e tenta pegar o punhal de volta. Os dois brigam no chão. Ouve-se gritos em toda prisão. Os prisioneiros enlouquecem. César consegue empurrar Contrafilé contra a parede. Os dois arfando. O punhal agora está na mão de César).

CÉSAR

Quem era ele?

(Contrafilé, rindo baixinho, como se escutasse uma canção doce dentro da própria cabeça).

COMIGO-NINGUÉM-PODE

Era Francisco. Uma criança ainda. Irmãozinho do Contrafilé.

(César fica paralisado).

CÉSAR

Teu próprio... irmão?

COMIGO-NINGUÉM-PODE

O dele. Tinha o mesmo sorriso que o teu. A mesma luz no rosto. A mesma crença nos homens. O Contrafilé só libertou aquele anjo do peso insuportável da inocência.

(César dá um passo para trás, ofegando. Sua mão treme).

CÉSAR

Você é um monstro.

(Contrafilé se aproxima com calma. Pega a mão de César com o punhal, coloca-a contra o próprio peito, sobre o coração).

COMIGO-NINGUÉM-PODE

Vai! Acaba comigo, então. Vai, porra! Me dá um nome. Me faz homem. Me mata.... Não consegue, não é? O teu ódio, César, é amor. Eu te excito. Eu te assusto.

(César hesita. Grita. Enlouquece. E num movimento súbito, enfia o punhal superficialmente no ombro esquerdo de Comigo-ninguém-pode. Ele cai de joelhos, sorrindo, como se estivesse sendo abençoado).

COMIGO-NINGUÉM-PODE

Isso. Assim. Assim mesmo.

(César se aproxima. Quer ajudar, mas não sabe como. Contrafilé então pega sua mão ensanguentada, leva aos lábios de César).

COMIGO-NINGUÉM-PODE

Bebe. Não é o meu sangue. É o sangue dele. É o sangue de todos os meninos-vegetais que crescem no meu ventre. Se não comeres do fruto proibido e não beberdes a minha seiva, não tereis vida em vós mesmos. Quem come o meu fruto e bebe a minha seiva tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia. Porque o meu fruto verdadeiramente é comida e a minha seiva verdadeiramente é bebida. Quem come do meu fruto e bebe da minha seiva permanece em mim e eu nele. É a sua última chance. O tempo está acabando.

(César resiste, mas Contrafilé insiste com uma solenidade brutal. César encosta os lábios. Fecha os olhos. Decide. Não bebe. Afasta-se. Silêncio profundo. A prisão inteira emudece. Escuridão ainda domina a cena. Um som distante de plantas crescendo, do vento batendo

na copa das árvores, de gaviões cantando. Lentamente, a luz volta, azulada e fraca. César está acordado, sentado, ainda ofegante. Contrafilé continua deitado e cansado. Breve silêncio. César acende um cigarro. Contrafilé, agora mais calmo, senta-se ao lado dele todo ensanguentado. A cela está em silêncio profundo).

CENA 12: QUEM É VOCÊ, CÉSAR?

CONTRAFILÉ

César... você se vê como um ser humano?

CÉSAR

(Rindo) De onde você tira essas perguntas, garoto?!

CONTRAFILÉ

É só uma pergunta. Uma que eu me faço, às vezes... quando eu fico em silêncio.

CÉSAR

Por quê? Você não sabe se é humano?

CONTRAFILÉ

É uma sensação estranha. É como se algumas pessoas fossem mais humanas do que outras. Essas pessoas mais humanas têm uma espécie de graça invisível. Mas você sente que não é uma delas. Tem alguma coisa que te separa delas. E você não sabe dizer o que é. Você se sente opaco, chapado. Simples demais. Então, você precisa ficar se lembrando toda hora que também é gente. “Eu sou gente, eu sou gente também”. Quando você se lembra, você nunca esquece. São esses momentos que te marcam de verdade. É foda ser gente. Mesmo que esse sentimento passe logo, é sempre bom lembrar. *(Fica em silêncio como se estivesse com a cabeça longe)* Não é? Você não sente isso também?

CÉSAR

Sinto. Você não?

CONTRAFILÉ

(Mentindo) Sinto. *(Silêncio)* Acho que eu só ainda não me encontrei. E você? Sabe quem você é?

CÉSAR

(Depois de outro longo silêncio) Foi comprando ovos.

CONTRAFILÉ

Que?

CÉSAR

A primeira vez que eu me senti um ser humano foi comprando ovos na feira *(os dois se olham e riem juntos)*. É sério. A gente sempre acha que a resposta para essa pergunta vai ser alguma

complicada ou marcante, como fazer 18 anos ou comprar o primeiro carro ou fumar o primeiro cigarro, mas, para mim, a primeira vez que caiu a ficha de que eu sou gente foi comprando ovos na feira.

CONTRAFILÉ

Como assim?

CÉSAR

Eu tinha o costume de pegar a caixa de ovos no mercado sem nem abrir. Pura pressa. Toda vez a mesma coisa: chegava em casa e... surpresa. Um ou dois quebrados. Às vezes mais. Mas mesmo assim, repetia o erro. Sempre achava que dessa vez ia dar certo. Que eu não ia ter o mesmo azar. Mas tinha. Sempre tinha. *(Pausa)* Aí um dia, no meio desse gesto automático de puxar a caixa da prateleira, eu parei. E abri. Só isso. Abri. E vi. Três ovos quebrados. Parecia nada, um gesto minúsculo, invisível até. Mas ali, na frente daquela prateleira gelada, barata, eu senti uma coisa diferente. Como se uma luz acendesse por dentro. Uma ficha caiu. Finalmente, os conselhos da minha mãe — minha mãe morta — fizeram sentido. Eles estavam em mim. Tinham virado parte de mim. Naquele instante, eu virei um adulto. Um adulto que confere os ovos antes de levar. E foi... incrível. De verdade. Senti meu cérebro mudar. Como se ele ocupasse o lugar certo dentro da minha cabeça, e a razão tomasse o lugar da intuição. Eu fiquei feliz. Feliz mesmo. Uma felicidade estranha, que nunca mais voltou. Naquele momento, eu vi a intuição ser vencida pela razão. E então... eu me tornei César. Ou, pelo menos, a versão dele que aprendeu a olhar pros ovos e prever a catástrofe.

CONTRAFILÉ

Será que aprendeu mesmo? *(Ri)* Então, tu acha mesmo que ser humano é só aprender a comprar ovos?

CÉSAR

(Calmo e desdenhoso) Talvez ser humano seja também aprender a errar e não se importar em corrigir os próprios erros. Talvez seja aprender a ouvir os nossos antepassados ou a nossa voz interna. *(pausa)*. Mas o que você sabe sobre isso? *(Pausa novamente)* Eu não queria acreditar que a fragilidade poderia ser minha primeira lição de humanidade. Quando eu vi aqueles ovos quebrados na minha frente, lembrei dos alertas da minha mãe... e lembrando dela, lembrei de mim. De um jeito por fora, de outro por dentro. Frágil, Quebrado. Talvez seja isso que me faz humano, aprender com o erro, diminuir os riscos e ser mais forte. Seguir em frente.

(No meio da sua divagação, César tinha ido em direção a uma das paredes da cela e começado a rabiscar um desenho, enquanto Contrafilé, inquieto, tentava ver a obra. César não deixava).

CONTRAFILÉ

O que você desenhou?

CÉSAR

Nada. Você vai estragar meu desenho me dando a sua opinião pessoal sobre ele.

CONTRAFILÉ

Por quê? *(Pausa)* Tu nunca pensou em expor esses teus desenhos ou... sei lá... teus textos. Esse negócio de arte nunca me interessou. Mas tu deveria mostrar pro mundo.

CÉSAR

Para que... se ninguém vai ler?

CONTRAFILÉ

Tu não sabe.

CÉSAR

...e se lerem, não vai ser do jeito que eu quero.

CONTRAFILÉ

(Rindo surpreso) E quem tu és para querer que as pessoas leiam do teu jeito?

CÉSAR

(Depois de um longo silêncio) Se você pudesse ter um superpoder? Qual poder seria?

CONTRAFILÉ

Voar. Com certeza. *(Sorrindo)*.

CÉSAR

(Ignorando) Quer saber o meu?

CÉSAR

Diz pra mim.

CÉSAR

Queria que esse desenho grudasse nos olhos de quem visse. Que eles passassem a ver o mundo com esse risco torto, feito de merda. Que cheira a merda. E que tem gosto de merda. Só para lembrar que onde cheira a merda, cheira a ser.

CONTRAFILÉ

(Em tom enigmático) E, do fundo da tua alma, o que tu realmente quer, César?

CÉSAR

Eu não quero que as pessoas entendam. Quero que elas sintam. Que elas obedeçam. Quero que esse desenho seja como um veneno sem antídoto, um veneno que entre na alma de cada um que olhar, fazendo eles verem o mundo... com os meus olhos. Para entender a beleza. E é só eu quem pode fazer isso.

(Contrafilé olha pausadamente o desenho e o lambe).

CONTRAFILÉ

Cuidado! Aquele que luta com monstros deve acautelar-se. Para não se tornar também um monstro. Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha de volta para você.

(Escuridão).

CENA 13: GITA

(Contrafilé e César ao lado um do outro. Em silêncio. Entediados, eles olham para as paredes da cela sem de fato enxergá-la, perdidos em seus pensamentos. Depois de um tempo, César faz uma pergunta insólita).

CÉSAR

Contrafilé... se você pudesse entrar dentro de si... o que você encontraria? O que você veria do lado de dentro?

CONTRAFILÉ

Como assim?

CÉSAR

Se você pudesse entrar em você, no seu inconsciente... seria como lá dentro? Você abriria a porta e veria o que?

CONTRAFILÉ

Que pergunta besta... Como é que eu vou saber?

CÉSAR

Imaginando, moleque. Você não sabe o que é o inconsciente?! Vem cá! *(César vai até o meio da cela).*

CONTRAFILÉ

O que você vai fazer? Eu não quero. Olha, César me deixa sozinho aqui no meu canto, tá? *(Deitando e virando as costas).*

CÉSAR

Contrafilé, vem aqui!

CONTRAFILÉ

Você não manda em mim.

CÉSAR

Vem aqui logo. Eu estou brincando. Não vou fazer nada demais. Vem, amorzinho, vem. *(Contrafilé se levante e vai até ele como um cão que desconfia, mas que balança o rabo).*

(Os dois estão se encarando frente a frente).

CÉSAR

(Sussurrando no ouvido)] De um jeito ou de outro, você sempre faz o que eu quero, né?

(Contrafilé fica em silêncio).

CÉSAR

O inconsciente... amorzinho. O inconsciente é o abismo que existe dentro de cada um de nós. É lá no fundo que ficam os nossos desejos reprimidos, as nossas memórias esquecidas, as nossas vontades mais inconfessáveis. É lá no fundo que acontece a verdadeira festa e todos nossos conflitos encenam tragédias e comédias que nunca vamos assistir, mas que vão sempre nos guiar. O inconsciente, meu boneco, é aquilo que a gente realmente é quando ninguém está olhando. São as histórias que calam fundo dentro da gente. Mas de vez em quando, a gente ouve o barulho dessa festa, sabe? Você nunca sentiu isso? Quando dorme e acorda suado, sem saber por quê? Quando um arrepio sobe pela espinha sem razão aparente? E aí, a gente começa a fazer ou a dizer coisas que não sabe explicar? Quando você não se reconhece... é ele. Ele pode se manifestar de qualquer maneira, como num sonho ou numa massa de gente enfurecida ou num ato impulsivo que muda tudo, como esse seu “ato da mais radical diferença” ...

CONTRAFILÉ

Eu tô sacando. E como é que eu olho para esse abismo, hein? Você tá parecendo um bruxo falando essas coisas.

CÉSAR

É porque isso é encantador mesmo. Presta atenção. É só fechar os olhos que ele se abre para você, como uma flor. *(Contrafilé fecha os olhos impulsivamente)* Mas, calma que não é assim. Você precisa se concentrar, primeiro. Realmente querer ver dentro de si e encarar esse abismo. Só assim ele vai se mostrar como uma flor. Se você abrisse essa porta... o que encontraria? Uma fera presa? Uma lembrança enterrada? Ou alguma coisa que você sempre quis e nunca teve?

(Contrafilé se concentra e fecha os olhos. César começa a cantarolar alegremente estrofes de Gita, de Raul Seixas, enquanto bate palmas, como se realizasse um ato religioso. Aos poucos, Contrafilé se entrega e começa a dançar. Os dois festejam junto e de mãos dadas).

CÉSAR –

*Eu sou a vela que acende
Eu sou a luz que se apaga
Eu sou a beira do abismo
Eu sou o tudo e o nada*

*Por que?
Você me pergunta
Perguntas não vão lhe mostrar
Que eu sou feito da terra
Do fogo, da água e do ar*

*Você me tem todo dia
Mas não sabe se é bom ou ruim
Mas saiba que eu estou em você*

Mas você não está em mim

*Das telhas, eu sou o telhado
A pesca do pescador
A letra A tem meu nome
Dos sonhos, eu sou o amor*

*Eu sou a dona de casa
Nos peg-pags do mundo
Eu sou a mão do carrasco
Sou raso, largo, profundo*

(Gita! Gita! Gita! Gita! Gita!)

*Eu sou a mosca da sopa
E o dente do tubarão
Eu sou os olhos do cego
E a cegueira da visão*

*É, mas eu sou o amargo da língua
A mãe, o pai e o avô
O filho que ainda não veio
O início, o fim e o meio
O início, o fim e o meio*

*Eu sou o início, o fim e o meio
Eu sou o início, o fim e o meio*

(Os dois caem exaustos no chão, abraçados).

CONTRAFILÉ

Eu tô vendo, tô vendo. Eu vejo um deserto ensolarado...não tem nada nele...não, espera! Lá longe tem um punhal...ele ficou só. O cabo dele é de...osso de criança... amarrado numa lâmina de aço... o punhal tá ardendo nesse deserto...sozinho... ele aumenta de tamanho e diminui...parece que tá respirando... e chorando...muita luz, muita luz...areia...deserto...sozinho... tem um gavião bicando ele...

CÉSAR

Fala com ele.

CONTRAFILÉ

O que eu vou falar?

CÉSAR

Qualquer coisa. Faz uma pergunta.

CONTRAFILÉ

Qual é o único nome que César não consegue dizer? (*Contrafilé se desespera com a resposta que ouve e começar a gritar, se debater, chorar*).

CÉSAR

(*Sacudindo Contrafilé*) Ei, ei, acorda! Tá bom! Acabou! Acorda! Ei! (*Ele acorda*). Tá tudo bem?

CONTRAFILÉ

(*Se recuperando*) Que porra é essa? O que foi que tu fez comigo?! Eu quase enlouqueci.

CÉSAR

Se acalma!

CONTRAFILÉ

Se acalma porra nenhuma. Foi horrível! O que essa imagem quer dizer?

CÉSAR

Não sei. Por que você não interpreta?

CONTRAFILÉ

É estranho. É como se eu fosse aquele punhal, ao mesmo tempo em que eu estava olhando ele de longe. Eu também senti como se eu fosse aquele gavião, ao mesmo tempo. Eu era todos eles. Tudo era muito quente e iluminado. Ardia nos olhos e na pele. Mas eu não queria sair dali. Eu queria crescer no meio daquela paisagem estéril. Eu só queria sentir prazer, mais prazer. Então, porque eu tava no meio daquele inferno? Não tinha prazer nenhum ali.

CÉSAR

O que você acha que significa?

CONTRAFILÉ

Não sei. Que talvez eu busque prazer nos lugares errados.

CÉSAR

Talvez haja uma discrepância entre o que você quer e o que o mundo tem a oferecer. Escuta, Contrafilé, o que você precisa é ser guiado nesse mundo para diminuir essa discrepância. Mas você não aceita se adequar, não aceita ceder. Você é essa força obstinada que só pensa na satisfação imediata dos seus prazeres. Talvez por isso você continue ali aceitando ser bicado e queimado: porque você não desiste nunca de se satisfazer.

CONTRAFILÉ

Eu acho que eu tiro prazer até disso. Eu quero cortar, o mundo quer queimar.

CÉSAR

Eu acho que você pode usar isso como um símbolo de força. O aço dilata quando exposto ao calor. Você quer crescer, aumentar, dilatar. Você pode aprender com isso.

CONTRAFILÉ

Mas por que um punhal? E feito de osso de criança?

CÉSAR

Pensa.

CONTRAFILÉ

Bom, o osso eu posso imaginar por quê. Acho que é um punhal autobiográfico. Mas porque um punhal?

CÉSAR

“Eu sou uma dinamite”.

CONTRAFILÉ

Que isso?

CÉSAR

Um filósofo alemão uma vez disse isso. “Eu sou uma dinamite”. Talvez você seja um punhal.

CONTRAFILÉ

Pode ser. Mas uma dinamite é uma arma de alta destruição e alcance. Um punhal, não. É preciso proximidade, conexão, intimidade para um punhal cortar. A gente só corta quem a gente conhece.

(César abraça Contrafilé quer chora).

CONTRAFILÉ

Eu quero ver você fazendo isso.

CÉSAR

Eu sempre faço isso quando estou sozinho.

CONTRAFILÉ

Não! Se eu fiz na sua frente, você também vai fazer na minha. Anda. Quero ver.

(César fecha os olhos e se concentra).

CÉSAR

Eu vejo... Eu sou um naufrago à deriva. Só a minha cabeça não está submersa. Eu engulo água. Eu tenho medo de mar. Tem a ponta de um iceberg na minha frente. Eu quero mergulhar para ver o que tem lá embaixo, mas não tenho coragem. O mar é um véu sobre o abismo. Não. Não vou mergulhar.

CONTRAFILÉ

O que mais você vê?

CÉSAR

A espumas das ondas... as ondas quebrando ao meu redor. O mar tá furioso. Quem sabe o que se esconde lá embaixo? O céu está azul e cinza, cheio de nuvens. Estou cansado. Preciso de um apoio. Não tem nada. Só água... funda...gelada...

(De um só golpe, como se fosse um animal selvagem que responde ao chamado de uma força ancestral, Contrafilé ataca César no pescoço com fúria e violência, usando as próprias mãos. Os dois travam uma briga. César não entende nada, mas tenta se defender. Contrafilé permanece animalesco emitindo sons e babando até que, com as próprias mãos, usando também os dentes, consegue arrancar a cabeça de César. Todo sujo de sangue, em êxtase, ele segura a cabeça nos braços, como se fosse um bebê e a acalenta).

CONTRAFILÉ

“Não sabes o que dizes, nem o que fazes, nem o que és”.

(Contrafilé segue então em direção ao beliche. Deita-se na cama de cima e dorme tranquilamente com o seu novo souvenir. Trevas até o final).

O EU

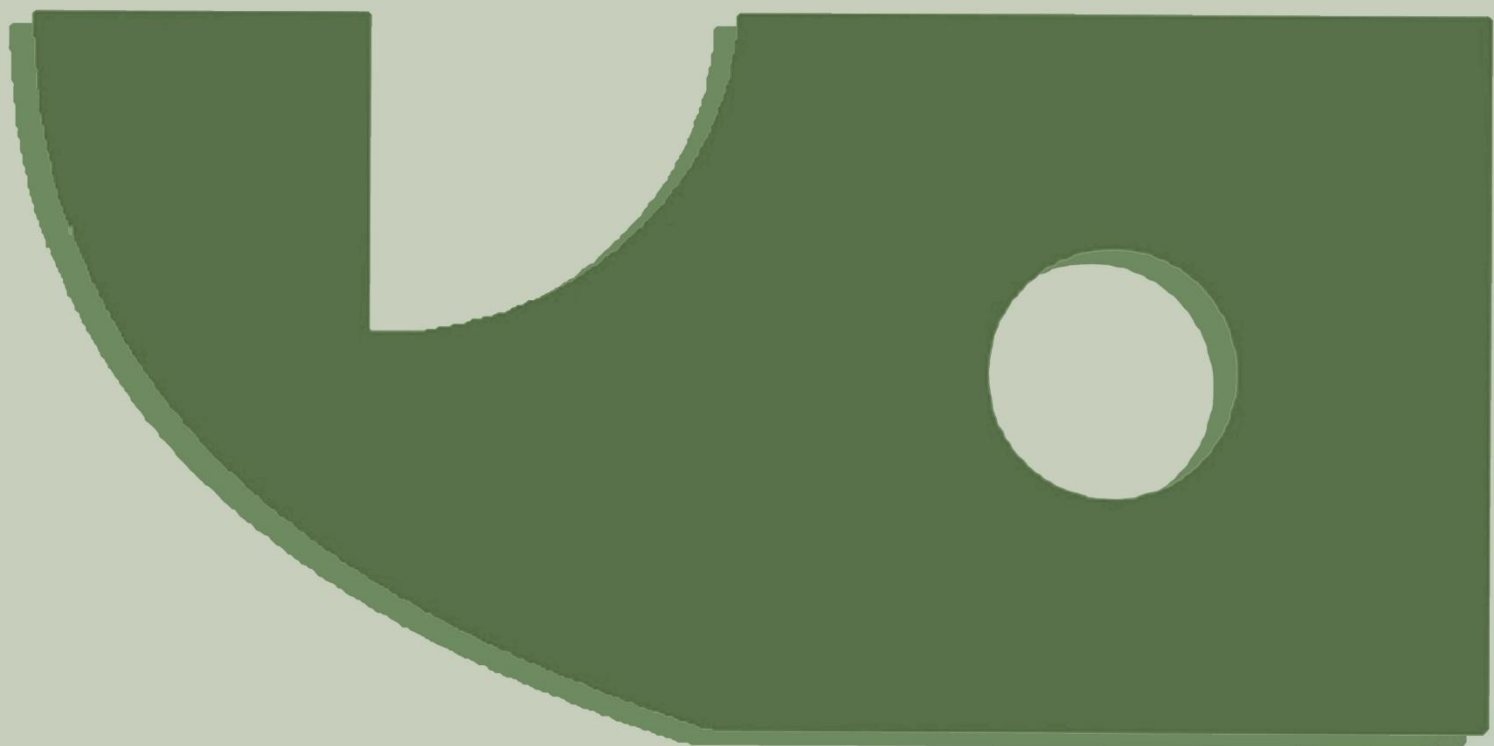
(Suave, reverente e solene) Quando os médicos abriram seu peito, não era só carne. Não era só vísceras. Não eram apenas ossos quebrados, não... havia algo mais. Algo escrito na carne. Escarificado... com a precisão de uma memória esquecida. Um poema, como um eco do que ele foi. E ali, no silêncio da morte, seu peito ainda respirava. No coração palpitante de César, estavam escritos estes versos.

*Ao vir de antiga terra, disse-me um viajante:
Duas pernas de pedra, enormes e sem corpo,
Acham-se no deserto. E jaz, pouco distante,
Afundando na areia, um rosto já quebrado,
De lábio desdenhoso, olhar frio e arrogante:
Mostra esse aspecto que o escultor bem conhecia
Quantas paixões lá sobrevivem, nos fragmentos,
À mão que as imitava e ao peito que as nutria
No pedestal estas palavras notareis:
“Meu nome é Ozymandias, e sou Rei dos Reis:
Desesperai, ó Grandes, vendo as minhas obras!”
Nada subsiste ali. Em torno à derrocada
Da ruína colossal, a areia ilimitada
Se estende ao longe, rasa, nua, abandonada.*

FIM



PISTOIA



PISTOIA

Lucas Bereco

PERSONAGEM

Ulisses, o “pracinha” de Bragança.

(Palco arena, público elevado o máximo possível para que o espaço cênico seja visto de cima para baixo, como o subsolo de um navio. Um beliche de metal envelhecido compõe o cenário. Ouve-se explosões, tiros e gritos. Aviões arranham o céu em uma rajada sons aterrorizadores. Ulisses assiste todas as imagens atônito. Veste apenas uma calça surrada e está enrolado em uma grande manta xadrez. Enfaixada, a cabeça tem um dos olhos coberto por ataduras, enquanto o outro continua bem aberto, como se ainda estivesse em vigilância. O corpo sujo está cheio de marcas e feridas secas, como se elas tivessem sarado por conta própria, sem cuidados. Ouve-se e vê-se a leitura de uma carta).

Maio, 1945. Amado filho, li a tua carta ontem à noite antes deitar e depois disso não consegui dormir, pois fui tomada pela angústia. Conheço o filho adorável que tenho, sei bem que tu não ficarias em paz imaginando o que deve ter acontecido comigo desde a tua partida. Venho por meio desta para dizer que está tudo bem comigo. Não quero ser mais um motivo de preocupação, visto que aí tu deves ter outros bem piores. Acontece, meu filho, que eu sou forte. Sou muito mais forte do que eu pensei ser. Nem sei de onde tirei forças para suportar a dor da ausência de vocês. Sim meu filho, a dor a ausência de vocês dois. Teu irmão embarcou em dezembro no navio Cuiabá rumo ao Rio de Janeiro e de lá vai direto para Itália. Foi o natal mais triste e solitário que eu já passei. Ele saiu de casa tão cantante, não teve o mesmo cuidado comigo que tu, que nem ousou me mostrar o teu uniforme. Tu sabias o quanto aquilo me faria mal, então, bom filho do jeito que é, quis me poupar desse sofrimento. Nenhuma mãe deveria passar por isso, nenhum filho também. Não estou dizendo que teu irmão não é um bom filho igual como tu és. Não tenho mágoas da atitude dele, peço para que tu não tenhas também. A nossa família deve estar mais unida do que nunca. Ele ainda é só um menino que acabou de descobrir o melhor mundo, e agora, com certeza, vai conhecer também o pior dele. Rezo todas noites pra que nossa senhora de Nazaré cruze os caminhos de vocês em meio a tanta desgraça, e que cubra meus filhos com seu manto sagrado, livrando de todo mal. Fiz até promessa; vou levar aquela fotinho de vocês, brincando no arraial, para o próximo Círio, para agradecer a *Nazinha* por ela trazer meus meninos de volta pra mim, sem nenhum arranhão. Tenho muita fé que ela atenderá todos os meus pedidos. Havia tantas coisas a serem ditas, mas a moça que escreve as cartas me alertou que o honorário dela já estava encerrado. Mando então minha benção para que tudo ocorra bem e prometo mandar notícias novamente o mais breve possível. Queria que fosse possível que vocês aí pudessem fazer o mesmo, me acalmando e dizendo que estão juntos e protegidos. Cuida do teu irmão e cuida de ti mesmo. Voltem pra casa logo. Sobretudo, vitoriosos. Aos meus filhos queridos, um forte abraço. Amo vocês.

Assinado: Uma das Mães em longa prece.

(Aos poucos, Ulisses começa a cantarolar uma cantiga que ele guarda a letra e a melodia intactas na memória, embora agora, depois de tudo, ele não saiba ao certo de nada, nem de onde a música vem).

Caminha, barco, caminha, nas ondas azuis do mar
Caminha, barco, caminha, nas ondas azuis do mar
Lá atrás ia ficando o meu Rio de Janeiro
Coberto de um céu de anil ficava o meu Brasil
Caminha, barco, caminha nas ondas azuis do mar
Caminha, barco, caminha, nas ondas azuis do mar
Nós havemos de lutar pra acabar com essa desgraça
Pra mostrar ao estrangeiro o valor da nossa raça
Caminha, barco, caminha, nas ondas azuis do mar
Caminha, barco, caminha, nas ondas azuis do mar
Meu Brasil, ó meu torrão levo no meu coração
Terra que me viu nascer, por ela posso morrer
Caminha, barco, caminha....

NOTA: Música criada nos acampamentos da FEB, na Itália, durante a segunda guerra mundial, pelo brasileiro Natalino Cândido da Silva, o “Malagueta”.

(Ulisses se torna para o público e nota que não está sozinho).

ULISSES

Arriscar a vida em função de um desafio... *Égua* da tolice! Diziam que era mais fácil uma cobra que nem tem mãos e nem pulmão fumar, do que a gente, o Brasil, entrar nessa joça de guerra. Ora, meus camaradas, parece que cobra fumou! A cobra fumou!

(Gargalha descontroladamente, como se só ele entendesse o que há de engraçado por trás de sua imagem triste e desgastada. De repente, as gargalhadas são interrompidas por um ruído agudo que perfura o tímpano de todos no lugar).

ULISSES

É como se eu ainda escutasse os “buns”. Há qualquer momento, sem aviso algum, um estrondo muito forte se ouvia, o céu clareava em tom laranja e anulava a brancura profunda da neve congelante. Era como se uma lamparina acendesse frente ao meu rosto. E aquele som... aquele som horrível ecoava por todo lugar, não importava se era dia ou noite. Um som horrível.

(O ruído cessa).

ULISSES

Por que tu estás me olhando assim, hein? Eu sei bem aonde eu estou neste exato momento, sei que não há mais bombas aqui. Esse é o James Parker, não é mesmo? É, esse é o James Parker, não há bombas aqui, nem minas explosivas no mar. Mas eu também sei quem eu sou, sei o que eu vivi, e eu sei o que eu estou ouvindo. Se vocês aí pudessem ouvir o que eu

ouço... é insustentável! Eu não consigo dormir, eu não consigo nem fechar os olhos. Se eu fechar os olhos, sou surpreendido...

(Ele fecha os olhos. Subitamente, reproduz com a própria voz os sons das explosões e tenta reproduzir também com o corpo o pavor e o caos que todas elas causam. Para repentinamente).

ULISSES

Foi assim, explodindo, que fiquei assim (*apontando para o ferimento na cabeça*). Eu não me recordo de muita coisa, mas lembro de algumas bem especiais que me faziam sorrir. Eu me recordo desta música que *Natalino* tocava em seu violão. Um violão brilhoso que ficava dourado ao sol, parecia que era feito de ouro. Lembro dos nomes gozados sendo chamados para entrega das cartas. Tinha um tal de *MOZART*. Um *Mozart* socado nos cafundós do Pará! Ah, lembro até dos italianos gritando “*Tedeschi Portare Via! Tedeschi Portare Via!*”. Isso queria dizer que os *Tedescos*, os alemães, estavam se aproximando e nós tínhamos que ficar quietos. Depois que eles iam embora, todo o vilarejo gritava com alegria “*Tedeschi Andare via*” e nós saíamos do buraco para faturar um pouco recebendo todas as bajulações vinda dos italianos, confiantes que ao nosso lado estavam seguros. Mas eu também lembro de coisa ruim e nada animadoras. Lembro da rajada tiros, do cheiro de pólvora, dos pedaços afiados de granada voando em minha direção, das ruínas bonitas do que parecia antes ser uma igreja, dos corpos pelo chão, dos gritos, dos choros, muitos choros e disso aqui, principalmente disso aqui (*aponta novamente para cabeça*).

(Deita em uma das camas do beliche).

ULISSES

De repente, acordei num lugar que fedia a morte. Ouvia uma voz doce e calma de mulher, dizendo pra mim que estava tudo bem. Soava tão estranho que, num lugar que estava tomado por gemidos horripilantes de homens mutilados, houvesse uma voz como aquela. Ela não pertencia a esse mundo sem paz. Mesmo assim, ela estar ali, fez eu me sentir em casa, aquecido, por um breve instante. Eu passava os dias desacordado, entupido de morfina, mas estava bem, na medida do possível. As vezes era possível somente ouvir o meu anjo dizer aquela linda mentira, de que tudo ficaria bem. Me agarrava naquela voz tal qual a criancinha que vi agarrada nas pernas da sua mãe quando os comboios da FEB desfilavam feito carro alegórico nas ruas de *Massasora*. Mas aí eu quis abrir os olhos, cometi o erro de abrir os olhos, e foi quando eu descobri que a partir dali eu só via de um lado. Do outro, um clarão; um clarão que faz minha cabeça quase rachar de tanta dor. O curioso é que não perdi esse olho com a explosão, mas sim com a infecção do ferimento que todo dia expelia pus. Era como se mais e mais da minha alma, das minhas memórias, do homem que eu era saíssem de mim daquela forma torpe, enquanto meu corpo surrado descansava em tom fúnebre. Não! Não estou dizendo que é culpa delas. Eu sei que elas, as vozes de algodão, faziam tudo que podiam pra que esse tipo de desgraça não acontecesse. As vezes faziam o impossível também, mas nem sempre isso funcionava. Eu sinto muita pena dessas pobrezinhas. Era possível ver a exaustão delas, como se a pele enrugada e suja fosse um véu desgastado que cobria a alma caridosa. Quando penso nelas, eu lembro que agora eu não consigo fechar os olhos, porque se eu fecho tudo continua acesso, bombas explodem, a música toca, a voz do anjo diz pra mim que vai ficar tudo bem. Mas na verdade, tudo é um bocado de coisa, não é mesmo? E o

pior: faz três dias que eu não durmo. Pensando bem, é bom não dormir, sabia? Para quem é do front, é questão de sobrevivência não dormir. É alguns dos hábitos que você adquire por ter medo até dos segundos. Muita coisa pode acontecer dentro de um segundo. Os segundos são perigosos.

(Ouve-se o ruído agudo novamente, surge um fragmento de memória).

ULISSES

Vocês alguma vez viram uma cabeça fora do corpo? Eu já vi. Imaginem só uma cabeça, que possui o cérebro, que é a máquina que faz tudo funcionar, fora do corpo, o resto que faz você existir. Ah, meus amigos, tem muita coisa na vida que a gente diz que não esquece. Com certeza, meus aliados, esse é o tipo de coisa que se gente ver, não vai esquecer tão cedo. Porém é algo que não se espera ver nunca. Nunca mesmo. Isso não está certo, não é humano. Uma cabeça não deveria estar fora do corpo. Um corpo sem cabeça não funciona. O corpo precisa de cabeça. Eu sinto que também perdi a minha cabeça, mas eu me surpreendo quando percebo que ela ainda está aqui.

(Averigua cuidadosamente cada detalhe da cabeça. O ruído para, ouve-se uma trombeta. Vargas anuncia que o Brasil entra na segunda guerra mundial).

Foi quando Vargas deixou de ser um borra-botas que o Brasil entrou no combate de vez. Os nazistas estavam entre nós, na surdina, nos espiando igual *cotia* no escuro. Nas águas, os submarinos alemães que tomavam conta de todo o litoral eram como ariranhas assassinas. Atacaram navios que saíam lá do Pará, levando o látex que o norte-americanos tanto precisavam para construir suas máquinas de destruição. Mataram inocentes que não escolheram virar alvo. Aquilo foi a última gota, não só pra população de brasileiros revoltos, mas também pro bacana das Américas, o *Rooselvet*. Se o “presidente” não declarasse oficialmente guerra contra a Alemanha e Cia, as águias do *Tio Sam* planariam e solo brasileiro e pousariam no litoral, papando tudo que vissem pelo caminho. Entretanto, é notável também que depois de tantas placas de rua sendo substituídas por papelões escritos com nomes de *Aníbal e Benévolo*, nós, a população, também contribuímos pra essa decisão. Quando isso saiu em todos os jornais, mamãe me confidenciou de repente as seguintes palavras - Deus queira que eles não batam aqui na minha porta e levem vocês pra longe de mim. Foi como se uma faca atravessasse meu bucho. Juro que vi o choro dela sendo engolido igual um pirão de farinha, criando formato em sua garganta e descendo lentamente. Não sabia como dizer a ela que eu já tinha feito a minha escolha. Meses antes me voluntariei para fazer parte do *1º grupo de aviação de Caça da Força aérea brasileira*. Algo experimental, arriscado, sem precedentes na história do Brasil. Fui pra Salvador e mesmo sendo rejeitado, visto como um “caboquinho” do Norte sem instrução, eu insisti e mostrei todas as minhas habilidades como mecânico. Além disso, eu era alfabetizado, sadio e tinha imenso anseio em fazer o que era certo. Pelo menos, o que eu pensava der certo. Fui examinado, me viraram do avesso e não encontraram em mim nenhum vestígio de malária ou qualquer outra doença tropical. Fui recrutado.

(Ouve-se a voz de pessoas conversando, sons de sirene e um pouco de cumbia. Em seguida, ouve-se um avião planando. Ulisses abre manta como se fosse asas e se movimenta por todo palco. Sobe na cama de cima do beliche).

ULISSES

E a cobra não só fumou como também criou asas! Era lindo ver Panamá lá de cima! Tudo muito azul, tudo muito verde. Às vezes, um acúmulo de tons terrosos. Me agrada muito o nome Panamá, porque é igual a Pará. Quando falava Panamá, eu me sentia um pouco em casa, ao lado de minha mãe e irmão.

(Para repentinamente, uma súbita reflexão. Começa a trabalhar exaustivamente).

ULISSES

O inglês é complicado, não é mesmo? Somando a língua enrolada do piloto que passava as instruções pra minha equipe de mecânicos e o barulho das turbinas que parecia um bisturi perfurando meus tímpanos, eu não entendia absolutamente nada do que acontecia ali. Mesmo que eu não compreendesse nada, bastava eu rememorar todos os ensinamentos do meu pai. Eu só pensava nele quando via todos aqueles equipamentos de tecnologia quase extraterrestre. Imaginava o quão feliz e entusiasmado ele ficaria ao me ouvir dizer o nome complicado de cada parafusinho que compunha uma *Fortaleza Voadora*. Seria como fazer por meu pai exatamente o que ele fez por mim, quando me instruiu e me deu uma profissão. Ele teria orgulho de mim. Mesmo depois de todos esses anos, eu ainda sinto falta dele. Meu pai foi a minha grande primeira perda. Quando eu pensava nele e na sua paciência invejável, eu concluía que ali ninguém estava interessado em me ensinar alguma coisa de fato. Então, meio resignado, eu somente balanço a cabeça e dizia “Ok”. Eles disseram que o “ok” equivale a “entendido” para nós, que falamos espanhol. Eles pensavam que nós brasileiros falávamos espanhol. Que chacota! Ah, não dê atenção a esse pandemônio. Ainda era muito bom estar no céu do Panamá!

(Mudança de tom).

ULISSES

Mas, ao pisar em terras panamenhas, as coisas eram um pouco mais difíceis para nós: Treinamento pesado de horas e horas ininterruptas. Começava antes do sol nascer e terminava muito depois de ele já ter ido descansar. E mesmo que meus companheiros e eu fôssemos aplicados e rendêssemos bons resultados, nada que fazíamos era bom o suficiente para os norte-americanos, que sempre nos tratavam com desdém. Eu imaginei que eles não queriam estar perto dos nós porque os brasileiros por natureza eram muito barulhosos e questionadores, mas depois eu percebi, com muita revolta, que na verdade eles não queriam estar perto dos negros, não somente os negros latinos, mas também dos negros que se autodenominavam “búfalos” e que de forma desigual compunham a infartaria americana. Eles, ao contrário de nós, aceitavam aquela situação com muita frieza e pareciam estar preparados pra toda aquela estupidez. Sentavam na mesma mesa e dormiam no mesmo dormitório. Era isso que os americanos arrogantes desejam que nós da FAB fizéssemos. Lembro de um episódio quando um dos nossos, por pura ignorância, decidiu sentar na mesma mesa que alguns recrutas estadunidenses. O brazuca não percebeu, mas a mesa era composta unicamente por brancos que tinham marcas de bronze ridícula desenhando um óculos de proteção em seus rostos prepotentes. Notei que havia algo de errado quando todos se levantaram e foram embora dizendo coisas inteligíveis, mas que pela cara deles não parecia ser um “*seja bem vindo, aliado*”. Aí, depois disso, as coisas só pioram. Pioram ao ponto de um dos oficiais branqueiros

cuspir no emblema da FAB. A saliva escorria que nem um ácido pela espada prateada. Com a situação já insustentável, o Comandante Moura decidiu mandar todos nós, os negros, de volta ao Brasil, para evitar mais embaraço com os donos da casa. Fiquei corriqueiramente chateado, mas não surpreso, pois de estrangeiro se espera tudo. Afinal, foram eles que iniciaram essa guerra maldita. Mas meus amigos, por mais absurdo que pareça, saibam que até mesmo alguns oficiais brasileiro reforçavam o discurso racista e segregador dos norte-americanos. Eles diziam que o Brasil precisava mesmo de um “*embranquecimento*”, acreditam? Tinha até Comandante a favor da Alemanha, por conta a árvore genealógica bem confusa deles. Os bocós também se consideravam uma “raça pura”. Parece que todos eles esquecerem o porquê nós entramos nesse chiqueiro.

(*Ouve-se uma buzina de navio*).

ULISSES

Em fevereiro de 1946 eu estava em um navio lotado de outros expedicionários. Essa agora era minha patente: expedicionário. Alguns chamavam nós, os mais novos e sem grande experiência militar de pracinhas. Acho gozado. O sol arde e o céu azul não permite presença de nenhuma nuvem, somente a dos bimotores dos EUA. Quando sai do Panamá e cheguei no Brasil, meu nome já constava em uma lista enorme que saiu no jornal, convocando combatentes para auxiliar as tropas da *FEB* que já estavam em batalha e que precisavam de reforços. Não sei se minha mãe viu isso, nem tive tempo de vê-la pessoalmente, mas lhe enviei uma carta dando a trágica notícia. Não sei se a carta chegou em suas mãos, eu nem queria que ela soubesse disso desta forma, mas eu espero que ela esteja bem sem mim. Espero que meu irmão esteja cuidando dela e que não a deixe sozinha nem por um momento. Ele é irresponsável, imaturo, mas diante de uma situação tão delicada como essa eu torço para que ele tenha tomado um pouco de juízo. No navio “*USS General alguma coisa*” os ares eram outros e bem mais respiráveis. Tinha homens de todo Brasil, de todas as cores, falando a mesma língua. Era uma grande salada e eu me sentia bem mais à vontade, embora, começando a sentir medo do que nos aguardava na terra dos *césares*. Aqueles companheiros não mereciam sofrer, nem eu. Na tropa, havia um negro forte e carismático chamado *Kardec Leme*, que se dizia abertamente comunista. Um afronte! Ele estava em uma posição de liderança, era metodicamente respeitado. Enquanto Kardec inspirava garotos como eu, também fazia com que alguns sargentos brancos, brasileiros e aliados, ficassem um tanto incomodado com a presença dele. Isso era nítido naquelas caras de tomate e um tanto satisfatório pra mim, ainda ressentido pelo que passei no Panamá. Assim fora os dias rumo a *Napoli*. As manhãs eram longas e as noites penosas, pois o calor era nosso maior inimigo. Aos poucos via o litoral do Brasil sumir como um risco distante e embaçado, enquanto o azul do Mediterrâneo rodeava aquele pequeno-grande acampamento flutuante. O clima era de um falso otimismo, que tentava mascarar a tristeza que era a única bagagem de cada um dos homens que estava ali. Desde a experiência nada agradável no Panamá, decidi que ser *antifascista* e *antinazista* é também ser antiestados unidos e seus aliados. Não queria compactuar com quem me considerava inferior e nos treinamentos da *FAB* eu compreendi que Itália, Alemanha e Estados Unidos eram farinha do mesmo saco, sem distinção. Obviamente eu não podia compartilhar a ideia com os outros pois eu estava rodeado deles, então mantive isso como uma meta pessoal. No meio daquela miséria humana, essa minha ideia soava como um capricho. Mas eu precisava de algo para me agarrar, para ficar desnorteado. Eu precisava de algum objetivo.

(Mudança de clima. Inverno europeu. Veste seu uniforme e calça galochas. Transforma a manta em um cachecol).

ULISSES

Chegamos em Napoli em 22 de fevereiro. Era uma manhã muito fria e eu só conseguia me perguntar se minha mãe havia recebido a minha carta. Também ficava no embate cruel me questionando se foi certo ter-lhe dito aquelas coisas com objetivo de tranquilizá-la ou se deteriorei a situação quando lhe mandei a informação que ela não queria receber. Sinto tanta falta dela, do meu irmão, da minha Bragança. Eu queria estar em casa. Aqui o frio é uma tortura. Me faz bater os dentes. Sinto como se meus ossos, todos eles, estivesse congelando lentamente, numa surra sem fim. Era como uma arma natural dos inimigos para combater os brasileiros sem ao menos arriscar um soldado em campo de batalha. Pensei que morreria de frio antes de ver um deles. Parece que só agora eu percebo que estou de fato longe e inseguro, no centro de um conflito arriscado. No Porto Napoli, carcaças de navios abatidos. Cotei pelo menos 50. Nas costas vizinhas, miséria, mendigos e moleques armados lutando por uma lata de conserva. Passamos por *Albateia, Pistoia, Brunetta, Porretta-Terme e Lucca*. Nesses lugares, estradas destruídas, ruínas de casas, animais mortos e placas em três idiomas avisando que os alemães haviam enchido o solo de explosivos. É nesse exato momento em que minha memória começa a ficar turva, como se eu estivesse novamente a bordo do USS, porém sozinho, a deriva no Mediterrâneo, coberto por uma neblina fria e medonha. Ao menos lembro de meu parceiro de beliche, o *Edir*. Era um camarada engraçado, lá do Maranhão. Contava histórias fantástica sobre *Dom Sebastião*, o rei da encantaria que foi transformado em um touro negro, e que aguardava alguém que o libertasse do encantamento. Era muito gente fina. Me dava a sua manta quando eu tremia de frio e ele sentia os tremores lá na cama de cima, com o beliche balançando. Edir também me ensinou a aquecer os pés, colocando penas de pato que ele tirava dos travesseiros para forrar as meias, antes claro, de calçar as galochas. Ficamos grandes amigos. Além de todas as suas qualidades, ele fazia eu me recordar do meu mano.

(Ouve-se ruídos de rádio, ele fica em alerta. Os “sons de guerra” voltam a ecoar no lugar: Ulisses põe seu capacete e se arma).

ULISSES

Rota 64, *Casoni*, madrugada chuvosa e fria. O chão está coberto por um manto branco de neve. De longe ouço o assóvio sombrio das granadas, que era o prelúdio do grande estrondo e do empurrão de ar quente que varria um raio de 10 metros e nos arremessava longe. Só conseguia ouvir meu coração batendo acelerado, já que meus ouvidos estavam totalmente ensurdecidos pela violência sonora que acompanhava a chuva de explosivos. Não se sabia se eram lançados pelos alemães ou pelos americanos. Só sei que nós da FEB, e principalmente Edir e eu, estamos no meio do fogo cruzado, totalmente perdidos, longe de qualquer auxílio. Deito no chão e forço Edir para que se deite junto comigo. Sinto agora náuseas só se lembrar do cheiro forte de *TNT* que entorpecia o lugar. Entra pelo meu nariz, queima toda minha laringe, pulmões e brônquios, e depois sai pela minha boca, me deixando com um hálito quente e seco. Pelo alcance da minha visão, forçada o máximo possível, vejo de um lado o céu alaranjado, em plena madrugada. A fumaça sobe como uma nova montanha de estilhaços e as chamas chegam cada vez mais perto. Sinto isso pelo calor ameaçador. Do outro lado,

vejo o rosto de Edir, petrificado de pavor, como se não entendesse nada do que acontecia ali. Na realidade, nem eu entendia. Repentinamente, as “*lurdinhas*” varriam o lugar com longas rajadas de tiro. Sentia os tiros passando por cima de nós. Era como sentir que alguém estendeu uma lâmina fina igual uma linha de costura, mas afiada o suficiente para me partir ao meio. Olhei para Edir e com a maior frieza do mundo disse pra ele manter a calma e não se mexer, pois seria mais perigoso, já que estávamos em um campo minado. Segurei sua mão, a estava perto minha, e tal qual a voz do anjo que me acordou na enfermaria eu tive que mentir a ele dizendo que tudo ficaria bem. Mas não ficou. Outro assóvio de granada. Edir se desesperou, levantou e quis correr, mas em seu primeiro passo não ensaiado, um tiro lhe rasga a coxa esquerda. Ele cai lentamente, diante de mim. Era como se dissesse “*adeus caro amigo, foi uma honra conhecê-lo, bravo guerreiro*”. Num piscar de olhos, eu vi a cabeça fora e corpo, ambos separados. Era Edir em destroços. Eu não podia chorar, nem esboçar nenhuma reação, porque se eu fosse notado ali, o meu destino seria o mesmo. Fiquei encarando aquela cabeça, com aqueles os olhos abertos, com a última lágrima eternamente aprisionada naquela córnea. O olhar era de uma súplica silenciosa. Enquanto encarava meu amigo Edir naquele estado, um novo assóvio de vinha do céu. Virei de peito pra cima para tentar verificar de qual direção a granada viria dessa vez, mas eu não vi nada. O assóbio só crescia, e eu aceitava que talvez ali, aquele momento seria meu fim. Sei que disse antes que segundos são perigosos, mas na mesma medida, também são muito preciosos. Em poucos segundos, eu lembrei de minha mãe, meu irmão, meu pai, minha cidade. Tanta coisa boa que eu não queria deixar. Ainda sentia uma vontade imensa de chorar, mas sei que não teria tempo de derramar uma lágrima se quer. Pedi a São Jorge que resguardasse minha alma em sua armadura indestrutível. Foi então quando eu vi o fogo ocupar todo o todo céu acima de mim, como se todas as estrelas explodissem. Naquele instante final, eu percebi que aquela noite era uma bela noite. O céu estava lindo.

(Ouve-se um anúncio revelando o fim da grande guerra. O beliche vira uma ambulância).

ULISSES

Alemães derrotados e presos. Hitler e Mussolini mortos. Estados Unidos vitoriosos. E nós da FEB? Bom, é hora de retomar para casa. Saímos de *Napole* no dia 18 de setembro, nesse navio aqui chamado James Parker. Foram 8 meses que parecem congelados na memória. Fui alguém antes disso, fui alguém entre isso e sou outro alguém agora aqui diante de vocês. O retorno ocorreu semanas depois de refazermos todo o trajeto que nossa guarnição já havia percorrido. Porém, dessa vez eu estava dentro de uma ambulância que mais parecia uma fornalha. A roupa e os curativos grudavam nos meus ferimentos. Era desagradável, mas eu já nem sentia dor. Era como se eu tivesse me adaptado a ela, como se ela fosse um sentimento corriqueiro. Nesse trajeto revivemos momentos de muita dor, sofrimento e sangue derramado. Já não fazia tanto frio, mas eu me recusava a abrir mão da manta que Edir deixou pra mim. Era como mantê-lo vivo. Antes de partimos, passamos em Pistoia e vimos um pequeno cemitério construído pelo pelotão de sepultamento da FEB para os brasileiros mortos nessa estadia. Era cercado por arame farpado e na frente havia uma bandeira do Brasil mastreada e imponente. Dançava ao ritmo do vento fraco. Eram dezenas de túmulos improvisados e poucos tinham nomes nas lápides feitas de restos de escombros. Era triste saber que aqueles homens não voltariam pra casa, nem ao menos para serem enterrados no mesmo chão que nasceram. Não sabia se meu amigo Edir estava lá, mas também não queria vê-lo naquele estado. Já não suporto a lembrança do último momento que o vi em minha frente.

Haviam dois túmulos em especial que me chamaram atenção: Um continha as minhas iniciais. Isso me fez questionar se eu realmente estava vivo. Não entrei em desespero, mas fiquei assustado. Calmamente enfiei o dedo nessa ferida aqui em meu braço. Senti um pouco de dor. Em seguida, cheirei catedraticamente cada centímetro do mesmo dedo que usei para fazer o teste necrófilo e senti o odor de sangue velho misturado com pólvora fresca. Não sei se isso fazia eu me sentir vivo, mas era a única coisa que me remetia aquela vida que eu estava vivendo no momento; uma vida de sangue e de pólvora. No outro túmulo eu não vi nome, nem iniciais, mas ele era quase todo construído com latas de chocolate. Parecia que era feito para alguma criança, e poderia ser isso mesmo, visto que no cemitério também havia alguns civis italianos sepultados. Fiquei responsável de dar a notícia triste aos seus familiares de Edir, já que sou um sobrevivente e, segundo meus oficiais, isso é motivo suficiente para exaltar o sacrifício que ele fez por nossa nação. Edir nunca me falou sobre quem havia deixado no Brasil, lá em Maranhão, mas eu acabei sendo informado de que ele tinha esposa e filhos, no plural. E agora? Como vou descrever a ela, a esposa, o que eu vi? Como dizer a ela a sensação que era ter o olhar de Edir rasgando minha alma? E minha mãe? Quando eu a encontrar, como vou dizer a ela tudo que eu passei? Como vou dizer que vi um jovem rapaz decapitado que poderia ser meu irmão? Como vou dizer que eu também me sinto morto, apesar de ainda estar aqui, padecendo? De qualquer modo, estou feliz por voltar pra casa e também feliz por todo esse inferno já ter acabado. Só me preocupo com esses pequenos detalhes e estou fazendo de tudo para que eu consiga cumprir com a missão mais difícil que eu já fui convocado. Cumpri-la com brio e honra de um ex-combatente que viu o inferno na terra. Mesmo que no final de tudo poucos recordarão mim e de meus companheiros, eu sinto o peso da minha história; a de um simples mecânico de automóveis velhos que ajudou a derrotar os alemães e a sua má influência pelo mundo. A cobra já fumou, é hora de guardar o cachimbo!

(Ele repete a frase insistentemente e deita na cama, de costas para o público e adormece. Ouve-se a leitura de uma nova carta).

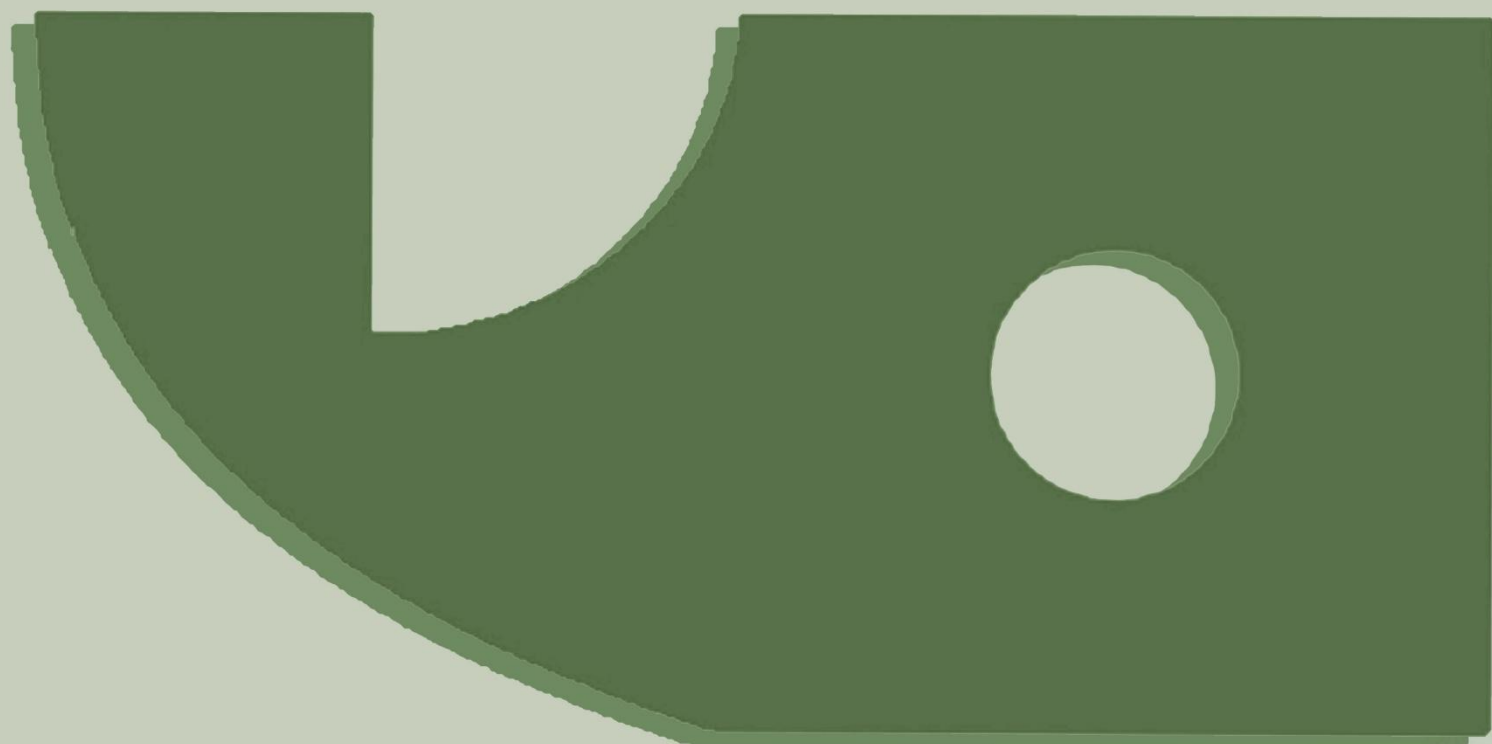
Junho de 1945, de sua tia. Estimado sobrinho, soubemos que a guerra enfim chegou ao fim e isso significa que tu logo voltarás para casa. Isso, claro, é motivo de festa. Mas saiba que, pelos últimos acontecimentos que movimentaram este lado daqui, infelizmente, não há o que se comemorar em nossa família. Escrevo essa carta para tentar preparar o teu coração e a tua alma, que já devem estar cansadas de tanto sofrimento. Temo que lhe dizer tamanhas brutalidades possa piorar ainda mais a tua situação, mas é necessário fazer isso, para ao menos tentar amenizar o impacto da surpresa. Tua mãe, minha irmã, estava passando por sérios problemas de saúde desde a partida de vocês dois. O coração já estava desgastado, mesmo ela insistindo em dizer que estava tudo bem. Eu até orientei ela a ser franca e escrever sobre o que estava acontecendo, mas tenho certeza que ela não fez isso, pois sua mãe era uma grande teimosa. Enfim, saiba que alguns dias antes dessa data, nós recebemos uma carta desoladora das forças armadas dizendo que seu irmão havia sido fuzilado junto com outros reféns das tropas alemãs. Juro a você que fiz de tudo pra que ela não lesse a tal carta, até queimei sem que ela percebesse, mas ela reclamava constantemente de um pressentimento ruim demais que lhe apertava o coração. O amor de mãe é um dos maiores mistérios da humanidade e foi com a força desse amor que a sua mãe foi até o pelotão por conta própria e lá ela soube do pior. Infelizmente o coração frágil não resistiu e ela acabou nos deixando também. Uma tragédia dupla. Aqui não há mais espaço pra tanta dor. Ambos já foram

sepultos: Sua mãe, no mesmo túmulo que seu pai. Agora eles estão unidos pela eternidade. Seu irmão foi sepultado em uma cidade italiana chamada Pistoia. O tenente disse que ele era um dos mais queridos da guarnição, sua felicidade era contagiante. Por esse motivo, todos encheram o túmulo dele de latas de chocolate, pois elas eram muito bonitas, e ele merecia um túmulo bonito. Foi uma linda, singela e honrada homenagem. Sinto muito ser porta-voz de tanta desgraça, mas alguém teria que lhe dizer o que aconteceu. Enquanto escrevo esta carta, sinto que ela talvez ela seja um desperdício de tempo e de lágrimas que derramo em cada palavra, pois você, meu sobrinho, nunca mais mandou notícias. Temo pelo pior, mas tenho fé que você está de regresso, triunfante. Vai se surpreender com a popularidade dos expedicionários, que agora são adorados como verdadeiros heróis. Uma grande festa está sendo preparada no Rio de Janeiro, na sua recepção. Eu sei que você ficará feliz com o carinho e reconhecimento da trajetória de heroísmo que você construiu junto de seus aliados. Espero que chegues logo, mas que antes, recebas essa nota de pesar. Porém saiba que apesar das grandes perdas, eu e toda família estamos aqui para acolhê-lo, para tentar trazer o mínimo de conforto ao teu coração, e lhe dar condições de um descanso merecido. De sua tia que lhe ama muito, um grande beijo e um abraço apertado.

FIM



*O QUASE CASAMENTO DE DONA
CATARINA*



O QUASE CASAMENTO DE DONA CATARINA

Raphael Andrade

NOTA DO AUTOR

A peça “O quase *Casamento de Dona Catarina*” foi encenada em julho de 2018, no estacionamento da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), no âmbito do Núcleo Pedagógico Artístico – Teatro Infantil. A direção esteve sob responsabilidade do então estagiário Raphael Andrade (também autor da dramaturgia) em parceria com a professora Marluce Oliveira. Com duração aproximada de 35 minutos, a montagem configurou-se como exercício pedagógico e artístico que articulou formação discente, experimentação cênica e apropriação de elementos da cultura popular amazônica. A escolha do espaço aberto como palco evidenciou a intenção de democratizar o acesso e criar um ambiente de celebração coletiva, onde a dimensão lúdica do teatro infantil se entrelaçou à prática extensionista da ETDUFPA. O resultado foi uma experiência que reforçou o papel do teatro enquanto ferramenta de ensino, memória cultural e interação comunitária.

PERSONAGENS:

JAIME – o pai resmungão, mão de ferro no bolso, que reclama até da própria festa.

CATILENE – a mãe dramática, que transforma qualquer detalhe em tragédia de novela.

CATÍUSCA – a irmã fofoqueira, especialista em espalhar intrigas e ativar confusões.

SEU ANTÔNIO – o sogro festeiro, que só pensa em cachaça, vaquejada e vida de fazenda.

DJ – o animador oficial, capaz de transformar bronca em batidão e choro em forró.

VENDEDORES DE COMIDA – entre pamonhas e tacacás, vendem muito mais fofoca que quitute.

PADRE E BISPO – divididos entre rezar, discutir e disputar quem manda mais.

PAJÉ E BENZEDEIRAS – chegam com rezas, ervas e sustos, bagunçando corpo e espírito dos convidados.

DOUTOR – sempre de prontidão, esperando alguém desmaiar de emoção, calor ou confusão.

FAZENDEIRO – não perde a chance de negociar o dote como se fosse gado em feira.

TEREZINHA TRAÍDA – verdadeira especialista em barracos, pronta para revelar segredos na hora errada.

FILHOS – correm pelo palco, se metem em tudo e não deixam ninguém em paz.

BOI-BUMBÁ – invade a cena com dança, batucada e energia, transformando o casamento em festa de arraial.

CENA 1: O ANÚNCIO DA FESTA

(Palco enfeitado como arraial. Bandeirinhas coloridas, barracas de comidas e um clima de festa. O DJ aparece animado (pode ser feito por uma personagem feminina), seguido por vendedores de comida que circulam entre o público. Ao fundo, Catilene e Catarina entram, observadas por Jaime de braços cruzados).

DJ

Boa noite, meu povo querido do Guamá! Se preparem que hoje à noite é de arrasta-pé, promessa quebrada, casamento enrolado, boi bravo no terreiro e sogra mais nervosa que siri dentro da lata de querosene! Quem não comprar pipoca hoje, eu já aviso: vai casar com sogra braba e ainda ouvir todo santo dia: “levanta dessa rede e vai varrer o quintal, criatura folgada!”

VENDEDORES

Olha a canjica, olha o tucupi, olha o tacacáquentinho! Quem não comprar vai chorar sozinho! Tem bolo de macaxeira, tem vatapá cheiroso, no arraial de São João todo mundo sai guloso!

MÚSICA DE TRANSIÇÃO – BREGA MELÓDICO (voz masculina sofrida)

“Cartinha de amor não paga aluguel,
Mas quem tem coragem conquista o papel.
Coração apaixonado sofre sem razão,
Só se prova o amor com suor e paixão.”

CATILENE

Catarina, minha filha, tu já tá sabendo? Eu ouvi da vizinha, que ouviu da comadre, que ouviu da prima da cunhada do padre, que ouviu do sacristão fofoqueiro... que o Chico vai te pedir em casamento HOJE, bem aqui, no meio do povão!

CATARINA

É verdade, mainha... ele me mandou cartinha com coraçãozinho, cheia de purpurina (*tira da bolsa purpurina e joga para o alto*), perfumada com colônia de R\$ 1,99 (*burrfica a colônia na mãe*). Eu até botei a carta dentro do travesseiro, pra sonhar com ele toda noite!

JAIME

(Ouve a conversa de longe) Ora, ora, carta não enche barriga, nem paga conta de luz atrasada! Quero ver é coragem, cabra frouxo! Se quiser minha filha, vai ter que mostrar peito de aço e braço de vaqueiro!

DJ

Minha gente, segura o coração! Hoje a prova vai ser mais difícil do que passar em medicina na UFPA sem cursinho, sem cota e sem promessa pra Santo Antônio!

CENA 2: O DESMAIO

(Barracas de comida em destaque. Catilene no centro, abanando-se e fazendo drama. Vendedores oferecem quitutes. Jaime observa desconfiado. DJ anima a cena com microfone em punho).

CATILENE

Ai, minha Nossa Senhora do Pão careca com jamburana! Esse tacacá que eu comi se juntou com a pamonha e tão fazendo carimbó dentro do meu bucho... vou cair, vou tombar, vou desmaiar igual vela apagada no meio da procissão!

(Catilene despenca espalhafatosa em cima dos vendedores, derruba painéis, quase vira o tacho da maníobra. Vendedores gritam. Jaime se desespera).

JAIME

Mulher, tu ainda vais me matar! Não é fogueira que vai me deixar viúvo, é tu empanturrada de tacacá, pamonha, canjica e cachaça de jenipapo!

DJ

Produção, socorro! Temos aqui um caso gravíssimo de intoxicação junina! Tacacá com jambu brigando com pamonha é guerra civil no estômago da dona Catilene!

(Surge o Doutor com jaleco amassado, óculos torto e prancheta. Faz pose de autoridade).

DOUTOR

Silêncio, povo ignorante! Chegou o homem da ciência! *(Palpa Catilene, teatral)* Pulso... respiração... *(abre a bolsa dela)* Limite do cartão... senha do Pix... CPF na nota...

CATILENE

(Abrindo os olhos de repente) Ôxe, tira a mão da minha bolsa, seu doutorzinho sem vergonha!

DOUTOR

(Solene, levantando o dedo) Diagnóstico confirmado: morreu!

CATILENE

(Pulando de pé furiosa) Morta tá tua língua de fofoqueiro! Eu só desmaiei porque esse tacacá com jambu rodopiou mais do que quadrilha junina dentro da minha barriga!

DJ

Palmas pra véia, minha gente! Sobreviveu ao tacacá atômico! É milagre de Santo Antônio, padroeiro das empanzinadas do arraial!

(DJ faz sinal para a banda. Entra música brega dançante com teclado marcante. O público é convidado a bater palma e dançar).

MÚSICA DE TRANSIÇÃO – BREGA DANÇANTE

“Tacacá com pamonha, mistura fatal,
Quem come demais, cai no arraial.
Mas no amor é igual, sem ter moderação,
Se exagera demais, desmaia o coração.”

(Catilene dança no meio do povo, recuperada. Jaime continua resmungando. Transição para próxima cena).

CENA 3: O FAZENDEIRO BRAVO

(O som eletrônico aumenta. O Fazendeiro entra de chapéu de couro, botas sujas de barro e um chicote na mão. Olha indignado para o DJ e para o público. Vendedores tentam acalmá-lo com quitutes).

FAZENDEIRO

Mas que diabos é essa barulheira? Isso é festa de São João ou é guerra de som automotivo?

DJ

Relaxa, patrão, é só forrozinho moderno, eletrônico, pra animar a moçada!

FAZENDEIRO

Forró eletrônico? Aqui não, cambada! Na minha fazenda só entra sanfona, zabumba e triângulo! Se botar batida de DJ, eu despejo todo mundo, arranco as bandeirinhas e apago a fogueira com baldada d'água!

DJ

Minha gente, esse homem tem mais autoridade que delegado em blitz de madrugada na DOCA!

VENDEDORES

Compra um bolo, patrão, compra uma pamonha, compra um vatapá que o senhor fica doce igual mel de abelha!

FAZENDEIRO

Eu só fico calmo é com vatapá bem temperado, cheio de pimenta malagueta e dendê forte!

(Os vendedores correm, cada um trazendo um prato de vatapá. O Fazendeiro se empanturra, se lambuzar todo e, satisfeito, dá um sorriso banguela).

FAZENDEIRO

Agora sim, tô manso feito carneirinho de procissão!

(DJ aponta para a banda, que começa a tocar um brega romântico. Todos dançam no ritmo. Luz suave de festa junina).

MÚSICA DE TRANSIÇÃO – BREGA ROMÂNTICO

“Na batida da sanfona eu quero te encontrar,
Sem DJ moderno, só no baião pra dançar.
Se a festa é do povo, tem que ter tradição,
O amor verdadeiro se prova no salão.”

(Fazendeiro dança desengonçado com os vendedores. Transição para a próxima cena).

CENA 4: A CHEGADA DE CHICO

(Catilene e Jaime ainda discutem. Catíusca aparece no meio da roda, abanando-se e se exibindo. O DJ anima a plateia. De repente, Chico entra tímido, puxado pelo braço por Seu Antônio. Todos olham atentos).

CATÍUSCA

Mainha, painho! Olha o Chico chegando com o pai dele! Se a Catarina não quiser, eu aceito na hora, porque eu sou mais bonita, mais esperta e ainda faço vatapá melhor!

JAIME

Respeita tua irmã, menina atrevida, ou eu boto tuas trancinhas de castigo no chiqueiro com os bodes!

DJ

Minha gente, essa família tá mais enrolada que novela turca, com direito a irmã invejosa, noivo pobre e sogro carrasco!

(Chico entra, de roupa simples, chapéu na mão. Seu Antônio empurra o filho para frente. Chico se ajoelha diante de Catarina, emocionado).

ANTÔNIO

Bora, rapaz, fala logo que esse povo tá sem paciência!

CHICO

Catarina, desde que te vi no igarapé lavando roupa, senti que não era só sabão que fazia espuma... era meu coração borbulhando de amor por ti! Eu não tenho carro prata, não tenho moto nem bicicleta com garupa... mas eu tenho fé, coragem e amor verdadeiro. Quero casar contigo e dançar quadrilha até o último São João da vida!

CATARINA

Ai, Chico, tu és doido, mas é por isso que eu gosto de ti. Eu aceito... mas só uma prova de amor convence minha família!

JAIME

(Desafiando, batendo o pé) Bonito discurso, cabra, mas quero ver coragem! Se tu queres casar, traga a língua do boi mais bravo da fazenda!

DJ

Segura, minha gente, que agora a novela virou filme de ação com direito a boi brabo, perseguição e sangue na areia!

(Som de mugido forte ecoa. Os atuentes reagem surpresos. Luzes piscam em vermelho. O DJ ergue o microfone, apontando para a plateia como narrador de ringue de boxe).

MÚSICA DE TRANSIÇÃO – BREGA SOFRIDO (estilo Odair José)

“Provar meu amor é lutar sem temor,
Enfrentar um boi bravo só pra mostrar valor.
Se a coragem é chave pra ganhar teu coração,
Eu vou até o fim, minha vida, minha paixão.”

(Chico se levanta com expressão determinada. Catarina põe a mão no peito, aflita. Seu Antônio faz sinal de “agora quero ver”. Jaime cruza os braços, satisfeito. Luz baixa. Transição para a próxima cena).

CENA 5: A MORTE DO BOI

(Som de toada forte ecoa. Entra o Boi-Bumbá, colorido e vibrante, dançando bonito, girando e fazendo piruetas. O público vibra, grita, bate palma. Chico encara o desafio, tremendo de nervoso. O DJ anima a plateia como narrador de luta).

DJ

Minha gente, o cabra vai ter que lutar com o boi mais valente da fazenda! Isso aqui não é casamento, é UFC de arraial!

CHICO

Vem, boi danado! Eu luto com fé, coragem e amor no peito!

(O boi corre atrás de Chico, que tropeça, cai, levanta, rola no chão. Finalmente, Chico agarra a língua do boi. O Boi despenca no chão como se estivesse morto).

CHICO

(Erguendo a língua triunfante) Consegui! Tá aqui a língua do boi bravo! Agora sim eu provo meu amor!

FAZENDEIRO

(Desesperado, arrancando os cabelos) Não! Esse era meu boi campeão! Ele dançava melhor que muito bregueiro, melhor que muito dançarino de quadrilha! Eu ia levar ele pro Arrastão do Pavulagem, e agora virou churrasco!

DJ

Calma, patrão! Não se desespere! Chama as benzedeiças que esse boi ainda tem reza de sobra!

(Entram as Benzedeadras, balançando ramos e rezando alto. O Padre chega com hissope, o Bispo com a cruz, mas nada adianta. Silêncio dramático. De repente, entra o Pajé com maracá, dançando no ritmo de funk misturado com toada).

PAJÉ

Sai da frente que agora é comigo! Eu misturo reza com batuque, ancestralidade com batida! Se o boi morreu, eu faço levantar dançando!

(O Pajé chacoalha o maracá, canta e faz coreografia. O Boi levanta de repente, dançando o trme no meio da festa. Os atuantes vibram, o Fazendeiro cai de joelhos, chorando de alegria).

TODOS

(Em coro, batendo palmas) Viva o boi! Viva São João! Viva a ressurreição!

(Vinheta musical explode em brega elétrico, com metais e teclado animado. Todos dançam).

VINHETA MUSICAL – BREGA ELÉTRICO

“Se o boi morreu, o povo chorou,
Mas no batuque da vida ele ressuscitou.
Entre reza e promessa não existe ilusão,
Quem dança com fê levanta até do chão.”

FAZENDEIRO

(Levantando o chapéu, emocionado) Silêncio, minha gente! O boi já ressuscitou, graças a Deus, a São João, às benzedeadras, ao Pajé e até o treme! Agora chega de enrolação! Vamos resolver logo esse casamento, que tá mais embaraçado que rede velha com nó de cachorro!

DJ

Senhoras e senhores, preparem os corações! Vai começar a cerimônia junina do século: o casamento de Catarina e Chico!

(As Benzedeadras se empurram para benzer a noiva. Uma disputa começa).

BENZEDEIRA 1

Eu vou benzer a noiva com arruda e guiné, que é pra espantar olho gordo e vizinha invejosa!

BENZEDEIRA 2

Sai da frente, mulher! Eu é que vou benzer com sal grosso e água do rio, pra garantir prosperidade e marido que não some no bar!

BENZEDEIRA 3

Nenhuma das duas tocam na noiva! Eu preparei chá de boldo com mel de abelha, pra garantir fertilidade e vida longa de casal!

CATARINA

(Desesperada) Socorro! Eu só queria casar, não virar garrafada de farmácia viva!

BISPO

(Solene) Antes de qualquer coisa, é preciso verificar se o matrimônio está em conformidade com o Código Canônico!

SEU ANTÔNIO

(Irritado) Código quê, padreco? Case logo esse casal, que o gado não espera pra ser ordenhado!

CATÍUSCA

(Se exibindo, ajeitando o cabelo) Se for pra demorar, case comigo mesmo, que tô aqui prontinha, com vestido arrumado e coração aberto!

JAIME

Menina atrevida! Respeita tua irmã ou eu boto tuas tranças no chiqueiro com os porcos!

PADRE

(Gritando, nervoso) Chega de confusão! Se continuar esse fuzuê, eu cancelo tudo e transformo esse casamento em quermesse beneficente!

(Todos se calam e se ajeitam, envergonhados. Silêncio. O DJ faz sinal para música de transição).

VINHETA MUSICAL – BREGA DRAMÁTICO (teclado triste)

“Se tem benzedura demais, o amor se atrapalha,
Se tem regra demais, a paixão se embaralha.
Mas quando o coração quer casar de verdade,
Nem feitiço segura, nem lei de cidade.”

(Luz baixa. Clima de expectativa para a cerimônia).

CENA 6: O CASAMENTO ATRAPALHADO

(Música lenta ao fundo. O Padre se posiciona no centro, solene. Catarina e Chico de mãos dadas. O público faz silêncio, ansioso).

PADRE

Agora sim. Catarina, tu aceitas Chico como teu legítimo esposo?

CATARINA

Aceito!

PADRE

E tu, Chico, aceita Catarina como tua legítima esposa?

CHICO

(Gaguejando nervoso) S-s-sim!

(De repente, a porta do arraial se abre com estrondo. Entra Terezinha (a Traída) com os filhos, furiosa, jogando a chinela pro alto. Os atuentes levam um susto).

TEREZINHA

Esse homem me deve sete meses de pensão! Sete meses, minha gente! E ainda tem a cara de pau de querer casar como se fosse santo? Esse casamento é fraude!

FILHOS

(Em coro, apontando para Chico) Pai, cadê meu presente de São João? Cadê a bola, cadê a boneca, cadê o pirulito prometido?

CATÍUSCA

(Triunfante, ajeitando os cabelos) Tá vendo, painho? Agora é minha vez! Catarina não quer, mas eu caso já, e caso sem frescura!

CATARINA

(Indignada, empurrando Chico) Eu tô fora! Não caso com pilantra nem com caloteiro!

BISPO

(Fazendo o sinal da cruz) Ave Maria, que casamento mais enrolado que esse eu nunca vi nem no Cumbu!

DJ

(Pegando o microfone, animado) Chega de briga, minha gente! O casamento não saiu, mas a festa não pode parar! Quadrilha já!

(Música sobe. Todos formam a quadrilha. O Boi entra dançando junto. O DJ narra como animador de arraial. Luzes piscam festivas).

DJ

Olha a cobra! É mentira!
Olha a fogueira! Tá queimando!
Olha o casamento! É confusão!
Olha o boi! É ressurreição!

TODOS

(Em coro, batendo palmas e rindo) Viva São João! Viva o boi-bumbá! Viva a festa que nunca termina!

(Todos dançam animados. Catarina dá gargalhada, Chico tenta se esconder da Terezinha, que corre atrás dele. Jaime segura Catíusca pela trança. As Benzedeirias dançam de saia rodada. O Pajé mistura toada com funk. O Padre e o Bispo tentam acompanhar no compasso).

VINHETA MUSICAL FINAL – BREGA ANIMADO

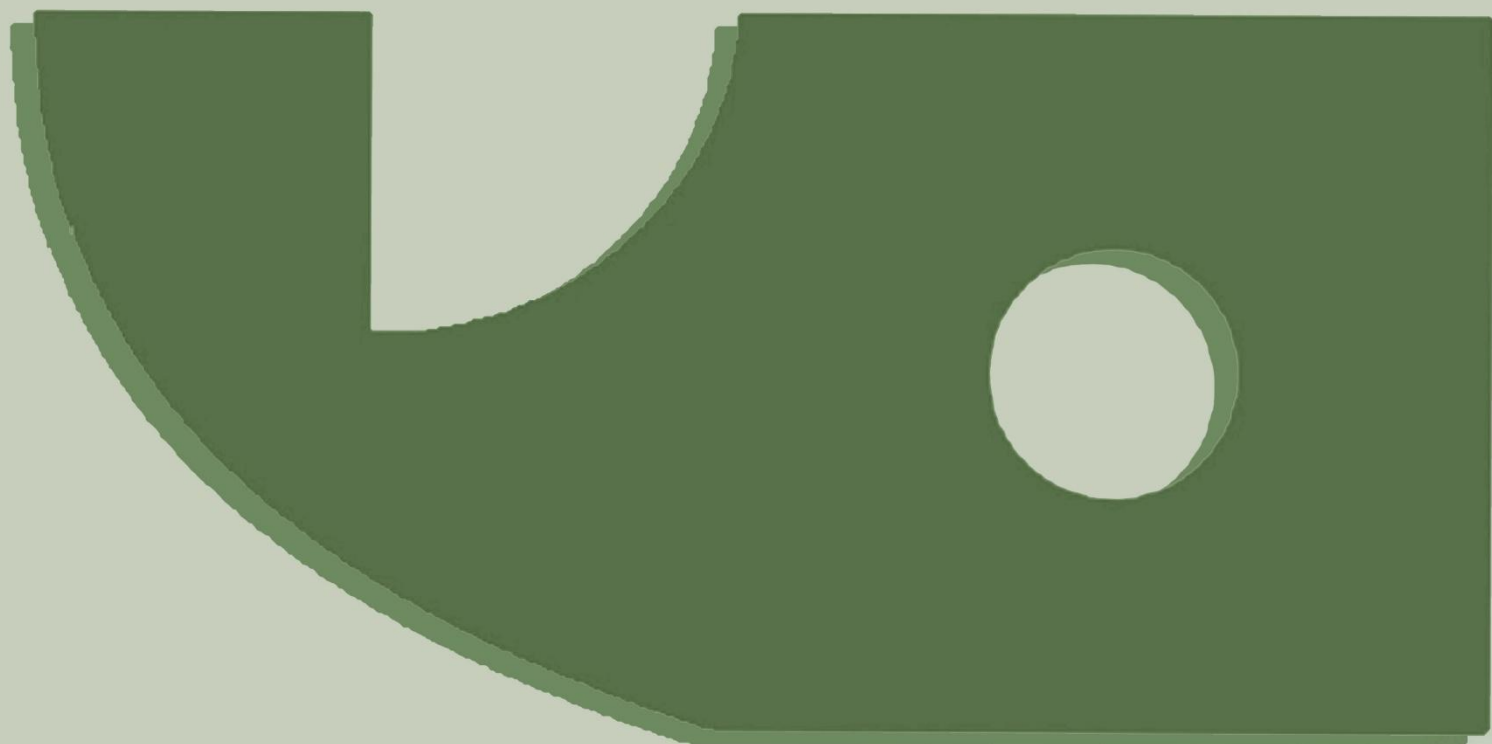
“Casamento que é festa vira confusão,
Promessa quebrada, boi no chão.
Mas o povo é feliz, o arraial não termina,
Na batida do brega a quadrilha se anima!
Se o noivo falhou e a noiva chorou,
O forró continua e ninguém parou!”

(Os atuentes chamam o público para participarem da destança. O boi faz a última dança no centro. Luz geral. Todos gritam e dançam em roda).

FIM



CORTE, RECORTE E COM
TESOURAS



CORTE, RECORTE E COM TESOURAS

Rhero Silva

ELAS:

Áries, Touro, Gêmeos, Virgem, Escorpião, Sagitário, Capricórnio.

CENA 1

V

Tudo poderia ser tão fácil se tu enviasse meu kimono e all star pelo uber.

S

Tu ta sendo chata e grossa.

C

Eu tenho andado sem tempo.

V

Meu kimono custou quinhentos reais , meu all star duzentos.

G

Eu só queria um amor que fizesse sentido.

C

E precisa fazer?

V

O que?

G

Eu sou romântica demais, minhas amigas vivem dizendo isso.

C

A gente é que se engana...

V

Acabou.

S

Tu é dramática.

G

Eu acredito em destino. Acredito piamente.

S

Romantismo barato.

C

Não acho.

V

A vida não cabe em 24h.

E

Tô tentando descobrir um modo de te afetar sem que haja transtorno. Começo dizendo que me sinto atravessada por ti, mesmo estando do outro lado do mundo. Tu me toca profundamente pela tela do celular.

V

Ao todo gastei setecentos reais.

G

Pena que ela nem me percebeu, passou direto.

S

Quem?

V

O que?

S

Eu perguntei primeiro.

E

Vocês perceberam?

C

Amanhã tenho que acordar cedo. Tô cansada de acordar cedo todos os dias. Não tem um dia que eu acorde tarde. Sempre é cedo.

V

Todo esse dinheiro eu conquistei com o suor do meu trabalho.

G

Vou comprar um super Nintendo pra passar o tempo.

S

Ela diz que sou egoísta por falar verdades na cara e não me importar com o que ela sente por mim. Ela nem sabe o que sente.

E

Tu nunca responde as minhas mensagens.

V

A gente tem que pensar duas vezes antes de deixar roupas e sapatos na casa de ex.

C

Perda de tempo.

G

Minha amiga contou pra mãe dela evangélica que eu fumo maconha, ela levou de boa no início, mas depois surtou achando que minha amiga tava fumando maconha só por tá morando comigo. Deveriam liberar a maconha para acabar com esse inferno. Me deixem ser maconheira em paz, eu não mexo com ninguém, só fumo pra relaxar, pra regar as minhas plantinhas pela manhã e limpar o coco dos cachorros na varanda.

E

Eu tô gostando de ti.

S

Confesso que fico sem o que dizer quando sou pega de surpresas.

C

Andei pensando em ti, hoje mesmo, quando tive tempo. Ando meio sem tempo.

V

Oi, tu pode me enviar minhas roupas e sapatos?

S

O que tu pensou?

G

Tenho essa mania louca de me apaixonar por mulheres mais velhas que eu.

C

Pensei que não tinha falado contigo esses dias.

E

Queria entender porque a gente compartilha nudes artísticos sem ter um entendimento do que se passa entre nós.

S

Quando a gente se conheceu eu tava em outra cidade, foi por um aplicativo casual. Me apaixonei de cara, tu sabe disso. Eu te falei. Quis casar contigo, te pedi em namoro, em casamento, tudo isso dentro de três dias. Eu costumo não me importar com o que os outros vão pensar, tô nem aí, quero viver o que sinto com a intensidade que a vida pede. A vida é só uma, depois daqui não sei o que acontece... Meu lema é esse, viver sempre no extremo, oito

ou oitenta. Te lancei a proposta. Tu tremeu na base, tudo bem , respeitei teu momento de se reencontrar nesse universo grandioso que é tu. Passou três meses, te pedi novamente em namoro e casamento. Não era o tempo do teu tempo, era apenas o meu que batia em desacordo com traços repetitivos de um coração não tão pulsante de amor. Saquei o que antes deveria ter entendido, me retirei de fininho pelas portas dos fundos da tua vida, resolvi respirar um pouco, me senti sufocada com tanto inchaço de questões mal resolvidas, tuas, minhas, partidas. A gente combinou o trato do antes, só seguir adiante. Seguimos.

G

Eu to com fome.

C

Alguém aqui joga tarot?

G

Queria comer uma pizza e tomar uma coca cola bem geladinha.

E

Tu diz que não quer te sentir afetada por mim e nem quer me afetar, mas continua me alimentando com a ideia de amor distante.

V

Por que nós duas somos tão tóxicas?

A

Eu sumo e apareço.

G

Sumir faz parte do processo.

S

Queria falar umas coisas na tua cara.

A

Casei com ela, a gente comprou um ap em floripa, mas terminamos e agora estamos tentando vender o ap.

V

Somos todas mulheres e lésbicas.

A

Fico pensando qual o motivo que me levou a casar.

C

Não fui tão sincera contigo, confesso. Eu tava com outra, a gente adotou um cachorrinho juntas, demos o nome de Toddy.

A

Em breve isso acaba. Não sou pessimista, sou realista.

V

Preciso comprar um biquini novo.

S

Semana que vem é teu aniversário. 17 de setembro.

A

Dizem que quando lembramos é porque não esquecemos.

C

Dezessete sempre foi nosso número.

E

Ação e espiritualidade.

G

Tá. Confesso. A gente transou no banheiro da academia, mas antes disso ela pediu o teste rápido pra ver se eu tinha contraído algum tipo de doença. Achei isso super errado, pra que pedir teste se eu sou saudável?

A

Antes da gente se encontrar ela perguntou se eu tinha aglomerado, é lógico que eu não ia mentir. Aglomerei mesmo, falei. Ela ia se vacinar na data da minha chegada em SP.

C

São 17h17.

A

Alguém tá pensando em ti.

V

Sinto que tô mais ativa durante esse período de término, a toxicidade que havia entre nós me paralisava, não tinha vontade de fazer nada. Agora até que eu consigo olhar pro céu e enxergar a beleza do azul e as nuvens branquinhas, lindas, lindas.

C

Ei, essa música é minha.

G

Né?

V

Desde quando tu toca e canta?

E

Tu deveria confiar mais nas pessoas.

A

Aprendi com a minha ex.

C

Não costumo me abrir, falar de mim é um processo, reflexo do que antes tinha aqui dentro do meu peito. Não deveria te dar tanto vácuo assim, mas continuo fazendo isso por falta de tempo...

A

Vai se foder, essa mesma desculpa.

G

Até quando?

S

Quando pararem de inventar desculpas.

C

Acordo muito muito muito cedo, não tenho tempo pra pensar no novo amor, o que veio antes me consome com balas sofridas atravessando cada parte do meu peito. tu é uma mulher incrível a quem tenho apreço, trocamos palavras inteiramente cheias de nomes que não sei nem explicar, me diz como é que diz como é que funciona o inexplicável? A gente só se viu uma única vez, eu tava de perna de pau andando em meio a multidão de artistas no calor que essa cidade faz, te vi usurpando a minha visão, me vi te olhando como quem nunca viu alguém tão banhada de luz na vida, interessante, instigante. Sei lá quanto tempo faz o tempo que te vi, só sei que tua imagem ficou na minha cabeça e desde então te carrego até aqui. Faço esforço pra tentar me convencer que depois desse dia te vi em outros encontros desconstruídos sem tempo, tempo dos meus dias. Queria ter mais tempo pra ter tempo de te olhar e apreciar esse amor que brotou sem que percebêssemos. Joguei cartas de tarot com uma cigana que dizia que eu ia encontrar a mulher da minha vida ainda esse ano, depois disso te reconheci no dia sete do mês sete justo no mês do amor melancólico caótico do meu inferno astral, tudo culpa daqueles gatinhos fofos que estavam pra adoção, três gatinhos com sete vidas novinhas em folha para gastar do jeitinho que quisessem, com tempo de sete anos sem intervalos de vidas corridas, tempo no tempo dessa caminhada inversa. Eu sonho contigo, viajo nessa ideia do astral, desde aí nunca mais parei de sonhar, o tempo que tenho é aí, queria ter tempo aqui, pra gente se olhar sem pressa dessa vida que corre, corre, corre. Queria correr pra ti, o que me falta é coragem pra parar no tempo do teu tempo se é que tenho tempo pra pensar em parar no teu tempo...

G

Respira, gata.

S

Mas não parou, tu sempre escolhe correr.

A

Talvez ela precise se encontrar.

V

Eu mudei de cidade.

E

Por que tu não vem morar comigo?

V

Pra quê e por quê?

E

Sei lá, a gente poderia curar as mágoas juntas.

A

Já são 1h11, precisamos dormir.

V

Não costumo esquecer um amor com outro amor.

A

Como se a vida da sapatão se resumisse só ao romantismo.

T

Oi.

E

Oi.

S

Oi?

G

Né?

T

Ela terminou comigo porque descobriu que eu tenho uma filha que vai completar um ano esse mês.

C

Mais fácil seria adotar um cachorro ou gato.

T

Antes da descoberta a gente tava indo tão bem.

G

Alguém tem maconha aí?

V

Nossa, eu só queria meu all star de volta.

T

Sabe qual é? É karma.

A

Por que em todo filme lésbico os caras matam a sapatão?

G

Não se tem um minuto de paz.

C

Tá chovendo lá fora.

S

Aqui dentro derrete...

T

Chove... derrete... aqui não brota nada.

G

Chuaaaa, chuaaaa, chuaaaaaa (*começa a rir descontroladamente*).

E

Deixei as janelas abertas, abri um pouco a porta....

G

Chuaaaa, chuaaaa, chuaaaaaa (*rindo muito*).

A

Faz frio aqui e aí?

V

4º graus combinando com teu coração gelo.

A

É... capricórnio.

E

Tu é sempre assim?

G

Chuaaaaa... (*rindo ao extremo*)... assim como?

T

Tô com desejo de comer leite condensado com farinha da baguda.

G

O que é baguda?

C

Que é grande, que a gente mastiga e faz doer os dentes.

V

Tipo o amor que faz doer quando cresce demais de um só lado.

T

Foda - se. Foda-se. Foda-se. Quem perdeu foi ela, não eu.

G

É isso aí, amor próprio em dia.

V

Caralho! Ela poderia facilitar enviando meus sapatos e kimono pelo uber. Sabe quanto tempo tô pedindo? Há duas semanas, equivalente há quatorze dias, multiplicado por duas vezes sete, sete dividido por dois é três vírgula cinco.

S

Triângulo amoroso nunca combinou comigo.

E

Qual o signo dela?

V

Não sei, não lembro.

A

A gente só silencia as 3 horas da manhã, que é quando ela dorme.

T

Isso aqui nunca vai ter fim não?

S

Parece que não. Ela é quem decide.

G

Ela quem?

C

Quem nos escreve, quem nos destina.

V

É a nossa sina.

G

Eu não quero me enganar de novo, mas é que eu sempre acho que é pra valer.

S

Caralho! Por que toda mulher que me interessa mora do outro lado da cidade?

E

Sapatão adora um drama.

C

Tô disponível para a indisponibilidade. Quem quer? Quem quer? *(leia-se, diga-se: se vendendo)*.

A

Te quero bem distante da minha vida.

V

Vocês podem parar de falar um momento? Eu preciso de uma DR agora.

G

Okay. Preciso de uma maconha pra acompanhar.

V

É sério! Eu quero meu kimono e all star. Por que tu tá fazendo tudo isso? Meu aniversário é daqui há uma semana, não quero ter que gastar dinheiro comprando roupas e sapatos de novo. Tu já viu que tudo tá absurdamente caro?

S

Manda o dinheiro do Uber que eu devolvo.

V

Eu tô te mandando o dinheiro do uber há quase um mês...

S

Certo!

V

É só isso que tu tem pra falar?

S

Manda a porra do dinheiro que eu envio essas bostas!

G

É só fazer o BO e tudo acaba numa boa.

S

Qual o endereço daí mesmo?

V

Av. sap, rua 22, casa 33, bairro lés.

C

Você tem mais comodidade para acessar e organizar a sua conta, você pode navegar no piiiinii ponto com ponto bê erre... Não... Não... Vocês não estão facilitando! Eu quero cancelar a merda dessa conta fácil hoje!

T

Alguém de vocês pode ficar com a Luna enquanto eu vou trabalhar?

C

Para mais informações acesse o número 0800 7678814 aperte a opção 2, após aperte a tecla de número 8.

V

Já chamou o Uber?

G

Olhando essa luz global amarela, eu gosto da cor amarela porque me remete ao dia que nós duas saímos de bicicleta, tu nunca tinha subido na garupa de uma bike, lembra? A gente saiu feito duas adolescentes sem destino pra chegar. Te levei no meu lugar preferido de perto da escola em que estudei, a gente se sentou embaixo daquelas mangueiras, o sol tava quase se pondo, todas as cores tavam se misturando, os verdes das arvores, a cor amarela mesclada com o alaranjado do sol no céu quase azul. Te dediquei um poema que havia escrito logo depois da gente ter transado. A gente nunca nem conversou sobre a gente e sobre o que a gente sentia, tudo parecia muito como se fosse baseado só no sexo casual. Lembro que depois desse dia a gente nunca mais se viu, tu levou minha poesia e mais um monte de coisas que nunca te contei.

S

Tô tentando... foi cancelado de novo!

E

Escorpião e capricórnio, nunca vi dar certo!

V

Vai tentando, que uma hora vai dar.

A

A gente tava dormindo juntas na casa, agarradas de conchinha, nuas sobre os lençóis. avó dela entrou no quarto, viu a cena épica... duas mulheres ali deitadinhas e gostosas.

E

Cuidado: mulher com mulher vira jacaré.

C

Oi.

S

E aí.

C

Te procurei aqui no instagram e não achei.

S

Ah!

G

Eu posso falar pra ela toda a verdade.

S

Peraí.

C

Liguei o som no carro hoje e tocou a música que tu me dedicou. Lembrei da gente...

S

Legal.

T

Ela é fria.

S

A gente precisa proteger o coração.

A

Eu to namorando. Deveria contar antes, eu sei, mas to contando agora.

V

Resolvi deixar pra lá, cansei.

E

Tu sempre cansa.

S

Eu to magoada, tô magoada sim. Peguei um avião só pra ir te encontrar, foram 3 horas e meia de viagem. Te esperei no aeroporto, tu não apareceu.

C

Desculpa.

G

Odeio quem pede desculpa.

S

Queria poder te bloquear na vida real.

T

Alguém pode ficar com a Luna? São só 8 horas.

S

Desculpas não cola coração partido.

G

Posso cantar uma música?

E

Canta.

C

Okay. Eu deveria ter sido sincera contigo, mas não fui.

V

Voltei atrás da minha decisão, não quero desistir do meu kimono e all star, eles foram caros demais. Tem muito dinheiro envolvido.

C

Parei de acordar cedo. Agora acordo muito tarde, muito mesmo. Acordo sempre ao meio dia, bem em cima do almoço. Às vezes nem almoço. Eu tenho muito, muito, muito tempo disponível.

A

É engraçado como tudo muda, né?

T

Tem tempo pra ficar com a Luna?

V

Fala! E aí? Já chegou na tua casa?

S

Queria te beijar agora.

V

Tô calculando o dinheiro que te enviei durante esses meses.

G

(Cantando qualquer música numa viagem só dela).

C

Me beija então.

G

(Continua cantando).

S

Beijaria se não houvesse essa distância entre a gente.

G

(Continua cantando).

C

Que distância?

G

(Continua cantando).

S

Entre o canto melancólico desse mar de amor.

G

(Para de cantar).

(Silêncio).

(Silêncio).

(Silêncio).

(Silêncio quebrado).

V

Pois então, cada uber que foi na tua casa custou dez reais. Dez vezes sete é setenta, setenta vezes quatro é igual a duzentos e oitenta. Duzentos e oitenta vezes doze é três mil e trezentos e sessenta reais.

E

Com esse dinheiro dava pra comprar um monte de kimono e all star.

G

Eu compraria com esse dinheiro tudo de maconha.

A

O beijo não rolou? Fiquei esperando.

T

Ser mãe e sapatão, não é fácil.

S

Eu fico com a Luna.

C

Eu ainda to esperando o beijo.

T

Não precisa mais, liguei pro trabalho e inventei que tô doente. Amanhã levo um atestado, vou comprar um.

G

Tenho uma amiga veterinária, se tu quiser falo com ela.

V

Alguém me ajuda a confirmar se esse valor tá certo?

A

Eu posso, sou professora de matemática.

G

Pensei que fosse de história.

S

Eu quero te beijar, quero muito, muito te beijar, mas tu tem tempo demais. A falta de tempo do teu tempo naquele tempo de não ter tempo pra mim despertava desejos incontroláveis. Quero muito, muito, muito, muito te beijar. Mas preciso que tu tenha pouco tempo pra que esse fogo aceso aqui dentro de mim me consuma ao ponto de incendiar o mundo inteiro. Promete. Diz pra mim que teu tempo é curto, que tu não tem tempo pra pensar no nosso amor, nem cogitar a possibilidade da gente ser duas mulheres apaixonadas parecidas com os clichês românticos dos filmes clássicos. Eu preciso que tu diga que não tem tempo, e aí eu pego um avião de novo, apareço de manhãzinha na hora do teu café vegano, no teu momento preferido do dia, que é tu toda descabelada com a minha blusa preferida do Dragon ball z, linda, assistindo nossa série repetidas vezes, que a gente odeia o final. Eu te beijo, te beijo, te beijo, te beijo muito até tu soltar que tava com saudade desse momento que nunca aconteceu. Que é o único dia das nossas vidas, porque daqui a onze dias às onze horas da manhã eu vou tá pegando outro avião, dessa vez não pra te encontrar. A gente vai se beijar muito, tu vai segurar minhas mãos enquanto eu seguro teus lábios com a minha boca, eu vou te dizer da forma mais poética e diferentona que eu queria tá contigo há muito tempo, mas pela falta e excesso do teu/nosso tempo não tivemos tempo pro agora.

G

Maior burocracia pra dar um beijo.

C

Eu tô aqui na tua frente, me beija.

(Espaço para o beijo e/ou não beijo. Beija beija beija beija, os batimentos cardíacos aceleram e dizem sim. Não beija, não beija, não beija, a razão grita. A escolha é somente delas, sem influência externa).

E

Vocês iriam me julgar se eu confessasse que criei uma fanfic entre eu e a minha dentista? Acho que a gente tá tendo um caso indireto...

V

Criar fanfic é a tua especialidade.

G

A última vez que criei algo do tipo, foi entre eu e a vizinha do ap 75.

T

Acho que vou querer o número da tua veterinária, G!

G

É sério, peguei a caixa de alimentos com o porteiro achando que eram minhas, tinha feito um pedido logo cedo, tinha bastante coisas dentro da caixa, até estranhei, mas pensei que tipo tinha sido cortesia do supermercado né. Quando cheguei aqui no meu ap, vi que os alimentos todos eram fitness. Ué, mas eu nem sou dessas coisas, pensei comigo. Aí desci e falei com o porteiro novamente...

E

Ela disse que tem vontade de transar a três, ela, uma mulher e o namorado. Disse que até sonhou se beijando com uma paciente .

A

E o que o porteiro disse?

T

Liguei pra todos os números dos médicos que me passaram, mas nenhum atendeu.

E

Ela é só mais uma hétero em busca de se satisfazer com uma sapatão aletória.

C

Ou talvez ela tá querendo se descobrir.

G

Foi engano, a caixa de alimentos fitness, era da bofa do ap 75. O porteiro se desculpou, mas já era tarde demais, eu abri a caixa da mulher.

E

É normal a dentista tirar a sobrancelha da paciente na hora do tratamento dentário? E ainda acariciar o rosto?

T

Primeira vez que eu ouço falar sobre.

G

O porteiro disse que o nome da dona dos alimentos fitness é Bárbara.

A

É íntimo.

T

Íntimo pra mim é escovar os dentes na frente de alguém.

E

Os dedos dela entrando na minha boca são muito, muito, muito íntimos.

G

Escrevi um bilhete acompanhado de corações, pedindo desculpa por ter abrido a caixa. Tô torcendo pra que a Bárbara veja, pegue o elevador e desça no meu ap, me chame pra jantar.

C

Preciso de um novo romance barato ou que me saia caro.

V

Não minha filha, não queira um romance caro feito o meu. Perder o kimono e all star juntos, é triste.

G

Na real? Eu vou escrever essa fanfic no meu blog.

S

Te saiu caro tá comigo?

A

Que mal me pergunte, tu foi fazer o que na dentista?

E

Arrancar quatro sisos.

S

Hoje faz um ano que te conheci.

V

Nem parecia que tudo ia terminar assim.

C

Odeio quando me colocam na parede e me fazem ter que escolher entre uma ou outra. O amor deveria ser livre.

S

Toda liberdade tem seu preço. Com o amor não é diferente.

C

Elas deveriam ao menos aceitar minha forma de amar.

G

Nunca consigo acompanhar vocês.

A

Fala logo, confessa que ela te deixou e que agora vocês estão discutindo com quem vai ficar a guarda do cachorrinho tody e com quem vai ficar o carro.

C

Eu queria te contar.

S

Ah, okay! Agora tudo tá fazendo sentido.

V

Me saiu caro tá contigo em todos os sentidos. Não é sobre os objetos. É tudo que a gente viveu. Fomos tóxicas uma pra outra.

C

O fato de eu tá parada na tua porta, implorando por teu perdão não anula um pouco da minha culpa?

G

Tudo pode ser resolvido num diálogo.

S

Foda se, eu não quero conversar, porque novamente tu vai cobrar teu kimono e all star. E me parece que é só isso que te importa em toda nossa relação: o preço de cada objeto comprado.

C

Não tenho espaço na tua vida.

V

Queria que a gente tivesse maturidade o suficiente pra se compreender. Ninguém tem culpa de nada aqui. Aliás...

S

E a gente como é que fica?

C

Tu pediu um tempo pra mim, não foi? Pediu, pediu repetidas vezes.

S

Pedi com a intenção de te ouvir dizendo que queria ficar.

C

Tu e os teus códigos.

S

Não são códigos, é a minha forma de dizer eu te amo.

V

Cada um com suas demonstrações.

C

Não vou chorar na tua frente mais uma vez.

G

Chorar lava a alma.

A

Triângulo amoroso e seus problemas.

V

Por favor, devolve meu kimono e all star.

C

É só isso que te importa!

S

O dinheiro.

E

A dor não deve ser comparada, seja a do parto, a do siso, a do amor, todas são dores.

G

Que?

V

Tu continua linda.

S

Eu te olho e sinto saudades.

C

Saudade, apenas saudade.

T

Meia noite e trinta e três. Perdi um dia de trabalho e não consegui o atestado.

E

Eu tô sozinha no quarto.

C

Já não importa a hora de dormir, não tenho horário pra acordar.

A

Findou que a matemática nem serviu.

C

O Toddy fica com ela apenas aos finais de semana e o carro é meu já que tô pagando.

G

É totalmente justo.

T

Que ela aceite o término numa boa.

S

A gente era feliz.

A

Comigo não foi justo, o apartamento que a gente comprou juntas foi vendido e o dinheiro tá todo com ela. Eu realmente não sei por que me formei em matemática.

G

Já perguntou por que te casou também?

T

Nesse caso aí tem que rever a divisão.

A

Me pergunto todos os dias.

C

A gente precisa conversar assim cara a cara, olho no olho.

S

Não vejo motivos pra isso. Chega de mágoas, a gente já se feriu demais. Tu já disse tudo que queria e eu também. Tá resolvido.

C

Eu posso falar?

G

Sapatão magoada é bicho ruim viu?

E

É lapada em cima de lapada.

C

Entendo tua mágoa.

S

Não! Tu não entende!

T

Acredito em destino.

G

E eu no amor.

E

Acredito mais no amor do que no destino.

S

Não me venham falar de amor.

C

Acho que a gente falhou. Criei expectativas demais sobre ti. Tu me encheu os olhos e o coração com a ideia de bancar a relação livre. Aha. Aha. Relação livre!

S

E tu “mostrou” ser madura, que conseguia resolver todos os problemas que aparecesse no caminho. Camuflagem patética. Patética. Como eu pude me enganar? Eu criei na minha cabeça uma pessoa que não existe. Que vazio.

C

Durante esses meses eu te escrevi cartas que nunca te entreguei por falta de coragem. De sei lá, tu achar patético.

V

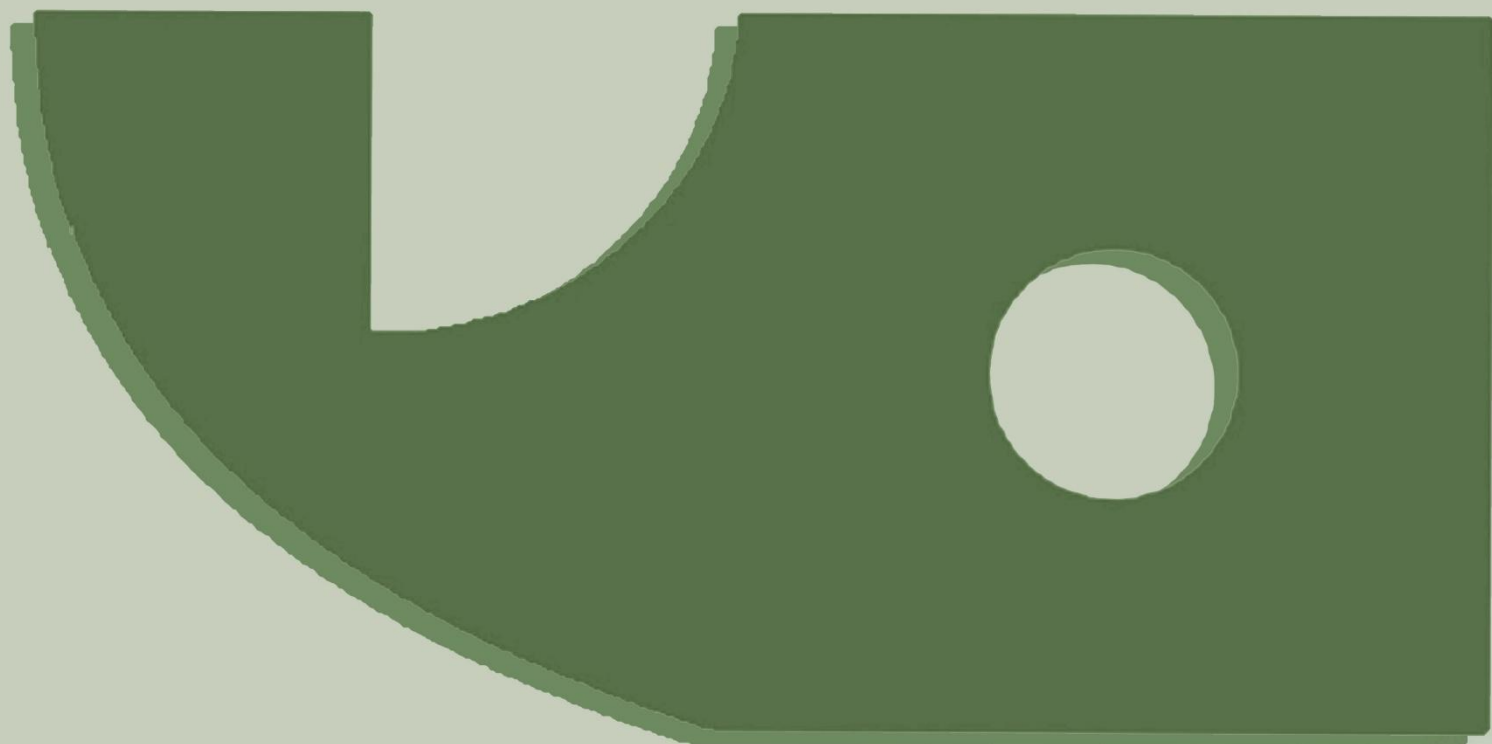
Alô! Oi! Por favor, gostaria de encomendar um kimono e um all star, por favor! Qual valor total? 1.700,00? Okay. Sim. Vou querer. Por favor, pagamento via pix. Chega quando? É que tenho uma certa urgência. Hoje mesmo? Que horas? As 17h? Ah! Obrigada!

Chove lá fora. O espaço é engolido pelos pingos da chuva que batem no telhado e fazem barulho de pipoca, pulos na panela. Um por um, vai espocando, os pingos, ou milhos, depende de quem ouve ou imagina. Continua chovendo lá fora. Os pingos batem e rebatem sobre a janela que passa pelo corredor da janela do meu quarto. Enquanto um pingo pipoca grosseiramente, o outro cai delicado e escorre. Uma gota d'água caindo lenta do céu numa lentidão fora do nosso tempo, amor. Chove lá fora, mas as gotas estão se-pa-ra-das. Estão em descompasso. Passo. Uma gota pinga. Pinga uma gota que sobra. A gota agora é só. Que desperdício. Antes as gotas juntas formavam uma tempestade bonita de se ver e ouvir. Elas eram fortes. Eu sentia a potência delas pelo cheiro que o vento trazia, de quando se envolvia em minhas narinas.

FIM



*ENTROPIA: A DESORDEM
NATURAL DAS COISAS*



ENTROPIA: A DESORDEM NATURAL DAS COISAS

Theo de Oliveira

CENA 1

(O espetáculo começa em meio ao breu. O personagem está sentado no meio e cantando no escuro).

01. “Compasso”
Letra: Theo de Oliveira

PERSONAGEM *(em off)*:

Corpo e mente, nem sempre presentes
A mente percorre um grande vazio
Brincadeiras de infância
E a beligerância
da vida crescida em um só assobio
Eu lembro das tardes
em frente à tv
Eu imagino as noites
Onde ninguém me vê

Mas não vivo os dias
Ao meu próprio prazer
O sentimento de viver
Sem a privação do que pode acontecer
É o que eu mais quero
O medo se tornar zero
Pra que eu possa me soltar
Só seguir e me deixar levar
E de passo em passo
Encontraria o compasso
Do meu coração

(As luzes acendem).

PERSONAGEM

Sonhos podem ser só... sonhos. Eu fico pensando se não chegou a hora de cair na real. Eu queria ser mais como... como eu era. E olhar pra mim é muito mais difícil do que pensar no que eu poderia ter feito diferente há, sei lá, anos atrás. E se eu tivesse começado a estudar mais novo? Me faria um artista melhor? E se eu desistisse de tudo? Faria esse vazio ser menos pior? O problema é que eu sei a resposta. Mas eu tenho essa obsessão horrível de pensar no que eu poderia ter feito no passado, ou no que eu farei no futuro. E de tanto vagar no antigo e murmurar sobre o que ainda está por vir, eu me perco do agora. Do presente.

A mente em si
Nem sempre aqui
O corpo então
Só chora em vão

Em 16 compassos
Eu te mostro meus passos
Sem nem mesmo espaço
Para preencher o meu coração

PERSONAGEM

Acho que todos nós temos problemas, né? Isso aqui é uma amálgama dos meus, com uma pitadinha tragicômica. Eu espero que vocês consigam se identificar, meus problemas não são muito diferentes dos problemas que todo ser humano, que tem no seu laudo o agravante “artista”, tem na sua vida. A solução pra grande maioria delas seria uma quantidade cômicamente grande de dinheiro, então enquanto isso não acontece, venho aqui chorar minhas pitangas nesse teatro. Eu faço terapia, tá? Uma das coisas que eu percebi lá é que

CENA 2

PERSONAGEM

Eu não gosto de pensar, mas é inevitável. Fiquei sabendo esses dias que tem gente que consegue não pensar em nada. Ultrajante. Enquanto tem gente com o dom de mente vazia, eu tenho a própria oficina do diabo. Recentemente, de tanto pensar demais, eu estive pensando cá com meus botões e... O que que eu tenho que fazer? Eu largo tudo, eu continuo? Eu aceito uma vida pacata trabalhando com algo que nunca vai me fazer sentir completo? É que eu sinto que a vida tá batendo na minha porta e eu tô tão pra trás. Eu devia ter feito mais? Construído mais laços? Me esforçado mais? Eu tenho tantas dúvidas, mas

02. “E Se O Tempo Acabar” Letra: Theo de Oliveira

PERSONAGEM

E se o tempo acabar?
Se meu relógio não parar de girar?
O tempo voa e eu tô grudado no chão
Estão todos indo e eu na contra mão
E se o tempo acabar?
Em movimento mas me sinto pior
Sempre lutando p’ra não me sentir só
O meu futuro só depende de mim
É tenebroso mas a vida é assim
Eu tô seguindo meus sonhos
Ou só lutando contra o fim

PERSONAGEM

E agora eu não sei o que fazer! Eu sei que parece besteira, eu tenho só 21 anos. Mas eu tenho 21 anos... Já deve ser, sei lá, um quarto da minha vida. E se os meus sonhos não forem para ser? E se for hora de desistir de tudo e partir pro plano B? Eu sinto que eu to girando em círculos e que eu nunca vou conseguir sair desse maldito lugar. Eu tô só

Repetindo padrões
Sendo engolido pelas multidões
Eu tô tentando mas tá tudo ruim
Será que é hora de eu pôr um fim
Reescreveria a história, mudaria memórias
Eu faria de tudo para me encaixar
Desde atos singelos aos cantos mais belos

Eu faria de novo tim tim por tim tim
Mas o tempo acabou, o momento passou
E só me resta olhar pro futuro
O tempo é agora, e quem espera lá fora
Não sou eu
Não sou eu
Não sou eu

(Black).

CENA3

(O palco é iluminado com cores “infantis”. O personagem aparece em outra área do palco).

PERSONAGEM

Ah, infância. E que época boa... é lá que criamos os primeiros traumas da vida. Foi lá que meu amor pelas artes começou.

(Personagem pega um chapéu verde e uma espada de brinquedo).

PERSONAGEM

O primeiro personagem que eu me lembro de ter feito foi o Peter Pan, todo de verde com um chapéuzinho pontudo e uma espada de brinquedo comprada no comércio. Tempos mais simples, né? O teatro sempre foi a minha casa, enquanto todos queriam ser astronautas e médicos, eu queria ser artista. Pra quê, né? Isso porque eu nem tinha conhecido o teatro musical. Mas às vezes eu queria ter escolhido um sonho menos complicado. O problema é que não fui eu que escolhi. A arte que me escolheu.

(Personagem caminha pelo ambiente, se direcionando a um álbum de fotos).

PERSONAGEM

Mas, sendo sincero, eu não lembro muito da minha infância. Algumas das minhas memórias são grandes borrões, e eu me pergunto se eu tô mentindo pra mim mesmo com essas lembranças. Mas o que sempre esteve lá foi minha conexão artística. É o que parece ter sempre estado lá, e parece que, mesmo assim, sempre faltou alguma coisa.

(Personagem derruba seus acessórios).

PERSONAGEM

Acho que eu não queria ter crescido. Tô cansado da obrigação de dar certo, de ser alguém. Porque depois de todos esses anos, eu ainda me sinto um grande quase, em tudo. Eu sou quase um bom artista, quase um bom escritor, eu quase sou um bom amigo, e eu sou quase um bom amor. Sabe, o que falta em mim? É tudo o que eu me pergunto. Eu tô cansado de fingir que eu não me importo, ou em acreditar que tudo vem quando a gente menos espera, porque eu realmente nunca esperei, mas parece que eu só sou digno de um quase. Já são tantos.

03. “Quase”

Letra: Theo de Oliveira

PERSONAGEM

Quases
De novo quase
É só continuar
Até ‘cê acertar
Quase
É sempre quase
Pareço só sofrer
Será que isso é viver
Só posso esperar
que tudo aqui vá
Melhorar
Eu sei que não dá pra
Piorar
Eu sei que eu vou conseguir
Ser um quase

PERSONAGEM

Não, quer dizer... ser alguma coisa! Ato falho.
Vamos de novo!
Eu sei que eu vou conseguir
Ser alguém

PERSONAGEM

Agora sim,
pareceu mais otimista!
Será que eu vou conseguir

Ser alguém

PERSONAGEM

É, acho que eu tô frustrado na arte, no amor, no trabalho, no financeiro, na vida, frustrado de ter tantas frustrações... parece esquema de pirâmide. Mas, eu tô tentando, vai. Eu sei que parece que eu só vendi esses ingressos pra desabafar sobre o quanto a minha vida é miserável. Bom, ela é um pouquinho, mas nem só de coisa ruim vive o homem! Né? Bom, eu vivo. Vamos voltar pra desgraça.

(Black).

CENA 4

(O personagem aparece em outra área do palco, sentado numa mesa escrevendo).

PERSONAGEM

Ah, ainda tão aí? Que bom pessoal, pensei que já tinha ficado desinteressante pra vocês. Eu tava aqui escrevendo o resto do espetáculo. É, não é improviso, alguém realmente escreveu isso que vocês tão ouvindo. Mas não liga não, já até terminei.

(O personagem vai até o piano e coloca novas partituras no suporte).

PERSONAGEM

O pianista que vai precisar aprender um arranjo novo bem rápido! Boa sorte, amigo. Eu enrolo eles enquanto você aprende, fica à vontade.

PERSONAGEM

É... Vocês tiveram um momento que mudou a forma como vocês se expressavam? Pra mim, foi quando eu comecei a escrever. Encontrei uma paz muito grande em desabafar o que eu sempre mantive entalado com palavras escritas. E comecei em um desses momentos mesmo, em uma das vezes que eu senti que ninguém podia me ouvir. Às escuras, eu escrevi despedidas, lamentos, gritos e até declarações de amor. A maioria, os destinatários nunca leram. São cartas fechadas. E eu achei essa enquanto mexia nas minhas gavetas pra achar inspirações. Um texto de amor. Um amor que não deu certo.

04. “Carta Fechada”

Letra: Theo de Oliveira

PERSONAGEM

Achei a carta que eu te escrevi
Logo antes de sumir
As palavras todas eu não poupei
Nem os sussurros suprimi
De ti não tive medo de esconder
As cicatrizes no meu coração mas
Tempo passou e eu já sarei
E tenho medo de repetir

O mesmo padrão que deixaste em mim
Embora não consiga omitir
Que amar demais faz parte de mim
E isso sempre tento esconder
Já que meus porquês são só sobre ti
A forma como eu me vejo
O jeito que eu desejo, mas
Tempo passou e eu já sarei
E tenho medo de repetir
O mesmo padrão que deixaste em mim
Embora não consiga omitir
Que amar demais faz parte de mim
Talvez um dia encontre esse amor
Enquanto viver não irei mudar
Nem por você e nem por ninguém
Com toda dor que eu sinto
A me guiar por instinto
Eu não vou mudar
Nem te esperar
Com meus porquês deitar
Sempre a sussurrar
Mas nunca a te deixar
Me levar de novo

PERSONAGEM

Acho que eu coleciono amores que não deram certo. Essa carta foi pra um deles. Aquele sentimento de... vazio. Não, não é vazio. É como ser uma importância desimportante. Pelo menos sobraram as ótimas músicas que eles me mostraram. Às vezes é isso que as pessoas estão destinadas a ser na sua vida: Um crivo musical...

(Personagem vê uma carta amassada dentre suas anotações).

PERSONAGEM

O que é isso?

(Personagem pega uma carta em meio às que estão em sua mesa. Um barulho de chuva muito forte começa. Meia luz no palco).

PERSONAGEM

Madrugada. Eu escrevi isso numa delas. Em uma excruciante madrugada sem fim onde tudo que eu conseguia fazer era chorar. Em um dos breus de infinitas seis horas, em um dos dias que eu só queria que tudo isso acabasse. Em um dos dias que eu pedia que isso passasse. Foi em uma delas. Eu queria que, só hoje, alguém me abraçasse e dissesse que tudo vai ficar bem. Eu tô tão cansado de parecer forte. De ouvir “Nossa, você tá diferente hoje.”

PERSONAGEM

Hoje é mais um dos dias que eu vou virar a noite. Às escuras, com lascivos pensamentos. Eu me sento, e aguardo. Eu escrevo, enquanto carrego esse fardo. E travando uma batalha comigo mesmo, tudo passa. Ou não. No final, eu só queria me sentir feliz por mais do que um dia útil. Podia ser até só por um dia inútil, mas esses são os piores.

(Personagem levanta e começa a se concentrar na sua respiração).

PERSONAGEM

Parece que eu tô sufocando. Tem dias que só... é demais. Mas esses dias ficam cada vez mais frequentes. Eu ainda tô aprendendo como viver em paz comigo mesmo, e eu tenho plena certeza que não hoje não é esse dia. Mas vai chegar, às vezes é difícil de acreditar, mas eu adoro acreditar em coisas improváveis.

(Personagem começa a cantarolar baixinho. Estrondo de trovão).

PERSONAGEM

Cantar me ajuda, pena que eu não posso cantar nas madrugadas.

(Sons de grilo e chuva aumentam de forma crescente, enquanto a luz fecha no Personagem. Black. Silêncio. Silêncio. Silêncio).

CENA 5

(Trilha onírica. Personagem aparece na contraluz, aparentemente limpando o ambiente).

PERSONAGEM

Gente... Que chiqueiro. Porra, custa dar uma limpada? Esse quarto todo bagunçado. Olha, tudo fora de ordem... Os pensamentos intrusivos jogados do lado das datas de aniversário... O tanto de roteiro de teatro perto do HD de memórias ruins. Meu Deus, o livro de anatomia humana afundado em autoflagelação. Eu vou só terminar de limpar aqui e já falo com vocês, tá? Não repara não.

(Personagem organiza o cenário. Se senta em sua cama).

PERSONAGEM

Pela misericórdia de Deus, esse lugar nunca viu um espanador. Mas acho que terminei. Tem umas sujeiras ali e aqui, principalmente embaixo dos problemas familiares, aqueles ali são difíceis de mexer.

(Personagem suspira forte).

PERSONAGEM

Bom, pelo dia tá feito.

(Personagem se deita. Som de despertador tocando. Personagem levanta).

PERSONAGEM

Porra, o dia nem começou?

05. “Bom dia!”

Letra: Theo de Oliveira

PERSONAGEM

Bom dia!

É hora de levar o dia!

E mesmo já cansado, é hora de levantar

E dizer

Bom dia!

Nem sempre dia bom

Mas sempre em bom tom direi

Bom dia!

As olheiras já entregam, a noite foi de merda

Mas é hora de dizer

Bom dia!

Eu devo agradecer

Por um dia viver

Mesmo que ele seja um...

Dia!

Cansado eu me levanto

E cansado eu portanto

Vou dormir para acordar mais uma vez

Cansado outra vez

Pedindo para o dia acabar

Bom dia!

PERSONAGEM

Mó sono, mano.

CENA 6

(Som de festa. Bingo).

PERSONAGEM

Vocês já se perguntaram se vão chegar a idade senil? Assim, bem velhinhos mesmo. Jogando bingo, comida para os pássaros, brigando na rua pelos motivos mais inócuos possíveis... se eu chegar lá, como será que eu vou estar?

(Personagem imita um idoso. A bengala é a espada do Peter Pan).

PERSONAGEM

Andando por aí, com uma bengalinha, indo assistir uns filmes e jogando conversa fora em algum lugar? Será que eu vou ter guardado alguém? Alguma amizade? Será que eu ainda vou estar pelos palcos? Ou, sozinho?

(Personagem volta a se comportar normalmente. Espada cai ao lado).

PERSONAGEM

Sabe, acho que eu tinha medo de ficar sozinho. De estar sozinho na vida, seja agora ou em uma idade mais avançada. É engraçado como ser forçado a enfrentar seus medos faz com que eles percam força. Eu tinha medo de ficar sozinho, agora, eu não tenho mais. Mas não é melancólico dessa forma, tá gente? É importante saber estar sozinho e aprender a gostar da própria companhia. Nem sempre eu gosto da minha própria companhia, mas nem sempre eu gosto da companhia alheia também, então estamos quites. Isso aqui que vocês estão assistindo, por exemplo, é uma grande ode à minha solidão, ou solidão, como vocês preferirem. Isso aqui é que nem a vida: Performático, melancólico, autoflagelante e, na maioria das vezes, solitário.

(Black).

CENA 7

(Personagem aparece pendurado em alguma parte do palco. Trilha levemente clássica).

PERSONAGEM

Qual seria a graça de uma vida com tudo certinho? Tudo de pouco em pouco, de vírgula em vírgula, funcionando da forma perfeita como deveria ser, ou como eu imagino que deveria ser? Será que... não seria um pouco chato? Eu, por exemplo, não estaria neste teatro me expondo de forma melancólica e poética para uma plateia de pessoas. Olha que saco que seria. Que história eu teria pra contar? Quais pitangas eu iria chorar? No final do dia, se eu não chorar, eu não vou mamar. Sacanagem! Mas, os momentos felizes só existem porque os tristes em algum momento existiram. Eu fico aqui me debatendo, querendo acabar com tudo, para que em algum momento eu sinta o contraste da felicidade de alguns momentos. E a vida é assim. Isso quer dizer que eu vou parar de reclamar, de espernear, de gritar para os quatro cantos o quanto eu sou miserável? Claro que não. Mas é legal refletir de vez em quando e lembrar que, na verdade, eu não vivo só de desgraça, apesar do que possa parecer! E eu nunca vou parar de...

06. “Tango da Loucura”

Letra: Theo de Oliveira

PERSONAGEM

Gritar

Chorar

E me espernear

Esperando por um dia alguém vir me salvar

Eu vou berrar

Implorar

Pra que Deus um dia venha logo me levar

Eu sei que um dia eu vou me envergonhar

Mas por enquanto esse dia não irá chegar

E enquanto eu viver, enquanto essa chama me arder
Eu vou gritar
Chorar
E me espernear
Esperando por um dia em que eu possa olhar
E dizer que eu ganhei

E de gritar
Chorar
E me espernear
Um dia alguém vai ter que me escutar
E de berrar
Implorar
Eu não vou mais viver
Quando alguém finalmente me atender
E esse alguém terá de ser muito especial
Alguém que como tal
Irá me salvar de
Gritar
Chorar
E me espernear
Ele vai me abraçar enquanto eu dançar
E no espelho eu olharei
E é lá que eu encontrarei
Quem vai me salvar

CENA 8

PERSONAGEM

Esse negócio de autoaceitação é brega, né? Tô aqui depois de uma música que fala de forma metafórica que eu vou salvar a mim mesmo, e que por acaso, eu mesmo que escrevi, e fico pensando, que legal. É realmente muito importante a gente se amar, né. Mas eu sinto que — atenção, eu posso estar sozinho nessa, hein — é meio malvisto, sabe? Gostar de si mesmo. A gente espera que todo mundo se autodeprecie, e se agrida com seus próprios chicotes imaginários. Claro, não é nem um pouco fácil se amar. Eu mesmo já me odiei, em média, umas 20 vezes durante esse espetáculo. Mas, se eu consigo diminuir a minha régua para outras pessoas, eu também consigo diminuí-la pra mim, às vezes.

CENA 9

PERSONAGEM

E no final, eu não tenho como organizar perfeitamente tudo que eu penso. Claro, posso aprender a lidar melhor com tudo isso, desenvolver estratégias e me entender melhor, para que certas coisas doam menos. Mas sempre vão doer... Esses tempos eu fiz um combinado comigo mesmo de viver o momento. De tanto projetar um futuro melhor, o meu presente se torna uma bagunça. Eu sempre falo o quanto eu tô tão cansado de ser eu. Mas, quem sou eu? Acho que tô cansado de não me encaixar no que as pessoas me fizeram acreditar no que

precisava ser eu. Por um momento, quero apenas ser, sem nenhum eu. Sabe? Parar de odiar tanto o fato de não ser o que deveria ser. Sou exatamente quem deveria ser. Existir... basta. Esse “eu” só existe a partir de mim, e não o contrário. E existo no presente, não no futuro. Essa desordem, eu não posso controlar ela. A escolha é bem simples, dançar com a música... ou deixar que ela me leve.

07. “E Se O Tempo Acabar (Reprise)”
Letra: Theo de Oliveira

PERSONAGEM

Tempo não vai acabar
Não tem relógio pra parar de girar
O tempo voa e eu tô voando com ele
Vivendo como eu consigo viver
A minha vida eu sei que vou tecer
Eu vou correr sem me adoecer
Tempo não vai acabar
Eu vou seguir os meus sonhos
Sempre lutando contra o fim.

PERSONAGEM

O futuro não espera por mim. Ele nem existe ainda.

FIM

**SOBRE OS (AS)
AUTORES (AS)**

Adriano Barroso

Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA - PPGARTES/UFPA. Possui graduação em Licenciatura em Letras e Artes pelo Instituto Superior de Educação Auxilium (2011). Diretor Teatral e Ator, com experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro e Cinema. Na área do cinema já participou de mais de vinte filmes, seja como ator, roteirista ou como preparador de elenco. Atuando principalmente nos seguintes temas: português instrumental, literatura brasileira, cultura, produção de textos e formação teatral

Ana Marceliano

Artista da cena, educadora e produtora. Formada pelo curso de Lic. Plena em Teatro da Escola de Teatro e Dança da UFPA, e pelo técnico em ator na mesma Instituição. É Arteterapeuta pela CENSUPEG / RJ, 2019. Mestranda em Artes pelo PPGArtes UFPA. Membro do Dirigível Coletivo de Teatro, trabalhou como gestora do espaço cultural Casa Dirigível - escola de arte, casa de espetáculos, residência artística e galeria (2013-2016). Hoje desenvolve de forma colaborativa a pesquisa, experimentação e criação artística. Trabalha com o teatro de rua, o teatro de invasão, a intervenção urbana, o meta-teatro, a performance e a brincadeira popular.

Antonia Costeseque

Atriz e compositora, atuante nas artes da cena e da música, com trajetória marcada pela investigação de narrativas populares e pela criação coletiva. Membro-fundadora do Dirigível Coletivo de Teatro, integra processos de pesquisa e experimentação que atravessam dramaturgia, performance e musicalidade, construindo obras que dialogam com territórios, memórias e afetos. Brincante do Pássaro Junino, Antonia participa ativamente de manifestações tradicionais da cultura amazônica, aproximando sua prática artística de saberes comunitários e festivos. Sua atuação se estende também a grupos populares e a projetos radiofônicos, nos quais desenvolve criações musicais e cênicas que exploram a oralidade, o canto e a composição como ferramentas narrativas.

Barbara Jubin

Figurinista, cenógrafa e pesquisadora, construindo sua trajetória entre a criação visual, a investigação sensível e o estudo das artes em suas múltiplas formas. Estudante de Psicologia e amante das “artes todas da vida”, desenvolve trabalhos que atravessam corpo, identidade, materialidade e afeto, integrando referências acadêmicas e experiências cotidianas aos seus processos de criação. No teatro, dialoga com encenadores, performers e coletivos artísticos, assinando figurinos e cenografias que exploram texturas, simbolismos e composições que ampliam o imaginário cênico. Sua pesquisa se estende às relações entre subjetividade, estética e narrativa, buscando compreender como elementos visuais podem produzir presença, memória e sentido na cena.

Danielle Ramos

Artista do corpo e da palavra, movendo-se entre a criação cênica, a escrita e as investigações sobre presença, sensibilidade e experiência humana. Profissional da área de acessibilidade cultural, atua na mediação entre obras, artistas e públicos, comprometida com processos que ampliem o direito à arte e promovam práticas inclusivas e plurais. Psicóloga e mestra em Psicologia pela UFPA, Danielle desenvolve pesquisas que atravessam corpo, subjetividade e expressão, articulando saberes acadêmicos e vivências artísticas. Seu percurso transita por performances, projetos formativos e ações culturais que integram gesto, voz, escuta e reflexão, propondo caminhos criativos para pensar a subjetividade em movimento.

Evs Cris

Artista e docente da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA/ICA–UFPA), onde desenvolve pesquisas e práticas sobre performance cantada, corpo e cena. Participa ativamente de eventos acadêmicos e científicos, como a Reunião Anual da SBPC, conduzindo oficinas e compartilhando experiências formativas. Como intérprete-criadora, integra projetos e espetáculos como *Projeto 2060* e *Teatro, Fé e Malandragem na Encruzilhada*, além de colaborar com artistas e professores da UFPA em ações culturais que articulam arte, pesquisa e experimentação cênica.

Felipe Kurschat

Músico, musicoterapeuta e psicanalista, dedica sua trajetória à escuta, ao som e às múltiplas formas de expressão humana. Mestre em Comunicação, investiga as relações entre linguagem, corpo, afeto e presença, articulando saberes clínicos, artísticos e acadêmicos em suas práticas e reflexões. Autor do *Laboratório Didático-Terapêutico Práticas de Si*, Felipe propõe dispositivos de investigação subjetiva que combinam música, criação e processos terapêuticos. É também coautor de *O Corpo Memória*, obra que explora os entrelaçamentos entre corporalidade, experiência e narrativa, ampliando o entendimento sobre modos de sentir e existir.

Haroldo França

Artista-pesquisador, ator, dramaturgo e diretor de teatro formado na cidade de Belém do Pará, residindo atualmente em São Paulo. Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Pará e curso técnico de Formação em Ator pela mesma universidade. Coursou pós-graduação em Artes-Cênicas na Faculdade Paulista de Artes. Mestre em Audiovisual pela Universidade de São Paulo. Na categoria artística, atua nos grupos Cia. Do Sereno e Liga do Teatro. Tem experiência na área de Artes Cênicas, com ênfase em Interpretação, Dramaturgia e Direção Teatral.

Hugo Borsantos

Diretor, produtor, poeta, dramaturgo, ator e educador teatral de Macapá, com 29 anos. Iniciou sua trajetória artística em 2012, protagonizando um curta-metragem após concluir um curso oferecido pelo Governo do Amapá. Graduado em Licenciatura em Teatro 2018 pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Hugo também se especializou em docência, lecionando interpretação em cursos técnicos e artes na rede privada e pública do Esatdo. Em 2021, fundou o Instituto Art Presença, promovendo oficinas e apresentações teatrais. Hugo segue comprometido com a valorização da arte local e a formação de novos talentos.

Jhonny Russel

Dramaturgo, ator e diretor de teatro de rua, com trajetória marcada pela pulsação do espaço público, pela força do encontro e pela criação de narrativas que dialogam diretamente com a vida cotidiana. Professor de técnicas circenses, desenvolve trabalhos que atravessam corpo, risco, jogo e comicidade, explorando a fisicalidade como linguagem cênica e como ferramenta de inclusão artística. Atuante também como mediador museal, performer e artista visual, Jhonny transita por diferentes campos da arte, construindo pontes entre teatro, performance, visualidade e práticas educativas. Sua pesquisa e seu fazer artístico se alimentam das ruas, das memórias coletivas, das poéticas do corpo e das estéticas populares, elaborando obras que provocam, acolhem e convocam o público à participação.

Kauan Amora

Professor efetivo de Ensino das Artes, na Secretária Municipal de Ananindeua (SEMED). Atuou como Professor substituto da Universidade Federal do Pará, no curso de Licenciatura em Teatro, no Curso Técnico de Cenografia e no curso de Especialização Técnica em Dramaturgia (ICA). Doutor pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, da Universidade Federal do Pará, na linha de pesquisa "Arte, cultura, religião e linguagens". Realizou Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA, na linha de pesquisa "Interfaces em Arte, Cultura e Sociedade". Formado pelo Curso de Licenciatura Plena em Teatro da Universidade Federal do Pará. Tem experiências na área de pesquisa em teatro, sendo membro dos Grupos de Pesquisa: GEPETU - Grupo de Estudo, Pesquisa e Experimentação em Teatro e Universidades, Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Literatura & Arte e Arte, Corpo e Conhecimento.

Krishna Rohini

Professora, atriz, dançarina e produtora cultural, atua de forma multifacetada na formação, criação e gestão de projetos artísticos. Com trajetória que atravessa a educação, as artes da cena e o movimento, dedica-se a investigações que unem corpo, técnica e expressividade, construindo pontes entre prática pedagógica e experiência artística. Formada em Gestão Empresarial, Técnica em Teatro e atualmente estudante de Educação Física, Krishna articula diferentes áreas do conhecimento para desenvolver trabalhos que integram organização, sensibilidade e presença física. Sua atuação envolve processos educativos, produção de

eventos, performances, espetáculos e ações culturais que valorizam o encontro, a diversidade e a expansão das linguagens corporais.

Lucas Bereco

Ator, diretor, dramaturgo, cenógrafo e figurinista paraense. É formado em Cenografia pela escola de teatro e dança da UFPA (ETDUFPA) e atualmente, pela mesma instituição, faz o curso técnico em teatro e o tecnólogo em Produção Cênica. Sua carreira começou em 2019, com participação no espetáculo “Meu quintal é maior que o mundo”, pelo Grupo de Teatro Universitário (GTU). Desde então, ampliou sua atuação cênica, passando a ministrar cursos e oficinas que unem teoria e prática, oferecendo formação e abrindo novos horizontes para outros artistas. Essa trajetória o levou a se aprofundar na direção teatral de várias produções, cargo que ocupa atualmente à frente do Núcleo de Teatro Mequetrefes, onde explora e compartilha sua visão inovadora na produção independente regional.

Raissa Araujo

Atriz, cineasta e pesquisadora de práticas corporais, com trajetória marcada pela investigação da relação entre corpo, memória e criação artística. Dedicase a processos de formação em atuação e dramaturgia, buscando integrar teoria e prática na construção de performances e narrativas contemporâneas. É diretora do longa-metragem Religare (2025) e coautora de Corpo-Memória, um processo formativo inovador que conecta atuação, dramaturgia e consciência corporal. Mestre em Comunicação e Cultura Audiovisual pela USP, Raissa combina sua experiência acadêmica e artística para desenvolver trabalhos que dialogam com cinema, teatro e pesquisa em práticas performativas. Sua atuação transita entre palco, câmera e sala de aula, sempre com foco na ampliação de linguagens, na exploração da memória do corpo e na criação de experiências sensíveis e transformadoras.

Raphael Andrade

Artista-professor-pesquisador paraense. Doutorando em Artes (2024) e mestre em Artes-PPGArtes - ICA/UFPA (2023); especialista em Arte e Educação (UNIASSELVI, 2020) especialista em História e Cultura Afro-Brasileira (UNIASSELVI, 2020) ; Especialista em Artes Visuais (2023). Graduado em licenciatura em Teatro (ICA/UFPA, 2019). Professor do Ensino Básico (Artes). Formado no Curso Técnico em Ator no Eixo Tecnológico Produção Cultural e Design (ETDUFPA, 2017). Fundador e diretor do Grupo Artístico "Âmbar de Arte e Cultura". É autor dos livros: "Crítica Teatral (in)convencional" (2023) e Iconografia teatral/perfomática Amazônida (2023). Integra o grupo de pesquisa Festas, Brincadeiras, Procissões e Atos Devocionais na Amazônia Paraense, coordenado pela Profa. Dra. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida e Memória da Dramaturgia Amazônida: construção do acervo dramático, coordenado pela Profa. Dra. Bene Martins.

Rhero Silva

Atriz, dramaturga e diretora formada pela Escola de Teatro e Dança da UFPA. Participou de vários espetáculos, dentre eles “Édipo Rei”, “Nadim Nadinha contra o rei de fuleiro”, “A Vila do Chaves”, “A quase fantástica fábrica de chocolate” “Falo de Genis”, “O bar do rei”, “Édipo Rei”. Escreveu e dirigiu o espetáculo 'Terra Preta (Ganhador do Prêmio Pauta Livre, da fundação cultural do Pará em 2018). No cinema, trabalhou como atriz nas produções “A Besta Pop”, “Os Fãs mais Rebeldes que a Banda”, ‘Musa pagã”, “Eu não gosto de azul” e “Teatro do Oprimido: uma viagem para dentro de si”. Atualmente, estuda Direção Teatral na SP Escola de Teatro.

Ruber Sarmento

Formado em Licenciatura Plena em Teatro pela Universidade Federal do Pará, cursou Licenciatura em História também pela mesma universidade, onde desenvolveu pesquisas historiográficas regionais, na área das artes possui formação nos Cursos Técnico em Ator pela Escola de Teatro e Dança da UFPA - ETDUFPA e diversas formações nacionais e internacionais com foco na comicidade cênica. Atua ativamente como trabalhador da cultura na cena Paraense a 10 anos, tendo passado pelo grupo Os Varisteiros (Imundas de Teatro) e integrando ativamente o Coletivo Dirigível de Teatro, Companhia dos Notáveis Clowns e o Circo Matutagem, onde exerce função de Diretor, Ator e Palhaço (DRT0000538/PA).

Theo de Oliveira

Artista paraense com experiência em interpretação para teatro de prosa, teatro musical e cinema. Atualmente integra a produção e o elenco da *Liga do Teatro*, contribuindo tanto na criação quanto na performance de espetáculos. Com formação e prática em música, dança e escrita criativa, Theo também possui habilidade em versionar canções, explorando a intersecção entre palavra, corpo e som em suas criações. Seu trabalho artístico se destaca pela versatilidade e pelo compromisso em articular diferentes linguagens performativas, oferecendo experiências cênicas completas e envolventes.

Wallace Horts

Professor, ator, cenógrafo e palhaço, formado em Licenciatura em Teatro pela UFPA em 2010. Com experiência ampla em performance, Horts atua tanto no palco quanto no desenvolvimento pedagógico, integrando práticas cênicas, criação visual e técnicas circenses em seus trabalhos artísticos e educativos. Ao longo de sua carreira, dedica-se à pesquisa e experimentação teatral, explorando a intersecção entre interpretação, cenografia e linguagem clownesca, criando experiências cênicas que combinam humor, sensibilidade e consciência corporal. Além de seu trabalho artístico, Horts contribui como educador, compartilhando seu conhecimento com estudantes de teatro e promovendo oficinas e projetos culturais que estimulam a formação integral de artistas em diferentes linguagens performativas.

**CASO QUEIRAM MONTAR ALGUMA PEÇA OU VÁRIAS, POR FAVOR ENTRAR
EM CONTATO PELOS E-MAILS ABAIXO CORRESPONDENTES.**

**A Farsa do Boi ou O Desejo de Catirina – barroso.adriano@gmail.com
Adriano Barroso**

Religare – anamarceliano@gmail.com

A Farsa da Virgem Marilda dos Amorosos – evscrisart@gmail.com

Autocrítica – haroldo.com@gmail.com

Pitinga, Um Peixe Fora D’agua – hu.santos.96@gmail.com

Pau a Pau – kauan_amora@hotmail.com

Pistoia - aedotupiniquim@gmail.com

O Quase Casamento de Dona Catarina – 7.andrade@gmail.com

Cortes, Recortes e Com Tesoura – rherosilva@gmail.com

Entropia, a Desordem Natural das Coisas – theooliv.ator@gmail.com



A Coleção Teatro do Norte Brasileiro, criada por Márcio Souza e Bene Martins tem a finalidade de divulgar peças teatrais que constituem o acervo oriundo do projeto de pesquisa Memórias da Dramaturgia Amazônida: Construção de acervo dramático, 2009. A coleção comporta três linhas de publicação, a saber: 1) Obra reunida por autor, a exemplo da obra completa dos dramaturgos Nazareno Tourinho, 2014; Ramon Stergmann, v. 1 / 2020, v. 2 / 2021, v. 3 / 2022, v. 4 / 2023; v. 5/2024; Edgar Proença, Todas as peças / 2021; Levi Hall de Moura, 2022; 2) Coletânea com diversos autores, a exemplo da Coletânea Teatro do Pará, v. 1, 2015; Teatro do Maranhão, 2019; Jovens Dramaturgos (as) Amazônidas, v. 1, 2020, v. 2, 2021; v. 3, 2022; 3, 2023; v.4, 2024; v.5) Coletânea Teatro de Roraima, 2021; Peças Teatrais de Ricardo Torres: Cenas de Aprendiz, 2023. Nesta coleção, esperamos publicar ao menos uma coletânea de cada estado da região Norte, contando com a colaboração de pesquisadores (as) desses estados, com possibilidade de ampliar para a região Nordeste. A terceira linha de publicação e quarta fase do projeto, a partir da ampliação da pesquisa, é destinada aos estudos da dramaturgia em geral. Nesta linha, trouxemos a público as publicações: Crítica teatral (In)convencional, 2022; Iconografia teatral/perfomática Amazônida, 2023, ambas de autoria de Raphael Andrade, colaborador do projeto desde 2021 e mestre e doutorando em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES-UFGA). Crítica Teatral (In)Convencional (Volume 2) – 10 Anos Depois, 2025. E, fechando o ano de 2025, reunimos peças de Raimundo Alberto, v.1/2025, em e-book. E, neste e-book, a Coletânea Jovens Dramaturgos (as), v.6/2025.

Bene Martins

**Projeto Memórias da Dramaturgia Amazônida:
construção de acervo dramático.**

Idealizadora e coordenadora: Bene Martins

Coleção Teatro do Norte Brasileiro
Programa de Pós-Graduação em Artes

Dirigir seu celular
para o QR Code abaixo,
e conhecer os livros da
Editora PPGArtes.

PPG Artes
Programa de Pós-graduação
em Artes da UFGA

